

Virtualização do corpo e sexualidades *online*:

encontros gay, gênero e performatividade

Inauguraldissertation

zur Erlangung des Grades eines Dr. phil. im Fachbereich Politik- und
Sozialwissenschaften der Freien Universität Berlin

eingereicht

von

Kaciano Barbosa Gadelha

Berlin, April 2014

Erstgutachter:

Prof. Dr. Sérgio Costa

Zweitgutachterin:

PD Dr. Martha Zapata Galindo

Datum der Disputation: 10.07.2014

*Para Maria Felícia da Conceição (1917-2013),
minha primeira grande feminista*

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	5
INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO 1 GÊNERO, SEXUALIDADE E TECNOLOGIAS: ANTECEDENTES TEÓRICOS.....	23
GENEALOGIAS DO GÊNERO	25
FOUCAULT MAIS ALÉM DA HISTÓRIA DA SEXUALIDADE: DA ARQUEOLOGIA À GENEALOGIA DO PODER.....	41
PERFORMANDO GÊNEROS: BUTLER E A TEORIA <i>QUEER</i>	51
DONNA HARAWAY, O GÊNERO <i>CYBORG</i> E A MODERNIDADE REVISITADA	57
LATOUR: “OS OBJETOS TAMBÉM TÊM UMA AGÊNCIA”	61
CONSIDERAÇÕES FINAIS	63
CAPÍTULO 2 NAVEGANDO O CAMPO: PROCEDIMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS	66
O CENÁRIO DE INVESTIGAÇÃO	67
AS FORMAS DE BUSCA E DE CONTATO	71
O SENTIDO DE COMUNIDADE	72
DESENVOLVIMENTO DOS INSTRUMENTAIS EMPÍRICOS: DA OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE À PARTICIPAÇÃO OBSERVANTE.....	80
AS ENTREVISTAS	89
OS MODOS DE VER COMO INSTRUMENTAL EMPÍRICO: A CONSTRUÇÃO METODOLÓGICA E PERFORMATIVA DO OLHAR.....	94
A ESQUIZE DO OLHAR, A PERFORMATIVIDADE E O DESEJO.....	100
CONSIDERAÇÕES FINAIS	109
CAPÍTULO 3 PERFORMATIVIDADES ONLINE I: ARQUIVOS E DESIDENTIFICAÇÕES	111
GÊNERO E SEXUALIDADE NA PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADES ONLINE.....	113
PARA ALÉM DO ARMÁRIO: A DESCOBERTA (ARQUIVO I).....	120
DESIDENTIFICAÇÕES: CONSTRUINDO O ARQUIVO <i>QUEER</i> (ARQUIVO II).....	136
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	146
CAPÍTULO 4 PERFORMATIVIDADES ONLINE II: REPERTÓRIOS E DIFERENÇAS	148
A BUSCA.....	168
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	174
CAPÍTULO 5 AGÊNCIA E ESPAÇO: VIRTUALIZAÇÕES.....	176
DELEUZE, LÉVY: O VIRTUAL NA CRIAÇÃO DE ESPAÇOS-TEMPOS.....	176
ARQUITETURAS VIRTUAIS: DO CORPO-IMAGEM AO SEXO-ESPAÇO	183
NAVEGAÇÕES, PEGAÇÕES, <i>CRUISING</i> : O BOY DO LADO E AS NOVAS GEOGRAFIAS ERÓTICAS ..	196
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	205
PARA OUTROS COMEÇOS: REVISITANDO A QUESTÃO GAY	207
BIBLIOGRAFIA	217
ANEXO 1 LISTA DAS ENTREVISTAS (OUTUBRO 2010 – JANEIRO 2012)	224
ANEXO 2 ZUSAMMENFASSUNG IN DEUTSCHER UND ENGLISCHER SPRACHE	225
ANEXO 3 EIDESSTATTLICHE ERKLÄRUNG	231
ANEXO 4 LEBENSLAUF	232

Agradecimentos

O percurso de uma tese é um caminho longo e de muitos encontros e desencontros, ainda mais quando se escreve uma tese entre espaços. Todos aqui citados tem para mim um lugar especial nessa trajetória e a eles dedico o resultado deste trabalho.

Aos meus pais, José Aldeni Gadelha e Maria de Fátima Barbosa Gadelha. A minha mãe que sempre me apoiou nos meus sonhos, a sua fé e ao seu amor. Ao meu pai, que me vigiava e me cuidava com seu olhar na inquietação de escrever.

Aos meus irmãos Juliano, Fernanda e Sílvia, e à alegria de sempre voltar para casa.

Todo apoio a esta tese não teria sido possível sem que, entre Berlim, Potsdam e a Cidade do México, um conjunto de professores tivesse apostado na criação do primeiro colégio internacional de doutorandos na Alemanha “*Entre Espacios*”. A todos professores e colegas de “*Entre Espacios*”, meu agradecimento.

A Sérgio Costa, meu “Doktorvater”, por ter me incentivado a ir em frente e ter me apoiado. A você e à juventude do seu pensamento.

À Martha Zapata Galindo, ao muito que aprendi nos nossos encontros.

À Marisa Belausteguigoitia, que fez da minha estadia, no *Programa de Posgrado en Estudios de Género* (PEUG) na Universidade Nacional Autónoma do México (Unam), um dos melhores momentos de aprendizado que vivenciei nesta tese. A ela e a toda gente do PUEG, dedico esta tese.

À Irllys Barreira, que me fez sociólogo na pluralidade do sensível.

À Maria Filomena Gregori, devido, principalmente, a seu brilhante curso “Violência, Gênero e Erotismos” durante minha estadia no Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

A Marc A. Hertzman, Graciela Montaldo e Claudio Lomnitz pela recepção e atenção durante a minha estadia na Columbia University.

A Jorge Leite e Briggs Bralliar que me acolheram com tanto carinho em Washington DC.

À trupe de Campinas pelo carinho e atenção ao menino do Ceará: Iara, Edu, Claudio, Telma, Ana, Veri, Paula, Estella e Rosinha. À Diocleide Lima, esse elo do bem entre todos nós.

Aos queridos amigos *de* (mas nem sempre *em*) Fortaleza: Luis Arthur, Clayton Campelo, Juliana Justa, Carol Leão, Lourdes Silva, Mariana Liberato, Thaís França, Isaurora Martins, Jandson Silva, Taís Bleicher, Luiz Fábio, Joanes Paulus, Renata Maranhão, Patrícia Lustosa, Avelardo e Raquel Urano. Apesar da distância, muito bom ter estado com vocês em diferentes momentos dessa tese.

À Tati, um eterno girassol.

À Isis Fernandes Pinto, a amapô mor de Berlim.

A Mauro Feola, da Ostbahnhof ao *chicken over rice* nas ruas do Brooklyn, mas sem perder a sofisticação, jamais.

À Laura Paetau, a nossas frentes de combate *queer*.

A Wagner Xavier Camargo, ao amigo preciso e acadêmico valioso.

A Nicolas Wasser, que me abriu um outro olhar para o *queer* em Berlim.

À Ana Keyla, pelo cuidado com o meu texto.

A “las hermosas” Laura Aguirre, Ana María Ledezma, Paulina Soto, Rocío Vera e Francisca García, por todo seu apoio durante a escrita da tese.

Aos meus mestres da Casa de Cultura Alemã, da Universidade Federal do Ceará (UFC), que sempre me incentivaram a fazer um doutorado nessas bandas: Tito Lívio, Rogéria Costa, Alexander Magnus e Wiebke Röben.

To all my dear friends and colleagues from the Space, Sexualities and Queer Research Group. I would like to thank especially to Cesare Di Felicianantonio, Valerie De Craene, Paulo Jorge Vieira, Joseli Silva, Gavin Brown and Konstantinos Eleftheriadis for the very inspiring moments we shared in every chance we got to meet.

To all my dear (heidy) members at nGbK (Neue Gesellschaft für Bildende Kunst), with whom I've been learning a lot: Debra, Adriell, Simon, Derrick, Lluce, Zoya and Luc.

To Debanuj DasGupta, Shannon Winnubust and Guisela Latorre from the Department of Women, Gender and Sexuality Studies at Ohio State University, a great experience during my visit in the USA.

A todos vocês, muito obrigado!

Introdução

“In the dream, I am always met at the river” - Cherríe Moraga (ANZALDÚA e MORAGA, 1981, p. xix).

Esta tese se insere no debate contemporâneo e interdisciplinar dos estudos de gênero e sexualidade acerca das relações entre corpo, sexualidade, espaço e novas tecnologias. Uma literatura ampla que engloba contribuições não somente das ciências sociais, mas também dos estudos das áreas de comunicação social e das artes (CAMPBELL, 2007; MOWLABOCUS, 2010; O’RIORDAN, PHILLIPS, 2007; SUNDEN, 2003). Em uma ênfase principalmente na variação das formas da sexualidade, não se restringindo, apenas, ao modelo heterossexual, ou a estudos da heterossexualidade, o debate no qual finco esta tese acomoda uma problematização das sexualidades não hétero no que toca a pensar como o uso das novas ferramentas tecnológicas de interação *online* vem mudando paisagens do corpo e da sexualidade de atores sociais em variados contextos culturais. O que se toma de base para estes estudos consiste na consideração de que a experiência da sexualidade articula o subjetivo e o social. Há uma produção histórica e social da sexualidade como fenômeno cultural. As sexualidades estão ordenadas no tempo e no espaço social a partir de coordenadas que não são apenas as da ordem da natureza, mas sim de uma cultura que produziu a sexualidade como um marcador social de identidade. Uma sociedade que inventou para si mesma, seguindo Foucault (1999), seu próprio sexo, fala de si e transparece nos corpos, movimentos e espaços de seus membros. Em relação ao trabalho de campo para esta tese, limitei-o a homens gays em uma página virtual de contatos (GayRomeo). É a partir deste campo que disserto sobre o corpo, o gênero, a sexualidade no espaço virtual das novas formas de interação.

Início a geografia desta tese, quer dizer, o mapeamento do território em que se construiu a trajetória de pesquisa, fazendo uma reflexão sobre como se faz uma questão para tese. O processo de pensar em realizar um doutorado inquieta desde início, pois o passo inicial é “saber levantar um problema”. Mas o que é “levantar um problema de pesquisa”? Creio que não há uma única resposta para essa pergunta e

aqui desenho para vocês a minha versão, a versão que dará corpo e sentido ao que se segue, do modo como levantei o meu problema.

Há uma certa imagem do pensamento que, às vezes, reclama uma origem, um ponto zero, uma linearidade do processo reflexivo, embora, na verdade, sempre se está no meio de algo que nos antecede e nos atravessa. Deleuze e Guattari (1995) escreveram sobre essa outra imagem do pensamento, ao proporem o conceito de rizoma, contrapondo ao modelo da arborescência. O rizoma, essa raiz sem ponto pivotal, figura uma imagem de um pensamento descentrado, ramificado, em rede, que ganha forma nas suas conexões, nos seus deslocamentos. A crítica de Deleuze e Guattari (1995) a uma certa normatividade do processo de conceber um problema está nesse “entre”, “meio” que se camufla e se perde ao pôr o pensar como uma questão da origem¹. Não há questões originais, porque toda origem já é um entre, entre discursos, entre sujeitos, entre falas. Para pôr uma questão, recorro a recursos como os da linguagem que falo, da tradição teórica a qual me afilio, dos recursos materiais que disponho no momento. Para fazer um problema, sou intercalado pela história, pelo devir, pelo fazer-outro cotidiano.

O primeiro capítulo desta tese será apresentado como “antecedentes teóricos”, pois é disso que certamente se trata, do que me antecede e me intercala dentro dos campos disciplinares, interdisciplinares a, até mesmo, “indisciplinados” (aqui como contraponto à disciplina que silencia as vozes dos sujeitos que estão em uma condição minoritária ou heterodoxa dentro do campo) em que me pus a habitar para escrever esta tese. São antecedentes acidentais, porque a escolha deles se dá em uma interferência com o campo que decidi pesquisar, o que levou a escolha dos autores a serem apresentados como intercessores necessários para chegar ao problema de pesquisa, à confecção da pergunta de partida. Como eu gostaria de quebrar a perspectiva da arborescência e propor uma outra imagem do pensamento,

¹ “Resumamos os principais caracteres de um rizoma: diferentemente das árvores ou de suas raízes, o rizoma conecta um ponto qualquer com outro ponto qualquer e cada um de seus traços não remete necessariamente a traços de mesma natureza; ele põe em jogo regimes de signos muito diferentes, inclusive estados de não-signos. O rizoma não se deixa reconduzir nem ao Uno nem ao múltiplo. Ele não é o Uno que se torna dois, nem mesmo que se tornaria diferentemente três, quatro ou cinco etc. Ele não é um múltiplo que deriva do Uno, nem ao qual o Uno se acrescentaria ($n+1$). Ele não é feito de unidades, mas de dimensões, ou antes de direções movediças. Ele não tem começo nem fim, mas sempre um meio pelo qual ele cresce e transborda. Ele constitui multiplicidades lineares a n dimensões, sem sujeito nem objeto, exibíveis num plano de consistência e do qual o Uno é sempre subtraído ($n-1$). Uma tal multiplicidade não varia suas dimensões sem mudar de natureza nela mesma e se metamorfosear. Oposto a uma estrutura que se define por um conjunto de pontos e posições por correlações binárias entre estes pontos e relações biunívocas entre as posições, o

tal como Deleuze e Guattari (1995), prefiro abrir o problema no entre, até como maneira de me referir a vários sentidos do “entre”, dos interstícios que se realizaram nesta tese, a começar pelo nome do colégio de doutorado no qual escrevi esta tese “Entre espaços: movimentos, atores e representações da globalização”.

Passo, então, a falar dos interstícios desta tese. Como será discutido no primeiro capítulo, há uma concepção tecnológica do gênero e da sexualidade em seu aspecto performativo, espacial e de agência já apontada por autores, desde Michel Foucault (1999) até Donna Haraway (1991). Com esses autores, fortalece-se também uma perspectiva acerca da subjetividade como produto de relações de saber-poder. Sob essa perspectiva teórica, o sujeito não está posto como centro ou como forma maior do pensamento, mas sim na compreensão de que situação se pode falar de sujeitos: o que é uma subjetividade, quais dispositivos, normas, processos sócio-históricos engendram sujeitos sociais como “atores” desse domínio denominado social. Há várias maneiras de abordar a condição dos “atores sociais” contemporâneos como sujeitos, a partir de diferentes marcos teóricos, e nisso a definição da minha questão tem a ver com um primeiro interstício realizado entre as concepções de sujeito-objeto.

Ao admitir uma perspectiva de saber situado (HARAWAY, 1991), digo que é a partir da posição de uma sexualidade não hétero que faço a minha questão no cruzamento dos saberes que, até então, silenciavam, normalizavam ou punham as sexualidades não hétero como ponto a parte de um saber político. Uma politização dos saberes sobre o gênero e a sexualidade se afirma nas epistemologias críticas dos estudos de gênero e da teoria *queer*. Essa epistemologia crítica reinventa ainda estratégias de posicionar-se dentro do campo disciplinar dos saberes e a falar da condição de situados, marcados, performados que somos. Tal fato opera reposicionamentos teóricos e metodológicos na forma de lidar com o trabalho de pesquisa dentro desse campo.

É da minha experiência como gay e usuário de Internet que passo a escutar os ruídos do virtual. Da experiência de ser gay em uma grande cidade do Brasil, que tinha apenas duas boates voltadas ao público gay, pouco antes de ingressar no doutorado, uns poucos bares e um circuito restrito onde minha sexualidade poderia ser explicitamente enunciada, experimentada, fazer-se acontecimento, conecto-me com a necessidade de explicar, teorizar, problematizar um domínio de interações

que se dão além dos espaços físicos, quando eles faltam, quando eles parecem ser insuficientes, ou inseguros, ou desnecessários, ou demasiados custosos.

Saliento, mais uma vez, através da obra de Foucault (1999), que a biopolítica da sexualidade afirma a “heterossexualidade” como norma. Dos manuais de psicopatologia do século XIX à rebeldia de Stonewall, ideias acerca das sexualidades não hétero (gays, lésbicas, bissexuais, etc.) variaram nas suas definições, ganharam outros rostos; o que permitiu abrir um entre no regime da heteronormatividade quando, por exemplo, a categoria de homossexual sai dos manuais de psicopatologia e um movimento gay emerge, definindo o gay como um protagonista político. Bio-homens e bio-mulheres identificados como gays e lésbicas iniciaram um trabalho de *re-enunciação* (aqui jogo com as palavras de uma nova enunciação e também com a homofonia com a palavra “renúncia”) de suas posições marcadas pelos dispositivos de normalização da sexualidade.

Essa *re-enunciação* tem a ver com diferentes histórias conectadas entre países e culturas, de epistemologias que foram elaboradas na contracorrente dos discursos normativos da sexualidade e do gênero. Creio que, de outra posição, não viria a minha problematização de pesquisa. Penso que muito dificilmente um pesquisador heterossexual se poria na posição que ocupei para falar da sexualidade gay da maneira como falo ou abordo, em um trabalho de escrita a partir da própria pele e da situação que faz com que meu universo sensitivo e perceptivo particular das sexualidades gays irrompa como aquilo que torna o saber imponderável no modo em que se afirma nos regimes dos enunciados. O trabalho que se manifesta é um trabalho de ponte (*bridge*) tal como foi concebido por Anzaldúa e Moraga (1981) quando lançaram a coletânea “*This Bridge called my back: writings by radical women of color*”. A radicalidade desta coletânea está em seu pioneirismo por apresentar a narrativa de feministas chicanas, negras, lésbicas, *queer* na pluralidade subjetiva de seus corpos, afetos e sentires, combinando a escrita literária, com o ensaio teórico e o manifesto político.

Compartilho com muitas delas minha condição de cor, minha sexualidade gay, minha origem social que me leva ainda a estranhar espaços aos quais a ascensão no campo acadêmico me tornaram possíveis. Porém, o mais intrigante quando se produz teoria é o silêncio tácito da condição de (in)diferenciado. Tal feministas introduziram a noção de diferença como categoria política em contraposição a um discurso que mascarava desigualdades de raça, classe, língua,

etc. Assim, essas feministas precisaram abrir o caminho e dizer que nem todas as mulheres eram brancas, nem todas eram heterossexuais, nem todas falavam apenas inglês na academia americana. O silêncio tácito que ainda naturaliza a heterossexualidade em várias relações sociais põe o *queer*, o que não é *straight*, no campo da desconfiança política, teórica e prática. É difícil ter que lidar com respostas pouco satisfatórias como, por exemplo, por que o amor romântico é sempre heterossexual, por que numa pesquisa sobre amor romântico não há o mínimo de zelo de justificar-se a ausência de sujeitos não heterossexuais, entre outras coisas que se vive e se presencia no cotidiano acadêmico como um “queer of color” (que traduzo livremente e autoreferencialmente como um “estranho de cor”). É como um estranho de cor que me percebo ao circular por diferentes espaços que habitei durante os últimos anos, sinto-me captado por olhares e discursos que buscam reterritorializar o encontro com a minha subjetividade nas cartografias já dadas. Contudo, de ambos os lados, estar entre é estar com e dar um passo além, pluralizar os enunciados, fazê-los polifônicos. Não se está mais lidando com uma lógica do “ou (...) ou” pautada na exclusão mútua de duas entidades, mas a ponte é uma travessia, um trazer para outra margem, uma interlocução no movimento que se passa a operar quando o estranho, o incomum, o que não é idêntico *transparece*.

We have come to realize that we are not alone in our struggles nor separate nor autonomous but that we – white black straight queer female male – are connected and interdependent. We are each accountable for what is happening down the street, south of the border or across the sea. And those of us who have more of anything: brains, physical strength, political power, spiritual energies, are learning to share them with those that don't have. We are learning to depend more and more on our own sources for survival, learning not to let the weight of this burden, the bridge, break our backs (ANZALDÚA in ANZALDÚA e MORAGA, 1981, p. iv).

Estamos todos em busca de estabelecer conexões que possam nos levar a outros territórios, a um mundo mais habitável para outros projetos de vida. Do que fala a sociologia senão das formas de viver junto? Das estruturas reais, simbólicas e imaginárias do mundo social como território no qual os atores humanos habitam chamado sociedade? Que tipo de conexões estariam estão em busca esses sujeitos de uma sexualidade não hegemônica em um mundo globalizado pelas tecnologias da informação? Haveria uma globalização da sexualidade? Qual o lugar das sexualidades não hétero dentro dos estudos sobre globalização?

O interesse pelas práticas de sexualidade no ciberespaço estava como em germe, desde minha pesquisa de mestrado sobre culturas juvenis e espaço urbano, quando me deparei com o tema do corpo. Na época, estava preocupado em entender como os jovens se apropriam do espaço urbano através das estéticas musicais que são modos de habitar a cidade. Naquela pesquisa, eu estava interessado em explorar, dentro do contexto das culturas juvenis, as relações entre corpo, espaço e estéticas musicais, tendo como caso a cena do *indie rock* em Fortaleza (GADELHA, 2009). Os espaços físicos me levaram aos espaços virtuais das redes sociais, dos blogs e das comunidades *online* que davam vida à cena. Na cena *indie*, assim como em outras cenas musicais, o corpo é a matéria-prima da performance, das formas de apresentar-se a si mesmo. Nessa época, tornei-me fascinado com as possibilidades de interação e troca possibilitadas pela Internet e com um fenômeno, ainda me faltava a categoria de performatividade, das formas de criar-se e apresentar-se a si mesmo, as formas de subjetivação mediadas pelas novas tecnologias.

Pesquisar o terreno da sexualidade apresenta-se como um desafio, pois é relativamente diferente do que pesquisar uma cena musical, embora, no universo das práticas de sexualidade, encontremos enredadas várias cenas: não somente de práticas eróticas, mas também musicais, políticas, etc. Quando entrei em contato com o site GayRomeo em meados de 2006, através de um amigo da faculdade que me apresentou, despertou-me a atenção de uma grande quantidade de usuários estrangeiros, geralmente da Europa, principalmente da Alemanha, e uma pequena mostra de usuários do Brasil, mas que se tornava significativa pelo fato de a maioria desses usuários disponibilizarem seus perfis em uma língua estrangeira, na maioria das vezes, o inglês, e o interesse em conectar-se com pessoas de outros países. Eu vinha de uma história de participação em dois canais de IRC (*Internet Relay Chat*) da minha cidade, #gayceara e #zonagls, que eram canais ativos de bate-papo em que se montavam redes de sociabilidade gay através da promoção de eventos. Nesses canais locais, fiz meus primeiros contatos com outros gays da minha cidade e tive a minha entrada na cena gay, meu *coming out* primeiramente *online* e depois *offline*. Com essa experiência, fui levado também a conhecer outro tipo de ambientes *online* como as comunidades, tal como manhunt (www.manhunt.net) e disponível (www.disponivel.uol.com.br), de modo que, quando fui apresentado ao

GayRomeo, já era familiarizado com a realidade desse tipo de plataforma, conhecendo suas regras e seus modos de conduta.

Creio que, em princípio, o fato de ser gay e ter sido usuário desse tipo de plataformas, por muito tempo, facilitou minha inserção no campo até o ponto em que tive que me distanciar da plataforma para abordá-lo de uma outra maneira, agora como pesquisador. Contudo, esse é um ponto bastante importante, pois não está pressuposta aqui nenhuma inocente neutralidade do investigador, mas parto de uma epistemologia antropológica, sociológica, feminista e *queer* em que a experiência individual do investigador trespassa a produção de conhecimento. Passei a fazer um uso mais detalhado e minucioso da plataforma, concentrando minha atenção a vários aspectos, os quais, muitas vezes, passam despercebidos para um usuário comum da página. O primeiro passo foi, então, mapear a plataforma em seus mínimos componentes. Em um primeiro momento, optei por explorar GayRomeo, ainda sem entrar em contato com outros usuários para entrevistas e encontros fora da tela com usuários.

Várias experiências entrelaçam-se nas formas de contatos em páginas de encontro gay. Desde um nítido erotismo *online* até as maneiras de negociar a sexualidade entre os domínios do público e do privado. Na busca por referências dentro do campo da sociologia para abordar o problema das interações virtuais de ordem afetiva e sexual, um dos primeiros textos com que me deparei foi o do sociólogo português José Machado Pais (2006), *Nos rastros da solidão: deambulações sociológicas*. Nessa obra, o sociólogo português se põe a pesquisar as diferentes manifestações de fenômenos de solidão no mundo contemporâneo, remetendo, principalmente, à experiência da metrópole, desde a pesquisa sobre sem-abrigos que fazem da rua seu lar até a experiência de imigrantes do Leste Europeu em Portugal. Em um dos capítulos, o sociólogo aborda o tema dos amores virtuais a partir da pesquisa em salas de bate-papo (*chats*), “Afectos virtuais: em busca de conexão” (PAIS, 2006, p. 182-222). Neste capítulo, o autor tematiza o vínculo que usuários estabelecem nas salas de *chat* em sua dimensão afetiva e sensorial na construção de laços sociais *online*. O autor parte de questões bem simples e de pressupostos que declaram o mundo virtual como uma alternativa à solidão do mundo real, *offline*. Mas é no exercício de sua deambulação sociológica que Pais (2006) se desfaz desses pressupostos e capta um sentido mais profundo do termo “conexão” a partir do momento em que “estar conectado” se torna o objeto

do desejo. Esse estar conectado com um outro com o qual não compartilho a co-presença física desterritorializa a paisagem material dos encontros e abre um universo de discussões sobre cartografias do corpo e do espaço na cultura contemporânea:

Apesar da ausência de uma co-presença física há um sentimento de presença perante o outro. Ou seja, se é certo que a “conexão virtual” se alia a um sentimento de liberdade em relação a uma existência corpórea; e se, em rede, por outro lado o *self* parece divorciar-se do corpo; também é verdade que, ao mesmo tempo, o corpo é reivindicado, através de palavras, de expressões, de fotografias, de apelos e sugestões (PAIS, 2006, p. 209-210).

Pais (2006) não aborda o tema de como heterossexuais, de um lado, e gays, lésbicas, transgêneros, *queer* do outro fazem uso de tais *chats*. No seu texto, a heterossexualidade, quer dizer, a busca por contatos heterossexuais aparece como um dado de antemão. Contudo, o seu discurso sobre a conexão em sua relação com o corpo é bastante profícuo para elaborar uma série de problemas. No universo das práticas sociais, dentro de um modelo de sociedade heteronormativo, há mais fortalecimento de conexões heterossexuais do que de outras sexualidades. Na verdade, as sexualidades não hétero no seio de uma sociedade heteronormativa estariam relacionadas com mecanismos de desconexão: desconexão com o modelo familiar, desconexão com a normalidade, desconexão com o suposto destino natural de reprodução. Sob esse aspecto, as buscas por conexão não podem ter os mesmos parâmetros para sexualidades distintas: heterossexuais e não heterossexuais (gay, lésbicas, *queer*, *trans*). Isso acontece, porque as palavras, os gestos, as imagens, as expressões, dos quais fala Pais, não são as mesmas para heterossexuais e gays, nem tampouco pautadas em regimes de igualdade valorativa. As formas da sexualidade estão em relações de hegemonia ou não hegemonia com as formas da conexão.

Chegar a esse ponto de discussão significa ainda dizer que os media não estão em uma relação de exterioridade com a sexualidade. Quando falo de páginas de encontros gays, não quero afirmar que haveria algo, um domínio denominado “páginas de encontro” e outro chamado “gay” ou “cultura gay” que viria a apropriar-se dos medias, no caso a Internet. Na verdade, as páginas de encontro gay são um fenômeno em que os media estão em conexão com a sexualidade na forma de um

“*assemblage*” (agenciamento) tendo um sentido em si na maneira em que os encontros gays, a partir do uso dos media, apresentam sua singularidade. Os media, nesse caso, não possuem uma relação de sentido aquém ou além da sexualidade. Tal fato faz com que, nesta tese, não se possa comparar algo como “páginas gays” com “páginas hétero”, pois a dinâmica que envolve uma página de encontro gay ganha sua singularidade na indissociabilidade dos media digitais como produtores de sentido.

Como bem aponta Borsò (2008, p. 261-297), no seu reexame das teorias dos media, não se pode mais partir no mundo contemporâneo e de fenômenos como o cinema ou a Internet com uma perspectiva em que os media seriam uma forma de arquivo externo (*externer Speicher*) sem sentido em si mesmo, mas literalmente pensado como meio, como um auxiliar externo que *mediaria* sentidos dentro de um sistema de comunicação social. Em um conjunto de teorias contemporâneas, apresenta-se os media em si como produtores de sentido:

Von einer im Medium verorteten Differenz geht die einleuchtende Analyse der Sprach- und Medienphilosophie des 20. Jahrhunderts durch Sybille Krämer in Bezug auf das zweite von ihr vorgestellte Paradigma aus: Es handelt sich um jenes Paradigma, für das Medien sinnkonstitutiv sind, ein Paradigma also, das die Transzendentalität des Medium und nicht des Sinns (einer etwaigen medienexternen Wirklichkeit) postuliert, wie dagegen die so genannte >>Zwei-Weltentheorie<<. Zum ersten Paradigma gehören die Systemtheorie von Niklas Luhmann ebenso wie u.a. die Theorie der Differenz von Jacques Derrida und Jacques Lacan und die Performanz von Judith Butler. Allen gemeinsam ist die Emergenz des Sinns im Medium (BORSÒ, 2008, p. 274).

Seguindo esse raciocínio, afasto-me de uma perspectiva que neutraliza os media, quando, na verdade, não são. Tal fato já foi apontado por Haraway (1991) na sua utopia *cyborg* ao falar das informáticas da dominação. Os media, na sua materialidade e no seu agenciamento, organizam disposições visuais, textuais, sensitivas. No domínio do ciberespaço, as páginas virtuais de relacionamento gay envolvem uma dinâmica nas suas formas de apresentação, interação e design que fazem do trabalho comparativo um perigo metodológico que consiste em por o *hétero* como norma e acreditar numa neutralização objetiva das tecnologias às quais o gênero e a sexualidade seriam variáveis acopladas e intercambiáveis. Kate O'Riordan (2007) argumenta que o *cyber* e o *queer* estão em relações de

intersecção, de cruzamento. Nessas relações, *cyber* e *queer* se associam como formas de desintegração e abertura para outras utopias. O cruzamento do *cyber* com o *queer* não é, portanto, a junção de entidades isoláveis, mas o enlaçamento performático de dinâmicas que têm em sua lógica de funcionar elementos para além das lógicas da identidade e da representação:

In this period [mid-1990s], there were intense collisions and collaborations across queer theory and cyberculture, as the imagined ideal queer subject and the imagined ideal cybersubject were in some ways produced through each other and came to occupy the same ground. Paradoxically, the simultaneous disavowal of the very idea of the subject came from theorists of performativity and queer at the same time (Butler 1998). It is these figurings of the intersecting (ideal) queer and cyber subjects, and the encounters of queer bodies and internet communication that are central to thinking about the context of current cyber/queer formations and disruptions. These figures continue to haunt current formations in both productive and destructive ways (O'RIORDAN in O'RIORDAN e PHILLIPS, 2007, p. 17).

Assim, as teorias dos media, os estudos culturais, e trabalhos interdisciplinares de campos como, na Alemanha, da *Kulturwissenschaft* (versão alemã dos Estudos Culturais) tornaram-se mais atrativos do que a sociologia de cunho mais clássico na problematização das novas tecnologias em sua conexão com a sexualidade e o gênero. De todo modo, essa paisagem vem mudando e trabalhos como o do sociólogo Arne Dekker (2012), *Online Sex: Körperliche Subjektivierungsformen in virtuellen Räumen*, podem ser citados como pioneiros nessa mudança de orientação teórica e metodológica na Sociologia sobre as tecnologias do sexo que englobam a participação de atores humanos e não humanos. Embora, na minha pesquisa, o foco esteja na sexualidade enquanto que, no caso de Dekker, o sexo *online* é focado na sua relação com as formas de subjetivação e da produção de um corpo-espaco virtual, compartilha-se uma outra apropriação do social, a partir de trabalhos como os de Bruno Latour (1993) e Donna Haraway (1991), pontuando, nesta última autora, a dimensão que estudos da sexualidade *online* podem assumir:

Stärker noch als Latour kann Haraway dazu nützen, die Bedeutung der Artefakte für die Subjektivierungsprozesse in den Blick zu nehmen, das transformatorische Potential kollaborativer Praktiken menschlicher und nicht-menschlicher Akteure zu identifizieren (vgl.

Ausführlich Pieper 2007: 236ff.) und die *Hybridität* der Subjekte herauszuarbeiten. Für die Beschäftigung mit Sexualität im Internet impliziert das weniger eine Auseinandersetzung mit biotechnologischen Eingriffen in die Körper [...] als vielmehr eine Analyse des Interface-Charakters moderner Kommunikationstechnologien (DEKKER, 2012, p. 195).

Essa afirmação de Dekker (2012) consolida um ponto de apoio para entender como as novas tecnologias trazem uma intervenção nas formas da sexualidade contemporânea e como elas põem os sujeitos para interagir. Ou seja, o corpo contemporâneo pode ser objeto de mutação com intervenções da biotecnologia, mas, ao focar as sexualidades na Internet, uma compreensão dessas tecnologias de comunicação se faz mais relevante para entender as mutações nas formas da interação sexual do que buscar num registro exterior uma causa ou explicação. Essa defesa de Dekker se aplica principalmente quando se toma em conta processos de globalização das práticas de interação sexual. O que, muitas vezes, ignora-se ou permanece desconsiderado quando se fala nesses processos tem a ver com um julgamento desde o exterior de tais práticas. Dessa forma, uma compreensão das práticas de sexualidade nos espaços virtuais sob as lentes disciplinares de certos estudos da globalização podem apontar como ressalta Binnie (2004) para julgamentos de outra ordem, embutidos de alguns preconceitos morais, principalmente sobre formas de interação sexual casuais e não heterossexuais:

It [cyberspace] offers the prospect of being elsewhere, escaping the confinement of heterosexuality. Cyberspace is particularly significant for students of globalization and sexuality as it brings into sharp focus the 'here' and the 'elsewhere'. Cyberspace collapses spatial scales – it is where the global is most approximate, most intimate. To what extent does cyberspace render the notion of scale obsolete? In his discussion of globalization, technology and sexuality, John Tomlinson has a very particular notion of intimacy, arguing that: 'the sexual act is intimate knowledge of the Other, combining physical with psychological closeness and bonding. Understood thus, intimacy is the antithesis of distancing' (1999:161). There is a lot to unpack in this quote. Firstly the assertion that the sexual act is an all-embracing act involving 'knowledge of the Other', a one-ness and coming together, when in fact many sex acts involve a partial knowledge of the Other, a fetishism of the Other. How much sex is better for not knowing the Other? Sex can take place as recreational sport; sex can take place without close psychological bonding and without emotion (BINNIE, 2004, p. 42-43).

Em certas perspectivas sobre intimidade e amor romântico, como a comentada por Binnie (2004) acima, insiste muito um modelo de socialização heterossexual. Dentro desse modelo, há uma temporalização e espacialização dos laços afetivos, aos quais gays, lésbicas, *queer* não tiveram acesso. Quando se pensa na busca *online* nos sites de relacionamentos gays, não se pode ignorar que tais práticas ocorrem em uma sociedade onde a livre expressão da sexualidade por parte de homens gays é algo recente e ainda tabu em vários contextos nacionais. O fato de o imaginário amoroso levar em conta os casais heterossexuais faz com que tais outras sexualidades residam no campo da abjeção, como bem argumenta Butler (1993) em *Bodies that matter*. Estariam, assim, os laços afetivos entre sujeitos gays sujeitos aos mesmos dispositivos temporais e espaciais dos sujeitos heterossexuais?

Como gay, a experiência cotidiana me faz responder a pergunta com um não. Na escola, não poderia falar abertamente que era gay sem contar com possíveis respostas homofóbicas dos colegas. Em locais públicos, andar com seu namorado, beijá-lo, a simples troca de carinho entre pessoas do mesmo sexo biológico podem ser alvos de olhares censuradores. Assim, as dinâmicas do tempo e do espaço dentro das culturas gays passam por outras formas de estabelecimento da intimidade e dos contatos sexuais. Como já se conhece a partir de diferentes pesquisas (CHAUNCEY, 1994; MOOSHAMER, 2005; CAMPBELL, 2004), as buscas por parceiros dentro da cultura gay nos espaços públicos se relaciona a todo um universo de práticas subversivas de reapropriação de tais espaços que se tornaram pontos de encontro furtivos entre homens, seja parques, banheiros públicos, praias, florestas. Some-se a isso a conquista de espaços de lazer e o estabelecimento de áreas gays nos grandes centros urbanos com bares, saunas, discotecas, espaços recreativos que fazem da sociabilidade gay uma cultura a partir da montagem de territórios seguros para a vivência da sexualidade. Sendo gay, sabe-se muito bem como um certo olhar veio a produzir estereótipos acerca das relações homoafetivas, especialmente acerca de homens gays, pautados em juízos homofóbicos sobre a quantidade de parceiros, a liberação sexual que passa a ser julgada como superficial ou, até mesmo, a exposição das preferências sexuais no espaço público.

Nesta pesquisa, afasto-me desses juízos como uma opção ética e de respeito aos meus interlocutores. O meu olhar às formas de intimidades virtuais será conduzido a partir de nenhuma perspectiva que tome implícita a heterossexualidade,

nem fazer adaptações de teorias que partem da implícita exclusão das sexualidades não hétero em seus pressupostos, como se fosse tarefa de acadêmicos *queer* adaptar-se a princípios teórico-normativos que excluem suas subjetividades. Assim, oriento-me para delimitar meu problema numa imanência da cultura gay *online* quanto às suas formas e às suas tecnologias. Creio que a teoria *queer* já forneceu bastante material e elementos críticos para pensarmos as intimidades e sociabilidades gays. Tal imanência reside num ponto crítico, pois só há produção dessas formas de contato entre sujeitos gays em sua relação com a heteronormatividade. Isso faz com que se apoie em uma perspectiva crítica da heteronormatividade, tomando as sexualidades dissidentes como inflexões questionadoras de relações de saber-poder. Um entre-espaço se abre quando passamos a ser existentes *online*, um entre-espaço que borra algumas fronteiras:

Virtual intimacies transform the intimacies we already have and they condition the possibilities for as yet unknown forms of intimacy to be cultivated. The feelings of connection that come from our relationships to ourselves, to one another, and to screens open up inquiries into the nature of intimacy itself. How do the stories, events, contacts, encounters, and impacts effected through the space of the screen help us to think about the bleed between categories like the virtual and real, inside and outside, public and private? (MCGLOTTEN, 2007, p. 123).

É tomando o virtual como forma espaço-temporal que esta pesquisa deslança de uma perspectiva tecnológica do gênero. Nessa dimensão tecnológica, corpo e máquina não estão em uma relação antagônica. Há uma coextensão de corpos e máquinas, quando, por exemplo, não somente as interações físicas, mas o sentido mesmo de universos como os da intimidade, do erotismo, da experiência sexual são alterados pelas novas conexões entre homens/mulheres e máquinas. Essas alterações têm a ver com um contexto de um mundo globalizado onde o sentido de diferença é remodelado e modulado. Neste aspecto, falo não somente nas diferenças *inter* que se refletem nas diferenças entre identidades, culturas, gêneros, mas das diferenças *intra*, processos de diferenciação interna, do corpo que se torna máquina e da máquina que se torna vetor de afecção.

Por que, então, pesquisar uma página de gay dating? Creio que há vários motivos para argumentar por que uma página de *gay dating* seria o *locus* privilegiado para abordar a relação entre gênero e novas tecnologias. Primeiro,

porque estamos lidando com o campo de uma sexualidade não hegemônica, mas regulada e atravessa por formas de normatividade (heteronormatividade). Há uma semelhança entre o *cyber* e o *queer* já comentada acima e eu gostaria de estender mais esta proposição nesta pesquisa. Segundo, o que está no cerne de sexualidades gays *online* consiste na produção de um entre no domínio da norma. O *queer* não é uma forma pura, mas um híbrido cravado no seio das normatividades de gênero e sexualidade. Os sites de relacionamento gay firmam uma posição intersticial do binarismo de gênero rebatido em configurações da sexualidade que o desmontam e o refazem. Neste sentido, o *cyber* e o performativo se articulam numa crítica ontológica do maquínico e do humano (lembre-se que o conceito de performatividade em Butler só se torna possível a partir de uma crítica ontológica do sujeito do feminismo). Terceiro, o universo *online* dos sites de relacionamento gay pode levar, ainda, a um exercício daquilo que Braidotti (2011) nomeia de teoria nomádica, uma teoria construída no movimento do pensamento e na desestabilização de fronteiras normativas teóricas que impedem problematizar o corpo contemporâneo.

Nomadic theory argues that, far from abolishing or replacing the body, new technologies strengthen the corporeal structure of both humans and machines and their interconnection. The body-machine or cyborg is a culturally dominant icon whose effects go well beyond cinema or media. They also affect the corporeal behavior of “real” humans the world over (BRAIDOTTI, 2011, p. 57).

O conceito de performatividade será confeccionado como ferramenta analítica desta pesquisa e trará elementos não somente de sua definição butleriana, mas intersecções com outros debates. A justificativa, para este conceito, apesar de algumas incompreensões, é dada pela própria Butler que afirma não estar o conceito vitimado pela armadilha construtivista. O conceito de performatividade aponta para uma problematização do corpo além da linguagem:

In my view, performativity is not just about speech acts. It is also about bodily acts. The relation between the two is complicated and I called it a “chiasmus” in *Bodies that matter*. There is always a dimension of bodily life that cannot be fully represented, even as it works as the condition and activating condition of language (BUTLER, 2004, p. 198-199).

Iniciou-se este trabalho numa fundamentação do aspecto tecnológico do gênero. Essa dimensão tecnológica não diz respeito, somente, a discursos, mas a esse outro conjunto de atos corporais performativos dos quais fala Butler. No contexto *online*, temos a definição de virtual como aquilo que faz a ponte entre o performativo do gênero e o espaço. Por isso, as perguntas desta tese estão organizadas da seguinte maneira:

- 1) Que performatividades de gênero e sexualidade se afirmam *online* na página de relacionamento GayRomeo? Como se pesquisa o performativo *online*? Através de que registros pode-se escapar de um reducionismo construtivista?
- 2) Qual a relação constitutiva dessas novas performatividades com processos de virtualização que amarram o espaço à sexualidade em uma concepção de agência simétrica entre atores e novas tecnologias?

Os próximos capítulos buscarão responder estas duas perguntas. O primeiro capítulo desta tese é um apanhado teórico sobre as teorias que embasam uma perspectiva tecnológica acerca do gênero. Parto de um trabalho mais histórico das categorias gênero e sexualidade como históricas seguindo Foucault (1999), Laqueur (1992) e Scott (1999) até chegar à teoria da performatividade de gênero de Butler (1990) e o debate *queer*. Com essa genealogia, articulo os trabalhos de Haraway (1991) e Latour (1993, 2005) que me permitem abrir o caminho para a discussão sobre corpos e tecnologias.

Nesse delineamento do processo de pesquisa, para uma problematização do gênero e da sexualidade em suas interfaces tecnológicas que englobam os domínios do narrativo, do visual e do afetivo, uma outra orientação metodológica foi exigida e será tratada no segundo capítulo. Este capítulo é, contudo, um convite ao traçar outras metodologias dentro das ciências sociais que sejam mais afinadas com a dimensão corporal e visual das sexualidades *online*. Nele, exploro desde o posicionamento do pesquisador dentro do campo, o contexto metodológico de investigação de práticas corporais e as formas do ver e do documentar que foram desenvolvidas durante a pesquisa. Trata-se, portanto, de um trabalho mais extenso de não apenas listar os instrumentos, mas versar acerca das bases conceituais de

coletar dados numa pesquisa em que dinâmicas subjetivas em torno da sexualidade, muitas vezes, tornam-se evidentes por outros meios que não os do discurso.

Os capítulos terceiro e quarto se orientam a responder o primeiro bloco de perguntas (1) a partir do conceito de performatividade em sua relação com as teorias do arquivo e repertório de Taylor (2003), a teoria *queer* e o conceito de desidentificação de Muñoz (1999) e as discussões sobre as masculinidades de Connell (2005).

No terceiro capítulo, Performatividades Online I: arquivos e desidentificações, tomo o conceito de performatividade como chave de análise para as entrevistas. O recurso ao narrado fez com que retomasse os conceitos de arquivo e repertório (TAYLOR, 2003), que me proporcionaram fazer o enlace do falado nas entrevistas com o corporal e o normativo do ser ou não abertamente gay *online* e como meus interlocutores me relataram seus encontros com GayRomeo. Esse terceiro capítulo trata de uma maneira mais “relatada” e linear o encontro com dilemas como os do “armário” e as turbulências com “identidades” de gênero e sexualidade não apenas no reconhecimento, mas também nas desidentificações com algumas ideias acerca do estar *online* e performar a sexualidade.

O quarto capítulo, Performatividades Online II: repertórios e diferenças, dar continuidade à análise das entrevista através da categoria de repertório. O foco passa a ser os elementos corporais, a dimensão prática de pôr em movimento a busca por parceiros *online*, como meus interlocutores me narraram suas estratégias de buscas e de que modo, a partir delas, posso ver categorias performativas em jogo com a masculinidade e com o “ser atraente” a um outro. Esse processo envolve uma dimensão de repertório, de ações corporais intercaladas pelos marcadores de diferença e de masculinidade.

O quinto capítulo desta tese destina-se a responder a pergunta 2) e abrir caminho para uma conclusão da relação entre agência e espaço nos processos de virtualização do corpo e na formas de interação entre atores humanos e não humanos, o que abre o caminho para novos rumos que as questões acerca da sexualidade gay, em sua vida cotidiana contemporânea, podem assumir quando não a consideramos monoliticamente.

Capítulo 1 Gênero, Sexualidade e Tecnologias: antecedentes teóricos

A necessidade de marcar as diferenças e as interseções entre as categorias de sexo e gênero remontam ao debate iniciado nos anos 1960 e reverberado nos anos 1980 e 1990, quando foi feita uma crítica do que algumas autoras irão chamar de uma ontologização do “sujeito do feminismo” (BUTLER, 1990). Tal desdobramento foi consequência dos debates iniciados pelos movimentos de mulheres, principalmente no contexto do pós-guerra. Esse movimento buscava ir além da proposição de Simone de Beauvoir (1989), esta foi importante no pensamento filosófico ocidental ao questionar o sujeito do pensamento, como um sujeito *masculino*, de que não se nasce, mas torna-se mulher. Embora as autoras pós-estruturalistas venham depois fazer uma releitura crítica dessa proposição, tal afirmação constitui um marco na orientação teórico-política do conceito de gênero.

Apesar de importantes diferenças, muitos dos significados modernos de gênero se enraízam na observação de Simone de Beauvoir de que “não se nasce mulher” e nas condições sociais do pós-guerra que possibilitaram a construção das mulheres como um coletivo histórico, sujeito-em-processo. Gênero é um conceito desenvolvido para contestar a naturalização da diferença sexual em múltiplas arenas de luta. A teoria e a prática feministas em torno de gênero pretendem explicar e transformar sistemas históricos de diferença sexual nos quais “homens” e “mulheres” são socialmente constituídos e posicionados em relações de hierarquia e antagonismo (HARAWAY, 2004, p. 211).

Pensar os aspectos políticos e teóricos do gênero leva ao domínio das práticas sociais concretas, aos modos de ser, aos dispositivos que geram um corpo como corpo masculino e feminino, indo ao encontro dos processos que fazem, dos atores sociais, atores marcados pelo gênero. Neste capítulo, quero tomar esses processos de confecção do gênero e da sexualidade historicamente, a partir de alguns autores que pesquisaram, em diferentes campos, como gênero e sexualidade, mais do que categorias abstratas, são produtos de relações sociais datadas historicamente e efeitos de tecnologias sociais.

Interesso-me aqui pelo aspecto tecnológico do gênero e da sexualidade. Como isso, quero dizer que há, como bem já apontava De Lauretis (1987), tecnologias do gênero. Esse percurso encontrará os autores dentro dos estudos

sobre gênero e sexualidade que prepararam o meu trajeto para embasar a pergunta desta tese sobre quais performatividades de gênero e sexualidade podem abrir passagem na cultura *online* de *gay dating*. Nitidamente, trata-se de explorar as práticas de gênero e sexualidade em conexão com o universo das novas tecnologias. Desse modo, o ponto de partida, a preparação do terreno para essa pergunta, tem a ver com um recontar epistemologias nas quais o gênero e a sexualidade já estão postos como tecnológicos. Um caminho que encontra vários intercessores como Donna Haraway (1991), Teresa de Lauretis (1987), Beatriz Preciado (2008), Michel Foucault (1999), Thomas Laqueur (1992), Monique Wittig (2009), Judith Butler (1990, 1993), Joan Scott (1999), etc.

Em *Testo Yonqui*, Beatriz Preciado (2008) põe em marcha um apanhado genealógico do conceito de gênero a partir de seu aspecto tecnológico. A autora disserta acerca de um *tecnogênero* (PRECIADO, 2008, p.82), subvertendo uma certa fábula feminista que poria o gênero como conceito do feminismo dos anos 1970. A autora retoma a noção de gênero que teria sido elaborada por John Money, o famoso psicólogo infantil responsável pelo diagnóstico de crianças *intersex* e pioneiro no conceito de “sexo psicológico”, usando a palavra gênero (*gender*) para falar de uma não correspondência entre o sexo biológico, dado pela anatomia, e o gênero, fruto dos processos de socialização e identificação social com papéis de homem ou mulher. Estaria, assim, já no final da década de 1940, no campo dos saberes médicos e *psi*, a noção de gênero claramente elaborada como não correspondente ao sexo biológico. Com essa noção de gênero diferenciada da noção de sexo, tem-se a possibilidade justificada de intervir cirurgicamente nas crianças *intersex* para adequar a anatomia ao “sexo psicológico”, definido gênero. Ora, trata-se aqui de um conjunto de procedimentos que intervém na anatomia, na fisiologia e nas relações sociais em torno do sexo, de uma forma que foi, seguindo o argumento de Preciado (2008), até certo ponto esquecida ou pouco problematizada pelo feminismo dos anos 1970 quando toma o conceito do gênero isolado dos processos de materialização do sexo, ao qual a categoria não seria um contraponto, mas esteve desde já imbricada nos processos de intervenção. Por isso, a autora prefere falar de *tecno-bio-hombres* e *tecno-bio-mujeres*.

Money utiliza la noción de “género” para nombrar el “sexo” psicológico”, piensa sobre todo en la posibilidad de utilizar la

tecnología para modificar el cuerpo según un ideal regulador preexistente que prescribe como debe ser un cuerpo humano femenino o masculino. Sí en el sistema disciplinario decimonónico, el sexo era natural, definitivo, intransferible y transcendente; el género aparece ahora como sintético, maleable, variable, susceptible de ser transferido, imitado, producido, y reproducido técnicamente. Es curioso que cuando el feminismo de los años setenta retoma la noción de género para hacer de ella un instrumento de análisis crítico de la opresión de las mujeres, esta dimensión de producción técnica se perderá en beneficio de un constructivismo cultural *light* (...) No es extraño que sea este el contexto que lleve al feminismo al callejón sin salida de los debates esencialismo/constructivismo, donde se afianzarán políticas estatales capaces de recuperar la retórica feminista como parte de un programa más amplio de control social (PRECIADO, 2008, p.82).

O que Preciado (2008) chama de “constructivismo social light” tem muito a ver com os mal-entendidos gerados pela publicação de *Gender Trouble* (BUTLER, 1990), das leituras que foram feitas do postulado de Butler, o qual será apresentado neste capítulo, de pensar o gênero como performance. Se há um problema que antecede as teorias de Butler, Preciado e outras, está justamente na montagem de uma história do conceito que ignora os processos de tecnologização do gênero. Partindo deste princípio, explorarei autores que abordaram o sexo e o gênero na sua dimensão histórica, genealógica, como Foucault (1999), Haraway (1991), Scott (1999), Laqueur (1992), Butler (1990) para chegar a uma outra perspectiva, na qual o corpo não é mais nem substrato, origem da identidade de gênero, nem tampouco uma folha em branco sobre a qual o gênero, esse construto cultural, seria impresso. Nesse entremeio, várias outras teorias podem pedir passagem, como feminismo chicano de Anzaldúa e Moraga (1984) (aqui o gênero é pensado a partir da pele, o que faz desse feminismo um dos mais potentes na crítica desse *constructivismo light* que aponta Preciado) e a teoria *queer* nas suas interseções com o que não se adequa às construções identitárias da sexualidade e do gênero, bem como os inomináveis corporais que não se deixam controlar facilmente pelo sistema sexo-gênero e suas regulações.

Genealogias do gênero

Pensando o gênero como categoria de análise e política, as feministas do pós-guerra operaram um deslocamento dentro dessas posições naturalizantes e abriram o espaço político e científico para relativização dos conceitos de masculino e

feminino, bem como a discussão acerca das práticas e dos papéis sexuais e das “sexualidades disparatadas”, para usar uma expressão de Foucault (1999) para aquelas identidades sexuais consideradas fora da norma. Os anos 1960 e 1970 foram importantes para a consolidação desse debate, momento conhecido como segunda onda do feminismo. A primeira onda do feminismo esteve ligada aos movimentos de mulheres, no final do século XIX e início do século XX, nos Estados Unidos e na Europa, pela igualdade de direitos, principalmente o movimento sufragista nos Estados Unidos que acabou levando à concessão do direito de voto às mulheres em 1919. O termo segunda onda se refere ao período dos anos 1960, em que outros tópicos entraram na pauta do movimento, englobando as diferenças culturais e sociais entre as mulheres, o direito ao corpo (a maternidade não mais vista como destino para mulher e o tema do aborto, por exemplo) e as novas configurações das relações entre homens e mulheres, para além da ideologia familialista que encapsulava as mulheres no modelo burguês de família².

O intuito dessa empreitada era desligar a ideia de sexo como um dado natural, e, gênero como uma construção cultural que se acoplaria ao sexo. Como citado anteriormente, Preciado (2008) sublinha que essa separação já estava dada pelos saberes médicos desde o final da década de 1940 na intervenção em crianças *intersex*. Porém, a base sobre a qual se monta os feminismos a partir de 1960 tem mais a ver com um debate político e cultural acerca da categoria gênero como produtora de identidades de contestação. O gênero, nesse caso, a reclamação de um sujeito feminino, uma verdade feminina, estaria em contraposição a uma dominação masculina nos campos dos saberes e das práticas. Desse modo, estamos falando aqui do campo das ciências humanas e dos movimentos sociais de mulheres. Os discursos político e filosófico desse feminismo se articulam também com as posições que serão tomadas dentro das Ciências Sociais a partir da década de 1960, seja através das releituras marxistas ou dos pós-estruturalismos de Michel Foucault, Gilles Deleuze, Jacques Derrida, Roland Barthes, entre outros.

Como ponto de partida, pode-se dizer que aparece um outro sujeito de saber, um sujeito mulher ou sujeitos mulheres. Esse sujeito mulher faz insistir que: 1) um sujeito mulher foi produzido como inferior a partir de discursos e práticas que

² “A retirada das mulheres da economia do casamento era uma figura potente e política de recusa aos homens e, assim, a favor da auto-constituição das mulheres como sujeitos pessoais e históricos fora da instituição da cultura dos homens na troca e apropriação dos produtos (incluídos os bebês) das mulheres” (HARAWAY, 2004, p. 226).

fizeram de uma diferença biológica ponto de cruzamento de relações de poder hierárquicas; 2) esse sujeito mulher emancipa-se de seu corpo e passa a mostrar as incoerências desses saberes e práticas; 3) entretanto, temos aqui o jogo entre dois sexos: masculino e feminino, homens e mulheres; 4) o que faz com que a diferença sexual seja agora a base de formação de identidades politizadas leva a esses primeiros feminismos serem chamados de feminismos da diferença sexual. Como explorarei a seguir, os impasses do feminismo da diferença sexual têm a ver apontadamente com a impossibilidade, ao final, de encontrar um sujeito para afirmar o feminismo, seja singular ou plural, enquanto a dimensão de artifício, ficcional, performática e tecnológica do gênero é ignorada.

Os feminismos da diferença sexual como os Monique Wittig (2009) e Adrienne Rich (1995) montaram suas estratégias de resistência em uma concepção de diferença a partir da incomensurabilidade entre masculino e feminino, e que a resistência passa pela renúncia do próprio modelo de pensamento que impõe a diferença sexual. No seu radicalismo, tais feministas pregavam até mesmo a “greve de sexo” como estratégia de resistência para as mulheres, as quais eram vistas apenas como células de reprodução social, cabendo mencionar aqui de que forma a teoria marxista foi reapropriada e discutida por esses feminismos. Esses feminismos tiveram um papel político fundamental na constituição de uma agenda de resistência não somente para mulheres, mas também para as demais sexualidades periféricas. Tais feministas mobilizaram discursos sobre o erotismo, sobre as relações de poder sobre os corpos, propuseram o lesbianismo enquanto resistência, afirmaram a interseção entre raça e sexualidade. Embora caíssem ainda em uma visão por deveras purista de identidade, crendo em uma mulher que conseguiria se emancipar das coerções sociais, os depoimentos desses feminismos foram importantes cartografias da relação entre sexo e poder:

El concepto de diferencia de sexos, por ejemplo, constituye ontológicamente a las mujeres en otros/diferentes. Los blancos tampoco son diferentes, ni los señores, diferentes son los negros y los esclavos. Esta característica ontológica de la diferencia entre los sexos afecta a todos los conceptos que forman parte del mismo conglomerado. “Hombre” y “mujer” son conceptos políticos de oposición. Y, dialécticamente, la cópula que los reúne es al mismo tiempo la que preconiza su abolición, es la lucha de clase entre hombre y mujeres la que abolirá los hombres y las mujeres. No hay nada ontológico en el concepto de diferencia. Sólo es la forma en

que los amos interpretan una situación histórica de dominación (WITTIG, 2009, p. 140).

Uma das feministas críticas da diferença sexual e que passará a abrir um maior diálogo com as teorias pós-estruturalistas da diferença será Teresa de Lauretis com *Technologies of Gender*. De Lauretis (1987) que vem do campo dos estudos semióticos do teatro e do cinema, há como base teórica os trabalhos de Louis Althusser, um marxista para além do marxismo mais clássico com aproximações com pensamento estruturalista; de Foucault, a relação entre saber, poder e discurso na sua teoria; Derrida, a noção de diferença e a semiótica de Peirce. De Lauretis (1987) não descarta a noção de diferença, mas pensa como a polaridade masculino – feminino é efeito de tecnologias de saber e poder que interpelam o sujeito, combinando nessa conceituação as matrizes teóricas que citamos anteriormente. O exemplo que aparece em *Technologies of Gender* remete aos formulários que geralmente se preenche, convocando as pessoas a definir o gênero marcando um H para homem e M para mulher, no caso em português. Com uma noção de tecnologia muito próxima a Foucault, De Lauretis (1987) afirma que, nesse momento, o sujeito entra no sistema sexo-gênero, que esse tipo de prática funciona como uma tecnologia do gênero, a qual interpela o sujeito e o faz sujeito marcado pelo gênero.

A autora se apropria de uma maneira crítica dessas matrizes teóricas, sendo uma autora chave na discussão sobre violência de gênero, pois trouxe uma outra perspectiva para pensar a violência de gênero, escapando do modelo da vitimização. A representação da violência é inseparável da representação de gênero, ao pensar com Foucault (1999) de que são relações de saber-poder que produzem os sujeitos de gênero. Contudo, De Lauretis (1987), juntamente com outras feministas, lança uma crítica ao filósofo francês em seu primeiro volume da história da sexualidade por desconsiderar como o dispositivo de sexualidade opera de maneira diferenciada entre os gêneros e a maneira como romantiza, ao relatar um caso de denúncia no ano de 1867, em Lapcourt na França, de “trocas de carícias” entre um camponês e uma garota, o emblemático momento de passagem de uma época em que a sexualidade não entrava no jogo do discurso médico-jurídico para a sua normalização pelo dispositivo. O que De Lauretis (2004) critica em Foucault é

precisamente sua afirmação de um universo de prazeres e corpos livres antes do dispositivo de sexualidade³:

For even as we agree that sexuality is socially constructed and overdetermined, we cannot deny the particular specification of gender that is the issue of that process; nor can we deny that precisely such a process finally positions women and men in an antagonistic and asymmetrical relation. The interests of men and women or, in the case in question, of rapists and their victims, are exactly opposed in the practices of social reality, and cannot be reconciled rhetorically. This is the blind spot in Foucault's radical politics and antihumanist theory, both of which must and do appeal to feminists as valuable contributions to the critique of ideology (DE LAURETIS, 1997, p. 269).

De Lauretis ainda não traz a ideia de performatividade, a qual será desenvolvida por Butler (1990), mas já opera com uma visão relacional da diferença, em uma perspectiva semiótica em que um significante marca a diferença não como algo imanente a si, mas em relação com outro significante, noção de cunho estruturalista que está na base de sua teoria da representação. Porém, as representações não remetem a uma lógica abstrata, mas a práticas históricas concretas em uma perspectiva de tecnologia mais próxima do pós-estruturalismo de cunho foucaultiano ao discutir a relação entre práticas de significação e poder. Com isso, as proposições de Teresa De Lauretis vem a se distinguir de outros feminismos.

Now the movement in and out of gender as ideological representation, which I propose characterizes the subject of feminism, is a movement back and forth between the representation of gender (in its male-centered frame of reference) and what that representation leaves out or, more pointedly, makes unrepresentable. It is a movement between the (represented) discursive space of the positions made available by hegemonic discourses and the space-off, the elsewhere, of those discourses: those other spaces both discursive and social that exist, since feminist practices have

³ “Num dia de 1867, um trabalhador agrícola da aldeia de Lapcourt, de espírito um tanto simples, empregado sazonalmente de um canto ao outro, alimentado aqui e acolá por um pouco de caridade e pelo pior dos trabalhos, morando em granjas ou estábulos, sofre uma denúncia: nas fimbrias de um roçado, havia obtido algumas carícias de uma menina, como já havia feito, como tinha visto fazer, como faziam em volta dele moleques da aldeia; é que na orla do bosque ou nas valas da estrada que leva a Saint-Nicolas, brincava-se familiarmente de “leite coalhado” [...] O que é importante nesta história? Seu caráter minúsculo: que o cotidiano da sexualidade aldeã, os ínfimos deleites campestres tenham podido tornar-se a partir de um certo momento, o objeto não somente de uma intolerância coletiva, mas de uma ação judiciária, de uma intervenção médica, de um atento exame clínico e de toda uma observação teórica” (FOUCAULT, 1999, p. 33).

(re)constructed them, in the margins (or “between the lines”, or “against the grain”) of hegemonic discourses and in the interstices of institutions, in counter-practices and new forms of community (DE LAURETIS, 1987, p. 26).

De Lauretis (1987) recoloca dessa maneira a pergunta pelo sujeito do feminismo para além da representação do sujeito mulher ou da mulher como metáfora para uma agenda feminista. É preciso compreender como o gênero é engendrado (o jogo das palavras *gender* e *en-gendered* no seu texto). Essa compreensão faz parte de uma agenda política, segundo a autora, de um movimento crítico em torno das representações sobre o gênero. Dessa maneira, a autora desloca-se do campo das práticas discursivas e abre passagem para novas indagações sobre as tecnologias concretas que produzem o gênero onde ele não estava, que o coloca como discurso, como representação, como sistema que opera marcando sujeitos a partir da diferença sexual.

Com uma perspicácia genealógica, afirma “*What I mean, instead, is a movement from the space represented by/in a representation, by/in a discourse, by/in a gender system, to the space not represented yet implied (unseen) in them*” (DE LAURETIS, 1987, p. 26). Qual seria, então, esse outro espaço? Esse espaço do ainda não representado apontado por De Lauretis (1987) no qual o gênero emerge. Tal espaço, que a autora ainda não saberia definir dentro de um marco teórico, veio a ser explorado por outros autores e outras autoras na medida em que a pergunta sobre o gênero passa a ser uma pergunta crítica da epistemologia da representação, e parte para o aspecto performativo e tecnológico do gênero.

Basta debruçar-se, então, na tecnologia científica do sexo, seguindo Thomas Laqueur (1992), em *Making Sex*, para perceber que a ideia de sexo que se tem hoje é fruto muito recente no pensamento ocidental. Laqueur (1992) o define como modelo dos dois sexos (*two-sex-model*), a passagem da ideia de que o corpo biológico masculino e o corpo biológico feminino não são complementares, mas diferentes, a mulher não seria o contrário do homem. Os corpos sexuados masculino e feminino teriam um funcionamento e uma morfologia diferenciados. O modelo dos dois sexos que veio se desenvolver nos séculos XVIII e XIX tem a ver não somente com o avanço científico nos campos da anatomia e da fisiologia humanas. O que o autor demonstra com sua tese é que esses campos estão intimamente relacionados

com os projetos políticos da modernidade que vem a remodelar a diferença sexual e fundamentar a base do que entendemos por sexo hoje:

Sometimes in the eighteenth century, sex as we know it was invented [...] Organs that had shared a name – ovaries and testicles – were now linguistically distinguished. Organs that had not been distinguished by a name of their own – the vagina, for example – were given one. Structures that had been thought common to man and woman – the skeleton and the nervous system – were differentiated so as to correspond to the cultural male and female. As the natural body itself became gold standard of social discourse, the bodies of women –the perennial other –thus became the battleground for redefining the ancient, intimate, fundamental social relation: that of woman to man (LAQUEUR, 1992, p.149-150).

Durante toda antiguidade até os meados do século XVII, imperou o monismo sexual, desenvolvido por Galeno. O monismo sexual concebe apenas um sexo como sexo dominante, o masculino. Esse monismo se pautava na constatação anatômica de que o corpo feminino não era anatomicamente distinto do corpo masculino, mas sim seu inverso: a vagina era vista como um pênis invertido, os ovários como testículos. A análise histórica de Laqueur tem uma relevância fundamental para se entender as tecnologias do gênero nos saberes médicos e na filosofia moral que se desenvolve sobretudo a partir do século XVIII quando a diferença sexual emerge como um problema político. O monismo sexual que também pode ser denominado de monismo fálico serviu para justificar um conjunto de relações entre o sexo e a cultura, em que só o masculino se fazia existente na forma homem. É na forma anatômica do homem que o sexo mostra sua plenitude, a partir do momento em que a genitália feminina não é encarada como um “outro” sexo, possuidor de uma anatomia e fisiologia próprias, mas uma inversão, um rudimento do sexo masculino. Laqueur (1992) guia sua análise histórica em uma inspiração genealógica quase foucaultiana, apesar de algumas críticas que o autor deixa transparecer a Foucault, pois os desenvolvimentos da anatomia e da fisiologia humanas não estão apartados de um campo das relações de poder, o que faz com que, assim como em Foucault, encara-se a produção do “sexo” dentro das estratégias de saber-poder. Tal fundamentação é central na sua argumentação de porque o modelo do monismo sexual conseguiu prevalecer por um período tão longo em nossa história. O primeiro motivo seria de que as diferenças de gênero não implicariam necessariamente uma

diferença em termos de sexo (anatomicamente falando) e o segundo seria de um caráter genealógico das relações saber-poder.

The second explanation for the longevity of the one-sex model links sex to power. In a public world that was overwhelmingly male, the one-sex model displayed what was already massively evident in culture more generally: *man* is the measure of all things, and woman does not exist as an ontologically distinct category. Not all males are masculine, potent, honorable, or hold power, and some women exceed some men in these categories. But the standard of the human body and its representations is the male body (LAQUEUR, 1992, p. 62).

O autor dá assim um giro na questão do gênero, ainda que não trabalhe com o conceito de performance, em um ponto que será o ponto cego das teorias da performatividade quando elas esbarram na materialidade corporal. Há uma linha bastante tênue que separa Laqueur das armadilhas do construtivismo e essa linha tem a ver com uma composição “estética” do sexo a partir de sua materialidade. O que o autor realiza nessa afirmação é um desacoplamento dos significantes “sexo” e “gênero” que deslizam na trama histórica a partir das relações de poder, seja nos modelos do monismo ou da diferença sexual. Ainda mais do que isso, o autor evidencia não um corpo moldado a partir dos discursos, mas sim um duplo agenciamento corpo-política, anatomia-discurso moral, no qual o sexo ganha forma *apesar* do gênero.

The context for the articulation of two incommensurable sexes was, however, neither a theory of knowledge nor advances in scientific knowledge. The context was politics. There were endless new struggles for power and position in the enormously enlarged public sphere of the eighteenth and particularly the postrevolutionary nineteenth centuries: between and among men and women; between and among feminists and antifeminists. When, for many reasons, a preexisting transcendental order or time-immemorial custom became a less and a less plausible justification for social relations, the battleground of gender roles shifted to nature, to biological sex. Distinct sexual anatomy was adduced to support or deny all manner of claims in a variety of specific social, economic, political, cultural, or erotic contexts (LAQUEUR, 1992, p. 152).

Esse pensamento insiste em quatro pontos, segundo Laqueur: anatomia, funções biológicas, condutas e sensações/prazeres. Quando falo do aspecto estético que o modelo da diferença sexual assume em Laqueur, quero pontuar, com

isso, essencialmente sua discussão sobre os anatomistas do século XVIII, apresentados pelo autor, no seu esmero em representar através de imagens dos aparelhos genitais a perfeição e a diferença das formas masculinas e femininas, o que leva ao autor falar de uma “*aesthetics of sexual difference*” (LAQUEUR, 1992, p. 163). Ora, por que não pensar aqui na relação entre tecnologia e estetização? Como o fazer do sexo um objeto de conhecimento plausível para os nossos anatomistas do século XVIII não foi também um trabalho estético, de performar o corpo cientificamente através dos instrumentos de representação visual como o desenho e a pintura? “*An anatomist was thus engaged in the same deeply serious task as a painter: to render the human form, and nature generally, in accord with the canons of art*” (LAQUEUR, 1992, p. 167).

Do domínio da anatomia ao das funções biológicas, essa perfeição da forma transparece nos debates acerca da fecundação, um ponto incógnito até o século XVII, sobre quais seriam o mistério da fertilização e os papéis do esperma (posteriormente, descobre-se que o esperma vem carregado de milhares de pequenos corpos que concorrem entre si) e do óvulo nesse processo. Quando se descobre que o líquido vaginal não é uma versão mais diluída do esperma e que óvulo e esperma eram produtos de diferentes sexos em sua fisiologia, uma transposição de analogias do sexo a outros universos, como os da botânica, é realizada. O modelo do sexo se torna um modelo lógico de compreensão e representação. O sistema sexual passa a dizer inclusive da botânica, o que faz da taxinomia de Lineu um ponto de observação para Laqueur (1992, p. 173): “*Plant sex was so extremely gendered at its core that in his own day Linneaus’ taxonomy seemed quite indecent*”. Essa observação de Laqueur é de veras interessante, pois nela está como a lógica do sexo se transplanta da genitália e assume uma forma onde supostamente não está, numa *pregnância sexual* das coisas⁴. Um sexo *wireless*, como diria Beatriz Preciado. Por sexo *wireless*, a autora entende um sexo que se descola do aparelho genital masculino e feminino e se apresenta como química, semiótica e tecnologia, combinando o humano com o artificial, o animal:

⁴ Essa *pregnância sexual*, de uma lógica do sexo nas coisas, aparecerá ainda em Bourdieu quando fala de um *habitus* sexuado e descreve a casa cabília em *A dominação masculina*, como espaço sexuado na sua divisão de tarefas: “A divisão entre os sexos parece estar “na ordem das coisas”, como se diz por vezes para falar do que é normal, natural, a ponto de ser inevitável: ela está presente, ao mesmo tempo, em estado objetivado nas coisas (na casa, por exemplo, cujas partes são todas “sexuadas”), em todo o mundo social e, em estado incorporado, nos corpos e nos *habitus* dos agentes, funcionando como sistemas de esquemas de percepção, de pensamento e de ação” (BOURDIEU, p. 17, 2002).

Nuestros modelos de género, no solo como plataformas tecno-vivas, se producen en la encrucijada entre lo humano y animal. Más aún, humano y animal son ficciones somáticas, productos tecnobioculturales de estas prácticas de materialización discursivas, que al mismo tiempo los unen y los separan (PRECIADO, 2008, p. 118).

No universo das condutas, esse sexo como significante flutuante faz com que a diferença sexual seja a polarização anatômica da ordem do mundo. Isso desencadeia sobretudo no corpo da mulher que passa a ser alvo massivo de intervenções nos séculos XVIII e XIX. Estamos falando da época da histeria que já na sua etimologia carrega o útero como causa. A retirada forçada de ovários saudáveis em massa nas mulheres desse período é assinalada por Laqueur como ponto em que a lógica do sexo que se fundamenta em uma moral faz do corpo o ponto de intervenção. A causa do mal está no corpo, ainda que nada nesse corpo demonstre está funcionando mal. O sexo *wireless* se descola mais uma vez e rebate-se, novamente, sobre esse corpo na forma de violência e/ou concretização de relações de poder, para as quais a invenção da diferença sexual faz-se de eixo orientador.

The important point, however, is not simply that they were driven by a particular vision of woman to regard the ovary as the source of illnesses whose origins lay more in culture than in the body, but rather that they subscribed to an epistemology that regarded anatomy as the foundation for a stable world of two incommensurable sexes. Ovaries were removed not because they made women what they were, nor even just because of physicians' anti-feminism, but because some doctors took literally the synecdoches they had invented (LAQUEUR, 1992, p. 181).

O último ponto, e talvez o mais controverso, principalmente por conta de Freud que vem a operar um giro estratégico no modelo dos dois sexos, aborda o campo dos prazeres e a experiência do orgasmo, tendo aqui o sexo feminino no centro do debate. Para os fisiologistas do século XVIII e XIX, restava como pergunta qual a função do orgasmo para a fecundação, na medida em que se acreditava que somente quando havia o orgasmo feminino haveria a fertilização. Ou seja, a fertilização estava conectada com o prazer feminino no ato sexual. Ora, Laqueur defende que essa equação não estava muito de acordo com as filosofias políticas da Ilustração, principalmente nas teorias do contrato social, nas quais a mulher

aparecia como célula reprodutora da sociedade, lugar de uma nova economia moral e sensual, na qual a mulher não estaria entregue à paixão, à lascividade, sendo o corpo feminino o eixo de uma pureza civilizadora. Isso rebate adicionalmente em todo um discurso acerca da esterilidade das prostitutas, pois essas, ao contrário da mulher virtuosa, deixariam-se penetrar por vários, receber o esperma de muitos, mas não por finalidade reprodutiva, e sim por dinheiro (LAQUEUR, 1992, p. 230).

Talvez seja esse o ponto mais feminista da análise histórica de Laqueur e também *queer* no seu olhar sobre o corpo. Não porque a partir dele passamos a ver pobres mulheres das quais foram extirpadas, por preconceito moral e científico, uma agência de seu prazer sexual, mas porque se desvenda como o orgasmo entra na trama da diferença sexual como um significado em excesso, algo que deve ser purificado nessa nova trama. O que havia antes do século XVIII era um discurso híbrido (entendido aqui no sentido de Bruno Latour (1993) quando fala de hibridização e purificação), o corpo anatômico e suas sensações, seus prazeres. O ganha forma com o pensamento e a filosofia moral e política da Ilustração é um trabalho de purificação do corpo em sua descrição neutra e funcional e os prazeres como objeto de discurso moral. Laqueur (1992, p. 181) descreve o experimento fracassado de Mabel Loomis Todd, em 1879, que tentou provar não ficar grávida se deixasse inseminar por seu marido, apenas depois de já ter sentido o orgasmo e estar completamente fria e relaxada, para provar que há apenas fecundação no orgasmo. Na argumentação de Laqueur, o fracasso de seu experimento já anuncia que estamos numa outra época. O simples fato de por essa teoria à prova já diz que não haveria mais tanta crença nesse híbrido corpo/prazer, e que uma fisiologia científica só seria possível na purificação do corpo genital, a descrição das funções de procriação não se orientaria de forma alguma pelo prazer que os indivíduos sentem durante o ato sexual:

The power of the anatomical-pathological model, as it emerged from Paris hospitals in the late eighteenth century, lay in its capacity to strip away individual differences, affective and material, so as to perceive the essence of health or disease in organ tissues. The autopsy, not the interview, was the moment of truth; corpses and isolated organs could not speak of pleasures (LAQUEUR, 1992, p. 188).

Essa dissociação corpo/prazer leva a classificação de todo prazer sexual que não tem como finalidade a reprodução a ser classificado como perverso. Dentro desse contexto, como vai examinar Foucault (1999), emerge, ao mesmo tempo, a histerização do corpo da mulher e a classificação psicopatológica das perversões. O trabalho de Foucault será discutido mais adiante. Ficarei agora com Laqueur, na parada final de sua análise que se baseia no giro operado por Freud quanto ao tema do corpo e do gênero. Freud é para Laqueur um herdeiro da tradição iluminista e sua teoria nasce no seio dos debates sobre a diferença sexual. Com Freud, fica explícito que não é o progresso científico que leva à superação do monismo sexual, mas uma trama de discursos morais, políticos, emaranhados de experimentos científicos que se conectam de uma forma descontínua e se acoplam a partir de posições estratégicas. A Psicanálise é uma reativação da forma do monismo sexual dentro do paradigma da diferença, segundo Laqueur (1992), pois afirma a libido como a energia sexual e a primazia do falo na organização da sexualidade, na clássica conceituação acerca da “inveja do pênis” feminina. Lembre-se de que a Psicanálise surge como uma prática do tratamento da histeria que invoca o sexual como causa e uma terapia que deixa de intervir no corpo como nos tratamentos clássicos com choques, banhos frios, oblação dos ovários, para citar alguns métodos de tratamento aplicados, e inicia um processo terapêutico de falar sobre “o desejo”. Essa fala sobre o desejo recupera o hibridismo corpo/prazer do monismo sexual, fazendo o gênero deslizar sobre os significantes corporais. Por outro lado, Laqueur (1992, p. 240) argumenta que Freud sabia da posição em que estava em uma época na qual o modelo dos dois sexos (*two-sex model*) constitui o problema para o qual sua prática teria que dar uma resposta. O dilema científico de Freud será achar um lugar para a sexualidade feminina dentro do modelo dos dois sexos, apesar de um monismo fálico que subjaz à Psicanálise. De acordo com Laqueur (1992, p. 233), a solução do problema vem em 1905 quando Freud lança a teoria do orgasmo vaginal e do desenvolvimento da sexualidade feminina que passa do orgasmo clitoriano (que ainda faz ressonar a ideia de um rudimento de pênis e insuficiente para a definição de uma sexualidade feminina completa e convincente) ao orgasmo vaginal, o qual será a fase final do desenvolvimento da sexualidade feminina. O destino assim da maturidade sexual feminina é encontrar o orgasmo vaginal. Tal tese, Freud foi repetindo até fases mais avançadas de seu trabalho, por exemplo, no texto *Über die weibliche Sexualität* (1931):

Der Mann hat doch nur eine leitende Geschlechtszone, ein Geschlechtsorgan, während das Weib deren zwei besitzt: die eigentlich weibliche Vagina und die dem männlichen Glied analoge Klitoris. Wir halten uns für berechtigt anzunehmen, daß die Vagina durch lange Jahre so gut wie nicht vorhanden ist, vielleicht erst zur Zeit der Pubertät Empfindungen liefert. In letzter Zeit mehren sich allerdings die Stimmen der Beobachter, die vaginale Regungen auch in diese frühen Jahre verlegen. Das Wesentliche, was also an Genitalität in der Kindheit vorgeht, muß sich beim Weibe an der Klitoris abspielen. Das Geschlechtsleben des Weibes zerfällt regelmäßig in zwei Phasen, von denen die erste männlichen Charakter hat; erst die zweite ist die spezifisch weibliche. In der weiblichen Entwicklung gibt es so einen Prozeß der Überführung der einen Phase in die andere, dem beim Manne nichts analog ist (FREUD, 1931, p. 278).

Uma tecnologia do sexo incide aqui sobre o corpo da mulher. Primeiramente, Freud recupera o monismo ao associar o clitóris com o pênis, porém o prazer clitoriano está relacionado com uma sexualidade infantil (seria por conta do tamanho do mesmo em relação ao pênis?). Há aqui um jogo não somente anatomo-fisiológico, tal quer Laqueur, mas poderíamos ler hoje como visual, semiótico e por que não performativo. Por outro, a descoberta do prazer vaginal tem a ver com a maturidade da sexualidade feminina, o que leva Laqueur (1992, p. 242) a afirmar: *“For a woman to make the switch from clitoris to vagina is to accept the feminine social role that only she can fill”*. Desse modo, Freud resolve o problema da diferença sexual. Essa mudança do clitoriano para o vaginal (apesar de Laqueur ressaltar que na época de Freud não havia evidências anatômicas e fisiológicas para isso, pois o orgasmo clitoriano, do ponto de vista fisiológico, será o mais fácil de atingir pelo fato de o clitóris apresentar maior irrigação nervosa) casará muito bem com o projeto civilizatório e o destino reprodutivo da mulher. Uma tecnologia do sexo com modulações do gênero:

In the end, the cultural myth of vaginal orgasm is told in the language of science. And thus, not thanks to but in spite of neurology, a girl becomes the Viennese bourgeois ideal of woman (...) Two sexes are not the necessary, natural consequence of corporeal difference. Nor, for that matter, is one sex (LAQUEUR, 1992, p. 243).

Com essa conclusão, Laqueur entra nesta tese como um dos autores chaves na genealogia de uma epistemologia do gênero que trabalha na *desontologização* dos sujeitos da diferença sexual, salientando suas arbitrariedades constitutivas. Uma

outra perspectiva histórica que se articula com os trabalhos de Laqueur e Foucault, mas em um outro movimento, será elaborada por Joan Scott (1999), ao repensar o gênero na condição de categoria para a análise histórica: a atuação dos sujeitos históricos como sujeitos de gênero. Scott, da mesma forma que Laqueur, realiza uma conceituação histórica do gênero desnaturalizando a condição política da diferença sexual.

We need a refusal of the fixed and permanent quality of the binary opposition, a genuine historicization and deconstruction of the terms of sexual difference. We must become more self-conscious about distinguishing between our analytic vocabulary and the material we want analyze. We must find ways (however imperfect) continually to subject our categories to criticism, our analyses to self-criticism. If we employ Jacques Derrida's definition of deconstruction, this criticism means analyzing in context the way any binary opposition operates, reversing and displacing its hierarchical construction, rather than accepting it as real or self-evident or in the nature of things (SCOTT, 1999, p. 40-41).

O trabalho de Scott (1999⁵) foi pioneiro em discutir a categoria “gênero” como importante para a análise histórica, e não como uma subcategoria que poderia ser deduzida de outras como classe, raça ou etnia. A historiadora feminista define a categoria de gênero segundo duas proposições. Primeiro, gênero é um elemento constitutivo das relações sociais a partir da percepção das diferenças entre os sexos. Ou seja, a diferença entre os sexos é significada e trabalhada nas relações sociais. Segundo, gênero é um primeiro modo de significar as relações de poder. Dentro da primeira proposição, a autora evoca quatro elementos que articulam o gênero com as relações sociais. O primeiro elemento seria o conjunto das representações sociais, envolvendo gênero, como mitos, tradições populares etc. O segundo elemento diria respeito aos conceitos, às normas e aos preceitos morais que regulam os gêneros dentro do espaço social (normas religiosas, formas políticas de controle, conceitos científicos, por exemplo). Para a autora, em um determinado momento histórico, por mais que uma norma se torne hegemônica, ela está em competição com outras, formando um campo de batalha. A posição dominante, em uma sociedade, é apenas uma entre outras possíveis. O espaço social é marcado

⁵ *Gender and politics of history* foi publicado originalmente em 1989, tendo recebido, no mesmo ano, o Joan Kelly Prize of the American Historical Association. Neste texto, tomo a edição revisada pela autora em 1999.

pelo conflito e pela multiplicidade de opiniões e posições interessadas em se estabelecer.

O terceiro elemento pontua a necessidade de intercalar a análise das relações de gênero com a análise das diferentes instituições sociais. A autora, ainda, argumenta que gênero não seria uma categoria transcendental, pois as ideias acerca de masculino e feminino são produtos das relações sociais em um determinado momento histórico. Para se compreender as construções de gênero, faz-se necessário um trabalho de investigação das instituições sociais. Todavia, Scott lança críticas a algumas teorias da antropologia, por restringirem a análise das relações de gênero ao modelo do parentesco, e derivarem desse aspecto as demais instituições sociais. O modelo do parentesco não serve para explicar as relações de gênero nas sociedades modernas, pois o gênero é também construído no campo da economia, da educação, da política etc⁶.

O último elemento se dirige ao aspecto subjetivo do gênero. O gênero é também um processo de identificação e de diferenciação individual. A Psicanálise, segundo a autora, trouxe uma grande contribuição, nesse aspecto, ao colocar no cerne do processo de individuação, o tema da diferença sexual. O conceito de “complexo de Édipo”, em Freud, trata justamente disso. É através da castração que o sujeito encontra seu lugar dentro da cena edipiana e tem sua posição subjetiva marcada. Apesar disso, ao universalizar o complexo de Édipo, tanto Freud quanto Lacan não deixam saídas para a investigação histórica. As identidades de gênero não podem ser universalizadas a partir da abstração do temor da castração nem muito menos residir na base anatômica da diferença sexual.

A crítica de Scott se articula com Laqueur, pois ambos reconhecem as limitações no modelo da diferença sexual na Psicanálise, seja pela insistência de uma primazia do falo, seja pela universalização e generalização da diferença sexual para além da história. Como discuti anteriormente, Laqueur data a descoberta de Freud no período da emergência da diferença sexual no modelo dos dois sexos (*two-sex model*), quando tanto o monismo quanto o modelo dos dois sexos não são

⁶ “We need a broader view that includes not only kinship but also (especially for complex modern societies) the labor market (a sex-segregated labor market is part of the process of gender construction), education (all-male, single-sex, or coeducational institutions are part of the same process), and the polity (universal male suffrage is part of the process of gender construction). It makes little sense to force these institutions back to functional utility in the kinship system, or to argue that contemporary relations between men and women are artifacts of older kinship systems based on the exchange of women” (SCOTT, 1999, p. 43).

universais atemporais, mas conceitos históricos nas tramas de saber-poder que acoplam o sexo ao gênero. De fato, os quatro elementos destacados pela autora não funcionariam todos da mesma forma ao mesmo tempo, mas, na análise das relações de gênero, eles devem servir como orientadores.

A segunda proposição afirma o gênero como um dos primeiros modos de significar as relações de poder. A autora fundamenta sua tese nas pesquisas históricas e antropológicas, como, por exemplo, no trabalho de Bourdieu (2002) sobre a sociedade cabília, na qual a divisão das tarefas e os conceitos de tempo e espaço estavam associados às diferenças entre masculino e feminino e nas pesquisas de Gayatri Spivak sobre gênero e colonialismo nos textos de escritoras inglesas e norte-americanas.

Nessas genealogias do gênero em busca de sua dimensão tecnológica e de artifício, um ponto comum que pode ser assinalado em todos os autores trabalhados, até então, baseia-se em uma objetivação que descentra gênero e sexualidade da agência intencionada de sujeitos sociais históricos e introduzem um debate muito mais complexo acerca dessas categorias. Falar que o gênero e a diferença sexual são produtos da história não significa dizer que as tramas do gênero e da diferença se concentram na agência intencional de um sujeito ou um grupo. Uma das reclamações de Scott se pauta evidentemente nessa compreensão de processos sociais mais complexos e enredados. Seguindo seu raciocínio, pode-se avançar para uma demanda de uma outra perspectiva sobre agência, relações de poder e, mais do que isso, uma epistemologia em que o corpo e outras conexões dos atores sociais humanos ganhem espaço.

These kinds of analyses of gender roles and the politics of their production lent support to the enterprise of the human sciences as Michel Foucault critically described them: dedicated to denying the operations of the unconscious by producing man as rational subject and installing the “sovereignty of [his] consciousness”, those very qualities that had “unceasingly eluded him for ever over a hundred years” (Foucault 1972:14). These analyses, in other words, were an aspect of the ideological production of “man” as an entirely rational being and politics as *the activity of fully rational agents*. To insist that the “construction” of sexual difference *involves unconscious processes* is not, however, to say that is the only theory we can use (SCOTT, 1999, p. 205, grifos meus).

Passo a abordar os desenvolvimentos mais contemporâneos acerca da relação corpo, gênero e tecnologias com autores como Judith Butler, Donna Haraway e Bruno Latour. Um ponto comum nesses três autores em suas genealogias me permitiu marcá-los em um lugar singular, pois suas obras tiveram um amplo alcance nos mais diferentes campos: da teoria da literatura à filosofia política, da biologia à teoria *queer*, da sociologia da ciência à geografia. Contudo, antes de introduzir esses autores, retomo a obra de Foucault, já que, no trabalho genealógico do gênero, muitas das críticas e das apropriações da obra de Michel Foucault se resumiram aos seus últimos trabalhos ou, às vezes lamentavelmente, apenas às interpretações do primeiro volume de sua História da Sexualidade, sem situar essa obra e as categorias trabalhadas por Foucault além desse livro. Em Butler, Haraway e Latour, deixa-se perceber evidências de uma compreensão bem mais ampla da obra de Foucault que vai desde sua crítica a relação entre sexualidade e poder (BUTLER, 1990), o enredamento entre biopolítica, dispositivos de controle e registro das espécies (HARAWAY, 1997), e a crítica das ciências humanas na invenção da figura do homem e o antropocentrismo metodológico das ciências sociais (LATOURE, 1993, 2005).

Foucault mais além da História da Sexualidade: da arqueologia à genealogia do poder

Para melhor situar o lugar que a problematização da sexualidade encontrará na trajetória intelectual de Michel Foucault, faz-se necessário entender como o autor chegou a esse campo. Qual movimento dentro do pensamento de Michel Foucault o levou, a partir da década de 1970, a fazer uma genealogia das relações de poder na sociedade moderna ocidental? Foucault inicia sua trajetória intelectual em uma França marcada pelo estruturalismo de Lévi-Strauss no campo acadêmico e o marxismo na Filosofia e Prática Política. A relação entre historicidade e discurso, subjetividade e poder serão temas persistentes em toda a obra de Michel Foucault, uma obra marcada por vários deslocamentos. Foucault vê-se profundamente influenciado, entre outros autores, por Nietzsche (1998) e sua genealogia, e busca formular não discursos verdadeiros, mas entender em que condições de possibilidade certos discursos se estabelecem como discursos de verdade em detrimento de outros, qual seria, então, a política do verdadeiro?, de onde viria essa

“vontade de verdade” (para usar uma expressão de Nietzsche em sua *Genealogia da Moral*⁷) no Ocidente? É nesse percurso que Foucault delineou seus objetos, sendo reposicionado por eles, não porque tenha formulado um método geral que lhe permitiu fazer a análise da “loucura”, da “sexualidade” e da “prisão” apenas como objetos circunscritos aos quais se aplicaria tal método. Foucault opera como um artesão, seu pensamento é construído no encontro com os objetos, na dobradura da problematização que tira o sujeito de conhecimento de sua posição hegemônica. Dos seus ilustres comentadores, parece-me que Deleuze foi justamente aquele que soube captar esse movimento do pensamento de Foucault no livro que escreveu sobre Foucault:

O apelo ao lado de fora é um tema constante em Foucault, e significa que pensar não é o exercício inato de uma faculdade, mas deve suceder ao pensamento. Pensar não depende de uma bela interioridade a reunir o visível e o enunciável, mas se dá sobre a intrusão de um lado de fora que aprofunda o intervalo, e força, desmembra o interior. “Quando o lado de fora escava e atrai a interioridade...” É que o interior supõe um começo e um fim, uma origem e um destino capazes de fazer “tudo”. Mas, quando há apenas meios e entremeios, quando as palavras e as coisas abrem-se ao meio sem nunca coincidirem, é para liberar forças que vêm do lado de fora e que só existem em estado de agitação, de mistura e de recombinação, de mutação (DELEUZE, 2005a, p.94).

É assim com o tema da sexualidade, no qual Foucault antes de perguntar quais seriam os discursos verdadeiros ou falsos sobre o sexo se põe uma questão anterior, ao indagar, por que a experiência da sexualidade passa a constituir em um determinado momento histórico um objeto para uma determinada vontade de saber. Em *História da Loucura*, Foucault (2010) lança a tese de que a loucura é uma figura recente do saber ocidental. Tal tese não significaria, segundo interpretações mais ligeiras de Foucault, a não existência da loucura, dos fenômenos de desrazão, mas em que medida uma delimitação do campo desses fenômenos foi promovida por uma *episteme* da racionalidade, a qual passa a delimitar e excluir o que era

⁷ “Depois que a veracidade cristã tirou uma conclusão após outra, tira enfim sua *mais forte conclusão*, aquela contra si mesma; mas isso ocorre quando coloca a questão: “*que significa toda vontade de verdade?*”[...] E aqui toco outra vez em meu problema, em nosso problema, meus caros, desconhecidos amigos (- pois ainda não sei de nenhum amigo!): que sentido teria nosso ser, senão o de que em nós essa vontade de verdade toma consciência de si mesma *como problema?*... Nesta gradual consciência de si da vontade de verdade – disso não há dúvida – perecerá doravante a moral: esse grande espetáculo em cem atos reservados para os próximos dois séculos da Europa, o mais terrível, mais discutível e talvez mais auspicioso entre todos os espetáculos [...]” (NIETZSCHE, 1998, p. 148).

considerado como desrazão, mobilizando um discurso sobre a loucura no limiar da existência do sujeito moderno⁸. O sujeito louco mais do que representar uma realidade palpável em si (nesse sentido, a importância da apropriação desse livro de Foucault por todos aqueles que intentaram desconstruir uma naturalização do louco) fora antes efeito refratário de discursos sobre determinadas condições da existência humana que passa a ser significada em um território de saberes e práticas normativas (das práticas de enclausuramento até a emergência da psiquiatria e dos saberes *psi*). Na *História da Loucura*, Foucault (2010) se ocupa muito mais com o aspecto discursivo na sua relação com as instituições, uma arqueologia dos saberes, ou seja, escavar o solo epistemológico onde os discursos de verdade emergem seus princípios de funcionamento e suas regras de exclusão. Cabe ainda entender, em Foucault, que os saberes estão sempre sendo tensionados, os saberes são variáveis históricas, em certa medida, arbitrários, pois um saber se estabelece em relação a outros saberes possíveis por condições históricas variáveis⁹.

Tanto em *História da Loucura* (FOUCAULT, 2010), *O Nascimento da clínica* (FOUCAULT, 2008) e a sua magistral obra *As palavras e as coisas* (FOUCAULT, 2007), lida-se com o tema da arqueologia, da relação entre estratos discursivos, os quais são antes de tudo históricos, e um campo de práticas que está diretamente em relação com esses discursos, o não discursivo, as visibilidades, os corpos. Conceitos de “enunciado”, “enunciação”, “episteme”, “regime discursivo” marcam essa fase do pensamento de Foucault que vai até a publicação de “Vigiar e Punir” (FOUCAULT, 2004). No caso da loucura, afirmar que o louco é uma produção de uma determinada *episteme*, não significa dizer que as práticas discursivas são em todo caso práticas de coerção. É preciso entender saber e poder em Foucault nas suas respectivas positivities. O saber abre um espaço, é aditivo, positivo, pois cria

⁸ “O louco não é mais o *insensato* no espaço dividido do desatino clássico; ele é o *alienado* na forma moderna da doença. Nessa loucura, o homem não é mais considerado numa espécie de recuo absoluto em relação à verdade; ele é, aí, sua verdade e o contrário de sua verdade; é ele mesmo e outra coisa que não ele mesmo; é considerado na objetividade do verdadeiro, mas é verdadeira subjetividade; está mergulhado naquilo que é sua perdição, mas só entrega aquilo que quiser entregar; é inocente porque não é aquilo que é, e culpado por ser aquilo que não é” (FOUCAULT, 2010, p. 520-521).

⁹ Para entender a ontologia histórica de Foucault, a concepção de uma história sem tólos, da história como história dos acontecimentos e das lutas, e sua relação com Nietzsche, ver *Nietzsche, a genealogia e a história* (FOUCAULT, 1979, p. 28): “As forças que se encontram em jogo na história não obedecem nem a uma destinação, nem a uma mecânica, mas ao acaso da luta. Elas não se manifestam como formas sucessivas de uma intenção primordial; como também não tem o aspecto de um resultado. Elas aparecem na álea singular do acontecimento”.

antes de tudo, faz falar, torna enunciável aquilo que se propõe a regular. Antes de mascarar, o poder produz, incita verdades. Ao direcionar sua análise desse modo, Foucault se afasta da hipótese da ideologia, ideia de uma verdade que viria a mascarar o real. Alguns anos mais tarde, Foucault explica, em uma entrevista, a articulação entre saber, poder e liberdade, revisitando o exemplo da loucura, objeto da sua investigação arqueológica:

Meu primeiro problema foi: o que ocorreu, por exemplo, para que a loucura tenha sido problematizada a partir de um certo momento e após um certo número de processos, como uma doença decorrente de uma certa medicina? Como o sujeito louco foi situado nesse jogo de verdade definido por um saber ou modelo médico? E fazendo essa análise me dei conta de que, contrariamente ao que era um tanto habitual naquela época – por volta do início dos anos 60 -, não se podia certamente dar conta daquele fenômeno simplesmente falando de ideologia. Havia, de fato, práticas –basicamente essa grande prática da internação desenvolvida desde o início do século XVII e que foi a condição para a inserção do sujeito louco nesse tipo de jogo de verdade – que me remetiam ao problema das instituições de poder, muito mais do que ao problema da ideologia (FOUCAULT, 2006, p. 274).

Vigiar e punir opera um novo deslocamento no pensamento de Foucault. Deleuze (2005) nomeia Foucault, nesse livro, como um novo cartógrafo. O Foucault dos estratos discursivos, das visibilidades e das enunciabilidades refina seu método para dar conta de algo, que a princípio parece exterior aos saberes, algo que, em uma visão desconstruída por Foucault, se sobreporia aos saberes e os desviariam de seu intuito “original”, “verdadeiro”: o poder, ou melhor, as relações de poder. Primeira tese da genealogia de Foucault: as relações de saber estão intrincadas com as relações de poder. Saber e poder estão numa dinâmica social mais intrínseca: relações de saber são também relações de forças, formações discursivas são estratégias, disputas, ou seja, não há como pensar um saber “neutro”, isolado de relações de forças que são também relações de poder.

Vigiar e punir é uma genealogia das sociedades modernas definidas por Foucault como sociedades disciplinares. A emergência das sociedades disciplinares vem marcada com a noção moderna de soberania, da qual virá a se afastar. Foucault joga com dois modelos: o modelo da soberania e o modelo da disciplina. No modelo da soberania, que pauta boa parte da filosofia política moderna, observa-se o soberano como eixo central e vertical de onde emana o poder, a figura clássica

desse modelo seria o Leviatã de Hobbes, daquele que exerce um direito de gládio sobre seus súditos, ou seja, o poder do soberano se evidencia na sua capacidade de matar, de fazer morrer o corpo dos seus súditos. Foucault exemplifica isso logo no início de seu livro com o espetáculo do suplício, como o punir se afirmava em uma teatralização ritual da revanche do soberano sobre aqueles que ousaram a desafiar sua lei. Foucault (2004) capta o movimento histórico do desaparecimento desses suplícios a partir do século XVIII e a emergência de uma forma nova de punição, o nascimento da prisão e das formas de vigilância e castigo que deixam de ser formas de infligir dor e martírio no corpo dos condenados e passam ser antes formas de adestramento, vigilância, docilização e normalização dos corpos.

Foucault (2004) concentrou sua análise genealógica não somente nos discursos, mas também as práticas. Na sua análise, Foucault argumenta que o direito moderno seria da ordem da gestão das ilegalidades¹⁰ e uma nova economia do castigo estaria em conexão com instituições, regulamentos e práticas sobre os corpos dos indivíduos. Deste modo, Foucault fala de um poder que se exerce na materialidade dos corpos, moldando-os, docilizando-os, nada de uma teoria metafísica do poder, mas uma teoria da imanência concreta das relações do poder sobre os corpos:

O momento histórico das disciplinas é o momento em que nasce uma arte do corpo humano, que visa não unicamente o aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna mais obediente quanto é mais útil, e inversamente. Forma-se então uma política das coerções que são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos. O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe. Um anatomia política, que é também igualmente uma “mecânica do poder”, está nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina (FOUCAULT, 2004, p.119).

O lugar que o corpo encontra na genealogia de Foucault é fundamental para compreender a passagem da disciplina à biopolítica, bem como as apropriações e aproximações de Foucault com os estudos de gênero e trabalhos como os de Butler (1990), que retoma a genealogia de Foucault em *Gender Trouble*, Laqueur sobre a

¹⁰ EWALD, F. **Foucault, a norma e o direito**. Alpiarça: Vega, 2000.

história da produção da materialidade do sexo pelos saberes médicos e Haraway com a ideia de uma biopolítica do corpo pós-moderno e o modelo do *cyborg*. Em *Vigiar e punir*, o corpo é matéria de exercício do poder, e o nome que Foucault dá a estratégia disciplinar é “anátomo-política”. Esse termo deixa claro a concretude das relações de forças analisadas por Foucault, concretude essa que se faz na forma plena do Panóptico. Foucault encontra no modelo arquitetônico da torre de vigilância central que permite ver sem ser visto, modelo arquitetado por Bentham para as prisões no final do século XVIII, a materialização do conceito de poder disciplinar. Foucault fala de um panoptismo, da vigilância detalhada, do esquadramento, da distribuição dos corpos na linha de produção das fábricas, na prisão, nos hospitais.

A disciplina opera na organização serial do tempo e na distribuição esquadrihada no espaço, o que permite ao poder disciplinar funcionar em rede, horizontalização e verticalização, já que Foucault não fala de um desaparecimento da soberania, mas, paralelamente, coextensivamente a ela, funciona uma microfísica do poder, de relações capilares, de linhas de vigilância semelhantes que passam por instituições tão distintas e com objetos tão diferentes, como, por exemplo, a prisão e a fábrica ou a escola e o hospital. Os mecanismos disciplinares se afirmam produtores de subjetividades: o paciente, o operário, o preso etc. As práticas disciplinares são práticas de regulação, cada indivíduo é uma célula dentro dessa microfísica do poder, um ponto no qual se cruzam forças, efeitos das relações de poder:

[...] dispositivo importante, pois automatiza e desindividualiza o poder. Este tem seu princípio não tanto numa pessoa quanto numa certa distribuição concertada dos corpos, das superfícies, das luzes, dos olhares; numa aparelhagem cujos mecanismos internos produzem a relação na qual se encontram os indivíduos (FOUCAULT, 2004, p. 167).

Foucault se torna, então, relevante para sociologia, não somente por fazer uma genealogia das relações de poder, mas por desenhar também elementos para uma sociologia da prática, dos jogos estratégicos, da historicidade dos discursos e da desnaturalização das representações sociais, além de trabalhar com uma ideia de um sujeito descentrado, intercalado, produzido por práticas de saber e poder; subjetividade e objetividade em Foucault estão postas como dobraduras. Do sujeito que internaliza a disciplina, através do exame de consciência, gera-se interioridade,

interioridade que vai ser explorada, normatizada por saberes como a psicologia ou a psiquiatria, mas, ao mesmo tempo, interioridade que se afirma como lugar da diferença, do que faz de cada indivíduo algo imprevisível e singular, intangível até para o próprio sujeito (por exemplo, na Psicanálise com a ideia de inconsciente).

A genealogia do poder abarca o domínio da subjetividade, da população e também da governamentalidade. Após *Vigiar e Punir*, Foucault publica o primeiro volume de sua inacabada história da sexualidade, *A vontade de saber*, no qual lança a tese de que a sexualidade é produto dos dispositivos históricos de saber e poder nas sociedades ocidentais. Para Foucault (1999), somente na modernidade, pode-se falar de sujeitos sexualizados, quando saberes e práticas passam a se ocupar dessa esfera da vida íntima que dá lugar à experiência sexual. Foucault não trabalha com a categoria de gênero, mas sua obra vai influenciar, principalmente, as feministas norte-americanas das décadas de 1980 e 1990.

Em um primeiro momento, Foucault estava conectado com os debates acerca da liberação sexual, tema em voga na década de 1960, quando as primeiras gerações do pós-guerra passaram a questionar os pilares da civilização ocidental até então vigentes. O tema das minorias sexuais emerge, nesse contexto, com o movimento gay e lésbico. Foucault, contudo, desloca seu olhar para um momento anterior. Antes de reivindicar o direito a vivenciar essa sexualidade, como o homem ocidental foi levado a conceber-se como um sujeito de sexualidade? De que forma essa sexualidade ganhou um espaço de preocupação social tão vasto nas sociedades ocidentais? Haveria uma descoberta da importância da sexualidade para constituição da individualidade por saberes, como, por exemplo, a Psicanálise ou seria a sexualidade uma forma de ficção que criamos para nós mesmos? Ao lançar essas indagações, Foucault esboça uma das análises mais férteis sobre os dispositivos de poder no Ocidente.

Em *A vontade de saber* (FOUCAULT, 1999), primeiro volume de História da Sexualidade, surge o dispositivo de sexualidade, no qual o sexo opera como elemento imaginário que funde a verdade sobre si mesmo no eixo da sexualidade. Quando o homem passa a falar sobre seu próprio sexo, objetivá-lo, cientificizá-lo e a ver nele o negativo da sua subjetividade, emerge não somente seu corpo em uma rede de práticas que englobam da pedagogia à psicanálise, mas também dobra

sobre si mesmo a vida fisiológica e a vida política¹¹. As preocupações com a fertilidade, com a degeneração da espécie, com o vício da masturbação e com a histeria feminina, no século XIX, apelam para algo mais do que uma preocupação com a saúde, mas uma preocupação política com a vida dos cidadãos.

Sendo assim, a modernidade inventou a sexualidade como experiência a ser revelada, discursada; objeto dos saberes e poderes sobre os corpos dos indivíduos e sobre a regulação das populações. A sexualidade, vivenciada no âmbito íntimo da vida privada, é uma produção moderna, e a sua entrada na cena pública não seria o “outro” de uma sexualidade que sempre esteve lá, marcada no corpo e na alma, esperando ser revelada, confessada; mas, uma extensão do dispositivo que duplica a vida privada na esfera pública.

Foucault traça uma genealogia da emergência da sexualidade enquanto experiência na qual o sujeito vai encontrar a verdade de si mesmo. A pergunta de Foucault é “por que em um determinado momento da nossa história a verdade de si passa pelo conhecimento do próprio sexo?” A constituição da interioridade na modernidade se dá pelas técnicas de autoexame e conhecimento de si, as quais se encontram em diferentes períodos. Tal fato Foucault investigará nos volumes posteriores de História da sexualidade, mas a novidade é o agrupamento, a captura dessas técnicas para a consolidação de saberes e práticas normativas da subjetividade. O exame de consciência retoma a tradição cristã da confissão e um certa disciplina ascética inaugurada com o cristianismo.

O que esses saberes põem a circular é uma certa mitologia de uma “coerência sexual”: a sexualidade como tendo uma gênese e um desenvolvimento. Desde então, surge a necessidade, de falar sobre a sexualidade, de documentá-la, de afirmá-la, mesmo quando se está a repreendê-la. Esse é o jogo do dispositivo de sexualidade para Foucault: incitar para controlar. O foco da preocupação cairá justamente naquelas práticas e experiências que não se deixam domar tão facilmente, as fusões, as misturas, as ambivalências e as polivalências: homossexuais, hermafroditas, perversos, sádicos, masoquistas, onanistas, fetichistas, etc.

¹¹ “O homem ocidental aprende pouco a pouco o que é ser uma espécie viva num mundo vivo, ter um corpo, condições de existência, probabilidade de vida, saúde individual e coletiva, forças que se podem modificar, e um espaço em que se pode reparti-las de modo ótimo. Pela primeira vez na história, sem dúvida o biológico reflete-se no político; o fato de viver não é mais sustentáculo inacessível que só emerge de tempos em tempos, no caso da morte e de sua fatalidade: cai, em parte, no campo de controle do saber e de intervenção de poder” (FOUCAULT, 1999, p. 34).

Nos volumes posteriores de *História da sexualidade* (II *O uso dos prazeres* e III *O cuidado de si*), Foucault retrocede historicamente em função de uma nova questão e muda a agenda que tinha programado para a história da sexualidade, iniciando uma fase de investigação sobre a ética e as formas de subjetivação. Tal fato fez com que alguns comentadores falem de um terceiro Foucault, que seria o Foucault da ética e do sujeito. Parece que a análise das sociedades modernas e dos seus dispositivos normalizadores não teriam deixado saída para Foucault formular de que modo, mesmo sendo efeitos das relações de poder, pode-se pensar uma resistência. Deleuze (2005) será um dos comentadores, juntamente com Veyne (2009), dessa fase de Foucault que se afastará da noção de ruptura e repartição em três “Foucaults”. No texto “O que é um dispositivo?”, Deleuze (1996) argumenta ser preciso entender as obras de Foucault a partir da noção de dispositivo, um conceito que aparece em Foucault já no final de *Vigiar e Punir* e que se torna melhor elaborado em *História da sexualidade*. O próprio Foucault em uma entrevista define o dispositivo:

Através deste termo tento demarcar, em primeiro lugar, um conjunto decididamente heterogêneo que engloba, discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos (FOUCAULT, 1979, p. 244).

Se presta-se atenção a essa noção de dispositivo dada pelo próprio Foucault, pode-se reconhecer nela os diferentes momentos da obra de Foucault desde a arqueologia até a genealogia do poder. Se, na arqueologia, o foco estaria nos estratos discursivos, nas formações de saber; na genealogia, as instituições, os regimentos, as práticas discursivas e não discursivas se sobressaem e, como um contra-efeito, os temas da ética e da subjetivação aparecem. Deleuze (1996) define pelo menos quatro conjuntos de linhas que atravessam a obra de Foucault: linhas de enunciação (os saberes, os regimes discursivos científicos e não científicos, o dito); linhas de visibilidade (as máquinas de fazer ver que aparecem em vários momentos da obra de Foucault, como na descrição do quadro de Velásquez “As Meninas” em *As palavras e as coisas*, a descrição do grande hospital em *História da loucura*, o panóptico de Bentham em *Vigiar e Punir*); as linhas de subjetivação (das relações de

si consigo, as análises sobre os gregos em *O uso dos prazeres* e *O cuidado de si*, a ética e a estética da existência) e, por fim, as linhas de fuga que são justamente no cerne dos dispositivos e das práticas de regulação o germe do que estamos deixando de ser, do devir-outro, do acontecimento, quando no indivíduo a norma se dobra em subjetivação produzindo diferença.

Assim, todo o dispositivo se define pelo que detém em novidade e criatividade, e que ao mesmo tempo marca a sua capacidade de se transformar, ou de desde logo se fender em proveito de um dispositivo futuro, a menos que se dê um enfraquecimento da força nas linhas mais duras, mais rígidas, ou sólidas. E, na medida em que se livrem das dimensões do saber e do poder, as linhas de subjetivação parecem ser particularmente capazes de traçar caminhos de criação, que não cessam de fracassar, mas que também, na mesma medida, são retomados, modificados, até à ruptura do antigo dispositivo (DELEUZE, 1996, p. 94).

A teoria de Foucault não se resume dessa forma, para mim, apenas às proposições do autor acerca da sexualidade, o que é, muitas vezes, levado em conta dentro dos estudos de gênero pelos que se ocupam da obra de Foucault, o que acaba conduzindo a críticas não muito densas de sua proposição. Por isso, tentei aqui fazer um apanhado geral para entender o legado de Foucault para a teoria social e o lugar ocupado pela sexualidade em um momento de sua obra, embora perceba-se, possivelmente, algumas limitações e fazemos críticas a algumas de suas proposições acerca da sexualidade. O que me interessa em Foucault na concepção de sexualidade é a relação com as formas de subjetivação, como no eixo da sexualidade, eixo de práticas normativas e de produção da materialidade do sexo, pode-se conceber a agência do sujeito, em uma perspectiva de teoria social, como bem aponta Paul Veyne (2009), semelhante à sociologia de Pierre Bourdieu:

A subjetivação segundo Foucault ocupa a mesma localização na sociedade que, em Bourdieu, a noção de *habitus* – esse par de conversão entre o social e o individual -; ou que a noção sociológica de papel, sobre a qual é necessário determo-nos. Por volta de 1940, Linton ou Merton descreveram, com a designação “papéis”, um conjunto de posições na sociedade, tendo cada uma um estatuto, direitos, deveres, posições essas que vão incessantemente ser ocupadas por indivíduos que se revezam. A utilidade sociológica desta idéia é inegável, mas é sintomático que esses sociólogos tenham recorrido ao termo “papel”, o que outros lhe censuraram,

porque parece supor que o indivíduo fica à distância da sua posição e não faz mais do que prestar-se a uma comedia social com a qual não se identifica. Mas o termo é revelador da nossa tendência para separar o sujeito, o *eu*, do seu conteúdo para fazer dele uma forma vazia, pronta a ser erguida em dobre transcendental do sujeito empírico. Da subjetivação, essa espécie de socialização, é preciso distinguir, na minha opinião, um processo diferente a que Foucault chamava de “estetização” entendendo por isso, já não a constituição do sujeito nem qualquer estetismo de *dandy*, mas a iniciativa de uma “transformação de si por si próprio” (VEYNE, 2009, p. 110).

Influenciadas por uma genealogia nos moldes foucaultianos, a partir do final dos anos 1980, autoras, como Butler, Haraway e, um pouco depois, Preciado, buscaram demonstrar que tanto “sexo” como “gênero” são discursivamente trabalhados. O corpo emerge na cultura não como uma folha em branco, mas é, desde já, circunscrito no regime simbólico. As alianças teóricas foram múltiplas, mas houve uma influência marcante das correntes pós-estruturalistas, inspiradas nos trabalhos de Derrida (e seus conceitos de “diferença” e “desconstrução”), entre outros¹². Mas é, com Butler (1990), que se instala o giro performático nos estudos de gênero e na teoria *queer*, que se percebe uma perspectiva genealógica de cunho nitidamente foucaultiano e nietzschiano:

To expose the foundational categories of sex, gender and desire as effect of a specific formation of power requires a form of critical inquiry that Foucault, reformulating Nietzsche, designates as “genealogy”. A genealogical critique refuses to search for the origins of gender, the inner truth of female desire, a genuine or authentic sexual identity that repression has kept from view; rather, genealogy investigates the political stakes in designating as an *origin* and *cause* those identity categories that are in fact the *effects* of institutions, practices, discourses with multiple and diffuse points of origin. The task of this inquiry is to center on – and decenter – such defining institutions: phallogocentrism and compulsory heterosexuality (BUTLER, 1990, p. xxxi).

Performando gêneros: Butler e a teoria *queer*

Butler (1990), influenciada pelas correntes pós-estruturalistas e pela Psicanálise, opera uma releitura crítica das correntes feministas. Esse livro inaugura

¹² “As posturas das autoras que discutem atualmente o conceito de gênero, muitas das quais estão imersas no que se convencionou chamar de pós-modernismo, são extremamente variadas. Elas oscilam entre realizar uma crítica a várias ideias associadas à distinção sexo/gênero, procurando saídas sem abandonar, porém, princípios associados à noção de gênero, ou, ao contrário, desistir dele, pensando-o como par inseparável numa distinção binária” (PISCITELLI, 1997, p. 50).

uma nova posição nos estudos sobre gênero e sexualidade, ao questionar alguns pilares, como a necessidade de um sujeito autônomo para pensar uma política do feminismo e a afirmação do caráter arbitrário do gênero. Compartilhando em vários pontos com as análises de Foucault, principalmente no tocante à produção de sujeitos de uma sexualidade como efeito de um dispositivo saber-poder que cola a subjetividade à definição da experiência sexual, a autora rompe com a ideia tradicional do gênero identitário e apresenta sua posição de definir o gênero com o conceito de performatividade.

Segundo o raciocínio de Butler (1990), as roupagens de gênero não são assumidas pelos sujeitos de forma espontânea. Um conjunto de normas e práticas sociais leva os sujeitos a incorporarem e se individualizarem dentro da divisão social dos gêneros. Essa divisão social constitui um campo de relações de poder, onde os sujeitos são constrangidos a reproduzir a gramática dos papéis sexuais que encontram na sociedade. Porém, a performance implica também a singularidade do sujeito no ato de incorporação, manifestação e expressão, fazendo com que aqueles sujeitos que se afastam das normas hegemônicas de gênero e sexualidade em uma dada sociedade sejam marginalizados¹³.

Em *Gender trouble*, Butler (1990) exemplifica esse tipo de performance com o *drag*. A *drag queen* incorpora as normas de gênero do que é uma mulher, e as reitera em sua performance, mas não é uma mera reprodução do ser mulher. A *drag* exagera em sua performance e deixa de ser uma cópia da mulher, afirmando sua diferença ao mesmo tempo em que está em busca da semelhança, pelo exagero de poses, trejeitos, voz e vestimentas. Homem-mulher, macho-fêmea, ativo-passivo são produções discursivas e também disposições corporais em movimento, dentro de uma lógica binária, a qual cria a ilusão de coerência entre o sexo anatômico, a identidade de gênero e o que a autora chama de performance de gênero. Sobre o tema da sexualidade, a autora se contrapõe a uma determinação prévia da sexualidade, questionando uma “heterossexualidade compulsória” que operaria divisões normativas entre sexualidades normais e outras formas de sexualidade

¹³ “Decir que el género es performativo significa decir que posee una determinada expresión y manifestación; y la “apariencia” del género a menudo se confunde con su verdad interna o inherente. El género está condicionado por normas obligatorias que lo hacen definirse en un sentido u mutro (generalmente dentro de un marco binario) y por tanto la reproducción del género es siempre una negociación de poder. Finalmente, no hay género sin reproducción de normas que pongan en riesgo el cumplimiento o incumplimiento de esas normas, con lo cual se abre la posibilidad de una reelaboración de la realidad de género por medio de nuevas formas” (BUTLER, 2009, p. 322).

periféricas. Se não há uma causa determinante da escolha do objeto sexual, o que faz com que se vivia em uma hegemonia da heterossexualidade seja como discurso, seja como padrão de divisão social dos gêneros, em detrimento de outras formas?

Butler (1993; 2004) não se satisfaz com a resposta dada pela psicanálise através de uma visão de sujeito do inconsciente e do desejo, principalmente porque toda a lógica do desejo e do sujeito cindido pela falta e pela castração é retrabalhada na matriz de inteligibilidade heteronormativa da diferença sexual entre masculino e feminino (o conceito de Complexo de Édipo na Psicanálise seria o exemplo mais claro disso). Em *Undoing Gender*, Butler (2004) recupera o conceito de normalização em Foucault para entender as regulações às quais os gêneros estão submetidos e fala do gênero como uma norma. Para ela, heteronormatividade não se impõe do exterior, sendo preciso explicar alguns mal entendidos acerca de seu conceito de heteronormatividade. Primeiro, a ordem simbólica não pode ser pensada ontologicamente para além das práticas sociais concretas, o que afasta a teoria de Butler, principalmente no tocante à sexualidade, da teoria psicanalítica que cria um modelo lógico de concepção da regulação sexual. Segundo, tampouco seria heteronormatividade um ideal ao qual os sujeitos, exteriores a ela, teriam que se aproximar. Heteronormatividade são relações de poder que materializam corpos como sexados e *gendered* (marcados pelo gênero). É no campo concreto das práticas de poder, assim como em Foucault e também em Bourdieu com o conceito de *habitus*, que Butler (2004) explica a idealização da divisão binária em dois sexos: masculino e feminino. Se essa divisão se naturaliza, isso acontece porque ela se atualiza concretamente nas práticas através de dispositivos de normalização, na materialização dos corpos e das subjetividades.

In fact, the norm only persists as a norm to the extent that is acted out in social practice and reidealized and reinstated in and through the daily social rituals of bodily life. The norm has no independent ontological status, yet it cannot be easily reduced to its instantiations; it is itself (re)produced through its embodiment, through acts that that strive to approximate it, through the idealizations reproduced in and by those acts (BUTLER, 2004, p. 48).

Como poderia-se, então, conceber outras formas, estratégias nos interstícios das práticas de normalização? A essa pergunta, a autora responderá com o conceito de performatividade de gênero que abre espaço para a emergência de diferenças

nas práticas de reiteração do gênero, pois toda reiteração é ainda uma atualização das gramáticas de gênero em um momento atual em conexão com variações e modulações situadas em contextos específicos e em certa medida imprevisíveis. Butler primeiro decentraliza a ideia de agência a partir de momento que fala que não há identidade seja natural ou social anterior ao gênero. Isso significa dizer que se os atores sociais são produzidos como efeitos de práticas que geram o gênero, não há como afirmar nem na natureza, nem na cultura uma verdade definitiva sobre o gênero, já que esse processo reside na ordem do que é histórico, contingente e regulatório:

If gender attributes and acts, the various ways in which a body shows or produce its cultural signification, are performative, then there is no preexisting identity by which an act or attribute might be measured; there would be no true or false, real or distorted acts of gender, and the postulation of a true gender identity would be revealed as a *regulatory fiction*. That gender reality is created through sustained social performances means that the very notions of an essential sex and a true or abiding masculinity or femininity are also constituted as part of the strategy that conceals gender's performative character and the performative possibilities for proliferating gender configurations outside the restricting frames of masculinist domination and compulsory heterosexuality (BUTLER, 1990, p. 192-193, grifos meus).

Há nesse aspecto uma crítica patente de Butler tanto ao feminismo mais clássico como aos estudos gays e lésbicos que ainda se pautavam em uma perspectiva identitária do gênero e da sexualidade. Considerando o ponto de partida de que gênero é uma ficção regulatória, como fala Butler, não será a partir da busca de uma base que fortaleça tais identidades como ontologicamente coerentes que estaríamos armando uma estratégia de resistência. Uma resistência só poderia ser armada a partir do reconhecimento desse aspecto fictício das regulações de gênero. Aqui, podemos entender porque a prática *drag* será o exemplo maior dado por Butler para abordar esse aspecto de simulacro que o gênero assume na performance *drag*. Na prática *drag*, embaralham-se as certezas identitárias do que é um homem, uma mulher, um heterossexual ou homossexual. A prática *drag* como o negativo de uma foto é o retrato dessa fundação primeira do gênero como necessidade de fazer coerente elementos de matrizes díspares a partir de práticas que normalizam os corpos e os afetos para produzir homens e mulheres.

Adicionalmente, ao falar da prática *drag*, Butler (1990) faz a conexão dos estudos (pós)feministas ou sobre a mulher com o que Teresa de Lauretis batiza em 1990 de *Queer Theory*. A teórica espanhola Beatriz Preciado, que chegou aos Estados Unidos em 1991, define o *queer* pelo seu poder de contestação e embaralhamento das gramáticas sexuais e de gênero:

A aquellos que sean ajenos a este campo de producción discursiva y política, les diré que *queer* es un insulto que en inglés significa “maricón, bollera, raro”, y que por extensión connota desviación sexual o perversión. Pues bien, a finales de los años ochenta, como reacción a las políticas de identidad gays y lesbianas americanas, un conjunto de microgrupos van a reapropiarse de esta injuria para oponerse precisamente a las políticas de integración y de asimilación del movimiento gay. Los movimientos *queer* representan el desbordamiento de la propia identidad homosexual por su márgenes: maricas, bolleras, transgénero, putas, gays y lesbianas discapacitados, lesbianas negras y chicanas, y un interminable etcétera (PRECIADO, 2004, p. 246).

A teoria *queer* vai encontrar seus aliados, principalmente, nas teorias pós-coloniais e pós-estruturalistas. Segundo Miskolci (2009), a teoria *queer* surge de um estranhamento com os saberes socioantropológicos hegemônicos. A teoria *queer*, mais do que uma corrente teórica, representou uma empreitada política de vários grupos que não se reconheciam nas políticas sexuais e de gênero hegemônicas, marcadas por um certo discurso ocidentalizante, homogeneizador das diferenças culturais. O *queer* reivindica justamente o lugar da alteridade disruptiva, nômade, difusa de práticas e corpos “non-white”. Não à toa, os teóricos *queer* traçam alianças com as teorias pós-coloniais, na contracorrente da globalização do desejo:

Ainda que a Teoria *Queer* costume ser associada ao estudo do desejo e da sexualidade, nos últimos anos intensificaram-se as formas como estudos nesta linha, apontando para a articulação de múltiplas diferenças nas práticas sociais. Daí interpretações contemporâneas do *queer* como uma resposta crítica à globalização e aos modelos norte-americanos de identidade sexual hetero, mas também do feminismo liberal e da cultura gay integracionista..., em outras palavras, como uma teoria que resiste à americanização branca, hetero-gay e colonial do mundo (MISKOLCI, 2009, p. 160).

Com a articulação da teoria *queer* com as teorias pós-coloniais, impôs-se uma leitura das práticas sexuais e das políticas de gênero que tenta articular as dimensões macro e microssociais. Preciado faz uma revisão crítica de Foucault.

Para a autora, o filósofo, em certa medida, não evidenciou como a sexualidade é construída de maneira diferente para homens e mulheres, nem investigou de que modo a construção de subjetividades sexualizadas não pode ser tomada isoladamente de outras variáveis, como raça, classe e etnia. Em outro artigo, analisando a representação espacial das cidades americanas, a partir do lugar que ocupa a mulher dentro dessa representação na ficção de mulheres gigantes que invadem o espaço urbano (a autora analisa o filme *Attack of the 50 Foot Woman*, de 1958), Preciado (2005) reafirma a produção sexualizada do espaço público em conexão com outros marcadores sociais:

Se trata aquí de elaborar una cierta tipología del género y de la raza a través de la descodificación del modo en que los signos cuerpo-arquitectura se despliegan y se entrelazan discursivamente. Si desde un punto de vista marxista Lefebvre analiza en 1974 la “producción social del espacio”, la aportación de los estudios feministas, *queer* y postcoloniales nos fuerza hoy a pensar en la *producción de género, sexual y racial del espacio* (PRECIADO, 2005b, p.10).

Com isso, mais do que falar de uma história da sexualidade, no cenário contemporâneo de um mundo globalizado, creio ser importante delinear diferentes histórias de sexualidades, suas intersecções e contradições. Ao mesmo tempo em que os discursos do mercado e da publicidade, voltados ao público *queer*, fazem apelo a uma “identidade” globalizada de gays, lésbicas, transexuais; as práticas e as experiências dos atores sociais demonstram as insuficiências de tais categorizações. Quando Butler (1990) desconstrói a concepção ontológica de um sujeito necessário para o feminismo, abre-se um espaço para um conjunto de práticas de experimentação e atuação dentro do domínio das sexualidades não hétero que, até então, estariam como reterritorializadas seja nos estudos sobre a “mulher”, sobre “gays”, “lésbicas”, etc. O debate inaugurado por Butler e pela teoria *queer* se orienta em uma epistemologia crítica da representação, que faz da identidade uma categoria central aos invés de pensar a identidade como um efeito, um coadjuvante dessa microfísica do poder que normaliza os corpos e produz subjetividades. Dessa forma, necessita-se entender as tecnologias do gênero do nosso contemporâneo e, para isso, tomo uma das autoras que constituem a base de fundamentação da discussão entre gênero e tecnologias: Donna Haraway.

Donna Haraway, o gênero *cyborg* e a modernidade revisitada

Communications technologies and biotechnologies are the crucial tools recrafting our bodies. These tools embody and enforce new social relations for women world-wide. Technologies and scientific discourses can be partially understood as formalizations, i.e., as frozen moments, of the fluid social interactions constituting them, but they should also be viewed as instruments for enforcing meanings. The boundary is permeable between tool and myth, instrument and concept, historical systems of social relations and historical anatomies of possible bodies, including objects of knowledge. Indeed, myth and tool mutually constitute each other (HARAWAY, 1991, p. 165).

Na trilha dos caminhos abertos pelas tradições teóricas até agora citadas, inicio essa parte com o trecho do *Manifesto Cyborg*, de Haraway, publicado em 1991. Nesse manifesto, a autora usa do recurso da ironia para construir uma mitologia, na sua visão, fiel tanto ao feminismo, como ao socialismo e ao materialismo, superando as dicotomias e as contradições inerentes a eles. O *cyborg* é a criatura de um mundo pós-orgânico, pós-gênero, pós-ideológico. Sua figura é híbrida, e a fonte de inspiração vem tanto da literatura de ficção científica quanto dos avanços reais da ciência, que fizeram do homem e da mulher seres, cada vez mais, conectados às máquinas. A ciência contemporânea, com seus progressos, embaça as fronteiras entre o natural e o artificial, na sua capacidade de interferir nos processos vitais: a clonagem e o debate sobre bioética comprovam o quanto as velhas fronteiras entre natureza e artifício estão maleáveis. O *cyborg* não é um outro distante, mas o devir-máquina do corpo contemporâneo:

The machine is us, our processes, an aspect of our embodiment. We can be responsible for machines; they do not dominate or threaten us. We are responsible for boundaries; we are they. Up till now (once upon a time), female embodiment seemed to be given, organic, necessary; and female embodiment seemed to mean skill in mothering and its metaphoric extensions. Only by being out of place could we take intense pleasure in machines, and then excuses that this was organic activity after all, appropriate to female. *Cyborgs* might consider more seriously the partial, fluid, sometimes aspect of sex and sexual embodiment (HARAWAY, 1991, p. 181).

O que é importante destacar no texto de Haraway primeiramente é a retomada do estilo Manifesto, tão importante para o movimento feminista, gay, lésbico e *queer*. O texto de Haraway foi gestado no debates dos anos 1980 com o

avanço de uma sociedade tecnológica e o surgimento de interpretações da cultura e da sociedade marcadas pelo pós-estruturalismo. Também em Haraway, assim como em Butler, percebe-se a desconstrução de certos pilares do feminismo clássico, como a reivindicação de um sujeito feminino identitário o qual seria base da política feminista. Haraway fala de mulheres, de saberes situados, circuito integrado, hibridismo e apela para uma ontologia *cyborg*. Importante reconhecer, nesse texto de Haraway, a aproximação e os afastamentos com os diferentes feminismos. Do feminismo marxista, Haraway resgata a crítica à divisão sexual do trabalho e a necessidade de uma análise das relações de produção com as relações de poder e violência sobre os gêneros, caracteriza o trabalho precário e a exploração da mão de obra no mundo globalizado pelas grandes corporações transnacionais de uma “feminização do trabalho”. Contudo, Haraway vislumbra uma redução das mulheres que só passam a ser vistas enquanto mulheres sob a perspectiva da ontologia do trabalho, como se a condição de classe fosse anterior ao gênero: primeiro, falamos de exploração e luta de classes, depois marcamos os gêneros dos sujeitos dentro dessa luta.

Haraway se afasta do marxismo e vai buscar a potência crítica do feminismo radical, das feministas negras norte-americanas e das feministas pós-coloniais chicanas que introduziram a categoria de diferença falando, cada uma delas, de suas posições de negras, chicanas, lésbicas e feministas. Mais do que uma sobreposição de identidades, esses múltiplos feminismos evidenciam sua crítica quando enunciam as posicionalidades dentro dos feminismos, a multiplicidade do sujeito social marcado pelo gênero. Não um sujeito que ganha predicados *a posteriori*, mas de formas de subjetivação de gênero, sexualidade, raça, classe etc.

O que Haraway caracteriza de “informáticas da dominação” é justamente uma visão de integração dessas multiplicidades femininas em um circuito integrado de controle e gestão das subjetividades: lar, mercado, igreja, trabalho assalariado, escola, hospital. No tocante a esse aspecto, Haraway se encontra com Foucault na análise social das instituições de controle que formam uma trama em rede, em mútua interdependência e colaboração. Assim como Foucault, ela vislumbra, nesses territórios, a possibilidade de resistência nos interstícios das redes, a partir do momento em que o funcionamento em rede abre a possibilidade de novos agenciamentos e coalisões. No fluxo da rede, a univocidade do sujeito é desmanchada para dar lugar a posições, de acordo com os espaços em que os

sujeitos se encontram, abre-se também a possibilidade de habitar zonas híbridas, de compor novas cartografias sociais. Ora, um sujeito em rede é um sujeito em constante deslocamento, a rede funciona não por fixação, mas por modulação das subjetividades, e essa dispersão para Haraway (1991, p. 171) pode ser a chave para novas agências: “*The task is to survive in the diaspora*”.

O texto de Haraway encontra ressonâncias e também críticas nos estudos sobre cibercultura e ciberespaço iniciados na década de 1990, principalmente para aqueles que vão afirmar a existência de um corpo pós-humano ou pós-orgânico (BELL, 2007). Na década de 1990, a Internet é disseminada mundialmente, e milhares de pessoas passam a experimentar uma existência virtual nesse novo lugar chamado “ciberespaço”. Parece, então, que não estamos mais tão distantes dos *cyborgs* de Haraway. Os processos de virtualização do corpo, no entanto, não tiveram aí sua origem. Para Levy¹⁴, invenções, como o telefone, já faziam operar uma virtualização da voz, assim como os sistemas de teletransmissão. Em *Queer online: media, technology and sexuality*, Gross (2007) acentua as possibilidades de criação de novas comunidades propiciada pelos media, como a Internet, e de que forma as sexualidades não-hetero podem se apropriar desse espaço:

New media create opportunities for the formation of new communities, and the Internet is no exception. In contrast to most other modern media the Internet offers opportunities for individual engagement both as sender and receivers, permitting the coalescing of interest-based networks spanning vast distances. The potential for friendship and group formation provided by Internet is particularly valuable for members of self-identified minorities who are scattered and often besieged in their home surroundings (GROSS, 2007, p. ix).

Mas o que se passa no domínio das novas tecnologias teria um impacto sobre as performatividades de gênero? Bem, seguindo Haraway com o conceito de *cyborg* não seria afirmar o tecnológico como um aparato que viria a afetar o gênero, mas o próprio gênero para Haraway já seria tecnológico, pois ele já é *cyborg*, artifício, rede, conexão de humanos com não humanos. Logo, a pergunta não está em sobrepor um domínio de tecnologias “sem gênero” para o “gênero”, mas pensar como o gênero se dá no entre. Tanto Foucault como Butler foram críticos da identidade

¹⁴ “Levy acentua a virtualização do corpo no momento da percepção (telefone, televisão, sistemas de telemanipulação), bem como no momento das projeções no mundo da ação e da imagem. A projeção da ação está obviamente ligada às máquinas, redes de transporte, circuitos de produção e transferência de energia, etc.” (VILLACA; GÓES, 1998, p. 90).

como conceito que centra na figura humana o fundamento da verdade de todas as coisas. Ambos pensam a verdade como efeitos de relações discursivas, práticas de saber-poder, normalizações, regulações etc. O que está em Butler com a ideia da ficção regulatória é pensar quais os instrumentos que operam na efetivação dessa regulação que se torna verdade. Sob este aspecto, algo se sobressai em Haraway com sua ideia de *cyborg* para pensar as tecnologias do gênero. Esse algo tem justamente a ver com o que Latour (1993, p. 10) chama de tradução dentro de uma concepção de uma modernidade nunca realizada.

Latour (1993, p. 10-12) define duas tarefas no seio da modernidade: tradução e purificação. No primeiro domínio, há o conjunto de práticas que produzem híbridos de natureza e cultura, ao borrar as fronteiras dos mundos do humano e do que não é humano (pense-se aqui, por exemplo, na história da biologia como ciência e suas consequências “sociais” ao manipular as formas vivas). No segundo domínio, entra a ideia de purificação que consiste em separar duas ordens ontológicas: humanos e não humanos. O que gostaria de lançar com esta tese, apoiado também no trabalho de Dekker (2012) acerca das práticas de sexo *online*, seria uma compreensão de uma outra agência da sexualidade *online*. Essa agência guarda uma articulação com a teoria *cyborg* de Haraway (1991) e torna-se consequente com o giro performativo nos estudos de gênero e na teoria *queer* de que enquanto insistirmos na agenda dos debates acerca do gênero apenas no domínio da purificação, aparta-se o não humano nas tecnologias do gênero e cai-se no círculo cego do construtivismo de afirmar que tudo é discurso ou eternamente buscar um território de pureza identitária. De fato, as máquinas que nos regulam, as formações de poder que atuam produzindo corpos diferenciados sexualmente, não operam apenas na purificação, mas também na hibridização. Não à toa, Latour (1993) retoma Haraway em sua análise da modernidade e torna-se um autor chave para abrir o debate a outras perspectivas na relação entre gênero e tecnologias:

Now hybrids, monsters – what Donna Haraway calls ‘cyborgs’ and ‘tricksters’ (Haraway, 1991) whose explanation it abandons – are just about everything; they compose not only our own collectives but also the others, illegitimately called premodern. At the very moment when the twin Enlightenments of Marxism seemed to have explained everything, at the very moment when the failure of their total explanation leads the postmoderns to founder in the despair of self-criticism, we discover that the explanations had not yet begun, and

that this has always been the case; that we have never been modern, or critical (LATOURE, 1993, p. 47).

Latour: “os objetos também têm uma agência”

Nesse último tópico de antecedentes teóricos para minha tese, desenvolvo o argumento sobre que base teórica fundamento a relação entre corpo, gênero e tecnologias. O ponto de partida para essa argumentação vem de uma provocação via a leitura do trabalho de Bruno Latour (2005), “Reassembling the social”, e seus artigos nos quais faz uma análise crítica de uma certa forma de investigação social que acabou deixando de lado a “agência dos objetos”. Essa discussão se faz fundamental para a minha tese e é com ela que concluo esse capítulo, pois a forma de acesso ao meu objeto se dá através do uso de uma ferramenta tecnológica. Para acessar meu objeto, preciso me conectar a uma máquina, o que faz com que, teoricamente, não possa ignorar ou deixar de discutir a agência dos objetos técnicos. Para Latour, afirmar que toda tecnologia é social implica questionar por que, usando um de seus exemplos, quando uma bicicleta bate uma pedra, não há nesse fato constatação de um fato social, mas quando um ciclista passa o sinal vermelho, sim. Por que uma certa concepção de agência e de subjetividade veio a pautar a divisão entre ciências sociais e ciências “duras”? (LATOURE, 2005, p. 71). Contudo, Latour chama a atenção de uma sociologia, principalmente, que negligenciou a agência dos objetos técnicos ao reificar o mundo social como o mundo do simbólico e centralizar a “agência” apenas nos atores sociais humanos. Essa visão reificada do mundo social em detrimento do mundo das coisas fez com que os objetos entrassem dentro da teoria social apenas como meios, instrumentos que ganham sentido pelos atores sociais.

Tal argumento não intenta ainda reificar o mundo das coisas, mas o que Latour se propõe a fazer, na função de um sociólogo da ciência, consiste em entender a dinâmica dos objetos técnicos nas relações sociais. Os objetos tecnológicos são agenciadores de mundos e de relações sociais, eles não apenas reificam ordens simbólicas e hierarquias, mas estão no cruzamento das relações sociais possibilitando mudanças e configurações que essas mesmas relações assumem. Esse aspecto é fundamental para entender os espaços virtuais de socialização, quando com o surgimento da Internet um novo espaço de interação

ganha forma. Esses espaços são espaços incorporados, já transformam as relações do sujeito com o tempo e o espaço, fragmentando a experiência em um real (*offline*) e virtual (*online*). As formas de os sujeitos apresentarem-se não são as mesmas nesses dois territórios. No território do real (*offline*), confronta-se com a limitação que materialidade do corpo impõe a percepção que os outros atores sociais com os quais interagimos tem de nós, por exemplo. No espaço do virtual, essa forma do sujeito *presentar-se* (fazer-se presente, materializar-se) é não somente intermediada, mas transformada pela técnica. Fala-se de avatares, perfis, identidades virtuais, ou seja, outras materialidades e configurações que o sujeito pode assumir. Isso implica processos de hibridização com a técnica, e o conceito de *cyborg* de Haraway se torna uma ferramenta profícua para compreensão desses fenômenos, pois não se trata de um determinismo tecnológico, mas tampouco de uma subjetividade livre de coerções sociais e supostamente autônoma em sua agência diante das ferramentas tecnológicas.

The main reason why objects had no chance to play any role before was not only due to definition of the social used by sociologists, but also to the very definition of actors and agencies most often chosen. If action is limited a priori to what “intentional”, “meaningful” humans do, it is hard to see how a hammer, a basket, a door closer, a cat, a rug, a mug, a list, or a tag could act. They might exist in the domain of social relations. By contrast, if we stick to our decision to start from the controversies about actors and agencies, then *any thing* that does modify a state of affairs by making a difference is an actor – or, if it has no figuration yet, an actant. Thus, the question to ask about any agent are simply the following: Does it make a difference in the course of some other agent’s action or not? Is there some trial that allows someone to detect this difference? (LATOUR, 2005, p. 71).

Em um outro artigo, Latour (1999) trabalha com essa tese tendo como ponto de partida uma análise da tira Mafalda do cartunista argentino Quino. Nessa tira, Mafalda encontra seu pai fumando e pergunta o que ele estava fazendo, o pai responde que estava fumando um cigarro e a astuta Mafalda replica dizendo que pensava o contrário, que o cigarro estaria fumando o pai. Esse é o mote do artigo de Latour (1999) “Factures/fractures: from the concept of network to the concept of attachment”, no qual o autor pensa a agência a partir do termo *attachment* que poderíamos traduzir por vínculo. Esse vínculo é trabalhado por Latour (1999) não em um sentido unidirecional, do sujeito ao objeto, do pai que fuma o cigarro, mas como

dupla captura, do pai que também é fumado pelo cigarro. Na relação do indivíduo com os objetos técnicos, vemos funcionar claramente essa dupla-captura, esse *attachment*. A partir deste momento, Latour (1999) diz ser necessário diferenciar pelo menos dois tipos de ciência social, uma que estaria preocupada com as macroestruturas da sociedade, enredando, nessa trama, o indivíduo e a sociedade; e outra que seria justamente uma ciência das factibilidades, dos encontros, dos espaços em movimento, que cruzam os sujeitos e os objetos, uma ciência social dos vínculos. Essa pista do autor me parece essencial para analisar uma página de gay dating como um espaço no qual se estabelecem vínculos dos indivíduos com a tecnologia e uns com os outros. Pensar o espaço virtual como um *attachment*, de espacialidades incorporadas e corpos espacializados.

To force the issue, and in order to clearly delineate the contrast between the two kinds of social science, I propose the following alternative: either we are interested in individuals and societies or we are interested in the multitudinous entities that give rise to action. In the first case, we will traverse the space that extends from subjects to social structures; in the second, we will cross spaces that *never* encounter either the individual or society, given that a setting-in-motion depends on the nature of attachment and their recognized capacity to render existent or nonexistent those subjects to which they are attached. Against sociologists who play in the key of freedoms and determinations, we count with a sociology of “factishes”, of means, mediations, in other words, once again, of good or poor attachments (LATOUR, 1999, p. 24).

Considerações finais

Iniciei esse capítulo com um apanhado histórico das principais correntes na teoria social sobre gênero e sexualidade ao mapear uma certa lacuna nas relações entre gênero e tecnologias, principalmente nas vertentes mais clássicas do feminismo que tratavam gênero seguindo o modelo da representação social. O que faz a ligação das tecnologias com o gênero para pensar as agências são justamente os estudos que enfocam o gênero e a sexualidade ao descentralizarem a ideia de sujeito autônomo e inserirem a subjetividade dentro de uma trama mais complexa. Os trabalhos de Laqueur (1992), De Lauretis (1987) e Foucault (1999) destacam bem a tecnologia social da produção das subjetividades. Foucault, de forma mais detalhada, fala de uma anatomo-política e de uma biopolítica da produção da vida,

mas sua teoria que se aprofunda na gestão política da “vida biológica” dos indivíduos e na descrição histórica dos saberes e práticas que constituíram a sexualidade carece de uma maior teorização e descrição das tecnologias políticas da nossa atualidade, além de, como bem ressaltaram as críticas feministas, um maior trabalho com a categoria de gênero, a qual não era foco da investigação de Foucault, mas mesmo assim não pode ser deduzida da noção de sexualidade. Já De Lauretis enfatiza as tecnologias do gênero como sociais, mas a limita em analisar a partir do modelo das representações, mesmo quando trabalha com variadas formas de expressão como o cinema, por exemplo. É com Butler que a teoria do gênero assume uma roupagem mais sofisticada com a noção de performatividade, a qual permite esmiuçar de que modo gênero e sexualidade são normatividades materializantes, não apenas representações, mas disposições, incorporações, marcações performadas que reiteram e produzem corpos de gênero, sexualidade e desejo.

Mas, mesmo na teoria de Butler, a agência do gênero ainda é senão uma agência centrada no sujeito, é um agência centrada na norma, para usar um termo butleriano, na heteronormatividade. Em contrapartida, a teoria de Haraway, com o conceito de *cyborg*, traz um aspecto a mais do que a teoria de Butler, ainda que não tenha o mesmo grau de sofisticação e profundidade, que é a relação entre a produção dos gêneros com agentes não humanos, com as máquinas, mas também com as coisas: o descentramento do sujeito e a perspectiva de um circuito integrado, que não pode ser definido a não ser pelos elementos que o compõem, para resgatar o *attachement* de que fala Latour (1999). Apesar da heteronormatividade, existe a possibilidade de *n* gêneros nas conexões estabelecidas entre atores humanos e não humanos, embora as constelações que possam dar esses *n* gêneros ainda não estejam dadas. A paródia *drag queen*, citada por Butler (1990), reitera o aspecto performativo da feminilidade e a desessencializa, somente porque ela rearranja os elementos da matriz heteronormativa de uma outra maneira, produzindo uma constelação que, embora não possa levar a um novo gênero, agencia as normas de gênero a partir de algo que só pode ser concebido na prática (aqui também estamos muito próximos do conceito de subjetivação em Foucault, da dobradura ética de si). Foucault (1979) sempre alertava que, onde há poder, há possibilidade de resistência e várias foram as interpretações para esse postulado de Foucault. O que Foucault e também Butler, com a performatividade de

gênero, nos fazem pensar sobre o mundo social é que esse mundo encontra sua liminaridade e sua produção no campo da prática, que o “todo” ou as “parcialidades sociais” são visualizações momentâneas de paisagens em movimento. Sob essa perspectiva, a retomada de Latour (2005; 2010) da sociologia de Gabriel Tarde, para discutir a noção de quantificação em sociologia, torna-se valiosa na ideia de que, se de um indivíduo é possível abstrair o todo, não é porque o todo esteja nele de maneira condensada, mas sim porque esse todo está relacionado com uma multiplicidade de outros possíveis, o que faz de um indivíduo singular um agenciamento de diferentes forças. Nesse ponto, o sentido da imitação como propagação e diferenciação e o conceito de rede.

Assim, o primeiro ponto é tentar entender de qual espaço, a qual conexão se refere dentro de um amplo universo de redes sociais. Cada rede social é como se fosse um ponto em uma constelação com outras redes, e os espaços *on-* e *off-line* entram nessa dinâmica de aproximação e afastamento. Quais seriam então as dinâmicas performativas do gênero e da sexualidade nos entre espaços inaugurados no mundo contemporâneo? Ao tomar uma página de *gay dating* como campo de investigação penso que não se trata apenas de uma transposição do real para o virtual, mas uma transformação dessa prática pela tecnologia, não por uma decisão do sujeito, a intencionalidade da ação individual tem sua força, mas a agência desse espaço só se torna possível de ser investigada com essa conceituação mais ampla que estou propondo aqui. Como o pai de Mafalda, no exemplo de Latour (1999), que é “fumado” pelo cigarro, é preciso entender os novos vínculos corpo-máquinas e as novas agências do gênero e da sexualidade. No universo *online*, desloca-se dos espaços locais do país, da sexualidade, dos marcadores identitários e passa-se ao espaços de redes, das conexões, das buscas, das fantasias, traçando novas cartografias sociais.

Capítulo 2 Navegando o campo: procedimentos teórico-metodológicos

“The only way to find a larger vision is to be somewhere in particular” Donna Haraway (1991, p. 196).

Nesse capítulo, gostaria de apresentar os lugares que investiguei e suas redes, ou seja, como os espaços e atores com os quais entrei em contato se articulam no contexto desta pesquisa. Primeiramente, tomo o site de encontro GayRomeo como ponto de partida para uma descrição que, ao meu ver, passa também por uma reflexão do lugar de onde falo, de onde me posiciono como investigador entre culturas e países. Essa reflexão acerca da autoria da pesquisa social já foi discutida em vários momentos, principalmente na Antropologia em que a investigação social não fica restrita a um falar sobre um outro, mas falar com (CLIFFORD, 2002; CLIFFORD e MARCUS 1986; FISHER, 2011)¹⁵. Imprescindível nesse debate, na minha opinião, tomar a categoria de *posicionalidade*, para reconhecer o sujeito investigador em um cruzamento, em uma trama de significados, relações de poder e deslocamentos em que academia e campo não mais são tomados como espaços de fronteiras nitidamente demarcadas, mas formam uma configuração. Palavras como movimento, configuração, cartografia se mostram chaves para essa problematização e para a descrição do campo de pesquisa a partir dos marcos conceituais já antes apresentados. Falar de performatividade e de corpo não se restringe apenas (eufemismo, pois já há uma gama de variáveis envolvidas nisso) apresentar o que os sujeitos falam, pois a performatividade joga com o

¹⁵ Há todo um debate que foi iniciado na Antropologia acerca do trabalho de campo e de como a experiência em campo passa a ser objeto de uma prática de interpretação que ainda manteria hegemonias de saber entre sujeito investigador e sujeito investigado. A crítica que se inicia no final da década de 1970 se estende até os anos 1990 tem como base um questionamento da própria posição assumida por aqueles que pretendem investigar o “outro”, na medida em que esse outro também se apresenta como uma construção discursiva que emerge no texto etnográfico. Influenciados muito por trabalhos da crítica pós-colonial de Fanon e Said, por exemplo, tais antropólogos afirmam: “É mais do que nunca crucial para os diferentes povos formar imagens complexas e concretas uns dos outros, assim como das relações de poder e de conhecimento que os conectam; mas nenhum método científico soberano ou instância ética pode garantir a verdade de tais imagens. Elas são elaboradas – a crítica dos modos de representação colonial pelo menos demonstrou bem isso – a partir de relações históricas específicas de dominação e diálogo” (CLIFFORD, 2002, p.19). Também Fisher (2011) aponta uma perspectiva, da qual essa investigação é bastante simpática, de um giro na produção de saber a partir do relativismo metodológico: “A análise cultural se tornou crescentemente relacional, plural e consciente de sua historicidade: sua abertura para os momentos históricos em que está em ação torna-a capaz, como sistemas experimentais, de criar novas coisas epistêmicas” (FISHER, 2011, p. 69).

enunciável e o não enunciável, o discursivo e o não discursivo: o incorporado, as disposições visíveis, o sentido, o que está em vias de se fazer, o material e o imaterial dos desejos e dos corpos. Em uma pesquisa sobre gênero, sexualidade e performatividade, a reflexão metodológica sobre os aprendizados corporais e as relações do performativo com o visual e o desejo não poderia deixar de ser discutida. Gostaria de apresentar agora como funciona uma página virtual de encontros e mais especificamente GayRomeo, a plataforma da qual participei para essa investigação.

O cenário de investigação

O primeiro passo para registrar-se como usuário é escolher um *nickname*. O *nickname* é uma prática comum entre usuários da web em redes sociais e páginas de relacionamento, para muitos, é uma forma de preservar a identidade pessoal. Além do *nickname*, precisa-se de um endereço de e-mail para que possa ser confirmada a inscrição do usuário dentro da página. Os *nicknames* dentro do GayRomeo devem contar com um mínimo de cinco e um máximo de vinte caracteres. Importante frisar aqui que para ter um perfil, dentro da página, há quatro possibilidades de registro: 1) usuário: pessoa física/individual que cria um perfil *online*; 2) clube que funciona como uma associação virtual, um grupo de usuários (os clubes estão divididos em várias categorias como “sexo e fetiche”, “lazer e esporte”, “política e sociedade”, etc.); 3) guia: pessoa jurídica que oferece serviços dentro da plataforma como viagens, saúde, etc.; e 4) escortes: garotos de programa que oferecem seus serviços (o perfil dos escortes vem sempre marcado com uma esfera dourada com um \$). Dentro da plataforma, cada uma dessas formas de registro pode ser buscada separadamente. No caso da minha investigação, concentrei-me mais na primeira forma de registro, como usuário, porque me interessava saber como um sujeito individualmente decide criar um perfil em uma página de encontros. Contudo, remeto-me aos conteúdos e às formas dos fóruns que estão dentro dos clubes como elementos evidentemente importantes para a composição do território virtual da busca.

Alguns usuários podem até combinar partes do nome com datas ou combinar letras a sua maneira e criar um *nickname*. O apelido virtual é ainda a forma como você se apresenta, então exige um cuidado para que o *nickname* se mostre

interessante aos outros usuários do site por sua criatividade, seu poder de atenção e, geralmente, o *nickname* é uma forma de expressar também o que você está buscando no site. Os *nicknames* podem, dentro do domínio da produção de corporalidades virtuais, invocar marcadores corporais e sociais como: *forsexyboy*, *Sweety_HH*, *hot_man*, *HamburgerFischKopf*, *hunkymuscle*. O lugar que o corpo ocupa na produção das materialidades virtuais é central, desde a escolha do *nickname* até a disposição dos perfis no website.

Depois da escolha do *nickname*, é preciso editar a localização. Uma janela com os campos de busca “encontrar o endereço” e “como me encontrar” aparecem junto com um mapa da cidade em que o usuário se encontra. Por meio de um dispositivo de localização usando *google maps*, é possível marcar a localização exata de um usuário que fica visível em termos de distância em metros e quilômetros para outros usuários. Assim, é possível editar o lugar a partir da cidade ou bairro para, em seguida, editar o perfil. Terminado esse procedimento, o passo seguinte consiste na edição do perfil que possui um campo mandatório de informações em geral. Os campos de informação geral são compostos pelos seguintes itens¹⁶:

- Data de nascimento (ficando visível no perfil apenas a idade que é atualizada automaticamente a cada aniversário do usuário);
- Altura (entre 150cm e 212cm);
- Peso (entre 45kg e 200kg);
- Físico: esbelto, normal, atlético, musculoso, com barriginha, troncudinho;
- Etnia: caucasiano, asiático, latino, mediterrâneo, negro, mestiço, árabe, indiano;
- Olhos: azuis, castanhos, verdes, cinzas, outros;
- Pelos: “sou liso”, “me depilo”, poucos, bastante, peludíssimo;
- Cabelos: raspados, curto, médio, compridos, punk;
- Cabelos côm: louros, castanhos-claros, castanhos, escuros, grisalhos, outra côm, ruivos;

¹⁶ Como a página apresenta versões para navegação em mais de vinte línguas, para os fins desta tese que está redigida em português, utilizo a versão de navegação em português.

- Barba: sem barba, barba por fazer, “uso bigode”, “uso cavanhaque”, barba cheia;
- *Tattoos* (tatuagens): “não tenho”, algumas, muitas;
- Piercings: não uso, alguns, muitos;
- Fumo: não, socialmente, muito;

Em seguida, mais dois campos em que o usuário completa as seguintes frases “Eu sou _____ (“prefiro não dizer”, gay, bissexual, transgênero)” e relacionamento (“sou solteiro”, “já tenho parceiro”, relacionamento aberto, casado), “e procuro usuários entre xxx e xxx” (aqui delimitando a faixa etária) para xxx (encontro e sexo, amizades, relacionamento). Geralmente, essas duas últimas frases não eram preenchidas por muitos usuários, dentro da plataforma, que observei e entrei em contato. Em geral, elas são deixadas em branco e não aparecem no perfil. Da mesma forma, o campo que delimita geograficamente a busca com a frase “Procuro usuários xxx (cidade, demais cidades, país, continente, planeta)”.

Depois de todo esse esquadramento biofísico que não deixa de se assemelhar com as formas do exame de anamnese que produzem cada indivíduo como um registro de um arquivo, tal como já apontava Foucault (2004), em *Vigiar e punir*, introduz-se os campos que exigem mais empenho textual dos usuários no sentido que esses têm que redigir dois textos. Um dos primeiros textos aparecerá como título do perfil, ao lado da foto e das características física nos resultados de busca. Tal título deve ter no máximo 200 caracteres. E, por conseguinte, pede-se ainda um texto para o perfil, de forma que não fique apenas restrito ao preenchimento dos dados, concedendo um espaço para que os usuários apresentem-se a si mesmos com suas próprias palavras. Tal iniciativa é encorajada pela ferramenta quando se monta o perfil com a seguinte indicação: “Anote qualquer coisa a seu respeito. Há espaço de sobra. Não limite-se a três palavrinhas! (50-35000 caracteres)”.

O campo que compõe as preferências sexuais possui o ícone de um diabinho em vermelho. Essas preferências podem ser ocultadas pelos usuários, o que pude observar em vários perfis, mas também salientada por outros. Importante dizer que um aspecto das preferências sexuais que se tornou oculto pode ser ainda alvo das primeiras perguntas quando um usuário, por exemplo, interessado em um encontro sexual deseja saber se seu parceiro faz sexo com ou sem camisinha, quando no

perfil a opção sexo seguro está oculta, não preenchida. As preferências sexuais envolvem os seguintes dados:

- Posição: apenas passivo, mais passivo, versátil, mais ativo, apenas ativo;
- Sexo seguro: sempre, precisa ser discutido, nunca;
- Penetração¹⁷: apenas ativo, versátil, apenas passivo, não curto, mais passivo, mais ativo;
- Tamanho do pênis: P, M, G, GG, GGG (e ainda circuncisado ou não circuncisado). Na guia de Infoteca da página, há uma tabela chamada pauÔmetro em inglês, alemão e espanhol para aqueles que têm dúvida quanto ao tamanho do seu pênis segundo o pauÔmetro;
- *Fisting* (penetração anal com o punho): ativo, passivo, “não curto”;
- *Dirty*¹⁸: não curto, apenas banho dourado (urina), sim;
- Fetiches: couro, borracha, botas, terno, fato, acessórios esportivos, jenas, cuecas, lycras, skatistas, punks & skinheads, uniformizados, tênis & meias/peúgas, operários, tecno & rave, drag-queens;

Ao terminar de preencher todos esses campos, o usuário receberá um e-mail de confirmação para o primeiro acesso à plataforma. Em seguida, o usuário pode baixar e anexar fotos ao seu perfil que dispõe ainda de uma seção de álbum para as fotos. Passo agora a explicar, uma vez terminado o perfil, como se realiza a busca por outros usuários.

¹⁷ Durante o trabalho de campo, percebi que boa parte dos usuários, no momento de preencher o perfil, confundem os campos “posição” (que aparece no campo de busca como papel na cama) e “penetração”. O campo “penetração” se refere à posição assumida pelo usuário durante o intercuro sexual, na qual ativo corresponde à função de penetrante e passivo, à função de penetrado. Já no campo posição, o que temos é a atitude do usuário durante o ato sexual. Nesse último caso, ativo é o parceiro que toma a iniciativa, que conduz a relação sexual através de sua ação mesmo que não seja ainda aquele que vai penetrar. Como as palavras “ativo” e “passivo” estão carregadas de um sentido já dentro das culturas gays correntes em relação à penetração no ato sexual, o campo “posição” se apresenta, muitas vezes, como confuso, porém de um uso eficaz nas culturas sado-maso, em que podemos observar passivos (penetrados) que são dominadores e ativos (penetradores) submissos.

¹⁸ As palavras “fisting” e “dirty” permanecem na sua língua original (inglês) mesmo na versão de navegação em português, pois fazem parte de um léxico de uma cultura sexual global. “Dirty” pode ser traduzido para o português como sujo, mas também tem seu uso como gíria na língua inglesa para “obsceno” e refere-se aqui a práticas escatológicas durante o ato sexual como urinar, defecar e outros fluidos corporais como saliva, suor, etc.

As formas de busca e de contato

Dentro de GayRomeo, é possível fazer uma busca por qualquer um dos elementos contidos no perfil e, inclusive, combinar elementos e fazer uma busca por um determinado tipo de perfil. Por exemplo: Berlim, idade 28-38 anos, língua espanhol, altura mínima 1,70 máxima 1,80, etc. As outras páginas de encontro gay que também observei, para um pouco pensar na peculiaridade do GayRomeo em relação a outros websites, dispõem da mesma forma de ferramentas de busca, porém o que observei no GayRomeo foi um maior detalhamento dos dados que permite aos usuários fazer uma busca refinada por um determinado tipo de parceiro. Ao todo, são vários campos para o filtro de busca:

- Localidade: continente, país, cidade e em alguns casos zona ou bairro da cidade;
- Nome (nickname);
- Texto de chamada;
- Com ou sem fotos;
- Conectado no momento da busca (*online*) ou não. Caso conectado, pode-se marcar que tipo de contato está buscando o parceiro em questão entre amizade, relacionamento, nada, bate-papo, sexo, encontro (não somente sexo), ocupado¹⁹;
- Idade: mínima de 18 e máxima 75 anos;
- Altura: 150cm - 205cm;
- Peso: 45kg – 150kg;
- Cor dos olhos;
- Cabelos, cor dos olhos, tipo físico, etnia, pelos e idiomas que seguem as mesmas especificações já apresentadas no campo de preenchimento do perfil;
- Signo do zodíaco;

¹⁹ Usuários podem estar *online*, no computador, mas marcar que estão ocupados, o que significa que estão não apenas navegando pela página, mas em outras atividades e que, caso uma mensagem seja enviada, o usuário pode demorar a responder.

- Preferências sexuais: orientação sexual entre gay, bissexual e transgênero, além de posição/papel na cama e penetração e demais campos das preferências sexuais já citados;
- Dados pessoais opcionais: estilo musical, esportes, tipo de comida favorita;

Os perfis individuais podem agrupar-se ainda nos clubes, nas comunidades de interesse dentro de interesses variados como “política e cultura” até “sexo e fetiche”. Nesses clubes, há listas de mensagem com fóruns de discussão, em que os usuários interagem uns com os outros. Cada perfil possui uma caixa postal, e a interação se dá não via chat, mas por troca de mensagens entre os usuários. Além disso, a plataforma disponibiliza uma Infoteca com informações sobre sexo seguro, uma agenda de eventos dentro da cena gay da sua cidade, entre outras coisas. A proposta dos seus idealizadores é apresentar a plataforma como uma comunidade de gays para gays. Sobre esse sentido de comunidade, a partir de alguns acontecimentos que observei no campo, gostaria de explorar agora dessa fase de descrição do cenário de investigação.

O sentido de comunidade

Sites como GayRomeo, disponivel.com, manhunt.net são caracterizados como comunidades *online*. As comunidades *online* se distanciam das páginas virtuais de redes sociais, ao funcionarem como softwares sociais que promovem o agrupamento de indivíduos a partir de interesses comuns. Páginas de redes sociais podem incorporar diferentes comunidades, por exemplo, o Orkut é uma dessas páginas de redes sociais que incorporam as comunidades, formando uma estrutura muito mais complexa dentro da qual as comunidades seriam sub-estruturas. As comunidades *online* são espaços de acesso nos quais os indivíduos obtêm permissão de entrada a partir da construção de perfis. Cada ator, dentro de uma comunidade, possui uma identidade ou várias identidades, dependendo dos termos de acesso, com os quais os sujeitos têm que concordar para que possa ser um membro do grupo. Recuero (2010) define as comunidades como estruturas das redes sociais. De acordo com a sua definição, poderia-se classificar as páginas de encontro gay como comunidades de associação:

Assim, tais comunidades são formadas pela associação de atores através da interação social relativa (associar-se ao grupo e ser aceito pelo mesmo), que não pressupõe interação direta entre os atores, ou mesmo interação social no sentido de conversação. No entanto, tais vínculos podem surgir entre os atores a partir da interação na comunidade. A comunidade preexiste à interação social mútua, sendo esta uma decorrência daquela. Sua estrutura vem, portanto, da conexão através de outro tipo de interação. Essa conexão, uma vez forjada, somente será extinta se os integrantes assim desejarem. Ela gera um vínculo formal que não necessita, assim, de interações para ser mantido e, deste modo, tem um baixo custo para os atores (RECUERO, 2010, p.156).

Os usuários se conectam às comunidades ofertadas, ou seja, as páginas de relacionamento gay possuem uma estrutura que, de certa forma, molda a entrada dos atores que queiram fazer parte da comunidade. Em virtude de serem comunidades onde a sexualidade é o marcador social que congrega os usuários e devido também à circulação de material erótico seja por parte das plataformas que disponibilizam publicidade de produtos eróticos, seja por parte dos usuários que tem a liberdade de anexar aos seus perfis material erótico, normalmente fotos, de sua responsabilidade, respeitando os termos do uso da comunidade, o acesso a tais comunidades fica restrito a usuários maiores de 18 anos, ainda que usuários menores possam forjar perfis (o que é denominado de *fake* quando alguém cria um perfil que não corresponde a sua pessoa, mascarando ou falseando dados sobre si mesmo). Particularmente, as comunidades possuem um grupo de usuários suportes (o que também está presente em GayRomeo) que, entre outras tarefas, ainda têm uma função de salvaguardar o bom funcionamento da comunidade, avisando, quando necessário, àqueles que têm o poder de administrar a comunidade sempre que suspeitem de uma eventual infração aos termos de conduta. Se tomo o modelo da comunidade como uma rede em um determinado espaço, os websites se apresentariam como esse espaço singular ao qual os usuários acedem individualmente dentro dessa constelação como pontos de uma rede. Os perfis constituem desse modo individualidades. Aqui a noção de individualidade pode corresponder ou não a uma única pessoa física, já que uma pessoa física, potencialmente, tem a chance de criar e administrar diferentes personas virtuais.

Dentro da plataforma, seus administradores falam em nome da comunidade no texto “O espírito comunitário do PlanetRomeo²⁰”:

“O PlanetRomeo tem sido, desde o início, uma plataforma para homens gays, bissexuais e transgêneros; um ponto de encontro para namoro, sexo, amizades, compartilhar ideias e apoio mútuo. Viver deveria ser uma experiência enriquecedora e gostaríamos que a nossa comunidade refletisse isto. Começamos como uma rede entre amigos de Berlim, na Alemanha. Mas crescemos rápido. Nunca havíamos esperado alcançar as atuais proporções mundiais. Reconhecemos, porém, que o sucesso traz consigo responsabilidades, as quais assumimos com seriedade pois estamos convencidos que fazer isto nos distingue dos demais.

QUEM SOMOS De gays, para gays! *Praticamente todos os funcionários do PlanetRomeo declaram-se gays, bissexuais ou transgêneros. Um ou outro talvez não caia em nenhuma das categorias (como empregadores não discriminamos) mas todos tem, digamos, uma mentalidade gay.*

Somos a sua cara *O PlanetRomeo não passa de um plataforma. É o usuário quem popula o site e faz as coisas acontecerem. É ele quem está no núcleo das principais áreas de funcionamento do site como a classificação de fotos e a área para ajuda mútua. É o usuário quem faz o nosso Planeta girar.*

Acreditamos na liberdade de expressão *Acreditamos também que a liberdade de comunicar-se com outros não deve depender de quanto dinheiro uma pessoa tem. Por este motivo, comprometemo-nos em oferecer as modalidades mais básicas do PlanetRomeo sem custos e para todos, sem irritantes mensagens impondo limites aos não-contribuintes. Como arcamos com isto? Simples. Não gastamos dinheiro com dispendiosas campanhas publicitárias. Preferimos investir no aprimoramento dos serviços e confiamos que os usuários satisfeitos farão o restante por nós.*

Também usamos o PlanetRomeo *Cada um de nós aqui tem um perfil próprio no PlanetRomeo. Por experiência própria sabemos como tudo funciona e que sempre podemos melhorar!*

²⁰ A plataforma pode ser acessada a partir de dois domínios www.gayromeo.com ou www.planetromeo.com. A plataforma, desde seu princípio, se apresentou como GayRomeo e assim é ainda hoje popular entre seus usuários que falam pouco “planetromeo”. Porém, a empresa foi criada para administrar a plataforma se chama Planet Romeo BV com sede em Amsterdam mantém como fundação, apoiando vários projetos dentro da área de atuação LGBT, a Planet Romeo Foundation (<https://www.planetromeofoundation.org/planetromeo-foundation/>).

TOLERÂNCIA E RESPEITO *Tolerância, respeito, abertura de opiniões, liberdade de expressão.... Não são apenas palavras vazias. Sem elas uma comunidade não sobrevive. Gostaríamos que a nossa pudesse seguir aberta para o máximo de pessoas possível. Estamos falando de gente de todas as nacionalidades, religiões e convicções políticas; da esquerda e da direita, preta e branca, ativa e passiva. E tudo o que for parecido. Ter uma mente aberta também no sentido sexual é essencial! Esforçamo-nos em respeitar as diferenças e não esperamos menos dos nossos usuários. Mas existem limites. Menores de 18 anos não são bem-vindos. Proibimos toda forma de racismo, insultos discriminatórios e crueldade para com seres humanos e animais. Não permitimos extremismos religioso ou político, pois isto entraria em conflito com os princípios fundamentais da comunidade”* (Texto da versão em português da página, acessado em 07/09/13, www.planetromeo.com).

Uma peculiaridade da plataforma em comparação com as plataformas manhunt, disponível ou mennation.com, o GayRomeo é uma das poucas páginas de encontro para gays, bissexuais e transgêneros que conta com uma apresentação da equipe de administradores. Tal apresentação nos explica um pouco da história de como surgiu a plataforma e intenta, através da sua retórica, criar uma identificação com o usuário por ser um site feito por homens gays para homens gays (a ênfase na masculinidade, que será discutida no capítulo seguinte, aqui se faz presente na medida em que o gay se ressaltava mais que o trans, o bi ou até mesmo o inexistente *queer*), que, além de tudo, são também usuários da página. Tal estratégia discursiva consolida o sentido de comunidade para os usuários.

O texto mostra ainda que a comunidade é aberta a gays, bissexuais e transgêneros; sublinhando nas entrelinhas que mesmo para aqueles que não se acomodam em uma dessas três categorias, a intenção é de uma comunidade de tolerância e respeito. No que toca às performatividades de gênero e sexualidade encontradas entre usuários, isso ainda seria um ponto de discussão, principalmente a não presença de sujeitos do sexo biológico feminino ou outras performatividades de gênero por sujeitos do sexo biológico masculino, já que a comunidade se restringe ao universo *“gay-minded”*. Ao mesmo tempo, o portal deixa claro suas regras e seus limites aos quais os usuários devem dedicar sua atenção. Além disso, compensa-se a ideia de ser uma comunidade com fins lucrativos, pondo ênfase na liberdade de expressão e abertura da comunidade ao maior número de usuários

possíveis, independentes de raça, credo político ou religião, mesmo sendo uma comunidade na qual usuários com subscrição paga (chamados assinantes plus) contam com mais vantagens e podem usufruir de mais funções que a plataforma disponibiliza.

Campbell (2007), ao investigar o portal Gay.com, discute a relação entre mercado e o senso de participação e esfera pública nas comunidades *online*, pois, ao mesmo tempo em que invocam a palavra comunidade, essas comunidades se afirmam na forma de *commodities*. Campbell (2007) advoga por uma posição, a qual estou de acordo, de que o que temos com as comunidades *online* é a emergência de um outro senso de comunidade que não pode ser analisado em uma leitura clássica, às vezes, ingênua, da palavra comunidade. Tal definição levaria a uma concepção da comunidade na forma de um grupo de solidariedade que suplantaria as relações comerciais de mercado. Pautada em uma leitura sociológica quase vulgar, tal interpretação romantiza a ideia de comunidade mais do que apresentar concretamente os tipos de relação social que estão presentes em uma comunidade, opondo as noções de participação e interesse. Lembrando Bourdieu (1997), para o qual os atos sociais são atos interessados, porque visam à relação social, em uma leitura que combina pressupostos weberianos do conceito de ação social com sua releitura da noção de dádiva na antropologia de Marcel Mauss, faz-se importante sublinhar que, no contexto das relações sociais contemporâneas, as relações de mercado tangenciam as práticas dos atores sociais²¹. Tal fato não exclui a possibilidade de engajamento e mobilização dentro das comunidades online. Campbell (2007, p.212), ao analisar os fóruns de discussão dentro da comunidade *online* Gay.com, se deparou com:

Vibrant debates on a multiplicity of topics –gay civil rights, gay identity politics, the role of organized religion in the LGBT community, media

²¹ Em sua análise, Bourdieu (1997) cita o exemplo das sociedades pré-capitalistas para demonstrar como o desinteresse econômico vem a prestigiar a economia das trocas simbólicas pautadas na ideia de honra. Ou seja, os atos desinteressados são de uma outra ordem de lucratividade, de investimento social que não é da economia material. O ato desinteressado tem um função ativa na produção do habitus que se forma como campo autônomo, mascarando outra ordem de *interesses* e, mais importante do que isso, fazendo com que as relações de poder e as hierarquias socialmente arbitrárias sejam incorporadas como naturais, como princípios de visão e divisão do mundo social: “As condutas de honra nas sociedades aristocráticas ou pré-capitalistas têm como princípio uma economia de bens simbólicos fundada no recalque coletivo do interesse e, de maneira mais geral, da verdade sobre a produção e a circulação, que tende a produzir habitus “desinteressados”, habitus anti-econômicos, dispostos a reclamar os interesses, no sentido estrito do termo (isto é, a busca de lucros econômicos), particularmente nas relações domésticas” (BOURDIEU, 2005, p. 151).

representations of sexual minorities – are evident in each of the forums examined. These politically charged discussions not only demonstrate the diversity of thought and political position among Gay.com patrons, but also could be argued to represent a form of civic engagement. In three of the four forums examined, online discussions led to explicit calls for offline political activism in the form of boycotting, letter writing, or protest marching. The presence of these discourses suggests that even a commercial site can function as a dynamic public sphere in the cyberspace, and thus the locus for civically engaged community (CAMPBELL, 2007, p. 212).

Um dos momentos mais interessantes na tensão entre a ideia de comunidade e de *commodity*, durante o trabalho de campo, se passou em setembro de 2011, quando a Planet Romeo BV decidiu implementar, a partir de primeiro de outubro de 2011, novos termos de uso, o que acabou gerando, dentro da plataforma, uma discussão entre usuários que passaram a questionar tais termos, e a se preocuparem com a proteção dos seus dados. Os novos termos de uso, na maior parte, não traziam uma mudança substancial do que havia anteriormente. Entretanto, alguns pontos se destacaram, e esse foi um debate levado majoritariamente por usuários na Alemanha. Como pude constatar nas entrevistas e nos chats com outros usuários, poucos estavam inteirados na realidade dos novos termos de uso. Muitos não os haviam lido, apenas clicaram que concordavam, já que o acesso sem aceitação dos novos termos de uso estaria restrito a partir de uma determinada data, que, em princípio, era primeiro de outubro, depois passou a ser primeiro de janeiro de 2012, devido aos protestos gerados no interior da plataforma, e tinha como palavra-chave uma discussão bastante latente no cenário alemão sobre o uso das redes sociais e a proteção de dados privados na Web. O caso repercutiu não somente dentro da comunidade, onde um novo clube de discussão foi criado (Terms_of_use_suck) em dezoito de setembro de 2011, e se tornou tópico de discussão em blogs e revistas locais como a Siegessäule²², em Berlim, que apresentou uma matéria com o seguinte título “Terms of Abuse bei Gayromeo? User ärgern sich blau”²³ (“Termos de abuso no Gayromeo? Usuários aborrecem-se azul” – em menção a cor azul da página) publicada em vinte de setembro de 2011. O

²² Revista e portal *queer* de edição mensal em Berlim nas versões online e impressa: <http://www.siegessaule.de/>

²³ (<http://www.siegessaule.de/sisopen-7000/terms-of-abuse-bei-gayromeo-user-aergern-sich-blau.html>)

principal ponto de questionamento dos usuários se concentrava na interpretação de dois artigos dos novos termos de uso:

“For two reasons I don't like the new Terms of Use / AGB :

(1)

Art 5 No. 3 of the new Terms of Use basically grants unlimited usage of all our photos and text to Planet Romeo BV - not only within the website but also "to make public the content". I don't like the idea that my photo can be used for advertisements all over the internet or in print media or on TV for commercial purposes of Planet Romeo BV. And I am disappointed that they even don't explain what the major changes in the terms of use are.

(2)

GR does not even translate the text into the user's language, so most people wan't understand what they are forced to accept. Together with my first issue - just coincidence?” (Texto da comunidade Terms_of_Use_Suck).

O clube chegou a aderir 2338 usuários desde sua fundação, e foi, durante o tempo em que estive pesquisando, um dos momentos em que pude observar uma mobilização interna dos usuários, dentro do contexto alemão, em que a comunidade virtual passava a ser questionada até que ponto os indivíduos sentiam-se seguros dentro do espaço virtual. Aos poucos, o clube evoluiu e se tornou um espaço dentro da plataforma onde usuários passaram a discutir o que lhes agradava ou não e a cada mudança dentro do website.

A discussão restringiu-se ao contexto alemão, praticamente todo o fórum de discussão esteve em alemão e compartilhado por usuários da Alemanha. Essa maior discussão no contexto alemão pode ser explicada pelo maior debate acerca da política de proteção de dados (*Datenschutz*) na Alemanha. Os clubes não são a forma mais comum de participação ativa dentro da plataforma. Muitos clubes são criados em um determinado momento e, em seguida, se tornam inativos, já que usuários ao poucos não postam mais nos fóruns, o que faz com que os clubes terminem inativos. A página oferece opção de navegação em vinte línguas: alemão, inglês, português, francês, chinês, espanhol, russo, hindi, italiano, turco, grego, sérvio, tailandês, holandês, húngaro, polonês, romeno, sueco, tagalog e tcheco. Contudo, um dos fatos que foi ponto de discussão pelos usuários se concentrou na redação dos termos de uso em inglês para todos os usuários, deixando em desvantagem aqueles que não eram falantes de língua inglesa, questionando como entrar em uma plataforma de acordo com termos de uso que não se pode compreender.

Fazer uma investigação dentro desse cenário implicou para mim também ser parte dessa comunidade, estar em interação com usuários das mais diversas partes. Isso ainda me fez pensar sobre como os universos do *online* e do *offline* se relacionavam com minha história pessoal como investigador gay e estrangeiro, o manuseio de, pelo menos, três idiomas ao mesmo tempo, dentro e fora da tela. Um aprendizado que me abriu às portas para outras culturas de sexualidade, e a vivência acadêmica e extra acadêmica de uma realidade *queer* que foi ganhando forma no contexto intercultural dessa pesquisa. Creio que há em cada trajetória de pesquisa um pouco de *Bildungsroman*, uma formação que não se descola da pele, do corpo, dos afetos. Esse tipo de relato que vem sendo questionado desde as primeiras pesquisas antropológicas até uma epistemologia feminista que emerge como negra, chicana, de terceiro mundo, pós-colonial, nômade (ANZALDUA, MORRAGA, 1981; BRAIDOTTI, 2011) aponta para uma crítica das Ciências Sociais e culturais que ainda relegam um lugar secundário ao corpo e a experiência como fonte e base de conhecimento, trabalhando como uma espécie de purificação quando de fato o mundo social está marcado por formas de hibridização e posicionamentos. Seguindo esse percurso, abordo essas formas, já não tão antigas,

porém ainda inovadoras e provocadoras da pesquisa social que orientam o caráter *queer* desta pesquisa.

Desenvolvimento dos instrumentais empíricos: da observação participante à participação observante

Decidi realizar observação participante dentro da comunidade, pois considerei o método da observação participante o mais apropriado para minha investigação. Vários autores discutem ainda o fato de que as “etnografias online” serem ainda um campo aberto e problemático (CAMPBELL, 2004; JAMES e BUSHER, 2009; O’RIORDAN e PHILLIPS, 2007). Escolhi, então, para entrar em contato com os meus informantes criar um perfil como um usuário comum, e conhecendo já um pouco dos hábitos dos usuários dentro do website, elaborei o meu perfil o mais próximo possível de um usuário comum, por exemplo, tive que postar mais de uma foto, pois a maioria dos usuários mensura a veracidade de um profile (se a pessoa que aparece no perfil corresponde a pessoa *offline*) pela quantidade de fotos, assim como altura, peso, idiomas.

A decisão também do tipo de observação participante a ser realizada tem ainda que levar em conta o tipo de comunidade investigada. Na minha pesquisa, optei por trabalhar não somente com os sujeitos virtuais, mas parti do princípio da indissociabilidade entre as realidades *online* e *offline* dos usuários, até porque estava trabalhando com marcadores de lugar, que são formas de agrupar os usuários dentro do espaço virtual a partir de suas localizações *offline* geográficas. Isso evidencia que as performances de gênero e sexualidade as quais investiguei estão corporificadas virtualmente e socialmente marcadas.

Trabalhar apenas com os sujeitos virtuais seria possível em uma etnografia de ambientes de interação virtual, onde o contato presencial (*face-to-face*) não está posto como um dos objetivos da comunidade ou necessidade entre os usuários conectados. Como contraste poderia citar o trabalho de Sunden (2003) sobre as “materialidades virtuais” em ambientes de simulação *online* como o MOO (*multiple object oriented interface*). Para Sunden (2003), interessava em sua pesquisa afirmar as materialidades virtuais *online* como incorporadas a partir da performance textual (já que todos os comandos do ambiente eram dados a partir da digitação de

caracteres) que engendrava corpos e espaços nos quais os usuários interagiam. Mesmo realizando uma etnografia *online*, trabalhando com sujeitos virtuais, a qual não envolveu contatos *face-to-face* com usuários, a autora reforça o argumento de as fronteiras *online* e *offline* não estarem bem demarcadas. O investigador *online* estaria sempre cruzando essas fronteiras, o que me faz considerar a ideia de “atores em movimento”. Alguém poderia contestar a redundância dessa expressão, já que todo ator social está em movimento, não há atores estáticos, pois não há atores desprovidos de ação, mas o que busco resgatar com esse termo é a ideia de deslocamento envolvida na pesquisa social: o investigador perambulando no campo, seguindo os rastros e pistas do seu “objeto”. É nesse deslocamento que se gera o campo. O campo não se define apenas pelos passos dos nativos, mas também pelos passos do investigador que o delinea. Uma narrativa etnográfica joga desse modo com o subjetivo e o objetivo dos movimentos e dos espaços investigados.

In reality, an ethnographic process is rather circular since certain aspects tend to recur, but at the same time evolve as the meaning of these aspects changes in the light of new experiences. Online ethnography is not an exception. Maybe even the movement between narrow participation and more distant contemplation, where texts and events make sense retrospectively, appears particularly clear in the study of online cultures. In my MOO office, I have a (textual) answering machine where WaterMOOers might leave messages for me while I am gone. By “listening” to these, the sense of actually entering the place, catching up with what has happened and continuing my work there is very tangible. At the same time, the border between ‘offline’ deskwork and the online field is very easy to cross, that transfer hardly recognizable, since no actual physical displacement is involved (SUNDEN, 2003, p. 41).

Nos sites de relacionamento e nas comunidades *online* de encontros gay, uma outra variável se impõe, já que a proposta desse tipo de comunidade é conectar pessoas *online* e *offline*. As plataformas gays de relacionamento se propõem como espaços de encontro *online* onde usuários interagem até decidirem ou não se querem se conhecer pessoalmente, marcar um encontro. GayRomeo deixa claro quando, na sua página inicial, anuncia, a partir do local de acesso: “*Usuários de todo o mundo conectados*”, “*Os homens mais belos do local*”, “*Fácil e prático*”. A comunidade se afirma como campo de sociabilidade erótica pautada na marcação da sexualidade dos usuários distribuídos geograficamente.

Isso impôs alguns procedimentos metodológicos, o primeiro deles é que não poderia trabalhar apenas com os sujeitos virtuais, perfis, já que a performatividade de gênero e sexualidade que se apresenta no perfil é efeito de um processo, de um jogo entre as subjetividades *offline* e *online*. Por exemplo, alguns usuários entrevistados possuíam mais de um perfil e justificavam dizendo ter um perfil para “amizade” e outro para buscar “contatos sexuais”. Decidi, assim, interagir com usuários via chat e escolher alguns deles, os que se mostravam mais disponíveis para entrevistá-los seja presencialmente ou skype. O que marcava o meu uso da plataforma também, por mais irônico que possa parecer, como alguém que estava buscando encontro. Acabei por me tornar um membro da comunidade, pois o mesmo ritual de iniciar um chat e, às vezes, não obter resposta até encontrar alguém com disponibilidade de conversar, ganhar a confiança e apresentar minha pesquisa, para depois combinar um encontro, eu passava pelos mesmos rituais de conhecimento da plataforma aos quais estão submetidos um usuário comum.

Aos poucos, frequentando a cena gay de Berlim, fiquei conhecido como o “pesquisador do GayRomeo”, e isso facilitou meu contato com outros usuários e também a coleta de informações, mesmo em situações, como por exemplo, em uma festa de fim de ano na casa de um amigo, chegava alguém e começava a me relatar suas experiências dentro da plataforma e buscava de alguma maneira que eu desse explicações, quase como se eu fosse um conselheiro de *dating* pelo simples fato de estar fazendo uma investigação sobre a plataforma. Nesses momentos, encontrava-me a praticar aquilo que Goldman (1999), apoiado no trabalho de Jacques Gutwirth (1987), denomina de observação flutuante: “A observação direta e contínua se converte em “observação flutuante” semelhante à “escuta flutuante do psicanalista: o observador está sempre em situação de pesquisa, a atenção podendo ser exigida a qualquer instante” (GOLDMAN, 1999, p. 118)”. Isso significa dizer que a observação não se restringia ao espaço da tela do computador, pois, mesmo desconectado e fora de situação de pesquisa, o campo me demandava atenção. Revistas, anúncios de festas e minha própria experiência como estudante migrante gay, assim como muitos outros em Berlim, moldaram o arcabouço cognitivo e sensitivo desta pesquisa. Minha percepção, o trabalho com a linguagem, o aprendizado de idiomas, as mudanças nas formas de reconhecer-me como gay fazendo uma investigação em um cenário acadêmico diferente do que fui formado e as novas descobertas e

aberturas para a construção de um modo *queer* de fazer sociologia encontram no meu texto um centro de referência do qual eu não gostaria de abdicar.

Eu era interrogado sobre minha condição de estrangeiro, sobre meu corpo, sobre minha língua, minha pele, minha origem. O mais interessante é que as pessoas chegavam e faziam confissões muito pessoais nessas horas, mostravam-me fotos e mensagens recebidas nos seus *smartphones*, demonstravam a mim, muitas vezes, que o campo da busca por encontro *online* é um campo tenso de negociação da intimidade e também de incertezas emocionais entre pessoas que buscam estabelecer contato usando as ferramentas tecnológicas. Aos poucos, também fui me acostumando a encontrar informantes e outros usuários que eu via dentro do website fora da tela, nos lugares onde andava, no metrô, nas festas em que ia, chegando ao ponto de ter sido abordado uma vez por um usuário que, uma vez ou outra, tentava conversar comigo pelo website, mas, ao explicar-lhe o propósito da minha pesquisa, me falou que não estava interessado em ser entrevistado. Contudo, tempo depois o encontrei por acaso na rua, ao ir ao curso de inglês, perto de Kurfürstendamm em Berlim, quando o mesmo me pára com um “Hallo! Wie geht’s?” e em um breve espaço de não mais que três minutos nos conhecemos pessoalmente, ainda falamos dentro do website, até que não soube mais notícia dele, já que seu perfil meses depois tinha sido deletado.

Principalmente em Berlim, onde o uso da plataforma está bastante disseminado entre homens gays que vivem na cidade, esse tipo de contato se torna bastante frequente, pois é um hábito usar GayRomeo e ficar conectado a ele com uma frequência para muitos quase diária. Isso faz com que pessoas se reconheçam quando se encontrem em outros espaços, ainda que, dentro da plataforma, não tenham trocado mensagens, mas apenas visto o perfil uma das outras. O campo *online* do site se conecta com o campo *offline* das cenas (não posso falar de uma única cena gay em Berlim, mas de um conjunto de cenas musicais, de coletivos militantes, de modas, de festas, de projetos por onde transitam gays, bissexuais e transgêneros na cidade de Berlim). Não há uma ideia de cena articulada, pois, em alguns espaços, observa-se mais um tipo de público, como, por exemplo, os bares e clubes de subculturas sexuais como *leather* em Schöneberg, os bares mais frequentados por jovens e turistas em Kreuzberg, a cena punk de contestação a um certo *mainstreaming* da cidade com festas como a *Cosmossexuelle Party* com um público notadamente punk, *queer*, *Hausprojekt* (coletivos residenciais) como a

Tuntenhaus em Prenzlauer Berg, ou a cena mais eletrônica das festas no Berghain, projetos independentes como Gegen, CocktailD'Amore, BeiTola (nesta trabalhei como caixa na fase final de conclusão da tese), Horse Meat Disco, entre outros, e as festas de sexo (*sex parties*) no Laboratory, Kit Kat Klub, entre muitas opções que a cena gay de Berlim oferece. Uma certa sensibilidade para os usuários com quem interagia *online* veio também do meu transitar por essas diferentes cenas na cidade de Berlim e ainda encontrar não somente estrangeiros e alemães residentes em Berlim, mas de outras partes da Alemanha e outros países que passavam por Berlim na ocasião dessas festas. Uma certa expertise se desenvolveu quando passei a conhecer essas cenas e me informar sobre muito do que era intercambiado dentro da plataforma que tinha a ver com esse lado de fora da tela.

O GayRomeo me mudou e eu fui mudando com o GayRomeo. De um uso que começou no Brasil, observando usuários do Brasil que tiveram experiências de conhecer pessoas de outros países dentro da plataforma, de dois deles, entrevistados por mim e oriundos da minha cidade, terem vindo até a Alemanha, um deles por estar namorando um alemão que conheceu no website, passei à realidade dos usuários de Berlim. Tais usuários locais buscam em quase sua totalidade contatos imediatos, que se cruzam, que pouco respondem às mensagens de usuários fora do seu círculo de alcance, todos dentro dessa grande comunidade, mas com diferentes usos e estratégias de sedução e incorporação.

Compartilhava com os meus informantes não apenas o fato de ser gay. Com muitos, compartilhava o fato de ser estrangeiro, o estranhamento com a língua alemã no começo da minha estadia na Alemanha, mesmo havendo estudado alemão no Brasil e não ser a primeira vez que visitava esse país. Estava assim praticando, ainda que intuitivamente, ou, certas vezes, forçosamente pelos constrangimentos que o campo me impunha, uma metodologia *queer*, nos termos de Haritaworn (2008), na qual há o intercâmbio de posicionalidades entre pesquisador e sujeitos pesquisados:

The call to positionality urges us to reflect on where we stand, to define our speaking positions and how they relate to others, especially those whom we claim speak for. This would help us avoid colonising and appropriative instances of 'queering from above'. (HARITAWORN, 2008, 1.5)

Primeiro, nesta pesquisa, há um compartilhamento, entre pesquisador e sujeitos pesquisados, de uma sexualidade não hegemônica. Esse compartilhamento pode facilitar o processo de pesquisa em termos de empatia e ganho da confiança dos interlocutores. Por outro lado, ser abertamente gay dentro da academia e produzir conhecimento acerca das sexualidades não hegemônicas pode significar contudo abrir caminho, dependendo de onde o pesquisador se encontra, em áreas e departamentos em que as pesquisas sobre gênero e sexualidade encontram um lugar secundário dentro do domínio maior da disciplina. Há uma dupla empreitada. Primeiro, é importante esse giro no qual o pesquisador em um trabalho de autoreflexão faz de sua posicionalidade ponto de partida para um processo de problematização. Segundo, o trabalho com as teorias que, muitas vezes, trazem embutido um silêncio hegemônico sobre certos corpos e afectos, um certo armário epistemológico que ainda se reflete na dificuldade, mesmo dentro do domínio da própria sociologia de cunho mais crítico e sensível às problemáticas do gênero, da convivência e da manutenção do armário, da discrição e do segredo por parte de muitos colegas que insistem nos seus projetos epistemológicos em um conhecimento *desincorporado*.

No domínio da Antropologia, Ellen Lewin e William L. Leap (LEWIN e LEAP, 1996) organizaram a coletânea *Out in the field: reflections of Lesbian and Gay Anthropologists*, na qual diferentes antropólogos discutem a questão de ser abertamente gay ou lésbica durante o trabalho de campo sobre práticas sexuais, eróticas, identidades sexuais e de gênero em outros contextos sociais, em sociedades não ocidentais, bem como em culturas não restritivas da homofobia. Williams (1996) pontua essa dupla empreitada dos etnógrafos gays e lésbicas em não somente passar a inaugurar uma posição discursiva, dentro da disciplina em que estão inseridos, sobre essas outras sexualidades, mas também na necessidade de produzir uma outra perspectiva sobre outros temas dentro da disciplina.

This process is not something I complain about; lesbian and gay ethnographers just have to work twice as hard to get more research done while in the field. In addition, although I think it is important for openly gay and lesbian scholars to publish articles and books on homosexuality, it is also important for us to publish general ethnographies that include homosexuality as just one among many socially accepted aspects of particular cultures (WILLIAMS in LEWIN e LEAP, 1996, p. 78).

Falar sobre a sexualidade do investigador traz consigo a indagação sobre os conhecimentos que se pode adquirir através/com o corpo²⁴. As escritas do corpo ou as práticas corporais de conhecimento têm seu espaço dentro da sociologia canônica a partir de algumas figuras. Pode-se citar, por exemplo, partindo da noção bourdieusiana de *habitus* incorporado, Loic Wacquant (2002) e sua etnografia sobre os pugilistas no gueto negro de Chicago em “Corpo e alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe”. Wacquant (2002) aposta numa tese lançada por Bourdieu (2004), em seu *Programa para uma sociologia do esporte*. Bourdieu (2004) pode ser aqui introduzido como um dos grandes sociólogos, que, ao desenhar um programa para a sociologia do esporte, questiona uma certa sociologia cognitiva que não estaria preparada a “aprender com o corpo”.

Os problemas colocados pelo ensino de uma prática corporal me parecem encerrar um conjunto de questões teóricas de importância capital, na medida em que as ciências sociais se esforçam por fazer a teoria das condutas que se produzem, em sua grande maioria, aquém da consciência, que se aprendem, pode-se dizer, por uma comunicação silenciosa, prática, corpo a corpo. E a pedagogia esportiva talvez seja o terreno por excelência para colocar o problema que em geral é exposto no terreno da política: o problema da tomada de consciência. Há um modo de compreensão totalmente particular, em geral esquecido nas teorias da inteligência e que consiste em compreender com o corpo. Há uma infinidade de coisas que *compreendemos somente com o nosso corpo*, aquém da consciência, sem ter palavras para exprimí-lo (BOURDIEU, 2004, p. 218-219, grifos meus).

A questão que se põe quando se passa a investigar as práticas corporais como o esporte, os rituais e outras formas de contato e interação que ficam em um registro aquém da consciência e da mediação discursiva, tem a ver com essa outra forma de escrever e fazer pesquisa que foi levada a cabo em seguida com Wacquant (2002). O autor defende uma observação participante que se transforma em participação observante, o que levou o sociólogo ao ringue ao final de sua

²⁴ A revista *Sexualities*, uma das mais prestigiadas na área e editada pela SAGE, trouxe em um dos seus números de 2012 o ensaio de Kristen C. Blinne (2012, p. 953-977) sobre uma auto(erótica)etnografia. A partir do seu próprio corpo, a autora aborda o tema da masturbação e a relação entre políticas da escritura com as políticas da sexualidade: “In contemplating this topic, I realize that for me, the writing process is similar to masturbation. At the beginning stages of an essay, I fantasize about the direction of the project, playing with ideas, theories, stories, or methods to help shape my idea. Writing is a process that shapes and expresses who I am, what I enjoy, and how I present myself to others. Both writing and masturbation, at first glance, appear to be solo endeavors; however, both constructs, embody, and perform in relational arenas. I learn from both explorations through both process and product, both creating joy, sorrow, anger, frustration, arousal, empathy, and disgust” (BLINNE, 2012, p. 960).

pesquisa. A participação observante é esse momento de travessia, de confronto com o mundo social *in situ*, fazendo com que se evidencie o jogo das posicionalidades na produção de conhecimento ao invés de ocultar-se o pesquisador por trás da armadilha da neutralidade objetiva:

Se é verdade, como afirma Bourdieu, que nós “aprendemos pelo corpo”, e que “a ordem social inscreve-se no corpo por meio desse confronto permanente, mais ou menos problemático, mas que sempre abre um grande espaço para a afetividade”, então impõe-se que o sociólogo submeta-se ao fogo da ação *in situ*, que ele coloque, em toda a medida do possível, seu próprio organismo, sua sensibilidade e sua inteligência encarnadas no cerne do feixe das forças materiais e simbólicas que ele busca dissecar, que ele se arvore a adquirir as aptências e as competências que tornam o agente diligente no universo considerado, para melhor penetrar até o âmago dessa “relação de presença no mundo, de estar no mundo, no sentido de pertencer ao mundo, de ser possuído por ele, na qual nem o agente nem o objeto estão postos como tal” (Bourdieu, 1997, p.168), e que no entanto, os define, aos dois, como tais, ata-os com mil laços de cumplicidade, mais fortes ainda porque são invisíveis (WACQUANT, 2002, p. 12).

Apesar de desde a década de 1990, com a emergência da teoria *queer* e de nomes como o de Judith Butler, creio ser mesmo hoje relevante se perguntar por que, muitas vezes, o domínio dos Estudos de Gênero ainda aparece como o território mais seguro onde acadêmicos não héteros podem posicionar-se fora do armário, enquanto fora dos estudos de gênero, há ainda para muitos acadêmicos não-héteros a necessidade da manutenção do armário. Tal fato evidencia que o campo das sexualidades não héteros está longe de ser encarado no cânone das disciplinas como algo já aceito de antemão, pois não se pressupõe as sexualidades não-heteros em muitas das variantes genéricas sobre os atores sociais.

Pensar uma metodologia *queer* ou descolonizar modos hegemônicos da pesquisa social foi a maneira em que conduzi meu trabalho de campo no contexto das buscas *onlines* por parceiros gays. Um processo que me levou a devir *queer* com meu próprio corpo, meus afetos, meu sentido de tempo e espaço entre países para observar usuários *online*. Era sempre tempo de estar conectado, de entrar em contato com mais um usuário, de dizer “oi”, “hi” ou “hallo”. De apresentar-se ou ser apresentado, de receber propostas para sair, tomar um café, fazer tandem, ou simplesmente entrar na plataforma e ver a seguinte mensagem na caixa postal: “/

call you because I dont know your name, anyway... I am in Germany. Would you like to meet me?"

A vida na tela me tomava horas por dia, seguidas por protocolos rizomáticos de observações. Algo se inscrevia como conhecimento incorporado não somente na forma de notas, mas imprimia meu olhar, meu corpo, ao mesmo tempo em que avançava. Há uma forte carga visual e silenciosa no fato de estar a buscar por pessoas para entrar em contato: ver fotos, ler textos, ser bombardeado de imagens de publicidade, imagens eróticas, filmes etc. Uma carga intensiva de superexcitação visual e textual com a qual tiver que trabalhar durante todo o processo. Nesse caminho, percebi que as normatividades estavam em jogo dentro e fora da tela. O armário se faz presente: perfis anônimos, perfis sem fotos, perfis com rostos desfigurados, pseudo bissexuais, enrustidos, etc.

Os tempos dentro da tela desalinham adicionalmente o tempo fora da tela que tenha que despender com seminários, cursos de idioma, atividades domésticas e outras obrigações. Os horários de maior interação se davam sempre pela noite, entre 21 horas e meia-noite, chegando até uma da manhã para os usuários alemães, ou ficar entre dois fuso-horários e ter que esperar até mais tarde, já duas da madrugada, devido à diferença de horário com o Brasil. Havia uma regularidade, principalmente, devido ao horário de trabalho dos meus interlocutores. Com incorporação de aplicativos para *smartphone* e *tablets*, GayRomeo passou a ofertar já em 2012 sua versão em aplicativo.

Assim, tornou-se possível, por exemplo, estar fora de casa, mas dentro da tela. Demorei muito a acompanhar esse movimento dos meus interlocutores, pois até hoje sou resistente a ideia de ter um *smartphone* ou um *tablet* e estar conectado em toda parte com essa “interioridade virtual transportável”. O que na pesquisa era bastante interessante, pois o meu *laptop* me prendia à casa e aos poucos espaços, como a biblioteca da universidade, ou alguma viagem que fazia, nos quais poderia estar *online* e em contato com os usuários de GayRomeo. Muitos deles já adotando as versões de aplicativo, o que mudava o registro de ver, nos dias mais calorosos de verão, em que todos buscavam o parque mais próximo para aproveitar esses dias de sol, mais usuários *online*, dentro da plataforma, quando a ideia era sair de casa.

As entrevistas

Durante outubro de 2010 e janeiro de 2012, tive uma média de contatos via chat com usuários constantemente de 60 a 70 usuários, às vezes, não os mesmos usuários, pois alguns deletavam seus perfis e saíam da comunidade, outros entravam por um curto período de tempo, às vezes, apenas por dias ou semanas. Dessa amostra, eu pude entrevistar 17 usuários, 16 dentro do contexto de língua alemã (um usuário austríaco faz parte desse grupo) e portuguesa do Brasil, com mais uma entrevista de um usuário mexicano durante minha estadia em outubro de 2011 no México, via face-to-face, e-mail e Skype (ver Anexo com a lista dos entrevistados). O processo de escolha dos usuários se deu aleatoriamente, dividindo entre os três países por onde passei durante a pesquisa, Alemanha, Brasil e México, a partir de *snowball sample* tanto *online* como *offline*. Os contextos de pesquisa tanto para o investigador como para os investigados estavam conectados.

A situação da entrevista resultou em extrair tanto pesquisador quanto interlocutores do espaço *online* de GayRomeo para a situação de perguntas e respostas. Com esses usuários, correspondi-me via chat, e-mail, skype e encontros presenciais nas suas casas, em seu ambiente de trabalho, na universidade e em cafés em diferentes cidades. O fato de ser nativo de Fortaleza e conhecer os primeiros usuários de GayRomeo naquela cidade facilitou uma maior amostra dessa cidade, assim como no caso alemão, uma maior concentração de usuários de Berlim. Porém, as interações via mensagens e chat se deram com um número muito maior de usuários, e o fato de estar registrado em Berlim, faz com que um usuário seja alvo de buscas por pessoas de outras partes do mundo. Por isso, não era incomum receber mensagens em inglês, espanhol, português ou alemão. Esse aspecto da especificidade da comunicação *online* é ainda ressaltado por Busher e James (2009):

The attenuated time and space of communication on the Internet is an important element in the construction of the hybrid cultures of online communities. It creates a different rhythm to that face-to-face conversations, in part because people can only perform their interactions through the text/speech acts of online communications. This, in turn, alters the quality of interaction between researchers and other participants (BUSHER e JAMES, 2009, p. 101).

O espaço virtual subverte os registros do que é interior e exterior. Na era da navegação digital, de corpos *wireless* com GPS, o espaço é um produto secundário dos movimentos e das interações com aparatos tecnológicos. Mesmo assim, para muitos usuários, a tela ainda era o espaço de um certa saída do armário (que será explorado no próximo capítulo), porque muito do que estava aberto na tela, não estava, muitas vezes, aberto em outras esferas. Por exemplo, foi comum o contato com usuários abertamente gays, mas que ocultavam ou faziam o jogo “don’t ask, don’t tell” com os colegas de trabalho, por exemplo. Isso me levou ainda a alguns procedimentos de ordem ética, mesmo trabalhando no trânsito do real ao virtual, usuários podem ser facilmente identificados por seus *nicknames* e fotos, e, sendo membro dessa comunidade virtual, optei por fazer anônimo com nomes fictícios e sem mencionar seus *nicknames* todos os usuários entrevistados. Em um primeiro momento, a intenção era problematizar a virtualização do corpo através da análise dos perfis, o que poderia causar danos, por, de uma certa forma, acabar rompendo com o anonimato dos usuários. Isto leva a pensar que nenhum trabalho de campo *online* é metodologicamente igual a outro, já que, como adverte Dombrowski (2011), em sua etnografia, o método está sempre em vias de adaptação dependendo do campo escolhido, ainda que isso não leve a uma total criação de um novos métodos:

Ethnologische Forschung im bzw. über das Netz erfordert nicht völlig neue Methoden, aber das methodische Vorgehen muss aus dem Forschungsfeld angepasst werden. Die teilnehmende Beobachtung im Internet steht vor speziellen Herausforderungen. Onlineforschung erlaubt in einem weitaus größeren Maß, unbemerkt Einblick in den Alltag der Untersuchten zu nehmen (Constable 2003:4). Dieser Umstand betrifft in erster Linie die teilnehmende Beobachtung (DOMBROWSKI, 2011, p. 76-77).

A iniciativa de analisar os perfis foi descartada e trocada por outras formas de acesso às performatividades de gênero que poderiam ter via três frentes: entrevistas semidirigidas com usuários, minha observação e experiência do universo *online*, material textual e visual que circula na plataforma para além dos perfis e também em páginas relacionadas ao GayRomeo, a outros sites de *gay dating* e comunidades virtuais nas quais pude observar elementos para entender as performatividades de gênero e sexualidade *online*. Trabalhar com diferentes línguas e contextos culturais dentro e fora da tela me levou ainda a pensar como a tarefa da tradução está posta no cerne das negociações e produções da diferença no desenrolar da pesquisa:

There, I was attempting to describe the way in which the articulation of cultural differences has to deal with what can't be translated; what may be incommensurable in the moment of cultural difference emerges in language as an evacuation of the very signifying and symbolic register that is required, in another moment, for its representation. It is a kind of enunciative disturbance that throws the process of interpretation or identification into flux -- which for that very reason makes the need to identify, to interpret, to historicize, all the more intense. As I was working out that concept, there were moments when I felt there was something I had to say, something I could mouth without the words, something my hands could sketch in the air, yet something I couldn't get hold of (BHABHA, 1995, s/p).

Entre fevereiro e junho de 2011, estive no Brasil para realizar entrevistas com usuários brasileiros e ainda uma estadia como aluno especial no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, da Universidade Estadual de Campinas. Durante esse período, meu contato com os usuários mudou pelo fato de já ter estado um ano na Alemanha e ter contato com usuários alemães na cidade de Berlim. Dos meus entrevistados no Brasil, quatro dos que entrevistei já haviam estado na Alemanha ou Europa, dois deles por conta de terem conhecido seus parceiros através da plataforma. Dessa forma, eu estava como eles voltando ao país de origem, o que para aqueles que ainda não estiveram fora do Brasil, colocava-me em uma posição de referir ao exterior, e pensar também no tipo de relações que se estabeleciam entre usuários do Brasil com usuários estrangeiros, quando do outro lado, na Alemanha, já havia escutado de usuários que buscavam apenas contatos locais e não se interessavam por chat com usuários de outros países.

Nas entrevistas, pensei muito a relação entre os contextos *online* e *offline* e no tipo de material que poderia obter através delas para pensar as performatividades *online*. A performance envolve não somente uma dimensão textual, mas também visual e na forma como algo é narrado, o que faz do registro transcrito da situação de entrevista não um todo, mas uma parte, ao qual se pode agregar registros de outras fontes, como as impressões do investigador ou notas e articulações com outras matérias, como as imagens, os fóruns, etc. Segui a proposta de Busher e James (2009), em *Online Interviewing*, quando trabalham a importância de coletar material *online* e *offline*, salientando os limites de cada material, sem cair em uma ideia simplista de que o universo *offline* estaria em uma relação de hierarquia, e, termos de validação dos dados, com o universo *online*. Tanto *online* como *offline*, há

diferentes tipos de interação e formas de aceder aos dados, principalmente quando se pensa em termos de performance na situação das entrevistas:

Performance is shaped by the 'here' and 'now' but also by its historical antecedents, its archeology (Foucault, 1975). Performance includes speech and other representations of actions as well as physical actions. Speech includes texts, including the texts of online communication, as much as oral/aural interaction. Online communications are made up of a series of text-speech acts between a variety of participants, who could include researchers and other members of a research project. Understandings of performances, as well as their production, are shaped by the cultural constructions of time, space, and social relationship held by the performer and the viewer or reader, the research project and the researcher (BUSER e JAMES, 2009, p. 45).

As comunicações estabelecidas *online* não podem deixar de ser relacionadas com os contextos *offline*. Como explorarei nos capítulos, a seguir, acerca das performatividades *online*, as dimensões do que antecede, da gramática que pauta uma fala, um gesto, uma forma de classificar o corpo e a sexualidade *online* está desde sempre relacionada com um tempo e um espaço onde *online* e *offline* são continuidades e não polaridades afastadas. Outro aspecto refere-se ainda à linguagem usada entre um pesquisador gay com interlocutores gays. No caso dos usuários brasileiros, principalmente, o uso demasiado de categorias nativas, aos quais meus interlocutores não demonstravam na situação de entrevista a menor necessidade de explicar o que significava, já que partiam do pressuposto que, como gay, eu sabia do que estavam falando. Isso me levou também a fazer perguntas, muitas vezes, óbvias tanto para mim como para eles, mas, em um processo performativo de, na situação da entrevista, tornar essa linguagem estrangeira, arrancar dela as entrelinhas e introduzir como que um terceiro interlocutor entre as posições de entrevistador e entrevistado.

As entrevistas foram anonimizadas pela substituição do nome original por fictícios, além na omitir dados sobre os perfis e a profissão dos usuários. Durante a transcrição e audição das mesmas, exercitei ainda um processo de escuta que ajudou a percorrer o caminho de coleta de dados de um usuário ao outro, delineando que elementos seriam importantes para a aproximação das performances de gênero e sexualidade *online* em GayRomeo.

Ao trabalhar com uma noção de discurso dentro da teoria de Foucault (2010a) e Butler (1990) que exploram o discurso como mais complexo do que a função enunciativa, optei por um trabalho de interpretação das entrevistas que leva a complexidade do discurso na sua integridade. Por isso, afastei-me de modelos que pudessem fragmentar as entrevistas em palavras, dos mais simples aos mais *high tech*, e desenvolvi um processo que se aproxima mais de uma escuta analítica do narrado. Tal modelo pode ser encontrado em Foucault (2010a) na sua Arqueologia do saber, para o qual a função enunciativa deve ser situada no espaço discursivo que lhe dá forma. Antes de fragmentar o que os interlocutores falam em uma entrevista, é preciso saber em que território de problematização discursiva aquele dado está sendo coletado. Esse território me foi dado a partir das categorias que serão exploradas nos capítulos terceiro e quarto. Dentro do modelo arqueológico foucaultiano, é importante situar quem fala, de que posição se fala e de qual lugar institucional. É no enredamento dessa situação que o discurso se revela para além do enunciado como função de um sujeito que fala. Ou seja, a análise do discurso leva ao desenvolvimento de aportes conceituais para dar conta do narrado, indo além do recorte enunciativo:

Na análise proposta, as diversas modalidades de enunciação, em lugar de remeterem à síntese ou à função unificante de um sujeito, manifestam a sua dispersão: nos diversos *status*, nos diversos lugares, nas diversas posições que pode ocupar ou receber quando se exerce um discurso, na descontinuidade dos planos de onde se fala. Se esses planos estão ligados por um sistema de relações, este não é estabelecido pela atividade sintética de uma consciência idêntica a si, muda e anterior a qualquer palavra, mas pela especificidade de uma prática discursiva. Renunciaremos, pois, a ver no discurso um fenômeno de expressão – a tradução verbal de uma síntese realizada em algum outro lugar; nele buscaremos antes um campo de regularidade para diversas posições de subjetividade. O discurso, assim concebido, não é a manifestação, majestosamente desenvolvida de um sujeito que pensa, que conhece, e que o diz: é, ao contrário, um conjunto em que podem ser determinadas a dispersão do sujeito e a sua descontinuidade em relação a si mesmo (FOUCAULT, 2010a, p. 61).

Retomando ainda Bourdieu (2004), a depuração do material coletado que compõe o arquivo desta pesquisa lida com um aprendizado com o corpo. Um saber entre corpos, que, às vezes, não se comunica, quando, por exemplo, percebe-se que a disponibilidade de um usuário em responder a uma pergunta ou a um convite

de um pesquisador dentro de uma página de *gay dating* tem a ver com como se está sendo percebido dentro desse contexto, nas formas de interação visual, na qual a sexualidade está posta. O trocar de mensagens, os olhares, o encontro com alguns outros usuários que não foram entrevistados se *encarnou* em uma sucessão de percepções e sentires: falar bem uma língua, ser nativo, ser estrangeiro, estar em forma, protestar, dizer não à masculinidades hegemônicas, perder-se de casa, competir, renunciar estar no armário, etc. McLelland (2002), na sua pesquisa sobre culturas gays *online* no Japão contemporâneo, ensinou-me que, por exemplo, outros sentidos estão em jogo na pesquisa sobre a sexualidade, outras pulsões, no seu significado psicanalítico, entram na confecção dos conhecimentos adquiridos pelo pesquisador na situação de campo, que passam a fazer parte do seu repertório individual. Isto posto, nenhuma pesquisa *online*, ainda que tenha o mesmo objeto, é idêntica, pois passa pela singularização do percurso individual de cada pesquisador, em suas escolhas conscientes e inconscientes do objeto com o qual se conecta:

Nowhere did I discuss the experience of 'studying' the web, the way in which the web is not just a virtual world external to the viewer but also an internal one, part of the network of links and associations that exist in the viewer's own mind. Although two researchers with the same mission statement may start their web journey at the same time, the steps of that journey will be completely different as each individual makes different choices as to which link to follow, where to linger and where to haste on, where to lurk as a passive observer and where to participate as an active agent (MCLELLAND, 2002, p. 389).

Os modos de ver como instrumental empírico: a construção metodológica e performativa do olhar

Assim, delimitou-se uma tarefa metodológica de pensar *entre-corpos* em conexão em seus sentidos e afectos. Qual seria, então, o primeiro modo de acesso? Ou mais do que isso, que sentido se impõe na busca de parceiros através do website? Desde o início, parecia clara a evidência da preponderância do visual sobre outros sentidos, nas formas de busca e de interação entre os usuários. Essa navegação virtual na busca por parceiros é antes uma tarefa de ver e ser visto, fazer-se ver *por outros*. O desejo articula-se com o olhar. Antes de iniciar um bate-papo (*chat*) com alguém *online*, antes de entrar em contato, há todo um trabalho de

navegar com os olhos as páginas azuis de GayRomeo, buscar, performar o corpo, a escrita, dispor o corpo em fotos, trabalhar as fotos, editá-las, ser um fotógrafo de si mesmo, tirar foto com a câmera ou telefone celular diante do espelho, buscar o melhor *look*, o melhor ângulo para aparecer virtualmente.

“Por exemplo, ou eu colocava uma foto minha de corpo sem a cabeça, ou com o rosto desfigurado, ou então uma parte do meu rosto, por exemplo, meus dentes, meu sorriso, então foi assim. Mas, a minha estratégia é assim, eu não tenho o corpo mais atlético do mundo. Então eu falei: eu não vou chamar a atenção do povo pelo meu corpo, eu tenho que achar, por exemplo, o que alemão gosta. Eles gostam de estrangeiro que são bonzinho (sic), que são fofinhos, então eu parti pra esse lado, então, eu me mostrei como uma pessoa bonitinha sabe?, assim, bonitinha, sabe? Fofinha, interessante, mas não uma pessoa sexual” (Bento, entrevista).

Nesse breve relato, posso extrair alguns elementos para clarificar a relação entre corpo e olhar no processo de performar virtualmente o corpo. Baseando-se nesse aspecto, importa acentuar que o corpo digital é um corpo marcado: ele tem um gênero, uma raça, uma nacionalidade. Contra a ideia de que os corpos virtuais são abstratos, considero o caráter performativo do corpo virtual, o uso dos modos de fazer-se ver *online* como dispositivos de materialização do corpo digital, que transforma esse corpo *online*, que corrige suas imperfeições físicas *offline* com recursos de edição e *photoshop*.

Os marcadores corporais materializam *sentires*, eles conferem uma subjetividade digital a corpos sem rosto, por exemplo. Essa edição do corpo (VILLAÇA, 2007) é concomitantemente atual e virtual. Virtual, no sentido em que só se reconhece essas configurações corporais no seu modo digitalizado: essa mistura de caracteres corporais através de textos e imagens. Essa edição expõe como os atores são produzidos como sujeitos virtuais das práticas *online* de busca de parceiros, atualizando sentimentos e mudando supostamente constrangimentos que enfrentariam *offline* por ser abertamente gay, em um jogo entre a reiteração das normas (por exemplo, como o armário será negociado *online*) e as possibilidades abertas *online* para a visualização de outras diferenças.

As community networks continue to grow throughout the world, their developers and participants must set aside the popular myth that race, gender, and sexuality are magically non-existent online. Indeed, to insure diverse community networks they must not only acknowledge the presence of user's race, gender and sexualities, but also build that presence directly into the network" (SILVER, 2000, p. 148).

Discutirei mais adiante a agência dos objetos tecnológicos na produção dessas corporalidades virtuais. Dentro da tela, posso experimentar outras corporalidades, combinar dados e produzir um perfil ao meu gosto dentro das possibilidades que o website me dá. O corpo digital é dotado de uma agência específica de materialização a qual reside na disposição espacial do corpo pelo perfil. Para chegar até esse ponto, houve, nesta pesquisa, um trabalho intenso sobre o olhar. Há uma carência nas Ciências Sociais de uma reflexão mais profunda sobre a dimensão do olhar, já que se prende por demasia ao texto, quando se trabalha com imagens, na maioria das vezes, tomam-se as imagens já como um texto e pouco se reflete sobre a dimensão escópica de encarar um objeto.

Em uma pesquisa sobre plataformas de busca por parceiros, o olhar é uma ferramenta fundamental, pois é vendo que se procura alguém. Essa dimensão do olhar, praticada pelos usuários, é compartilhada pelo pesquisador, que se põe dentro dessa plataforma em um percurso visual, de ver, de buscar. Os dois olhares se diferenciam em seus objetivos. Um tem como objetivo o prazer de ver, de experimentar a sexualidade *online* até decidir ou não romper com a fronteira da tela e ter um encontro. O outro circula com o olhar investigativo, atravessa corpos e desejos e faz texto com aquilo que vê. Porém, ambos se conectam com esse terceiro olho, esse olho virtual, essa captura da visão por uma página de encontros, que termina por compor modos de ver os corpos e as sexualidades.

The 'eyes' made available in modern technological sciences shatter any idea of passive vision; these prosthetic devices show us that all eyes, including our own organic ones, are active perceptual systems, building in translations and specific ways of seeing, that is, ways of life (HARAWAY, 1991, p. 190).

Desenvolver uma sensibilidade às formas de ver foi uma ferramenta empírica fundamental que necessitou desse aprofundamento teórico para não tornar o olhar um instrumento banal. O perfil virtual torna-se uma entidade desconectada do meu hardware corporal, pois, mesmo *offline*, distante da máquina, o meu perfil existe

como uma “individualidade”, disposta para que outros usuários me vejam, observem-me. Isso estabelece um tipo de agência que está mais além daquilo que Foucault (2004) definia, em *Vigiar e Punir*, com o modelo do panóptico. No modelo do panóptico foucaultiano, o indivíduo introjeta a disciplina, porque o panóptico é, ao mesmo tempo, dispositivo óptico e espacial. Importante ressaltar essa dupla característica do panóptico. O panóptico não é apenas um dispositivo arquitetônico que se converte em máquina de observação, mas ele é, ao mesmo tempo, máquina de visão e distribuição dos corpos nos espaços disciplinares, pois, a partir dele, organiza-se a totalidade espacial onde as individualidades são alocadas. Nessa máquina de visão que é o panóptico, os sujeitos incorporam a disciplina na *certeza* produzida pelo panóptico de estar sendo visto, ainda que não haja observador dentro do panóptico. Na forma de um *agenciamento óptico*, emerge uma anatomopolítica do corpo que o disciplina e o torna dócil tal como trabalha Deleuze (2005a):

Quando Foucault define o Panoptismo, ora ele o determina concretamente, como um agenciamento óptico ou luminoso que caracteriza a prisão, ora abstratamente, como uma máquina que não apenas se aplica a uma matéria visível em geral (oficina, quartel, escolar, hospital, tanto quanto à prisão), mas atravessa geralmente todas as funções enunciáveis. A fórmula abstrata do Panoptismo não é mais, ver sem ser visto, mas *impor uma conduta qualquer a uma multiplicidade humana qualquer* (DELEUZE, 2005a, p.43).

O que é interessante não é assemelhar o espaço da tela ao panóptico de Foucault, como muitas vezes se intentou a fazer, em uma tentativa de panoptizar todos os espaços sociais nos quais qualquer forma de disposição de individualidades passa a ser comparada com o panóptico. Nesse aspecto, distancio-me da análise de Brickell (2012) e sua sociologia da internet, na qual toma os sites de gay dating para exemplificar apenas seu aspecto de panoptismo:

Daters project their own desires through their profiles, and want their profiles to be looked at and appreciated by others on the site. Nevertheless, they usually cannot tell when they are being watched, and nor can they gauge what impression others may have gained from their profile. To post a profile is to create, present, project and regulate oneself simultaneously, in the hope of a positive outcome (BRICKELL, 2012, p. 34).

Ainda que concordando com a afirmação de que desejos são materializados virtualmente na forma dos perfis, creio ser relevante ir mais a fundo e explorar o registro visual, todo o jogo do ser e do ser visto, e das relações de poder que isso implica, mais além de uma tecnologia de disciplinamento pela visão, e conectar o visual com o performativo que fala de uma outra normatividade de poder, mais complexa do que o jogo disciplinar. Faz-se fundamental compreender a inovação de Foucault (2004) ao extrair do panóptico sua tecnologia social e política. O termo cunhado por Deleuze (2005a), *agenciamento óptico*, traz justamente essa potência de pensar a especificidade do panóptico como arquitetura e tecnologia política. Qual seria, então, o agenciamento óptico da tela em uma página de *gay dating*?

Tal comentei anteriormente, há um persistente apelo visual na plataforma no modo como os corpos estão dispostos virtualmente na forma de perfis e ainda como usuários buscam por parceiros. O que diferencia a tela do panóptico de Foucault (2004), agenciamento óptico segundo Deleuze (2005a), é que não é a certeza em saber que estou sendo observado que faz com que o indivíduo interiorize uma disciplina, docilize seu corpo, mas a certeza de que estou sendo visto por muitos, por outros, os quais não conheço produz um excesso de superexcitação dos corpos. Dentro da plataforma, é possível quantificar quantas visitas recebe um perfil. Cada perfil tem no seu lado direito o número de vezes em que já foi visitado. Há toda uma atração, uma excitação no ver e ser visto que gera não um corpo docilizado, mas excitado pelas formas de ver.

O agenciamento óptico da tela joga com a conexão e a não conexão. O sujeito tem livre arbítrio em conectar-se e desconectar-se do site, de ter ou não ter um perfil, de deletar seu perfil ou mudá-lo ao seu gosto. A plataforma se impõe como uma comunidade de acesso, mas seu agenciamento óptico se afirma quando, ao decidir conectar-se, o usuário passa a fazer parte de um caleidoscópio de corpos e subjetividades, e a *certeza* de estar sendo visto por muitos se impõe como própria forma da conexão. Não há exterioridade do perfil além da página de GayRomeo, antes seria como se os sujeitos, mais do que objetos, formassem parte do próprio panóptico, que aqui prefiro chamar, no caso da tela, do website, de um caleidoscópio: de uma posição de visão, posso ter diferentes paisagens de corpos dependendo de como me movimento online.

Em uma plataforma de *gay dating*, todos veem todos a partir de pontos singulares. Um outro agenciamento óptico está posto. Não é um totalitarismo da

visão, da vigilância, mas uma fragmentação, disseminação, multiplicação de uma máquina óptica, de um ver simultaneamente coletivo e individual. Um trabalho difícil, então, para administradores e usuários suportes de revisar o tempo inteiro a página a fim de averiguar se algum conteúdo impróprio foi postado ou se está havendo alguma quebra de regra. A navegação por GayRomeo é um exercício de visão caleidoscópica de corpos e afectos em movimento, uma pulverização do olhar.

Desconecto-me do computador, mas o meu perfil continua lá, uma subjetividade virtual arquivada no domínio *online* de uma página de *gay dating*. Meu corpo está lá: possuo uma materialidade virtual que se desconecta do meu *hardware* físico, corporal. Enquanto estou *offline*, outros usuários podem estar me vendo, examinando meu perfil, deixando mensagens e *pegadas*. O site possibilita, além do sistema de mensagens, um dispositivo chamado *pegada*. Esse nome, já bastante sugestivo, caracteriza o ato de visualizar os perfis em uma forma de caminhar com os olhos. Não me mobilizo fisicamente, mas faço uma busca no espaço da tela, navego por GayRomeo. O visual e o espacial se implicam mutuamente nesse outro agenciamento óptico. Tais são as pegadas com as quais os usuários podem marcar os perfis:

Figura 2.1 Índice de “pegadas” da plataforma GayRomeo.

Enquanto estou *offline*, outros usuários podem estar interagindo com o meu perfil, deixando pegadas, as quais ficam marcadas em uma lista. Quando se conecta à página, além da caixa postal, onde são deixadas as mensagens, também se pode ativar a função denominada *Big Brother*. Com essa função, o usuário tem uma lista de quantos outros usuários visitaram seu perfil. Nessa lista, caso o usuário visitante tenha deixado alguma pegada, a mesma aparece marcada junto com o perfil do visitante. Cabe ressaltar que a função *Big Brother* pode ser desativada. Se desativo a função Big Brother não tenho mais a chance de ver quem visitou meu perfil, mas, em compensação, posso visitar o perfil de outros usuários e não estarei marcado na lista de visitantes deles, ainda que eles tenham optado pela opção Big Brother de terem uma lista dos usuários que visitaram seus perfis. Caso tenha desativado a função Big Brother do meu perfil, não posso ver quem visitou meu perfil, mas, caso tenha recebido pegadas dos usuários, tenho uma lista somente dos usuários que deixaram pegadas. A página funciona assim como uma grande arquitetura óptica virtual a qual agencia modos coletivos e parciais de ver.

A esquizo do olhar, a performatividade e o desejo

Foi ainda durante a estadia no México, em outubro de 2011, e os valiosos seminários que frequentei na Unam (Universidad Nacional Autónoma do México), junto com Hortensia Moreno²⁵, acerca das semióticas do corpo, e ainda com a supervisão de Marisa Belausteguigoitia, que o debate em torno da visão, o aspecto performativo do olhar em sua relação com as novas tecnologias surgiu. Dentro de GayRomeo, o olhar se afirma como um dos sentidos orientadores da navegação dentro da página. Trata-se de buscar e ver perfis. O olhar em uma página virtual de relacionamentos, na qual usuários comunicam-se através de imagens, o olhar é um elemento central da dinâmica performativa que envolve ver e ser visto. Por isso, pontuo como importante trazer um aporte teórico acerca do desejo e do olhar dentro dessa discussão metodológica, pois o meu olhar para a página se desenvolveu a partir dessas perspectiva. Um perspectiva que me permita pensar as sexualidades *online* não como uma evidência do visto, uma representação visual, mas efeito de

²⁵ Entre os vários textos que trabalhamos nesse seminário, gostaria de mencionar a coletânea organizada por Hortensia Moreno e Stephanie Slaughter: MORENO, H.; SLAUGHTER, S. (coord.). **Representación y fronteras: el performance en los límites del género**. México: PUEG-Unam, 2009.

dinâmicas performativas que tomam o olhar como um efeito de dispositivos. Um exercício do olhar necessário tanto para quem investiga como para o usuário comum que faz do olhar sua ferramenta de seleção de parceiros. Pensar o registro da visão é pensar ainda o registro da subjetividade na sua relação com a alteridade.

Qual seria, então, o lugar e o estatuto do olhar na cultura *online* de *gay dating*? O olhar tem uma função seletiva na hora de escolher o parceiro com quem se vai teclar, tem ainda uma função erótica que joga com as identificações com o objeto do desejo. O olhar se afirma como o enlace entre o sujeito que olha e aquele que é mirado, o olhar marca *diferença*, passando por critérios desde os mais conscientes até os mais afectivos, intensivos, àquilo que enlaça o sujeito e o outro em um jogo de sedução.

“Homem de verdade que eu vejo, primeiro, seria um homem que não faz sobancelha, que quando faz a sobancelha, eu noto de cara e para mim deixou de ser homem de verdade, certo? Porque eu sou apaixonado por sobancelhas. Então, para mim é natural, é perfeito. É aquele que você olha assim, esse daqui tem, aí assim não é “afeminado”, não é isso? É que você olha e tem cara de homem e não cara de menino, né? Não é aquela coisa que você olha assim e fala, esse aí tem 18 anos. É aquele que você fala assim, esse aqui tem 30 anos, tá ótimo, tá no ponto de abate” (Pedro, entrevista).

Retornando à relação entre olhar e alteridade, poderíamos retomar a psicanálise de Jacques Lacan (1998, 2002) em dois momentos que parece a meu ver importantes na articulação entre olhar, alteridade e desejo, pois é justamente no enlace desses três elementos que o olhar se afirma, não como função de um indivíduo particular, mas como estruturante da própria subjetividade. Em *The mirror stage as formative of I function*, em um primeiro momento, Lacan (2002) intriga-se com o fato de a criança dos seis aos dezoito meses ser capaz de reconhecer sua imagem no espelho ainda que imatura motoramente. Lacan (2002) toma o estágio do espelho como momento em que a criança passa a reconhecer-se como sujeito que possui uma imagem, uma imagem a qual ela busca imitar, constituindo assim seu ego ideal. A criança passa de um corpo que era percebido, até então, como um corpo fragmentado a uma totalização corporal pela imagem, uma *Gestalt*.

No estágio do espelho, esse corpo fragmentado anterior ao registro do simbólico ganha uma forma completa na sua projeção no espelho. A criança assume uma imagem, e esse é um momento fundamental para entender como a partir da assumpção dessa imagem a criança passa a diferenciar seu corpo dos outros corpos. A busca dessa identificação com o outro tem um efeito formativo na construção do registro do imaginário que antecede ao simbólico, dado aqui como a intervenção da cultura, e sua relação com o narcisismo. Em um primeiro momento, o lugar do imaginário, tal como é apresentado nesse texto, é o lugar entre a natureza e a cultura, entre a fantasia da completude, da indiferenciação com o mundo dos objetos e a intervenção simbólica, da ameaça da castração. É justamente por se afirmar enquanto imagem que o *eu* vai se frustrar diante do mundo dos objetos, daquilo que *não sou eu*, o que é fator de angústia. Essa frustração dirige-se, então, ao outro, ao *não-eu*. Nessa dialética, o desejo se põe como desejo de outra coisa, que não o próprio *eu*, já que a paixão narcísica por si mesmo resulta em auto-destruição.

This moment at which the mirror stage comes to an end inaugurates, through identification with the imago of one's semblable and the drama of primordial jealousy (so well brought out by the Charlotte Bühler school in cases of transitivity in children), the dialectic that will henceforth link the *I* to socially elaborated situations. In this moment that decisively tips the whole of human knowledge (*savoir*) into being mediated by other's desire, constitutes its objects in an abstract equivalence due to competition from other people, and turns the *I* into an apparatus to which every instinctual pressure constitutes a danger, even if it corresponds to a natural maturation process. The very normalization of this maturation is henceforth dependent in man on cultural intervention, as is exemplified by the fact that sexual object choice is dependent upon Oedipus complex (LACAN, 2002, p. 78).

É a quebra da especularidade narcísica que abre a possibilidade de saber para o sujeito. As pulsões narcísicas passam a ser recalçadas no momento em que a cultura intervém na forma do desejo do outro, na escolha do objeto sexual. É por diferenciar seu corpo do corpo materno, que o eu sai da fase narcísica no reconhecimento do desejo do outro, do outro como lugar do desejo, aqui a mãe

como sujeito que deseja e, ao mesmo tempo, objeto²⁶. A visão ocupa, nesse momento, uma posição chave tal qual aponta Grosz (1990):

The primacy of the visual in this phase is not altogether surprising, if we understand the genesis of the ego as a specifically social process, one that is culturally and historically variable in its structure. Of all the senses, vision remains the one which most readily confirms the separation of subject from object. Vision performs a distancing function, leaving the looker unimplicated in or uncontaminated by its object (GROSZ, 1990, p. 38).

Os temas do estado do espelho e da elaboração acerca do olhar vão sendo reformulados na teoria de Lacan. Mais adiante no seminário *Os quatros conceitos fundamentais da psicanálise*, aparece uma reflexão muito mais sofisticada sobre a mirada daquela que o autor nos apresentava no texto do estado do espelho (LACAN, 1998). Tal elaboração me serviu para articular uma das principais críticas ao estado do espelho formuladas por Judith Butler (1993), em *Bodies that matter*, e, ao mesmo tempo, reencontrarmos a função da visão, a pertinência do olhar no contexto das performatividades de gênero e sexualidade *online*. A principal crítica de Butler (1993), ao estado do espelho lacaniano, aparece no segundo capítulo de *Bodies that matter*, quando a autora questiona a condição pré-discursiva, pré-simbólica do corpo fragmentado:

But this analysis still needs to take into account why is that the body is in pieces before the mirror and before the law. Why should the body be given in parts before it is specularized as a totality and center of control? How did this body come to be in pieces and parts? To have a sense of a piece or a part is to have in advance a sense for the whole to which they belong. Although “The Mirror Stage” attempts to narrate how a body comes to have a sense of its own totality for the first time, the very description of a body before the mirror as being in parts or pieces takes as its own precondition an

²⁶ Ao reeditar esse dilema sobre a forma do Édipo, Lacan (2002) define a ordem da cultura no domínio da relação heterossexual entre o pai e a mãe, e a primazia do falo nessa triangulação, já que a saída desse dilema será a identificação com o *semelhante*. A posição subjetiva da mãe se refere a sua condição de objeto do desejo do Outro, lugar ocupado pelo pai que intervém na díade narcísica mãe-filho. Este foi um ponto de discussão entre as feministas lacanianas, principalmente no que toca à naturalização da diferença sexual, quando o lugar da mãe, do feminino, passa a ser o lugar do castrado. Por um lado, resta à menina se identificar com a mãe enquanto objeto do desejo do Outro, dada a sua condição de castrada desde sempre. Por outro, ao menino recai a identificação com o pai, com aquele que é possuidor do falo na pregnância anatômica que o falo assume com o pênis como significante do desejo. Lacan (2002) põe a relação mãe-filho como da ordem da natureza, da identificação narcísica e a entrada da lei como ordem simbólica, da cultura que demarca as posições dentro da trama edipiana.

already established sense of a whole or integral morphology. If to be in pieces is to be without control, then the body before the mirror is without phallus, symbolically castrated; and by gaining specularized control through the ego constituted in the mirror, that body “assumes” or “comes to have” the phallus. But the phallus is, as it were, already in play in the very description of the body in pieces before the mirror; as a result, the phallus governs the description of its own genesis and, accordingly, wards off a genealogy that might confer on it a derivative or projected character (BUTLER, 1993, p. 81-82).

O falo não pode ser, ao mesmo tempo, causa e efeito de sua gênese. Esse corpo que surge em pedaços diante do espelho não se inscreve no registro do pré-discursivo na medida em que o seu despedaçamento implica uma totalidade anterior, uma morfologia integral como aponta Butler. Esse corpo que se mira fragmentado no espelho já é um corpo atravessado pela ordem simbólica, pelo discurso, um corpo castrado. Por que, então, Lacan (2002) obnubilaria o fato de que o falo já estava lá, onde seu raciocínio de um corpo fragmentado em sua relação com o corpo materno se afirmaria como pré-simbólico, pré-discursivo? E qual a implicação disso no que toca justamente ao estatuto do olhar?

Para Butler (1993), assumindo o falo como o lugar de significante do desejo, e se ele não pode ser confundido com o pênis, o que garante, então, a pregnância gestáltica do pênis como aquilo que significa “ter o falo”? Se o falo é um significante, a sua posição simbólica poderia ser representada por qualquer outra parte do corpo, desconectada do pênis. Haveria, assim, a possibilidade, e essa é argumentação de Butler (1993), de concerbermos um falo lésbico que desmontaria a primazia heterossexual normativa da diferença sexual:

If what comes to signify under the penis if the phallus are a number of body parts, discursive performatives, alternative fetishes, to name a few, then the symbolic position of “having” has been dislodged from the penis as its privileged anatomical (or non-anatomical) occasion (BUTLER, 1993, p.89).

A visão no espelho estaria, então, aberta não à totalização da diferença sexual binária, mas à proliferação de corporalidades, de outras performatividades. O corpo não estaria, então, como algo que antecede a mirada no espelho em busca de um reflexo, mas é efeito da mirada, arbitrariedade especular de uma visão que se afirma como arbitrária e parcial:

The body in the mirror does not represent a body that is, as it were, before the mirror: the mirror, even as it is instigated by that unrepresentable body “before” the mirror, produces that body as its delirious effect – a delirium, by the way, which we are compelled to live (BUTLER, 1993, p.91).

Que outros olhares seriam possíveis? Que outras armações do desejo poderiam dar passagem? Como dismantelar o olhar heteronormativo que classifica e marca os corpos e abrir passagem para “*alternative imaginary schemas for constituting sites of erotogenic pleasure*” (BUTLER, 1993, p. 91)? O próprio Lacan (1998), mais na frente, repensa o estatuto da mirada na armação entre desejo e alteridade, em um ponto que muito se assemelha à crítica que Butler o faz. Lacan (1998) fala de uma esquizo do olhar. Nesse segundo momento, não é mais a visão pré-discursiva do corpo fragmentado do estado do espelho, mas um olhar atravessado pela ordem simbólica que se afirma sempre como fracasso, de um olhar que busca o que não pode mais ser encontrado:

The split that concern us is not the distance that derives from the fact that there are forms imposed by the world towards which we have to pass which the intentionality of phenomenological experience direct us – hence the limits that we encounter in the form of a strange contingency, symbolic of what we find on the horizon, as the thrust of our experience, namely, the lack that constitutes castration anxiety. The eye and the gaze – this is for us the split in which the drive is manifested at the level of the scopic field (LACAN, 1998, p. 72-73).

Este outro Lacan tem algo a dizer sobre a abertura do olhar como lugar onde se manifesta a pulsão, o desejo. Como esse olhar para Lacan está sempre elidido, castrado, o espaço do encontro com o objeto pelo olhar é o espaço do simulacro, e não o da revelação. Não há nada a se descobrir em um olhar desde sempre elidido. A pulsão manifesta-se no nível escópico dessa forma como um efeito de superfície, de um olhar que busca sempre o *objeto perdido do desejo*.

Um tema que aparece tanto na psicanálise de Freud e Lacan, como na teoria da performatividade de Butler, é o tema da repetição e dos efeitos de superfície. Entender a materialidade da performance implica entender que não há sujeito anterior a ação, que o agir é o ato reiterador e produtor do gênero. A realidade da performance não está em um substrato corporal pré-discursivo que a antecederia. A realidade do gênero reside, tomando o conceito de performatividade de Butler, na

atualização reiterativa de um campo virtual. Tome-se, por exemplo, a clássica análise de John Berger (1972) sobre os modos de ver quando o autor apresenta, nas formas da arte, como homens e mulheres são retratados diferentemente na pintura em uma possível articulação com o conceito butleriano de performatividade de gênero:

But the essential way of seeing women, the essential use to which their images are put, has not changed. Women are depicted in a quite different way from men – not because the feminine is different from the masculine – but because the “ideal” spectator is always assumed to be male and the image of the woman is designed to flatter him (BERGER, 1972, p.64).

O processo de retratar as posições de quem é o espectador e quem está a ser visto parece ser normalizado sobre os princípios de um olhar heteronormativo. O corpo feminino é retratado não para qualquer espectador, mas para um espectador bastante particular em termos de gênero: é para o olhar masculino que o corpo feminino está sendo retratado. Na arte da pintura, a maneira como o corpo é oferecido à visão pressupõe seu espectador. Contudo, mesmo essa pressuposição não pode ser garantida totalmente, já que esse olhar pode ser capturado por outros olhos. Esse é o espaço de performatividade onde performance e performatividade se interrelacionam. No domínio bastante específico da performatividade está a objetividade dos dispositivos reguladores que vão além da compreensão dos sujeitos e de suas agências individuais. A performatividade do olhar não implica a agência intencional de atores individuais. Isso já estava posto pela psicanálise de Lacan, ao dizer que o olhar do outro me marca, um outro inatingível, transbordante, ao qual a minha subjetividade se põe como reflexo incompleto e exterior. Assim, Borsò (2008) também relaciona o tema do olhar em Lacan com a fenomenologia e o problema da emergência da diferença:

Das sehende Subjekt und das Gesehene Objekt können sich nicht denselben Repräsentationsraum teilen, weil der Raum des Sehenden und der des Gesehenen einander heterogen sind, so die phänomenologische Entdeckung von Husserl. Er selbst wird diese Spur nicht weiter verfolgen; erst Maurice Merleau-Ponty wird auf den heterogenen Raum der Sichtbarkeit eingehen, nämlich auf die Fremdheit des Lebens und darauf, dass die Sichtbarkeit das chiasmatische Ereignis zwischen dem sehenden Auge und dem Objekt des Blick ist. Auf dieser Basis wird auch Jacques Lacan zwischen dem Auge als Dispositiv kultureller Deutungen, für das der Leib die

Differenz darstellt, und dem Blick unterscheiden (BORSÒ, 2008, p. 278-279).

Um outro tipo de agência está em jogo aqui: a agência da experiência, apreendida no domínio da prática. Aqui os trabalhos de Bruno Latour e Pierre Bourdieu estariam muito bem de acordo com uma teoria da performatividade como mostra Dekker (2012, p. 155-203). A dimensão performativa do olhar descola-se do olho biológico, abrindo um entre-espço, essa esquizo, da qual fala Lacan. Esse olhar demanda novos métodos, novas formas de ver os fatos. Interessante pensar como as Ciências Sociais, por se prenderem na agência humana, estão em defasagem com os dispositivos ópticos, principalmente das ditas ciências duras, pois, ao trabalhar somente com discursos, reduz o olhar a sua dimensão textual. Há um empobrecimento nas formas de ver em vários trabalhos. Creio que, na teoria feminista e *queer*, assim como nos estudos culturais, há uma problematização mais rica e efetiva do olhar, como nos ensina Haraway:

The eyes have been used to signify a perverse capacity – honed to perfection in the history of science tied to militarism, capitalism, colonialism, and male supremacy – to distance the knowing subject from everybody and everything in the interests of unfettered power. The instruments of visualization in multinationalist, postmodernist culture have compounded these meanings of dis-embodiment. The visualizing technologies are without apparent limit; the eye of any ordinary primate like us can endlessly be enhanced by sonography systems, magnetic resonance imaging, artificial intelligence-linked graphic manipulation systems, scanning electron microscopes, computer-aided tomography scanners, colour enhancement techniques, satellite surveillance systems, home and office VDTs, cameras for every purpose from filming the mucous membrane lining the gut cavity of a marine worm living in the vent gases on a fault between continental plates to mapping a planetary hemisphere elsewhere in the solar system. Vision in this technological feast becomes unregulated gluttony; all perspective gives way to infinitely mobile vision, which no longer seems just mythically about the god-trick of seeing everything from nowhere, but to have put the myth into techno-monster (HARAWAY, 1991, p. 188-189).

Esses dispositivos reguladores são compostos não somente pelas normas objetivantes do discurso, mas também pelos sentidos, pelas disposições corporais, pelos afectos, pelas sensações. A incompreensão acerca do conceito de performatividade é dupla: nem tudo é discurso (contra uma ideia de um construtivismo totalitário na teoria de Butler), e o território da prática não é nem pré-discursivo nem natural, tão pronto os corpos importam em sua *aparência* discursiva.

O corpo se conecta com outras materialidades não corpóreas, com máquinas de ver e sentir. Trabalhar uma metodologia a partir do olhar é, então, deslocar o pesquisador da narrativa do “Eu” vi e apresentar o “eu” como descentrado no campo de uma experiência que o posiciona como efeito de múltiplos feixes.

Ao contrário do que apontam autores como Le Breton (2003) e Grosz (2001), não considero a divisão entre real e virtual relacionadas com uma proposta de elisão do corpo, na forma de um novo cartesianismo. Porém, como bem ressalta Grosz (2001), o virtual não é uma novidade trazida pelas novas tecnologias de comunicação. O próprio advento da escrita já mostra uma forma de virtualização, como campo de possibilidades, como espaço de exteriorização da interioridade em espaço e tempo, o que faz a autora afirmar que “*the real world has always been a space of virtuality*” (GROSZ, 2001, p. 78).

A existência *online* não significa nem a elisão do corpo nem a reedição da dicotomia cartesiana corpo *versus* alma, na qual o corpo físico ocuparia o lugar do “real” da subjetividade, enquanto o corpo virtual ocuparia o lugar de uma mente mediada tecnologicamente, a qual pode ser ficcionada às mil maneiras. Este é um ponto bastante complicado de se afirmar, principalmente quando na experiência da sexualidade *online*, o corpo que se senta diante do computador não desloca toda sua materialidade corporal para o perfil, restando ao corpo que se posiciona diante da tela apenas o lugar de comando, de *input*.

O corpo *online* nas páginas de encontro gay tem uma relação diferenciada, pois não se afirma como um avatar, mas como dobra do dentro e do fora da tela: é um corpo que se excita diante da tela, que tem desejo. A erotização bastante específica da cultura gay *online* de busca por parceiros demonstra o quanto o corpo virtual *importa*, tanto *online* como *offline*, através do espelho virtual da tela.

O trabalho metodológico que se impõe é pensar dentro desse cenário de corpos e desejos um modo de cartografar essa travessia da tela. A metáfora que poderia aplicar aqui seria a da terceira margem como no conto de Guimarães Rosa (1988), *A terceira margem do rio*. Enquanto Grosz (2001), Le Breton (2002), assim como outros autores tentam delimitar *offline* e *online* como duas margens de um rio, gostaria de pensar a relação entre esses dois termos na *terceira margem*, sem fazer nenhuma alusão a tentativas de conceituar um terceiro espaço, pois, mais do que buscar um espaço, estou problematizando movimentos, travessias do real ao virtual

e vice-versa: como essa travessia abre passagem para performatividades de gênero e sexualidade em seus desmantelos com o desejo, o erotismo e a diferença.

Considerações finais

Neste capítulo, tratei de problematizar a metodologia adotada para esta tese a partir das singularidades do campo de pesquisa que trazem a necessidade de reorientações de perspectivas teóricas e práticas sobre como olhar sociologicamente a sexualidade *online* a partir de uma experiência em que a dimensão subjetiva e corporal se faz tão marcante. Essa perspectiva de uma metodologia que parte do olhar, o olhar que delimita o terreno, o cenário de investigação, tal como defini neste capítulo e suas escolhas metodológicas. Escolhas que tomam em conta a minha subjetividade e meu compromisso como pesquisador e usuário da plataforma, da qual não poderia falar de outra forma, a não ser desse jeito, pois foi justamente a posição que ocupei, posição de como me aproprio das teorias de gênero, de uma formação entre espaços e entre línguas, de minha posição enquanto gay, ora estrangeiro, ora nativo, ora nordestino quando saio da minha região e vou pesquisar em São Paulo ou quando em Berlim encontro outros brasileiros que não são dos meus.

Reafirmo tudo isso dentro da proposta do que Haraway (1991) brilhantemente reclamou ao feminismo, quando este esteve prestes a abandonar a objetividade, que a objetividade dentro do feminismo se faz possível e é tarefa política reclamá-la, porque somos todos situados, como todos sujeitos parciais, posicionados. A possibilidade da objetividade está no exercício de saberes situados. Essa metodologia começa pelo olhar que traduz o virtual do mundo em realidade decodificada, que faz a travessia da tela, o olhar que se distancia mas que também é ativado e desativado.

We need to learn in our bodies, endowed with primate colour and stereoscopic vision, how to attach the objective to our theoretical and political scanners in order to name where we are and not, in dimensions of mental and physical space we hardly know how to name. So, not so perversely, objectivity turns out to be about particular and specific embodiment, and definitely not the false vision promising transcendence of all limits and responsibility. The moral is

simple: only partial perspective promises objective vision. This is an objective vision. This is an objective vision that initiates, rather than closes off, the problem of responsibility for the generativity of all visual practices” (HARAWAY, 1991, p. 190).

Neste capítulo, apresentei minha metodologia não como procedimento a ser repetido, mas pensar uma outra escrita sociológica, em que o método é confeccionado na experiência singular do investigador com a teoria e a prática do fazer pesquisa social. Por conta disso, não separei a confecção do método da reflexão teórica, pois creio ser e estar as duas tão imbricadas e sinto um empobrecimento em formas de escrita da pesquisa social que se pautam apenas na descrição de instrumentos. Ora, tais perspectivas tendem a neutralizar os instrumentos de pesquisa, a pô-los no campo cego dos tomados de antemão. Esta tese é uma tese sobre performatividade, e, para outras performatividades do corpo e da escrita, espero ser a minha contribuição. Nos próximos dois capítulos, trabalharei com a dimensão mais textual da performatividade *online* a partir das narrativas das experiências dos usuários entrevistados, mas relacionando-as pouco a pouco com outros registros visuais, sensoriais, incorporados que lhes atravessam e formam sua base. No último capítulo, exploro as virtualizações do corpo, do espaço e do desejo enquanto arquitetura virtual em que a cultura *online* das práticas de gay dating são confeccionadas.

Capítulo 3 Performatividades Online I: arquivos e desidentificações

Uma das primeiras questões que surgiu durante o trabalho de campo, no tocante a como comecei a trabalhar com entrevistas no sentido de buscar nelas os elementos necessários para se entender as dinâmicas de gênero e sexualidade dentro das páginas de encontro voltadas ao público gay, no caso estudado GayRomeo, dizia respeito à sutil diferença entre “performance” e “performatividade”. Ao trabalhar com o material, perguntava-me se as narrativas dos meus interlocutores, enquanto atos de fala, estariam me levando a pensar em termos de performance, primeiro porque eram narrativas orais e escritas dirigidas um pesquisador gay, ora estrangeiro, ora nativo da língua em um contexto de pesquisa. Esse falar sobre os encontros, os modos de se apresentar dentro da página virtual, as experiências adquiridas, diferenciava-se ainda dos momentos em que estava realizando trabalho de campo *online* na página, onde o tipo de diálogo também mudava, pelo fato de estar “fazendo com”, participando da plataforma e recebendo mensagens de usuários. Um terceiro tipo de performance ainda diz respeito ao material audiovisual dos filmes pornô dispostos na plataforma para download, o que faz parte de um outro tipo de material, de uma outra linguagem a ser analisada e também de performances nas quais eu não estaria no lugar de participante mas de espectador. Cada conjunto de material empírico, que preferi tratar como bloco, levou a uma descrição distinta de performance. Mais do que falar em performance, é preciso caracterizar sociologicamente a dimensão performativa da vida social, além de buscar as conexões com os estudos de antropologia da performance e também das artes da performances. Por conta disso, optei por trabalhar com o conceito de Judith Butler de performatividade (1990). Justifico esta opção, acentuando uma nítida diferença que há entre essas duas palavras no texto de Butler: “performance” e “performatividade”.

As performances de gênero e sexualidade encontradas nos blocos de material empírico composto por arquivos de diversas fontes apontam para um registro da performatividade *online*. Primeiro, buscarei definir, neste capítulo, com o material das entrevistas, o elemento performativo do gênero e da sexualidade através das narrativas. Segundo, delinearei elementos para pensar performatividades do gênero e da sexualidade *online*. Por fim, abrirei o caminho que

desde já anuncio no título deste capítulo de performatividades *online* em suas relações com normatividades e marcadores de diferença. Neste e no próximo capítulo, abordo os elementos narrativos das performatividades do gênero e da sexualidade *online* de acordo com o material das entrevistas e em sua conexão com alguns elementos visuais das culturas gays contemporâneas observadas *online*. Deixarei, para o último capítulo, a arquitetura visual da página, como cenário espaço-temporal das performatividades *online*, bem como a relação entre real – virtual, culturas sexuais *online* – culturas sexuais *offline*. A arquitetura visual do site permite também a disposição de publicidade voltada ao público gay como festas, clubes, saunas, organizações de apoio, além de mostrar os perfis mais recentes criados dentro da plataforma, de modo a atrair os usuários. Nessa arquitetura visual, joga-se com códigos textuais e visuais que podem ser tomados como uma normatividade, no sentido de que imagens e textos dão forma a um certo discurso sobre “ser gay” em articulação com o sistema sexo-gênero, masculino-feminino. Com o sistema sexo-gênero, quero nomear uma perspectiva em que sexo e gênero aparecem como diferenciados, em que sexo estaria no domínio do biológico e gênero, no domínio do cultural. Em uma perspectiva de normatividade, haveria uma relação do gênero como tradução cultural do sexo. Tal relação será alvo da crítica feminista e do conceito de performatividade que rompe com esse aspecto dicotômico do sistema sexo-gênero²⁷. Contudo, este capítulo baseia-se no material coletado das entrevistas e no que ele permite problematizar em termos de performatividades *online* na construção de subjetividades gays *online*.

²⁷ Cito sob esta perspectiva, os fundamentos da teoria da performatividade de Judith Butler que baseiam-se na não correspondência entre sexo e gênero: “If gender is the cultural meanings that the sexed body assumes, then a gender cannot be said to follow from a sex in any one way. Taken to its logical limit, the sex/gender distinction suggests a radical discontinuity between sexed bodies and culturally constructed genders. Assuming for the moment the stability of binary sex, it does not follow that the construction of “men” will accrue exclusively to the bodies of males or that “women” will interpret only female bodies” (BUTLER, 1990, p. 9). Soma-se a essa perspectiva de performatividade, recentes contribuições de feministas nos domínios das biotecnologias e dos *Science studies* que complexificaram essa redução binária pautada num modelo representacional: “The collision of different layers of stratification of sex in the biodigital stratum induces a virtualization (an intensive expansion) rather than a disappearance of biophysical and biocultural machines of stratification. From bacterial trades to nucleic exchange from sexual reproduction to genetic engineering, from the sexed body to recombinant sex, the essence of the body comes to correspond to a mutating difference” (PARISI, 2004, p. 26).

Gênero e sexualidade na produção de subjetividades *online*

Um primeiro aspecto que gostaria de abordar a partir do material das entrevistas diz respeito à imbricação entre gênero e sexualidade *online*, entre performances de sexualidade que tomam algumas performances de gênero para constituição de um erotismo *online*, a partir, por exemplo, da inclusão-exclusão do masculino e do feminino no espaço virtual da plataforma GayRomeo. No contexto das páginas de encontro gay, os marcadores de gênero e sexualidade são postos em jogo de uma maneira estratégica, seja pela agência intencionada de atores que usam os diferentes códigos de gênero e sexualidade para construção de seus perfis e maior êxito na busca por parceiros, seja por aquilo que Foucault denominaria de uma “estratégia sem sujeito” com o conceito de dispositivo (FOUCAULT, 1979, 1999), no sentido de pensar regulações de gênero e sexualidade que operam para além da intencionalidade de atores sociais concretos constituindo os sujeitos, subjetivando-os. Por exemplo, numa página de gay *dating*, como será discutido adiante, os dados são inseridos pelos usuários, mas a forma como eles passam a fazer parte de um banco de dados, a modo como perfis são dispostos para busca, ordenados por sua sexualidade, sua forma física e outras variáveis, reforçam uma ideia de regulações para além da intencionalidade dos sujeitos.

Como comentado no capítulo anterior, a visualidade ocupa um papel central na cultura *online* das páginas de encontro voltadas ao público gay. O olhar tem uma função seletiva, entre os vários perfis virtuais, ao escolher alguns usuários com os quais o usuário gay gostaria de travar contato. Um dos primeiros aspectos que me chamou atenção durante as entrevistas foi essa imbricação entre gênero e sexualidade, principalmente numa fala sobre o outro, num discurso sobre o diferente, sobre o parceiro que se busca, sobre outros usuários, sobre o tipo ideal de parceiro. Esses discursos sobre um outro, que ora aparece nacionalizado, ora racializado e também extremamente sexualizado, falam ainda da articulação de culturas sexuais locais em sua construção com culturas sexuais globais, moldando regimes visuais de diferença (cor, corpo, modo de se vestir, cabelo etc.). Como exemplo, há dentro da página vários clubes que denotam a erotização de marcadores da diferença como “turk machos”, “Young arab lovers”, “sons and dads”, “old bears India”.

Num primeiro momento, o espaço virtual se afirma como um lugar em que a orientação sexual se faz pública, ainda que, para muitos, fora do espaço da página, a homossexualidade esteja no armário. Pensando com Sedgwick (1990), em *The Epistemology of the Closet*, o armário enquanto dispositivo regulador das sexualidades não-hétero imporia uma articulação entre público e privado, na forma de um autocontrole, disciplinamento daqueles sujeitos de sexualidade não hétero que não poderiam falhar, com o preço do preconceito e da exclusão, na ocultação pública da sexualidade, adotando padrões de gênero hegemônicos de masculinidade e feminilidade que afirmariam a coerência entre sexualidade e gênero, ou seja, de homens masculinos e mulheres femininas no modelo heterossexual. O fantasma da feminilidade de homens e da masculinidade de mulheres poria essa coerência em dúvida: “será que ele/ela é (gay ou lésbica)?” (em português, essa expressão é bastante usada quando se insinua a orientação sexual ainda não revelada, mas numa condição em que a heterossexualidade é posta dúvida). Assim, justifica-se, dentro do modelo heteronormativo, a normalização da relação unívoca entre identidade de gênero e identidade sexual, e, com isso, um conjunto de práticas de regulação dos gêneros e dos sexos no sentido a sustentar essa coerência. O desmantelamento dessa coerência já põe em dúvida essa regulação, o que faz com que as sexualidades não hétero despertem ainda mais atenção quando elas se apresentam em sujeitos, que, para além de sua performance de sexualidade, desafiam também a coerência de gênero e se apresentam, para usar categorias nativas como “afeminados”, “bicha”, “Tunte”, “Sissi”, “queer” (cabe salientar que essas categorias carregam tanto um sentido pejorativo em sua origem, como forma depreciar gays, mas também são reapropriadas nas paródias que os próprios homens gays fazem acerca de sua sexualidade, assim não é difícil encontrar o uso de pronomes femininos ou termos como “bicha” entre homens gays). Cada uma dessas categorias diz de performances de gênero e sexualidades articuladas em um modo que desafia a regra do armário, do gay, da lésbica, da transexual que, de alguma forma, borram as fronteiras da masculinidade e da feminilidade hegemônicas.

Nos discursos *online*, ambas perspectivas se fazem presentes. A heteronormatividade, enquanto formação positiva de poder, opera na constituição de sexualidades hétero e não hétero, o que não pode ser confundido com heterossexualidade, enquanto forma hegemônica de sexualidade afirmada pela

heteronormatividade. Tomando o conceito de Butler (1990), que muito deve também a uma perspectiva sobre norma/normalização baseada em Foucault (1999), as diferentes configurações de sexualidade seja ou não hétero estão relacionadas entre si, na maneira em que as regulações heteronormativas são produtoras da diferença sexual. São elas que estão em jogo justamente nas formas de contestação de figuras disruptivas de sexualidade e também na confluência de registros díspares de sexualidade com figuras hegemônicas de gênero (por exemplo, a busca do gay que “não dá tinta”, do gay macho, do “heterolike”, do “homem de verdade”, relatada por usuários de sites de gay dating).

Trabalhar com atores multisituados (atores que estão em espaços de interação *online*, mas pelo menos em realidades *offline* de dois continentes: América Latina e Europa) leva ainda a pensar nas imbricações locais entre gênero e sexualidade na sua relação com significados translocais aderidos ao ser gay, a busca por parceiros e a construção de outros significados e subjetividades no espaço *online*. O que surge de novo com o uso das novas tecnologias, no caso a interação *online*, é a possibilidade de pensar novas agências corporais, no sentido da produção de identidades corporificadas virtualmente via fotos, descrições das características físicas, uso de ícones para marcar um perfil como fisicamente atraente ou não, e ainda a possibilidade de tornar a realidade *offline* desconhecida, mascarada, manejando mais de um perfil ou simplesmente criando perfis denominados “fake”. Em todas esses arranjos, há a possibilidade de encontrar os cruzamentos de gênero e sexualidade na produção de subjetividades *online*, o que me levou a recortar quais os elementos mais recorrentes de um enunciado sobre a sexualidade gay nas práticas *online* de busca por parceiros em sua relação com os seguintes tópicos: saída do armário (*coming out*), masculinidade, busca, descoberta do universo gay *online*.

O conceito de armário, “closet”, está muito datado na discussão de sexualidade, elaborada principalmente no cenário norte-americano das décadas de 1960-1970, (SEDGWICK, 1990) e, por isso, faz-se importante pontuar que o discurso do armário é um discurso historicamente contextualizado, seja como conceito da teoria *queer*, seja como categoria nativa utilizada entre os LGBTQI, à realidade de uma sociedade que tem suas marcações de público e privado pautadas na divisão estrita dessas esferas, assim como o termo gay, oriundo da língua inglesa. Se o termo sai do seu contexto de origem e se torna uma categoria

transnacional de identificação, isso não significa que vamos ver uma suplantação de categorias nativas para dar conta das relações entre pessoas do mesmo sexo biológico em interações sexuais.

A identidade gay, portanto, é, desde sua origem, uma categoria que está justamente na intersecção entre uma reterritorialização de uma identidade sexual não hétero e uma desterritorialização do seu contexto de origem para outros cenários sociais. A resistência, portanto, de sujeitos do sexo biológico masculino em diferentes contextos sociais em não quererem identificar-se como “gays” pode ser questionada mais do que uma mera dificuldade de sair do armário, ou não querer “assumir-se como gay”, ela pode dizer de outras formas de sexualidade, de encontro entre parceiros do mesmo sexo que não se acoplariam ao modelo do armário ocidental. Como apontam vários pesquisadores (BOELLSTORFF, 2005; FERREIRA, 2008; REBUCINI, 2011), sobre performances de sexualidade não hétero em contextos rurais de países como o Brasil, no Marrocos, na Indonésia, é importante pensar essas posicionalidades de que o gay não é uma “categoria universal” quando se está lidando com diferentes cenários nacionais, mas pensar a posicionalidade dessa categoria em movimento, uma categoria que tem uma história, uma cor, uma classe. Importante sublinhar o fato ainda de ser a categoria gay uma forma de resistência em relação ao termo homossexual, que nasce nos manuais de psicopatologia no século XIX (FOUCAULT, 1999), e integrar um conjunto social e político, articulando diferentes atores na contestação da mesma normatividade que os categorizou e os agrupou em um núcleo. Contudo, não falamos do mesmo gay, tampouco da mesma forma de discriminação entre todos os gays. Para dar um exemplo, um gay negro enfrentará outra forma de discriminação que um gay branco. Tal fato significa mais do que dizer que estamos combinando racismo com sexualidade. Variados são os exemplos dessas formas de discriminação interseccionais: quando um gay negro tem receio de ir a lugares voltados ao público gay mais frequentados por gays brancos em sua maioria; ao se ver, na pornografia gay, o gay negro associado a um maior tamanho do pênis ou ao papel de ativo no intercurso sexual; ou, por exemplo, quando se fala em “asian boys” referindo-se a gays de origem asiática como sendo mais femininos e orientados a uma performance de sexualidade fronteira, quase “trans”, por não sustentar uma performance de masculinidade heterossexual marcada pelo corpo (um corpo

associado ao tamanho, à musculatura e às concepções de vigor e força bastante específicas e situadas).

Nesse sentido, gostaria de trabalhar com um modelo que me leve a pensar para além do armário essas sexualidades *online* tendo como base as narrativas dos usuários entrevistados, o que não significa o abandono da categoria como válida. É certo que, em uma sociedade heteronormativa, sujeitos gays terão que negociar e correr riscos por conta da revelação pública de sua orientação sexual. Homofobia é algo ao qual tais sujeitos estão sendo confrontados diariamente. Por outro lado, pensar o espaço virtual introduz uma dimensão de embaralhamento das fronteiras entre o público e o privado. Seguindo o modelo de Segdwick (1990), o dispositivo do armário pressupõe uma nítida diferença entre os domínios do público e do privado. Desse modo, ao tratar-se dos domínios virtuais que embaçam essa nitidez, uma lógica que já não é mais totalmente a do armário se desvela. Na verdade, a categoria aparece nos discursos, e ela se faz bastante relevante para o conhecimento de dinâmicas entre usuários *online* e *offline*. Contudo, precisa-se pontuar que há diferentes armários, formas de assumir e ou não a orientação sexual.

A busca de uma lógica para além do armário resultou também num trabalho com os ditos e os não ditos no processo de entrevista que no final das contas tem a ver com o que fica inapreensível na investigação social de práticas performativas. Taylor (2003), com os conceitos de arquivo e repertório, analisa a investigação social sobre performance. Taylor faz uma revisão dos estudos sobre performance em três distintos campos: os estudos antropológicos e sociológicos da dimensão performativa da vida social (aqui a autora menciona os trabalhos de Victor Turner, Émile Durkheim, Erwin Goffman), os estudos sobre teatro/artes da performance e os estudos de linguística sobre os atos performativos de fala em J.L. Austin (o qual será base para o conceito de performatividade em Judith Butler), Searle e Ferdinand de Saussure. Acrescenta-se a essas vertentes teóricas, dentro da sociologia, a teoria de Goffman ou, na antropologia, os estudos sobre drama social que antecedem a virada performativa dentro dos estudos de gênero a partir principalmente de Judith Butler e a publicação de *Gender Trouble* na década de 1990. Destaca-se, nesses três campos, que a performance faz parte da vida social, e ainda que os estudos sobre performance, na verdade, constituem um campo interdisciplinar de investigação recente.

Taylor, assim como Butler e demais autores (MUNOZ, 1999; PRECIADO, 2008) que analisam performance seja dentro das ciências sociais, dos estudos de gênero e da teoria *queer*, ressaltam que trabalhar com performance é ainda pensar outros registros e epistemes que não seriam apenas os do texto, da narrativa escrita que pautam a cientificidade nas sociedades ocidentais, mas também significa lidar com um conjunto de práticas, gestos, oralidade, conhecimentos que são efêmeros e fenômenos não reproduzíveis. Na sua crítica aos primeiros estudiosos sobre drama social em sociedades não ocidentais, Taylor ressalta uma colonialidade epistêmica na forma como esse conjunto de práticas performativas que não passam por esse modelo de produção de conhecimento pautado na documentação, no arquivo escrito, na descrição, acabou por ser traduzido num modelo científico que ignorou justamente um aspecto da performance que se põe como central que é sua dimensão de “*embodied knowledge*” (conhecimento incorporado) e o problema da intraduzibilidade dessa dimensão dos atos performativos:

Performance studies, then, offers a way of rethinking the canon and critical methodologies. For even as scholars in the United States and Latin America acknowledge the need to free ourselves from the dominance of the text – as the privileged or even sole object of analysis – our theoretical tools continue to be haunted by the literary legacy. Some scholars turn to cultural studies and no longer limit themselves to the examination of texts, but their training in close readings and textual analysis might well turn everything they view into a text or narrative, whether it’s a funeral, an electoral campaign, or a carnival. The tendency in cultural studies to treat all phenomena as textual differentiates it from performance studies. As cultural studies expand the range of materials under consideration, it still leaves all the explanatory power with the letrados while occluding other forms of transmission (TAYLOR, 2003, p. 27).

Assim, Taylor propõe pensar duas categorias quando falamos em performance: o arquivo e o repertório. No domínio do arquivo, tem-se os documentos, as imagens, os mapas, os filmes, enfim, a dimensão material do performativo. No domínio do repertório, engloba-se precisamente o que é posto em movimento, o que não se apreende pelas formas do arquivo, justamente o conjunto das práticas corporais de transmissão de conhecimento, os afetos, os elementos não discursivos das práticas performativas. É preciso entender a interação entre esses dois domínios, pois eles não são campos excludentes e fáceis de separar metodologicamente. Quando temos os arquivos digitais de uma ficha de dados para

criar um perfil *online* numa plataforma gay, lida-se com os dois, ao mesmo tempo, na medida em que esse perfil *online* como arquivo vai mobilizar uma série de interações, de afetos, de sensações de atração ou repulsão, de simpatia que são imprevisíveis quando relatadas somente ao domínio do arquivo: “*Materials from the archive shape embodied practice in innumerable ways, yet never totally dictate embodiment*” (TAYLOR, 2003, p.21).

Pensar nas performatividades de gênero e sexualidade *online* é trabalhar com os dois domínios como aquilo que vem a materializar essas figuras de gênero e sexualidade que surgem *online*. Portanto, toma-se o elemento narrativo não como aquilo que vem a dar a palavra final sobre o que seria esse discurso do gênero e da sexualidade, mas como um elemento de uma constelação de práticas sociais muito mais complexas, práticas das quais o cientista social não possui total controle, muito menos total acesso e lida com seu arquivo e repertório próprios. O que as páginas virtuais de encontro gay fazem funcionar está relacionado com uma outra agência do armário, que negocia com a ferramenta virtual a ocultação-exposição da sexualidade.

Tomei os conceitos de arquivo e repertório de Taylor no tratamento das entrevistas como elementos que me serviriam para decifrar operadores performativos nas falas dos sujeitos, já que estou em busca do jogo entre performance (atos de fala, atualizações realizadas pelos sujeitos, o que estão mais próximos da definição de repertório) e performatividades (normatividades postas em movimento na confecção dos gêneros e sexualidades, mais próximas do domínio do arquivo). Nas teorias da performance em sua interseção com os estudos de gênero e a teoria *queer*, elabora-se uma conceptualização muito mais refinada da ação social, que descentra o simplismo analítico da agência individual e permite a elucidação de tramas de saber-poder na qual as subjetividades são forjadas.

Como meus interlocutores descobriram GayRomeo? O que foi ativado quando passaram a ser sujeitos *online*? O resgate desses momentos nas situações de entrevistas compuseram parte dos arquivos dessa investigação, que foram arquivos compartilhados entre aqueles que vivenciaram e o investigador na situação de escuta e intervenção que faz parte do procedimento de pesquisa sociológica. Tais arquivos combinam o armário com o seu exterior. A descoberta do universo gay *online* pode ser concomitante ou não ao próprio processo de sair do armário. A

busca por parceiros para encontros pode por em movimento novas estratégias de sedução e apresentação ou reformatar repertórios já vivenciados *offline*.

Para além do armário: a descoberta (arquivo I)

Falar sobre os motivos que levam um indivíduo a utilizar um site de gay dating significa explorar um domínio que não se deixa racionalizar tão facilmente, já que se lida com um conhecimento corporal, desejos, afetos e emoções que podem se verbalizar ou não no momento em que perguntava “Por que você decidiu criar um perfil no GayRomeo?”. Os diferentes motivos variaram desde “busca por iguais” até curiosidade sobre as possibilidades que o website proporcionava em relação com outras plataformas existentes. Durante o trabalho de campo, uma das primeiras questões que fazia aos entrevistados se referia a como eles chegaram até o GayRomeo e por que decidiram criar um perfil no GayRomeo. Essas duas perguntas se tornaram uma espécie de aquecimento para o roteiro de questões semidirigidas, de entrevistas no Brasil, na Alemanha e no México. As diferentes respostas enunciavam ainda o modo como seria percebido por eles, como em dois casos em que voltavam para mim com termos como “heteronormatividade” ou “queer” por saber que eu vinha da universidade e estava fazendo uma pesquisa sobre páginas virtuais de encontro para gay. Essas narrativas se deslocavam, muitas vezes, do que é experimentado *online*, principalmente quando se buscam parceiros para encontros sexuais, no qual a interação via chat é bastante curta e visam ao encontro sexual casual com possível ou não reencontro dos parceiros.

Outro aspecto ainda que se faz pertinente salientar das entrevistas é que o narrar implica em alguns casos falar sobre algo que já aconteceu. Ou seja, o narrar pode ser um recontar, um exercício em que algumas narrativas se sobrepõem a outras em outros momento. A entrevista fala para um outro de uma experiência, é um domínio dialógico compartilhando entre pesquisador e interlocutor, mas a experiência, de fato, observada em muitos casos, em conversas informais e no próprio uso do site, mostra também que há toda uma interação do usuário isoladamente com GayRomeo. Por exemplo, examinar vários perfis, ver as fotos, baixar filmes. Toda essa interação do sujeito com o website é silenciosa e muito do que se experiencia fica restrito ao campo de uma experiência íntima que pode ou não ser compartilhada com um pesquisador em uma situação de entrevista ou

conversa informal. As práticas de autoerotismo, da excitação em interagir com outros usuários, ou de ver fotos, trocar fotos com outros usuários ficam dentro desse domínio íntimo de interação possível, mas, muitas vezes, velado do cenário virtual.

Nas plataformas de *gay dating*, aqui no caso o GayRomeo, temos uma mobilidade virtual de sujeitos alocados espacialmente/geograficamente *offline*, mas essa alocação que pode ser entendida como estática, quando o sujeito se posiciona diante da tela do computador e passa a bater papo e buscar por outros usuários se acopla a uma mobilidade virtual de uma geografia visual, textual e também auditiva de um outro registro espacial. A ideia de armário induz a pensar em controles, entradas e saídas, e também a possibilidade de encerramento, encarceramento, a partir de que aquilo que ponho ou retiro do armário tem uma relação comigo de exterioridade: o segredo que pode ser extirpado.

Ao contrário de autores que insistem numa demarcação entre o armário e a tela (MISKOLCI, 2009), penso que essas fronteiras do armário com a tela estão diluídas nos websites de *gay dating* a partir da sua agência que dessubjetiva os corpos em pixels e informação e geram um armário virtual (refiro-me ao conjunto de informações que são acumuladas a partir do momento em que se gera um perfil). Aqui retomo o eixo principal desta tese de que é discutir a relação entre atores e dispositivos tecnológicos a partir de uma nova conceituação sobre ator social e agência. Ora, quando um indivíduo cria seu perfil numa plataforma de *gay dating*, ele passa a movimentar um arquivo virtual do qual não tem o total controle por mais que as ferramentas lhe sejam dadas e que possa deletar o seu perfil a qualquer momento. O usuário entra numa relação extensiva com o domínio virtual que funciona para além da autonomia do sujeito. A ideia de como o website distribui os usuários num espaço e num tempo outro, ditos virtuais, é o que faz desse registro virtual um lugar peculiar para as práticas de *cruising* (busca por parceiros para aventuras sexuais). Pode-se ter, ao mesmo tempo, uma lista de 600 usuários de acordo com variáveis distintas como cor dos olhos, cidade, tamanho do pênis, numa combinação de elementos eróticos e não eróticos na produção de um território de desejos, quero dizer, que incita desejos, catalisa desejos, agencia desejos: o desejo de entrar, de buscar, de navegar, de encontrar.

Quando perguntava sobre como os usuários descobriram GayRomeo, nos primeiros instantes uma certa lacuna se impunha (os sujeitos pensavam bem antes de responder. Esse repensar aponta para um reencontro do sujeito com suas

memórias que se dava no jogo instantâneo pergunta do pesquisador – resposta do entrevistado, e a alusão constante a um outro, posto no lugar de intermediador. Um outro identificado como um amigo, uma amiga, um ex-namorado, mas também um outro imaginado, um outro que ocupa o lugar daquele que incita, que convida a outras cartografias. Essas figuras do outro, que nas entrevistas aparecem bastante identificadas, apontam para uma posição dessa alteridade, do mundo com outrem, de um tornar-se outro ao entrar num website de *gay dating*. E quando se chega ao website, não se chega da mesma maneira, quero dizer, nem todos os usuários chegaram a GayRomeo por intermédio de algum amigo. A conexão do *offline* com o *online*, ou o conjunto das experiências *online* fazem com que cada sujeito estabeleça, em termos de arquivo e repertório performativos, uma relação singular com o website.

Chego ao encontro de Raul através de um amigo que já havia entrevistado durante a fase de trabalho de campo no Brasil. Raul menciona Danilo como a pessoa que o levou ao GayRomeo e sua vontade de conhecer “pessoas interessantes”. Ele já vinha do uso de outros websites para *gay dating* como o manhunt.net, mas do qual não recordava ou não quis falar muito sobre sua experiência com esse website, não sabendo ao certo se seu perfil ainda estaria ativo ou não, pois esqueceu a senha (geralmente os websites possuem um sistema de gerenciamento para deletar perfis que se encontram desativados, quer dizer, que não estão sendo mais acessados pelos usuários). Raul não sabe informar se há ainda algum perfil seu nesse website anterior ou não. Na sua descoberta de GayRomeo, ele relata os confrontos entre o mundo *online* e *offline* na dinâmica de ser gay, o que leva a pensar numa dupla descoberta real-virtual:

“Quando eu comecei a entender que era gay, mas não conhecia ninguém gay e eu não contava pra ninguém, não conversava com ninguém sobre isso. Então, eu não tinha coragem com ninguém pessoalmente, mesmo algum amigo, assim mais ou menos, que eu desconfiasse que fosse, eu não tinha coragem de chegar e dizer que era e perguntar se ele era, até porque eu nem me lembro se eu tinha, acho que eu não tinha amigos gays, mesmo. Assim que eu saiba. Eu não tinha muitos amigos homens, mais mulheres. Aí, o meio virtual foi a maneira de eu ter esse primeiro contato. Depois que eu tive o primeiro contato, aí eu me inseri como alguém gay que conhece outros que têm amigos, que se relacionam, que conhecem outros e tal. Aí,

meio que eu não precisei, entre aspas, né, mais do virtual, porque eu já tinha uma teia, né, de contatos, de pessoas... Então assim, eu acho que fui ficando menos tolerante assim pra fazer amizades, né, ficava mais impaciente se entrava no bate-papo. Aí, achava cansativo e meio que eu já tinha meu grupo de amigos” (Raul, entrevista).

Raul inicia sua trajetória dentro do GayRomeo com a visão do website como um meio para conhecer outras pessoas com a mesma orientação sexual, devido à dificuldade de realizar sua saída do armário *offline*. Uma vez cumprida esta finalidade, o usuário não se mostra mais disponível para as longas jornadas *online* de bate-papo, demonstrando em princípio um uso bastante pragmático da plataforma no início da entrevista. Contudo, ao esmiuçar as diferentes possibilidades que a ferramenta pode lhe dar, perguntei a ele como era sua experiência da sexualidade *online*, sobre práticas como o cybersexo (sexo virtual) e a maneira pela qual ele experimentaria sua identidade virtual em negociação com o armário, a proteção que uma identidade virtual lhe dava em experimentar sua sexualidade *online*, o que lhe garantia uma translocalidade dessa mesma experimentação, ao mesmo tempo em que estaria resguardado de revelar sua orientação sexual a pessoas do seu bairro ou cidade:

“Eu comecei a entrar no bate-papo em 2002, quando meu primo foi morar lá em casa e levou o computador que não tinha. Só que eu entrava no bate-papo só pra falar com pessoas de outro estado: Rio, São Paulo, de outros lugares, porque eu não queria encontrar ninguém daqui, porque eu tinha medo de alguém me conhecer, etc. Aí, mas eu queria falar, né, homo, o mundo queer só que com alguém mais seguro, digamos assim. Aí eu conversava com pessoas de fora. Aí, em 2004, dois anos depois, foi que eu comprei meu computador e, aí, foi quando eu comecei a, né, criar coragem pra conhecer pessoas daqui”. (Raul, entrevista)

O que temos em funcionamento aqui é um jogo muito mais complexo entre a ocultação e revelação da orientação sexual entre pares. Em princípio, essa revelação se estabelece com pessoas a partir da sua distância geográfica, que é tomada como medida de segurança para essa performance do armário *online* num enunciado que poderia ser resumido da seguinte forma: quanto mais distante, mais

seguro me sinto em interagir. Do outro lado, essa composição de uma geografia virtual em conexão com uma geografia real mostra também a delimitação de territórios do desejo em expressões como “homo” ou “mundo queer”, evidenciando um mundo compartilhado de sentidos por pessoas pertencentes a uma orientação sexual mais além das fronteiras geográficas.

O espaço virtual da plataforma se revela como a descoberta de uma outra cartografia. Essa outra cartografia pode significar para outros uma abertura a novas experimentações da sexualidade. Nesse ponto, o depoimento de Miro, usuário austríaco, com o qual fiz a primeira entrevista *online* e depois o encontrei pessoalmente em Viena, evidencia o espaço virtual como um espaço de uma certa pedagogia da sexualidade, um cenário de descoberta, uma biblioteca-viva de paisagens da sexualidade gay para alguém que estava saindo de uma relação heterossexual e se envolvia *online* em novas territorialidades do desejo. A primeira tarefa seguida ao *coming out* (saída do armário) consiste em buscar seus pares, em descobrir-se a si mesmo nessa outra cartografia de sexualidade. Sob essa perspectiva, não caberia perguntar sobre latência da homossexualidade, na medida em que a ideia de latência homossexual aponta para uma normalização da trajetória de vida dos sujeitos de uma maneira linear que tenderia até a normalizar a homossexualidade numa perspectiva de desenvolvimento linear. O que ressalta de importante no relato de Miro é justamente sua descoberta pragmática do universo *online*.

“GayRomeo hat mir ein Freund nach meinem coming out empfohlen [...] Also wie zuvor gesagt, war es die Empfehlung eines Freundes. Grund hierfür war eine einseitige Schwärmerei meinerseits. Ich habe mich damals in einen Brasilianer verguckt, der mich aber nicht wollte. Ich war dann nach meinem coming out mit diesem Freund öfter in Gayclubs, aber habe dort niemanden gefunden, und war auch lange Zeit davor Single. Dies kommt auch daher, dass ich vorher in einer für mich traumatischen heterosexuellen Beziehung war, und danach eigentlich lange Zeit Angst vor Nähe und Beziehungen hatte. Vielleicht war es auch die anfängliche Anonymität die mich dazu bewogen hat, und gleichzeitig der Gedanke, dass diese Menschen dort zumindest Interesse haben, und sozusagen war es eine pragmatische Entscheidung” (Miro, entrevista).

No jogo do armário *online*, Bento, que iniciou a usar GayRomeo depois de sua mudança para Alemanha, relata essa relação translocal com o armário *online*. Sua trajetória pessoal mostra também a vivência da sexualidade em diferentes espaços. Oriundo de uma família de classe média numa pequena cidade do interior do Brasil, Bento compara o uso de página virtual para *gay dating* no Brasil e na Alemanha e como a experiência de sua sexualidade foi mudando na relação que se estabelecia entre os espaços *online* e *offline* em cidades nos dois países. A mudança de país se deu também como uma forma de abertura da sua sexualidade, já que o receio de sair do armário, no círculo social da sua cidade de origem, apresentava-se ainda como uma dificuldade para Bento. Contudo, o usuário demonstra uma expertise no uso das ferramentas virtuais para *dating* como algo que já trazia de sua experiência no interior do Brasil, o que me serve para averiguar como em contextos não urbanos, essas ferramentas adentram o espaço social e realinham as dinâmicas homoeróticas entre sujeitos conectados.

“Bento: Eu tava em um curso de alemão e eu não sabia como fazer para ter contato sexual na Alemanha ou contato pra conhecer as pessoas, né? Aí, eu procurei na Internet, tipo essas plataformas de relacionamento social, aí, veio o GayRomeo. Aí, eu fiz um perfil pra mim, daí fui descobrindo, mas foi assim uma procura cega no Google.

Kaciano: Ah, foi com uma procura no Google?

Bento: É. Assim, digitando ‘perfil’ ou ‘comunidade gay’, essas coisas, essas palavras-chave.

Kaciano: E o que te interessou em princípio, o que te chamou mais a atenção quando você olhou o website?

Bento: O fato de que eu poderia me esconder através de um perfil. Até o momento, eu ainda tinha problema com o fato de ser gay, de que as pessoas me vissem como gay, né? Então, por exemplo, colocava uma foto sem minha cabeça, ninguém me reconhecia, então eu poderia manter a minha privacidade. Então foi isso, e também foi a forma mais, como posso dizer? Impessoal, né? De relacionamento. Distante.

Kaciano: Então, na época você não era gay outed ainda?

Bento: Não. Foi quando eu já tinha feito algumas coisas no Brasil, já tinha tido um relacionamento curto no Brasil, mas era tudo escondido. Mas foi a partir do momento que eu cheguei na Alemanha, que comecei a vivenciar essas coisas, né?

Kaciano: No Brasil, você utilizou outro tipo de website?

Bento: Não, então, tinha o Disponível.com, mas nunca aconteceu nada. Assim, era difícil ter relacionamento com as pessoas, porque acho que é muito pouco usuário que tem e tava restrito à [nome da sua cidade de origem], uma pequena cidade conservadora, então, nem todo mundo tinha um perfil disponível. O que tinha mais sucesso naquela época pra mim pra conhecer pessoas era o chat do UOL, que também era o mesmo perfil. Então, eu tinha (um perfil) na minha própria cidade, só me mostrava quando tinha certeza que a pessoa não ia fazer nada de errado com a minha privacidade e era também, assim, pra sex dates” (Bento, entrevista).

O Bate-Papo do UOL ao qual Bento se refere faz parte de um conjunto de salas de bate-papo *online* disponibilizadas pela provedora de serviços de Internet brasileira Universo Online (UOL). O bate-papo do UOL oferece uma distribuição das salas a partir de diferentes categorias como faixa etária, interesses, imagens eróticas e cidades. É nas salas de bate-papo locais, onde uma maior atuação de pessoas buscando por encontros se faz presente. Para adentrar à sala de bate-papo, o usuário escolhe um *nickname* (apelido virtual). As diferentes formas de buscar encontros *online*, no seu caso, associam-se às diferentes restrições na exposição de sua sexualidade consideradas estrategicamente. As salas de bate-papo estariam como a melhor maneira de fazer contatos com outros homens gays, na sua cidade natal no Brasil, pois esta se poderia mascarar por trás de um *nickname* e ter, de uma maneira mais eficaz, contatos sexuais imediatos e mediados pelo computador. A descoberta de diferentes formas de busca *online* fazem com que Bento desenvolva estratégias de edições do corpo para os formatos de tais ferramentas. Quando dispendo somente do *nickname*, Bento ressalta a importância das estratégias de edição do corpo *online*: modificar fotos com uso de programas, mascarar o rosto, desfocar partes do corpo ou salientar outras para, ao mesmo tempo, atrair seus parceiros, porém, oferecendo uma margem de não identificação. Essas performances *online* envolvem processos de desidentificação consigo mesmo, no sentido de que esses programas produzem uma subjetividade virtual com a qual os usuários guardam uma relação de identificação, por ser uma

representação virtual de si, mas, ao mesmo tempo, como nas palavras do próprio Bento “impessoal”, “distante”.

Que corpo é esse que parece guardar consigo uma relação de impessoalidade, distância? O que impõe um usuário de GayRomeo a ter uma relação de distância com o seu desejo? Estaria a tela rompendo com a dinâmica do armário quando vemos todas estas estratégias de ainda *online* garantir a fronteira bem estabelecida entro o dentro e o fora, o privado e o público da sexualidade? Os usuários que relataram o uso concomitante ou anterior de outras páginas de encontro gay relatam que o manuseio estratégico da construção de perfis de acordo com o website em questão:

“Porque, assim, faz bastante tempo, eu acho que quase 10 anos atrás. Eu tava ainda, assim, digamos, me assumindo praticamente, tava começando a buscar experiências e tudo mais, morria de medo que alguém pudesse me ver, me reconhecer na faculdade ou então, sei lá, ser apontado na rua, ‘ah é aquele lá!’, alguma coisa assim. Uma bobagem, né? Porque na época... Mas, hoje em dia, eu digo que, claro, coloco fotos, mas ainda sou um pouco mais precavido. No GayRomeo, eu tenho mais fotos de rosto, porque ele não é um site tão conhecido no Brasil, né? É mais na Europa, mas pra fora, assim. No manhunt, tenho foto de perfil, não tenho assim uma foto explícita minha. Mais ou menos assim” (Lucas, entrevista).

Nesse aspecto, as dinâmicas virtuais se situam para além do armário. Se temos o armário como o registro do íntimo, do segredo, da ocultação, as diferentes formas que meus interlocutores relataram de estarem *online*, de gerenciarem perfis em páginas de *gay dating* e também em salas de bate-papo me aproximam a uma combinação da definição clássica de *closet* na qual os vínculos entre humanos e não humanos ainda não aparecem explorados a fundo. Se tomamos o armário como registro do arquivo, percebemos que esse registro se inscreve nos corpos: “não dar pinta”, disfarçar, adotar roupagens de gênero hegemônicas. Ao passarmos para o universo *online*, esse arquivo metamorfoseia-se em virtual e não mais pertence somente a mim, não está somente centrado na minha subjetividade, e isso se evidencia nas estratégias de virtualização do corpo postas a movimento *online*. Se

não tenho mais total controle sobre meu rosto, se minha rostidade²⁸ (DELEUZE e GUATTARI, 1999, p. 36) não me pertence, desterritorializa-se em códigos HTML, então melhor saca-la, corta-la e potencializar meu corpo por outras formas de apresentação. Ao falar sobre o uso de novas tecnologias em sua relação com o corpo, Villaça afirma:

Pensar o corpo como matéria ou pensá-lo como virtual são apenas dois desafios contemporâneos diante dos quais a estratégia mais adequada parece ser o jogo, a abertura, o controle do risco, a experimentação, a composição que integre a alteridade e a semelhança com o outro e com o mundo. Esta visão, um tanto polimorfa, em oposição ao projeto de representação da unidade, não é pós-humana como sugerem alguns, mas apenas um passo na invenção da mesma humanidade que, não sendo senhora do tempo ou do espaço, busca não perder-se de si. Crise da fé na representação, mas gosto pela representação na produção em cadeia de imagens do corpo (VILLAÇA, 2007, p. 50).

Essas narrativas da descoberta *online* engendram corpos-arquivos-digitais: corporal, porque o perfil apresenta o corpo através de informação visual e textual sobre o mesmo; arquivo porque trabalha-se com o perfil como uma coleção de dados sobre um indivíduo e, por fim, digital, já que este perfil está formatado digitalmente, é parte integrante do domínio de uma página virtual. Tais arquivos vão para além do armário. Esses arquivos armam entre-corpos (por exemplo, quando a página em si se apresenta como uma coleção de perfis) reais (*offline*) e virtuais (perfis *online*). Há um espaço do *entre*: *entre* um perfil e o próximo da lista; *entre* uma mensagem e outra; *entre* bater papo *online* e encontrar pessoalmente fora da página; *entre* na situação de um encontro real, na qual dois corpos se encontram e algo se passa *entre* eles. É nesses entre-corpos que a abertura do íntimo se desloca e se descentra do sujeito. Esses entre-corpos ainda movimentam outros arquivos da cultura visual, da história pessoal, etc., formando uma galeria performativa em que a persona (a máscara social) perde seu gabarito de verdade emerge multifacetada,

²⁸ “O rosto é inumano no homem, desde o início; ele é por natureza close, com suas superfícies brancas inanimadas, seus buracos negros brilhantes, seu vazio e seu tédio. Rosto-*bunker*. A tal ponto que, se o homem tem um destino, esse será mais o de escapar ao rosto, desfazer o rosto e as rostificações, tornar-se imperceptível, tornar-se clandestino, não por um retorno à animalidade, nem mesmo pelos retornos à cabeça, mas por devires-animais muito espirituais e muito especiais, por estranhos devires que certamente ultrapassarão o muro e sairão dos buracos negros, que farão com que os próprios *traços de rostidade* se subtraíam enfim à organização do rosto, não se deixem mais subsumir pelo rosto, sardas que escoam no horizonte, cabelos levados pelo vento, olhos que atravessamos ao invés de nos vermos neles, ou ao invés de olhá-los no morno face a face das subjetividades significantes” (DELEUZE e GUATTARI, 1999, p. 36).

fac-símile, simulacro. Assim foi o caso de Georg, usuário de Berlim, que encontrou em GayRomeo possibilidades de jogo com a identidade, entre seus amigos, e também de enfrentamento de certas restrições ao jogar com o seu perfil dentro um espaço social de interação, embora virtual, mas não isento de regras.

“Andere Chaträume... man hat ja, das Profil bestand nur aus einem Namen und einem kleinen Bildchen oder kein Bild. Das war alles. Und auf GR (GayRomeo) war die Möglichkeit irgendwie sozusagen eine eigene kleine, meist vorgegebene Webseite zu erstellen, interessant. Also, ich fand interessant und ich fand’s auch damals relativ lustig, weil die user-Zahl war noch nicht so groß mich da einmal durch klicken durch ein paar Leute und gucken, was die so schreiben. Und ja, so fing das an 2004 für mich” (Georg, entrevista).

Um dos atrativos do GayRomeo é proporcionar um perfil composto por bastantes elementos visuais e textuais: os usuários podem anexar fotos e postar álbuns, escrever textos; além de para cada perfil ser concebida uma página. Georg viu nisso um diferencial nessa plataforma em comparação com as outras que utilizava, até então, e se sentiu atraído a criar um perfil numa época ainda que o website estava em seus primeiros anos na Alemanha. Georg vê ainda no GayRomeo uma possibilidade lúdica de jogar com as identidades virtuais e pregar sustos a amigos dentro da plataforma numa brincadeira que revela o receio de ser descoberto *online* quando se vive *offline* dentro do armário. O *online* e o *offline* são pontos de travessia para uma performance de sexualidade moldada entre espaços. A descoberta do mundo *online* é, em grande parte, uma abertura ao jogo, ao lúdico, a possibilidades de experimentação performativas, a paródias do “ser descoberto”, “ser revelado”, ter sua orientação sexual desocultada. Todavia, sua ação performativa não escapa de uma série de regulações as quais o espaço virtual está sujeito. Faz-se decisivo ressaltar que o espaço da plataforma, como um espaço social regulado, apresenta-se como domínio objetivo de formas de apresentação, regulação e circulação da informação que permitem uma flexibilidade da agência individual:

“Ich habe ein normales Profil. Und dann haben wir beide [um amigo do usuário] mehrmals Scherzprofile angelegt und haben die dazu benutzt, um andere User

ordentlich zu verwirren, Scherze zu spielen. Die wurden gelöscht von GR, weil das aufgefliegen ist, weil wir gemeldet wurden (er lacht). Ähm, ich habe mein Profil einmal gelöscht, weil ich sauer war. Also, das war so ein Tag, da ging es mir nicht gut, da war ich sauer und habe das Profil gelöscht. Und letztes Jahr, nein vorletztes Jahr wurde meins auch gelöscht. Weil... warum war denn das? Ach so ja, ich habe den Namen von einem russischen Kosmonauten verwendet. Das hat GR nicht zugelassen und ich hatte auch kein Gesichtsbild von mir im Profil. Sie wollten, dass ich ein Gesichtsbild von mir einstelle. Das habe ich nicht getan – aber in einer Uniform. Und sie dachten, das wäre noch immer dieser Raumfahrer. Und haben noch immer nicht geglaubt, dass ich das bin. Und dann haben sie von mir verlangt, dass ich mein Gesicht anblichte mit dem Personalausweis daneben und der Profilvernummer. Und dann dachte ich mir “leck mich am Arsch!” und habe das dann löschen lassen, weil das wollte ich nicht. Ich wollte nicht mir Personalausweis meiner Profilvernummer so neben mir anblichten lassen. Das war mir zu viel” (Georg, entrevista).

Um site para relacionamento preza pela privacidade dos seus usuários com um conjunto de regras de convívio virtual chamadas netiqueta. Na medida em que essas plataformas dispõem de usuários suporte e administradores que estão constantemente observando a plataforma para verificar se alguma regra de uso está sendo quebrada ou não, outros usos que vão de choque ao que é posto pela comunidade tendem a ser punidos como uma quebra da netiqueta. Contudo, essa normatização da comunidade virtual parece não se adequar ao que é introduzido em termos de potencialidade performativa no domínio virtual. Na sua montagem de um corpo virtual, Georg, ao construir tais perfis de brincadeira (*Scherzprofile*), performa a própria falha dos registros de controle em sua constante tarefa de normatizar o que não pode ser totalmente regulado: a identidade, seja ela real ou virtual. Primeiro, Georg usa o nome de um astronauta russo conhecido, o qual é posto em questão pelos usuários que regulam o website. Com a ameaça de ter seu perfil deletado, Georg não obedece a instrução de por uma foto sua de rosto, mas de uniforme. O efeito de semelhança entre jogar com o nome e apresentar-se de uniforme, nesse caso, tomamos também o fotografar-se ou usar nome ou fotos de outros como sendo suas, como estratégias performativas, faz com que a “crença” na sua identidade real seja posta em cheque, e, em seguida, os administradores pedem

mais uma nova prova (uma foto sua com sua identificação pessoal) a qual Georg rejeita. Essa sucessão performativa parece ter um fim apenas, porque cremos no documento de identidade pessoal como comprovante da identidade “real” de sujeitos sociais. Ora, essa crença socialmente aceita, ela só pode ser também entendida como um efeito de práticas performativas legitimadas socialmente que produzem a crença nesse “pedaço de papel” como aquilo que me dá uma identidade. Ou seja, tanto o nome do astronauta, como a foto de Georg de uniforme e o seu documento de identidade são produtores de identidade, ainda que não gozem do mesmo status de credibilidade. O documento de identidade está sujeito a todo um dispositivo legal de legitimação que tornam sua falsificação crime e passível de punição, mas nem por isso deixa de ser um “arbitrário” performativo. Tanto nos relatos de Lucas como de Georg, nas descobertas da página, é nítido o jogo de performar o corpo, de pôr o armário em movimento em formas de edição da subjetividade *online* que esconde alguns aspectos e evidencia outros.

Na sua relação com o mundo exterior (*offline*), o uso da plataforma GayRomeo para outros usuários significou também uma possibilidade diante da relação que os usuários estabeleciam com a “cena gay local”. Por cena, entenda-se o conjunto de espaços de lazer, interação e comunicação usados por gays de uma determinada região. A cena gay, seja ela na forma do gueto ou do bairro gay, não foi a primeira opção para Theo, usuário alemão residente em Colônia, conhecida por uma grande oferta de clubes, bares e outros espaços para o público gay. Apesar disso, Theo mostra-se insatisfeito com a cena gay, para ele, definida em sua maioria apenas como uma cultura de discotecas e bares gays. Independente de estar ou não no armário, a relação com a cena gay e o uso da plataforma GayRomeo foram definidores na forma em que Theo passou a conhecer outros homens gays:

“Kaciano: wieso haben Sie dafür entschieden ein Profil auf GayRomeo zu erstellen?”

Theo: weil ich nicht gerne in die Schwulenszene gehe, weil das mir nicht gefällt und ich auf diesen Wege gehofft habe, neue Leute kennenzulernen. Wenn man als Schwuler, Leute kennenlernen möchte, gibt nicht so viele Alternativen [...] und Disco-Szene wegfällt dann ist das Internet eigentlich das einzige anderer wo es im größten Umfang möglich ist Leute kennenzulernen [...] Ich mag die Oberflächlichkeit nicht. Ich mag die Musik nicht. Ich bin generell nicht so ein Party-Mensch, sondern veranstalte

lieber privat was mit Freunden, Treffen mit denen zum Essen oder lade ich zu mir ein um was spielen ... solche Sachen" (Theo, entrevista).

Também Michael, usuário de Berlim, ressalta seu uso da plataforma com o fim de ampliar o leque de possibilidades de contato para além da cena gay local. *Online*, Michael permitiu-se construir novas redes de contato a partir do website quando foi conhecendo outros homens gays *offline*. Michael fala dos possíveis medos e mitos que ainda existem sobre plataformas de *dating*, de que na verdade só haveria enganadores, perfis falsos, pontuando um senso comum sobre tais plataformas. Com uso da plataforma, esses mitos foram se desconstruindo quando sua rede de contatos se estendeu para além do espaço da tela:

"ich fands total spannend, ich war ohne Foto, alles online, und es habe mich ganz viele Leute angeschrieben. Und die, die ich spannend fand, die also sehr spannende Profile hatten, die auf meinen Profiltext – den ich von Anfang sehr klar und politisch auch gehalten hab – ähm reagiert haben. Ja, die halt quasi auch so Sexualität ähm.. oder oder wie halt so ne Kontaktbörse im Internet funktioniert. Das fand ich halt sehr spannend und hab dann plötzlich auch Leute getroffen. Und hatte da erstmal sehr krasse Vorbehalte. Denn man hört ja immer, ach das böse Internet und das sind ja auch alles nur Betrüger. Hab dann aber auch sehr viel positive Erfahrung gemacht. Nicht nur, aber viele(...)ich war online und habe jemanden in Wien entdeckt, oder in Linz. In Wien oder Linz. Bin mir nicht mehr ganz sicher. Und hab, war ein ganz nettes Profil, hat mich angesprochen und dann haben wir ein bisschen gchattet. Ähm und dann auf einmal stellte sich raus, dass diese Person nur zu Besuch in Linz oder Wien, also in Österreich – ich weiß es nicht –, zu Besuch ist, aber eigentlich in Berlin wohnt. Und ähm, dann haben wir gesagt, dann lass uns doch einfach mal treffen. Und dann haben wir uns im [gay bar] getroffen. Ganz, ähm ja, ganz ohne welche Absichten, einfach nur so Leute kennenlernen, weil wir uns so sehr sympathisch fanden. Ja, und es war so, es war ein total netter Abend und dann haben wir uns noch regelmäßig getroffen. Dadurch habe ich auch Freunde von ihm kennengelernt. Dadurch hat sich dann tatsächlich auch ein Freundeskreis entwickelt. Also, dann habe ich festgestellt, okay, die anderen Leute, die ich da kennengelernt habe, sind auch auf GayRomeo. Und habe dann da aus diesem Kontext auch viele Leute kennengelernt. Und das hat mir dann schon, also inzwischen sind einige Leute

davon, die ich damals kennengelernt habe, sehr sehr enge Freude und sehr enge Vertraute. Ja das war schon so das erste richtig große positive Ereignis” (Michael, entrevista).

Volto ao relato de Theo no intento de entender se haveria uma facilitação do processo de coming out a partir do uso de GayRomeo. A resposta de Theo é bastante intrigante quando salienta não uma facilidade vinda com uso da plataforma, mas uma mudança do processo de *coming out* e nos modos como homens gays passam a estabelecer contato com outros. Interessante observar também a perspectiva deveras normativa de um homem gay acerca da bissexualidade. Para Theo, um homem bissexual não teria a necessidade de sair do armário, caso, por exemplo, tenha uma namorada, podendo manter sua fachada heterossexual. Nesse caso, a plataforma de *gay dating* seria de grande ajuda, pois, através dela, poderia encontrar outros homens: a saída do armário aqui aparece bem centrada no contexto *online*. Outro elemento importante de seu relato se refere a mobilidade de sujeitos gays e a eficácia da plataforma para homens gays que estão fora do alcance das grandes cidades e das suas respectivas cenas gays. A solidariedade aparece como um fator que encoraja a saída do armário e, por isso, a plataforma tem uma função social na conexão desses diferentes sujeitos, onde ter um namorado ou amigos gays é um fator de suporte para o *coming out* fundamental.

“Ich glaube nicht, dass das unbedingt erleichtert, also, ich glaube die Entscheidung oder die Kraft zu finden sich zu "outing" das ist immer in einer selbst. Ich glaube es verändert das coming out. Ich habe schon von Leuten bei GayRomeo gehört oder gelesen die mir geschrieben haben "wozu muss ich mich outing? ich treffe irgendwie Leute über GayRomeo und muss nicht in die Szene und deswegen muss auch niemand sagen". Also, ich glaube schon dass es auch durch aus so bestimmten typischen Menschen gibt bei denen das GayRomeo oder eben das Internet den Leuten es (...) erspart sich zu outing, gerade, zum Beispiel auch Bissexuelle, die sonst hätte man in die Schwule Szene gehen müssen und das hier eben machen können während sie nebenher noch eine Freundin haben, zum Beispiel. Das ist ja viel einfacher damit geworden. Wo es helfen kann ist auf jedenfall dass man eben gerade wenn man auf Land wohnt, dass man Leute kennenlernen kann. Das man nicht wie ich, zum Beispiel, unter diesen Gefühl leiden muss; "ich bin der einzige

Schwuler auf der Welt", sondern hier ist der nächsten Schwuler nur ein Mausklick entfernt und man kann vor allem eben auch Schwuler aus der direkte Umgebung kennenlernen. Bei mir war das früher noch, bei meiner coming out so, ich musste in den nächsten Großstadt, also, nach Köln fahren und musste dann da Leute treffen und wenn ich Glück hatte, hatte ich zufällig jemand getroffen, der vielleicht auch aus meiner Gegend kam. Heute kann man das eben viel gezielter machen und da vielleicht dann auch erste Kontakte knüpfen und das ist dann wiederum was das coming out erleichtern kann, denn ich weiss dass vielen leichter fällt ihren Eltern, zum Beispiel, zu sagen dass sie Schwul sind wenn sie einen Freund haben. und sie zumindest schwule Freunde haben die sie daran unterstützen." (Theo, entrevista).

Com o relato de Theo, gostaria de passar ao segundo tópico referente à análise das entrevistas. Depois de descrever e comentar relatos da inserção nas plataformas de *gay dating* por alguns usuários, comentarei que elementos entram na composição de suas performatividades *online* marcando diferença. Para alcançar esse ponto, o arquivo, como um dos domínios do performativo, é encarado no seu modo de construção. Tal modo envolve um contraponto crítico aos discursos da identidade, ou seja, não falo aqui do arquivo como um fundamento ou documentário que viria a solidificar narrativas de identidade, mas falo do arquivo como um construto. Um dos possíveis sinônimos para o termo arquivo seria a palavra inventário, palavra que guarda uma semelhança com o termo "invenção".

Nas entrevistas me interessava ver até que ponto a sexualidade posta *online* estabelece com os discursos identitários uma faceta de jogar com o armário, quando as divisões entre o público e o privado não estão mais tão nitidamente marcadas quando o mínimo de publicidade marca um máximo de exposição da sexualidade *online*. Há um trânsito de um corpo sexualizado *online* transformado em informação visual e textual para um coletivo. Com Sedwigck (1990) estabeleceu-se uma crítica à divisão heteronormativa do público e do privado que puseram as sexualidades dissidentes sob o prisma da regulação silenciadora. A marginalização de tais sexualidades na teoria e na prática se orienta no eixo do que a autora definiu como epistemologia do armário. Quando se dialoga com homens gays, tal como foi o caso desta tese, percebe-se como essa "epistemologia" funciona na vida cotidiana concreta em que os regimes de verdade da sexualidade operam. Ser ou não abertamente gay ainda é uma questão. O lugar onde se dá essa abertura da

“verdade” da sexualidade também. Contudo, até que ponto vivenciam esses usuários de GayRomeo uma constelação social com divisões nítidas do público e do privado? O que posso levantar orientando-me teoricamente por Foucault (1999) e Sedwig (1990) baseia-se em saber como a sexualidade se firmou como eixo da verdade sobre si mesmo, uma verdade que articula o individual e o coletivo, o subjetivo desde já como um elemento do social. Esse laço social do sujeito com o seu próprio sexo persiste e proporciona a emergência de novas espacialidades sexuais: máquinas de territorialização da sexualidade através de um corpo que comunica seu desejo. Quando tomo GayRomeo como uma dessas emergentes espacialidades da sexualidade gay, vejo algo no limiar do nosso presente que não se ajusta totalmente à lógica do armário, exatamente por vir à tona, num modelo pós-epistemologia do armário, uma contestação das polaridades que sustentam o armário como eixo firme de regulação.

O que está em jogo numa página virtual na qual o corpo se traslada em imagem através da combinação de dados é a busca por indivíduos completos através de suas partes. Esse fenômeno é um processo de comunicação no qual ocorre acumulação de informação e a interação, não somente entre usuários, mas entre corpos fragmentados em dados sobre sexo, altura, gênero, fetiches, etc. que fazem do espaço coletivo da página uma pulverização do sexual aquém ou além da agência de indivíduos isolados. Uma subjetivação *objetificante* da sexualidade que faz do corpo um arquivo envolto por repertórios de conexão e desconexão. Como bem aponta McGlotten acerca das intimidades virtuais: *“In our everyday lives, the virtual bleeds into the actual as what was once private goes public. There are other bleeds as well in which promises pass into failures, desires into dreams deferred”* (MCGLOTTEN, 2007, p. 135).

Por isso preferi dar um passo além do recorte das identidades e articular com os conceitos de arquivo e repertório uma perspectiva que me levasse a dinâmicas espaciais do sexual, afirmando o caráter descentrado e não ontológico do conceito de performatividade. O arquivo gay ou *queer* é o resultado de processos de criação, construção de narrativas que jogam com o discurso identitário e concomitantemente com estratégias de desidentificação, as quais exploro a seguir a partir de dois casos do campo.

Desidentificações: construindo o arquivo *queer* (arquivo II)

O arquivo é da ordem do documentar, do ordenar, do fazer plausível, do explicativo e do linear. Talvez nem sempre. Há uma *cronópia* do arquivo, no sentido de Cortázar (2007), que, em *História de cronópios e de famas*, fala dessas criaturas da ficção inventadas pelo autor: cronópios e famas. Em um dos contos, Cortázar aborda como cronópios e famas lidam com as lembranças diferentemente. O arquivo documenta fatos, organiza a experiência nas formas da documentação textual, visual, auditiva e nos modos de manifestação da memória, quando se põe numa situação de entrevista alguém a falar sobre. Porém, é preciso ativar o arquivo, trazê-lo à superfície, e não deixar que as formas da ordem sepultem as intensidades que atravessam os fatos. De acordo com o conto de Cortázar, que associa as famas às formas da ordem, uma dimensão outra, um modo diferente de lidar com as lembranças se vincula à existência dos cronópios. Quando se faz pesquisa social, em muitos casos, desativa-se o domínio das intensidades e produz a crença no fato científico apenas a partir do domínio quase incolor e insosso de documentar os fatos sociais. Perde-se nas listas e nas taxações analíticas o “bater das portas” que a lembrança, a partir das intensidades, evoca:

Os famas para conservar suas lembranças tratam de embalsamá-las da seguinte forma: após fixada a lembrança com cabelos e sinais, embrulham-na da cabeça aos pés num lençol preto e a colocam contra a parede da sala, com um cartãozinho que diz: “Excursão a Quilmes”, ou “Frank Sinatra”. Os cronópios, em compensação, esses seres desordenados e frouxos, deixam as lembranças soltas pela casa, entre gritos alegres, e andam no meio delas e quando passa alguma correndo, acariciam-na com suavidade e lhe dizem: “Não vá se machucar”, e também “Cuidado com os degraus”. É por isso que as casas dos famas são arrumadas e silenciosas, enquanto nas dos cronópios há uma grande agitação e portas que batem (CORTÁZAR, 2007, p. 102).

Os famas geram seus arquivos de lembrança a partir de técnicas de codificação, enquanto os cronópios geram seus arquivos no movimento, na ação, na intervenção de olhar para uma lembrança a partir do seu encontro imediato com ela. A sabedoria literária de Cortázar ganha uma dimensão quase conceitual sobre o que é uma lembrança e como se faz memória. O escritor como um produtor de conceitos nos ensina ainda que os modelos de identificação têm a ver com maneiras arbitrárias de materializar o que se é a partir do que nos é dado e nos atravessa, nos

interpela como sujeitos de uma linguagem. Os cronópios são donos de um modo raro (peculiar, mas se poderia adicionalmente dizer estranho, guardando aqui o significado de “raro” em espanhol) de lidar com as lembranças que só a metáfora literária consegue dar conta. Os cronópios mobilizam um campo “queer”, pois se afirmam como o que está na contramão das formas da ordem.

Durante meu trabalho de campo, entrevistando e batendo papo *online* com usuários de GayRomeo, encontrei muitos “famas”, narrativas lineares que me levavam ao domínio bem plausível das identidades gay, das masculinidades hegemônicas e dos modos bem ordenados do encontrar-se. É fácil crer e ordenar as identidades de gênero e sexual quando se funciona no modelo identitário e representacional de que o gênero se divide em dois, que a sexualidade seja homo, bi ou hétero se ordena identitariamente e coerentemente. Tais formas puras do gênero e da sexualidade se embaçam, quando se passou, a partir do conceito de performatividade, introduzido por Butler (1990), a entender as políticas de identidade como práticas performativas. Identidades como práticas performativas são efeitos de superfície, pois não antecedem à ação. No campo da prática, as ações produzem identidades, subjetivam sujeitos e a interioridade subjetiva e psíquica só pode ser abordada a partir de um domínio de exterioridade: é no encontro entre corpos, forças sociais, dinâmicas institucionais que nos fazem sujeitos de uma sociedade.

Indeed, to understand identity as a *practice*, and as signifying practice, is to understand culturally intelligible subjects as the resulting effects of a rule-bound discourse that inserts itself in the pervasive and mundane signifying acts of linguistic life (BUTLER, 1990, p. 198).

Os protocolos identitários normatizam corpos e condutas como os famas de Cortázar embalsamavam as lembranças. Por trás de uma demanda de inteligibilidade, esconde-se, muitas vezes, o perigo normativo de nomear, classificar, ordenar e embalsamar afectos que embaralham tais códigos. Assim, o termo *queer* ganha força na ruptura do contrato representacional, tal como sugere Muñoz (1999), quando os ordenamentos em raça, gênero e sexualidade são confrontados com as formas híbridas que os desessencializam. Muñoz (1999) propõe o conceito de desidentificação (*desidentification*) para pensar as estratégias de resistência de sujeitos minoritários em dinâmicas performativas de sujeitos *queer*. O identitário guarda uma lógica fundamental que envolve processos fóbicos, já que a identidade

é definida em contraposição a um outro, num pólo de dualidade: o branco e o negro, o hétero e o gay, etc.

Socially encoded scripts of identity are often formatted by phobic energies around race, sexuality, gender, and various other distinctions. Following Connolly's lead, I understand the labor (and it is often, if not always, *work*) of making identity as a process that takes place at the point of collision of perspectives that some critics and theorists have understood as essentialist and constructivist. This collision is precisely the moment of negotiation when hybrid, racially predicated, and deviantly gendered identities arrive at representation. In doing so, a representational contract is broken; the queer and the colored come into perception and the social order receives a jolt that may reverberate loudly and widely, or in less dramatic, yet locally indispensable ways (MUNOZ, 1999, p. 6).

Desidentificar é cartografar pequenas fissuras nos modos de renúncia às identidades hegemônicas. Esse trabalho pode envolver a negociação com códigos da cultura *mainstream*, com suas imagens e seus signos. Pretende-se saber operar com tais códigos de uma maneira a criar a partir deles paródias do normativo, dos contratos consensuais que geram o gênero, a sexualidade e a raça como estratos puros do modelo representacional. Esse foi o trabalho de Muñoz (1999) na análise de performances de artistas *queer* no contexto norte-americano. O autor organiza sua proposta do conceito de desidentificação através de três eixos: a melancolia da raça, a experiência autobiográfica na performance e uma perspectiva crítica acerca da *cubanía*. Na melancolia da raça, o autor discute a paródia da raça produzida por artistas negros que se apropriaram em seus trabalhos de representações raciais dadas pela cultura *mainstream* para subverte-las em seu apelo de identificação, como Basquiat, na série *Famous Negro Athletes*, analisada por Muñoz. Na experiência autobiográfica da performance, o autor aborda o trabalho de performers, por exemplo, Vaginal Davis que combina sua posicionalidade minoritária em uma estratégia de subversão que se inicia na cultura punk e passa pelo "porn": a exibição dos estereótipos sexuais sobre sua raça com o declamar quase etnográfico de sua condição durante suas performances e o tom autobiográfico por ser negra e latina ao parodiar em sua performance *drag* todo um apelo que marca seu corpo entre o abjeto e o desejado, gerando o que Muñoz define como um "terrorismo drag". Já em *cubanía*, Muñoz busca em performers como Carmelita Tropicana ou na participação do ativista Pedro Zamora em um reality show uma crítica da identidade

do migrante cubano construída dentro da cultura de massas dos Estados Unidos a partir de estratégias de esquecimento. Aproprio-me do conceito de desidentificação aqui para argumentar um arquivo de intensidades, de relações com as gramáticas de corpo, gênero e sexualidade, encontradas dentro de GayRomeo a partir da experiência de dois usuários que passo a relatar agora.

O primeiro ponto de desidentificação vem de uma narrativa bastante comum que me revelou como as negociações com códigos de uma cultura *mainstream* pode ser o ponto de inflexão para uma estratégia de desidentificação. Um modo de renúncia a um padrão estandarizado da identidade gay em uma entrevista com um usuário trouxe a tona um arquivo visual e de memória sobre identificações com a cultura gay. Tal identificação aparece no relato de Hannes, usuário alemão de GayRomeo, oriundo de uma pequena cidade no sul da Alemanha, já vivendo há dez anos em Berlim quando o entrevistei. O relato de Hannes tinha uma linearidade bastante clara e coerente com respostas curtas às perguntas que ia fazendo até um ponto em que o mesmo começou a fazer uso de metáforas para explicar quando lhe pergunto sobre como imagens de homens gays estão presentes dentro e fora de GayRomeo:

“Hannes: Die sind repräsentiert eindeutig schlank mit gleichen muskulösen Ansätzen und unbehaart, und das ist natürlich ein volles falsches Bild, dass die Medien auf dieser Welt werfen und das erzeugt wiederum Wünsche, die wahr gerückt werden, in mir wahrscheinlich weniger, und ja wobei manchmal können natürlich die Medien.

Kaciano: Wie sind für dich die Schwulen abgebildet? In den Medien, im generell.

Hannes: Das gibt es doch dieses wunderschöne Wort. Nö. da gab's schönes Bildnis. Wie isses? Dieser König von Bayern war das. Der immer...

Kaciano: Ludwig?

Hannes: Ja, der aß Mittag in einem Tisch und vor ihm war ein großer Spiegel, so dass er sich immer im Spiegel betrachten konnte [...]und dieses Bildnis finde ich wirklich sehr schön. Da sitzt dieser König an einer langen Tafel. An dem einen da

sitzt er an dem anderen Ende ist der Spiegel. So, dann kuckt er immer in diesen Spiegel ein und sieht sich selbst, selbst verliebt und selbst bewundert. Und das ist also ein Bild, das von vielen Medien aufgegriffen wird. Man muss sich mal nur umschaun, wie viele laufen. Wie viele schwulen Typen Oberkörper, rasierten Oberkörper oder gehen ins Fitness Studio. Oder meinen sie, die müssen dann hier noch einen Prosecco trinken und doch noch einen Sekt trinken. Das ist ein... Ich natürlich als Saunagänger. Es ist dennoch erstaunlich wenn ich in die Sauna gehe, dass ich da zum großen Teil aber auch andere Menschen herumtreiben, die wirklich behaart sind, die einen Bierbauch haben. Vielleicht es ist in Clubs und Diskotheken, schau mal, ins GMF zum Beispiel. Ich war da noch nie drin, in Berlin. Der wird oftmals in der Siegessäule am Ende solche Partybilder aufgelistet. Das sind oftmals genauso solche Typen abgebildet” (Hannes, entrevista).

No relato de Hannes aparece primeiramente uma caracterização bastante estereotipada de homens gays, uma imagem do gay como um homem com um corpo trabalhado em exercícios físicos, cuidado em tratamentos de estética e depilação, e em sintonia com a moda. Esse imagem segue até o fim do seu relato e poderia ser reduzida a uma mera apresentação do estereótipo. Contudo, o que me interessa no relato de Hannes é como ele organiza um arquivo visual e de memória acerca de como homens gays estão representados nos media e na vida cotidiana. Há várias dimensões de arquivo que podem ser evocadas na narrativa de Hannes. Hannes rechaça essa imagem de antemão como algo que lhe pertenceria, com a qual se identificaria e marca a origem de tal imagem alhures, nos media. Seriam os media que bombardeariam nosso imaginário com tais representações de sujeitos gays. Ao fazer um juízo de valor sobre tais imagens, Hannes as põe como falsas (“volles falsches Bild”). Mas como poderia uma falsa imagem ser tão persistente a fazer parte de um arquivo visual, ainda que não haja identificação como a mesma?

Retorno à Taylor (2003, p.110-132) e suas concepções do arquivo e do repertório quando a autora analisa o sucesso do guru latino de origem porto-riquenha Walter Mercado entre a comunidade latina nos Estados Unidos. Walter criou um serviço de consultoria astral por telefone e tinha como suporte sua aparição na televisão voltada ao público latino, evocando uma ancestralidade que misturava o esotérico universal, indo de Grécia à Índia, passando pelo Egito com uma fala e uma

presença proclamadoras de uma latinidade universal. No conjunto de imagens clichês acerca do místico, do latino e do espiritual, Walter Mercado se tornou extremamente eficaz em sua performance. Na análise de Taylor de sua eficácia performativa, uma explicação é elaborada, ao escapar-se dos simplismos de uma verticalização da dominação carismática que põe os espectadores como passíveis ou manipuláveis por representações estandarizadas de suas condições. Taylor não argumenta por uma produção midiática de Walter sendo imposta a espectadores passivos de sua performance, mas a autora encontra o cruzamento performativo das imagens, que circundam e materializam Walter como um ser extraordinário, com seu público, numa concepção transversal do performativo. Entre Walter e seus espectadores, há um suporte visual e estético de uma condição negada, de um outro que não pode emergir se não for no cruzamento de tais representações: o migrante latino deslocado de sua origem e pós-referenciado num contexto universal/global. Taylor conclui: “*On one level, then, he simply supports the existing structures of visibility*” (TAYLOR, 2003, p. 124).

Voltando às imagens relatadas por Hannes, elas sustentam uma subjetividade gay dentro dos moldes do aceitável, do belo, do saudável. Se essas imagens possuem uma eficácia na visibilidade de sujeitos gays é porque elas tiram tais subjetividades do plano da abjeção e do impuro e as apresenta como higienizadas: masculinidade inquestionável, pureza da pele e da raça, juventude, um pioneirismo estético. Tais imagens jogam com uma fantasia de reconhecimento: somos todos um pouco apaixonados por nós mesmos, a fantasia narcísica de cada um é personificada no gay. O gay faz visualmente as pazes com a cultura heteronormativa que o produziu na abjeção ao compartilhar imagens de masculinidades que não embaralham a gramática dos gêneros. Não se está falando aqui de formas mutantes do corpo masculino que contestariam a divisão binária do modelo dos dois sexos, mas de uma masculinidade afirmada na polarização entre o masculino e o feminino, ou seja, há uma aceitação das sexualidades dissidentes na medida em que ela não abala o primado heteronormativo da divisão binária do masculino e do feminino.

De acordo com o relato de Hannes, há ainda no seu arquivo visual uma transferência histórico-estética dessa imagem dos corpos gays na mídia com Ludwig

II²⁹, o polêmico príncipe dos castelos, que foi rei da Bavária de 1864 a 1886. O modo como Ludwig encontra um lugar no arquivo *queer* de Hannes me causou uma surpresa, mas também neste ponto tenho mais dois elementos a comentar. O primeiro seria de que o arquivo *queer* se estrutura no movimento e o segundo que sua estratégia de desidentificação se dá na criação de um espaço mítico para as formas clichês das identidades gays.

O cineasta italiano Luchino Visconti filmou a história de Ludwig II em um filme que leva seu nome. Visconti era gay e o tema da homossexualidade chegou a ser abordado em alguns de seus filmes como *Morte em Veneza* (1971) baseado na obra homônima de Thomas Mann. A mesma ambivalência aparece na sua versão de Ludwig II no seu filme *Ludwig* (1973). Um filme suntuoso de mais de três horas de duração. Ludwig é vivido pelo ator austríaco Helmut Berger, parceiro de Visconti na época. No filme, Visconti explora o elemento biográfico com um toque ficcional e uma estética romântica em torno do príncipe bávaro. A beleza e a vaidade de Ludwig, a busca pelo poder, pela perfeição e beleza que o leva à solidão e à loucura ganham cores de uma mitologia que corrobora com a consolidação da figura de Ludwig dentro de um imaginário histórico, jogando ainda com a ambivalência de uma masculinidade dominadora com a homossexualidade.

²⁹ Não entrarei aqui nos pormenores da figura real de Ludwig II e seu lugar dentro do imaginário da história alemã, como o príncipe dos castelos de contos de fadas e nem nas especulações que giram inclusive em torno de sua sexualidade por parte de biógrafos. O que me interessa no relato de Hannes é a apropriação criativa de Ludwig como um exemplo, um elemento de um arquivo *queer*.



Figura 3.1 Cartaz do filme Ludwig.

Hannes recupera, assim como Visconti, uma mitologia em torno de Ludwig que o afirma como uma figura extemporânea, ou melhor dizer, como um contemporâneo³⁰ que atravessa épocas, que se faz sempre atual. Ludwig, no exemplo de Hannes, está para a figuração desse narciso gay da cultura midiática do nosso tempo a qual ele procura se afastar. Mas essa desidentificação com essa cultura reforça um território imaginado e utópico de corpos gays belos, pavoneando-se em paraísos artificiais de reconhecimento. Essa desidentificação permite a Hannes mover-se pelo espaço da cidade de Berlim e não ser um gay que vai sair nas fotos das coberturas de festas da revista *Siegessäule* (revista com a programação mensal da cena queer de Berlim), ainda que seja um assíduo frequentador de saunas (*Saunagänger*).

³⁰ Ao falar sobre a contemporaneidade, Agamben define uma relação do contemporâneo com aquilo que inaugura e permanece no tempo, adjetivando o contemporâneo tal qual o uso para falar da contemporaneidade de Ludwig: “A contemporaneidade, portanto, é uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distâncias; mais precisamente, essa é a *relação com o tempo que a este adere através de uma dissociação e um anacronismo*. Aqueles que coincidem muito plenamente com a época, que em todos os aspectos a esta aderem perfeitamente, não são contemporâneos porque, exatamente por isso, não conseguem vê-la, não podem manter fixo o olhar sobre ela” (AGAMBEN, 2009, p. 59).

O arquivo *queer* de Hannes é composto assim por signos de desidentificação com a cultura *mainstream*, mas sem excluí-la das suas fantasias de reconhecimento. Ao relacionar uma cultura gay narcísica com a figura histórico-mítica de Ludwig, Michael imagina um espaço utópico, do qual sua subjetividade/seu corpo não faz parte. Assim, a memória inventada que liga o contemporâneo ao passado produz um arquivo *queer* que, ao mesmo tempo, que o põe na relação com seus pares gays, o exclui desidentificando-o com eles, criando mundos: “*The minoritarian subject employs disidentification as a crucial practice of contesting social subordination through the project of world making*” (MUÑOZ, 1999, p. 200).

O segundo caso do campo de estratégias de desidentificação a partir da negociação com códigos do *mainstream* acerca da sexualidade gay veio com Michael usuário gay de Berlim que possuía um perfil dentro da página, mas recusava-se a marcar no campo sexo as opções ofertadas pela página entre gay, bissexual e transgênero. Para Michael, se houvesse uma melhor definição para seu agenciamento de sexualidade e gênero, este não caberia em nenhuma das opções dadas e estaria mais próximo de uma pansexualidade.

“Also, ich persönlich habe im Profil keine Angabe stehen. Weil ich kann mich dadrinn nicht verorten. Also, ich würde mich nicht als bisexuell und auch nicht als homosexuell bezeichnen, weil das für mich jetzt immer so ähm... - ist jetzt sehr wissenschaftlich wahrscheinlich – so eine Binarität, also Geschlechterbinarität beinhaltet. Und das blendet für mich einfach den ganzen Transbereich aus und manifestiert auch immer so, was ist Mann, was ist Frau. Und ja, ich möchte da nicht mitspielen in diesem Kontext. Also, ich habe da keine Lust darauf und darum ähm...ja, wenn ich mich, wenn es einen Begriff gibt, wie ich meine Sexualität beschreiben würde, dann gibt es einen sehr umstrittenen Begriff, das nennt sich Pansexualität. Also, wenn ich das jetzt nur auf Geschlecht mache, dann stehe ich jetzt persönlich doch schon mehr auf männlich kodierte Menschen, aber das hat dann nichts mit den Genitalien oder so zu tun. Für mich gibt es halt andere Aspekte, die ich wichtig finde, die einen Menschen für mich sympathisch oder reizvoll machen” (Michael, entrevista).

Michael assume uma posição minoritária dentro da página ao demonstrar como uma marcação de sexualidade interfere nas formas do gênero. Para manter

sua experiência *trans* como *drag* performer em um território seguro que não aquele das marcações normativas ou até mesmo interseccionais entre a sexualidade e o gênero, Michael não se deixa seduzir por um arquivo bem ordenado do ser gay ou *trans* e travestir-se. Michael renuncia a termos como bissexualidade ou homossexualidade como normatizadores de um conjunto de relações eróticas que podem levar a interferências com padrões de gênero binários. Ao revelar-me sua atuação de *drag* performer, a primeira proposição que me veio à mente foi a clássica definição de Butler acerca da performance *drag* e seu caráter desvelador: “*In imitating gender, drag implicitly reveals the imitative structure of gender*” (BUTLER, 1990, p. 187). Talvez Michael mantenha um perfil em GayRomeo apenas por uma maior atração por “*männliche kodierte Menschen*” como fala na entrevista, mas mesmo esta atração não parece fixar-se a uma identidade sexual. O relato de Michael ilustra quão diversas são as maneiras de habitar uma plataforma virtual de busca por encontros. Certamente, atores como Michael não são a maioria dentro do universo de GayRomeo, mas com ele vejo um habitar possível de estratégias de desidentificação com a cultura gay *mainstream online*. Num contraponto à definição butleriana da performance *drag*, Michael ainda enuncia um a mais de tal performance em termos de irritação do binarismo de gênero hegemônico, ao comentar como percebe sua performance:

“Als Drag ist für mich eine Irritation von Geschlecht. Weil Geschlecht funktioniert ja oftmals auch über Kleidung, also unter Anderem, das sind ja viele Aspekte, aber auch über Kleidung und Drag ist für mich eine Form, das zu irritieren – Leute im öffentlichen Raum zu irritieren, aber auch auf Parties. Und was sind bestimmte Zugänge zum Drag und was bewirke ich, wenn ich zum Beispiel auf der Bühne stehe. Welche Aufmerksamkeit bekomme ich dann und was macht das dann auch mit denn Zuschauer_innen, wenn ich im Drag zum Beispiel auf der Bühne stehe. Ja, oder auch in der U-Bahn bin oder seien es nur lackierte Fingernägel in der U-Bahn. Oder ein Rock in der U-Bahn. So was, äh glaub ich, irritiert die Leute” (Michael, entrevista).

Há um problema na clássica formulação da performance *drag* por Butler (1990), pois nem toda performance *drag* vem carregada dessa carga disruptiva de contrapor-se a modelos seja heterossexuais ou homossexuais hegemônicos. Muñoz

(1999) é um dos teóricos *queer* que, ao menos, diferencia um tipo de performance *drag* mais televisivo e voltado para a diversão de um público heterossexual e esse outro tipo de performance *drag*, a qual portaria esse efeito de irritação das gramáticas de gênero dominantes visada por Michael que:

enables subjects to imagine a way of “break[king] away from the restraint of the ‘social body’, while sanitized corporate drag and even traditional drag are unable to achieve such effects (MUÑOZ, 1999, p. 100).

Na sua provocação, Michael não busca o reconhecimento televisivo que se vê em shows de *drag* em canais abertos de televisão ou na exposição *online*. Michael habita os espaços *online* e *offline*. No transitar por esses espaços, Michael opera desidentificações, ora buscando por contatos dentro de um site de encontro gay, mas jogando com sua prática *drag*, ora borrando seu visual para além dos moldes masculinos ou femininos de vestir-se. No seu cotidiano, o *drag* é ainda um posicionar-se dentro de espaços públicos e privados em que o binarismo de gênero se faz norma. A irritação de Michael ganha assim pertinência como uma dessas narrativas que compõem um arquivo *queer* e me leva para um ordenamento além da lógica do armário pelas vias da desidentificação:

Desidentification’s use-value is only accessible through the transformative politics that it enables subjects and groups to imagine. Counterpublics are not magically and automatically realized through desidentifications, but they are suggested, rehearsed, and articulated. Disidentifications are strategies that are called on by minoritarian subjects throughout their everyday life (MUÑOZ, 1999, p. 179).

Considerações Finais

Neste capítulo abordei, primeiramente, os elementos que compõem as performatividades *online* do gênero e da sexualidade a partir do material das entrevistas. Entendo que o performativo do gênero e de sexualidade se ligam tanto a conhecimentos que podem ser transmitidos pela narrativa que se coleta numa entrevista quanto a elementos que corporais e afetivos, os quais podem ser captados visualmente ou através dos sentidos, mas que são, muitas vezes, de difícil verbalização. Desenvolvi um método a partir do olhar e do escutar que me permitissem traçar a relação entre esses elementos.

Assim, interessou-me ver como o performativo monta um arquivo, a partir do contar como os usuários descobriram GayRomeo e que experiências já haviam realizado ou começaram a ter desde que se tornaram usuários de GayRomeo. Tais experiências produzem a subjetividade *online* através do jogo com a sexualidade em uma dinâmica que não se afirma apenas na dicotomia público/privado que molda o que se passou a definir como armário. Em uma busca por outra lógica para além do armário, descobre-se que o universo *online* das páginas de encontro gay constituem arquivos em movimento, nos quais o armário insiste, mas não captura todas as dinâmicas envolvidas na medida em que o público e o privado são borrados como pólos sobre os quais se organizariam a experiência do virtual.

Os conceitos de arquivo e repertório (TAYLOR, 2003) bem como os de desidentificação (MUNOZ, 1999) permitem uma abordagem mais abrangente do elemento do performativo em relação ao tempo e ao espaço do que o conceito de armário, que tenderia a centrar o performativo apenas na subjetividade. Com o conceito de desidentificação, mostro que podem haver fissuras nas formas de habitar as páginas de GayRomeo em seus elementos performativos, que nem todos os usuários corroboram com o modelos hegemônicos da subjetividade gay ainda que haja um apelo forte de tal subjetividade. Dois aspectos serão abordados nos próximos capítulos. No quarto capítulo, continuo a análise das entrevistas e do material coletado em campo fazendo o uso do termo repertório, dos sentidos, das percepções, dos corpos postos em movimento, em navegação. Centro essa análise principalmente sob o elemento da busca: como buscar, o que buscar, de que forma gramáticas do corpo e da narrativa sobre si mesmo são ativadas na tarefa de procurar alguém *online*. Abordarei, assim, a dimensão de repertório, de inscrições nos corpos dos marcadores de diferença bem como na conexão que se estabelece entre eles. No último capítulo, retomo uma discussão de ordem mais densa acerca do virtual e da agência dos corpos *online* em sua relação com o espaço virtual.

Capítulo 4: Performatividades Online II: repertórios e diferenças

Um aspecto que envolve as performatividades de gênero e sexualidade *online* diz respeito ao campo problemático das masculinidades. Os eixos de gênero e sexualidade se articulam nas falas dos usuários na maneira em como definem sua sexualidade *online*. As homossexualidades *online* investigadas reinterpretem o gênero a partir de princípios de diferenciação que pouco se distanciam da heteronormatividade, guardando com ela uma relação de coextensão, ou seja, não há polarização entre homossexualidade e heteronormatividade, já que a definição das sexualidades dissidentes se dá em relação com a regulação heteronormativa do sexo e do gênero. GayRomeo é uma plataforma para homens gays onde a demarcação de gêneros masculinos surge nos relatos dos usuários nos quais as culturas gays globais guardam uma relação ambígua com os modos de ser masculinos.

Ao definir as performatividades *online*, gostaria de operar como o gênero, no caso, o masculino, aparece nos relatos dos usuários como um princípio classificador da cultura gay *online* e das categorias êmicas que reelaboram, inclusive de maneira parodística, as masculinidades locais com o sentido de ser gay. Por exemplo, no caso da discussão das entrevistas com usuários brasileiros, uma gama de categorias êmicas levam a parodiar masculinidades hegemônicas na construção de identidades gays locais/globais. Em *Bodies that matter*, Butler (1993) lança uma importante argumentação para entender a relação entre heteronormatividade e a constituição das sexualidades dissidentes num marco teórico que retoma formulações da genealogia histórica da sexualidade de Michel Foucault com alguns pressupostos teóricos da Psicanálise. Foucault (1999), no primeiro volume de História da Sexualidade, *A vontade de saber*, descreve a implementação das perversões no final do século XIX pela consolidação do domínio classificatório dos desvios sexuais: mulheres disparuenicas, onanistas, sadomasoquistas, exibicionistas e todo o tipo de comportamento sexual que vai além de uma ideia de normalidade. Na análise de Foucault, a implementação das perversões sexuais delinea uma normalização da conduta sexual. É a partir do perverso que o campo do normal se estabelece dentro do dispositivo, o que significa que é o perverso constituiria na verdade o negativo, no sentido fotográfico, da sexualidade normal.

Nesse sentido, Foucault (1999) fundamenta uma crítica histórica à Psicanálise como um desses saberes que veio a canonizar este modelo de delimitar o “anormal” implementando a normalização da conduta sexual dos sujeitos. A perversão sexual apareceria assim como domínio do virtual: o desenvolvimento de uma sexualidade normal só se torna possível na exclusão e controle do desenvolvimento de práticas sexuais fora da ordem. Um discurso sobre essas práticas e sua proliferação trabalha eficazmente para a consolidação do dispositivo de sexualidade em sua normatividade, pois somente a partir desse domínio de objetos pululantes surge vontade de saber curiosa que as redes saber-poder se formam em torno da sexualidade.

Ao falar da ligação entre as estratégias de controle com as estratégias de resistência, Foucault (1999) abre o caminho para a fundamentação de que sexualidades dissidentes não podem ser entendidas como exteriores aos eixos de saber-poder que as constituem. Esses eixos de saber-poder organizam enunciados produtores de posicionalidades. É com esse arsenal interpretativo que gostaria de operar quando falo em marcadores da diferença. Durante o trabalho de campo, essas posicionalidades não podem ser apartadas de outras, já que a sexualidade não seria um predicado universal aplicado a sujeitos diferenciados pelo gênero, pela raça, pela idade, país de origem ou classe. A sexualidade marca diferença não sobre essas outros marcadores, mas com. É uma sexualidade que se constitui com a classe, a raça, o país de origem, etc. Há um perspectivismo de sexualidades múltiplas em que a gramática do ser gay é feita e desfeita constantemente. Essas gramáticas discursivas, corporais e afetivas são parte do material que eu gostaria de apresentar como segunda parte das narrativas coletadas.

Bento foi um dos meus interlocutores privilegiados nessa busca por essas interferências constitutivas do marcadores de diferença, por ser um usuário brasileiro que eu entrevistei em Berlim, e não no Brasil. Sua experiência foi bastante singular na elucidação de como marcadores locais são pertinentes *online*, e muitas vezes, se não há um domínio dos códigos locais de sexualidade, o encontro (*dating*) pode estar destinado ao fracasso. Bento enumera, na sua narrativa, três momentos distintos, de suas primeiras experiências em uma pequena cidade do interior brasileiro, em seguida, sua mudança para uma pequena cidade no sul da Alemanha até chegar em Berlim. No Brasil, era um usuário das salas de bate-papo do UOL (Universo Online, provedor brasileiro de acesso a Internet). Bento descobriu

GayRomeo já morando na Alemanha. Um dos primeiros marcadores que vem a causar estranhamento a Bento refere-se a como gays brasileiros e alemães, no espaço virtual das buscas por parceiros, seja em salas de bate-papo ou páginas de relacionamento operam com marcadores diferenciados:

*“No Nick do UOL, por exemplo, é uma coisa bem interessante de observar que com os brasileiros, num pequeno nick, a gente coloca um monte de informação em pequenas palavras, né? Você coloca se é ativo, passivo, coloca alguma informação erotizada pra chamar atenção das pessoas, você coloca sua idade, você faz um pequeno perfil em um nick. E aqui não, você tem um perfil, **pode dividir todas as informações em categorias**, né? Porque essa é a sacada do GayRomeo. Ele transforma em dados o que você é pra que essa máquina de busca possa fazer o scanning perfeito de toda plataforma do GayRomeo, dentro desse ambiente que você procura, que pode ser na Europa, no mundo” (Bento, entrevista, grifos meus).*

Ao preencher um perfil em uma página de encontros gay, o esquadramento da máscara de dados realiza uma aparente divisão desses marcadores que estão, na verdade, interconectados e se definindo mutuamente. O lugar de origem não está em uma total relação de neutralidade com as preferências sexuais atribuídas aos sujeitos, como a própria narrativa de Bento veio a demonstrar em seguida, bem como a orientação sexual guarda um relação com a identidade e o estigma social combinados com a idade ou o peso: *“eu não posso colocar, se eu quiser sexo em Berlim, não posso colocar uma foto do meu corpo que eu não tenha **o corpo que eles procuram**, que é de uma pessoa **sarada**³¹ ou no mínimo **gut gebaut**, senão quem vai ver meu perfil são os vovôs ou os obesos”* (Bento, entrevista).

Essa série de marcadores vem a funcionar na constituição de perfis *online* como definidores das identidades forjadas *online*. Primeiramente, quando pesquisava marcadores centrais para pensar essa performatividades *online*, os mais clássicos que me vinham a mente seriam obviamente masculinidade, raça e nacionalidade. Outros campos de preenchimento dos perfis me pareciam de certa forma secundários. Mas foi durante o trabalho de campo que pude observar dois que

³¹ Em forma, musculoso.

estão intimamente relacionados com processos de virtualização e visualização do corpo específicos ao contexto pesquisado. Isso me fez ainda repensar no fracasso das categorias e nas muitas vezes padronizadas aplicações teóricas de conceitos, como o de interseccionalidade, que, em um uso normativo, parece sempre implicar a imposição da tríade raça-classe-gênero, justamente a tríade que me orientou a buscar os marcadores de diferença. Numa plataforma de *gay dating*, essa tríade se faz relevante, mas não implica que possa ser assumida para outros contextos.

Perguntar pela interseccionalidade, ou, usando uma palavra que gostaria de criar e introduzir aqui, pela *inter(re)ferencialidade*, jogando com os termos interferência e referência das categorias, é perguntar pela localização de jogos de significados num contexto específico. Enquanto interseccionalidade me leva ainda a pensar muito em termos de identidades consolidadas que se cruzam, mas que teriam uma existência ontológica anterior, a palavra interferência me leva a uma zona de contato entre marcações da diferença que interferem uma sobre a outra, borrando as fronteiras do identitário. Trabalhar com o conceito de performatividade descentra a concepção de interseccionalidade de uma política identitária:

The rules that govern intelligible identity, i.e., that enable and restrict the intelligible assertion of an “I”, rules that are partially structured along matrices of gender hierarchy and compulsory heterosexuality, operate through *repetition*. Indeed, when the subject is said to be constituted, that means simply that the subject is a consequence of certain rule-governed discourses that govern the intelligible invocation of identity. The subject is not *determined* by the rules through which it is generated because signification is *not a founding act, but rather a regulated process of repetition* that both conceals itself and enforces its rules precisely through the production of substantializing effects (BUTLER, 1990, p. 198).

Como aponta Sabsey (2007), essa concepção do performativo articula um conceito de diferença que não é identitário, já que no processo de repetição ocorre uma atualização que implica sempre um refazer-se da condição ontológica do sujeito através dos processos de significação. Os códigos identitários são assim desfeitos pelo ato performativo, porque este se baseia justamente em ato de repetição que não pode ser antecipado.

La iterabilidad de la repetición que hace a la performatividad del género marca los dos aspectos nodales de la noción de diferencia, a saber que ella se monta sobre lo ya escrito, regulado, diferenciado,

delimitado, restringido, pero que en ese proceso de repetición que desplaza y difiere la misma regulación, la hace significar algo que nunca puede saberse de antemano (SABSAY, 2007, p. 24).

Assim, quando falo em marcadores de diferença nesta pesquisa, refiro-me a adoção de códigos/significantes que estruturam as classificações dos perfis bem como alguns termos nativos envolvidos em processos que fazem dos corpos gays *online* significados de sexualidades *online*. Na cultura gay *online* de montar um perfil virtual, idade e peso aparecem como fundamentais definidores de corporalidade e compositores de sexualidades e gêneros hegemônicos. Os termos usados por Bento como “sarado” ou “*gut gebaut*” expressam as marcações dessa corporalidade juvenil e vigorosa.

Em princípio, o corpo vigoroso e juvenil é o que está mais presente na publicidade, nas imagens de filmes para a página, e na idealização buscada ou nas referências que os usuários fazem de si mesmos. Como Bento bem demonstra, há um corpo que é em sua pertinência e pregnância visual mais desejado em termos de mais buscado, um corpo idealizado, o corpo que eles procuram. O fracasso de não apresentar esse corpo buscado pode levar a ter que aceitar receber mensagem de outros sujeitos-corpos indesejados. A segregação etária e de massa corporal aparecem, no relato de Bento, como centrais: vovôs e obesos.

E não é só com Bento que isso se passava. Alguns dos meus interlocutores chegaram a confessar postar uma idade menor da que realmente são. Com os entrevistados, sempre perguntava sobre sua idade, a qual respondiam abertamente. Entretanto, em muitos casos de usuários que contactei, a definição da faixa etária operava como um estigma do qual procuravam escapar. Muitos usuários põem uma idade menor a que realmente são e isso mostra como a marcação etária tem a ver com a construção de uma certa identidade/corporalidade gay.

Por exemplo, Karl, que contactei na página no meio de 2010, durante minha inserção no campo, apresentava um perfil onde ressaltava ser um praticante de esportes e buscar por rapazes mais novos. Aos poucos, ele também foi revelando seu interesse, principalmente por rapazes asiáticos, explicando que os achava mais atraentes. Karl definia seu papel sexual como ativo, buscando relacionar-se com usuários principalmente de corpo atlético, mas não massivamente musculoso, mais delgados, próximos de uma estética *slim fit* e que tivesse em seu perfil a definição de passivo ou mais passivo dentro do intercursos sexual, aceitando até aqueles que

se definiam como versátil (ativo e passivo). Adotando um visual esportivo, nunca cheguei a saber de verdade sua idade, mas tive a certeza durante os dois anos de contato que esta seria bem acima do que estava posto no perfil, já que, desde 2010 até o começo de 2013, seu perfil indicava 38 anos. Com Karl cheguei a ter uma relação quase de proximidade *offline*, porque frequentávamos ocasionalmente os mesmos bares e festas da cena *queer*, em Berlim, porém o mesmo sempre se esquivava quando falava da possibilidade de uma entrevista. Esse tipo de contato esporádico, seja *online* ou *offline*, com usuários do GayRomeo fez com que fosse possível um aprofundamento do campo de uma forma mais intensa e também atenciosa com peculiaridades e detalhes que passariam primeiramente despercebidos, se, por primar pelos pressupostos teórico-metodológicos, adotasse a intersecção de categorias como um dado a ser checado. O que, por conseguinte, faria com que deixasse de *sentir* o campo na sua molecularidade como um sismógrafo bastante sensível que percebe o deslocar das placas que não alteram a conformação do território.

Também Jörg, usuário alemão de Berlim, que se definia na plataforma como bissexual, tinha por dois anos sua idade estacionada em 29 anos, quando *offline* tinha 37. Tanto os trabalhos de Jörg como o de Karl em mascararem a idade real pedem uma certa atenção no manuseio de seus perfis, já que a idade é atualizada automaticamente quando os usuários fazem aniversário. Isso implica dizer que, pelo menos uma vez ao ano, Karl e Jörg tinham que postergar o ano de nascimento para manterem-se sempre com as mesmas idades limítrofes de 29 e 38 anos. Da idade real de Jörg, tomei conhecimento por outra rede social que não estava voltada apenas ao público gay e pelo fato de conhecidos em comum dentro da plataforma que o conheciam *offline*, os quais chegaram a mencionar seu relacionamento já antigo com um outro rapaz bem mais novo (na verdade viviam juntos), enquanto *online* Jörg se apresentava como bissexual, solteiro e buscava por encontros sexuais com jovens de 18 e até a idade limite de 25 anos. Com Karl, sabia-se que a discrepância da idade *offline* não era aparentemente tão larga como no caso de Jörg, então, ele se limitava a aparecer em trajes esportivos, exibir sua boa forma seminua em *shorts* ou roupas íntimas. Já Jörg fazia questão de postar fotos em atividades esportivas, exibia seus músculos e sua jovialidade, porém com uma peculiaridade que funcionava estrategicamente para mascarar sua outra idade fora

da tela: sempre portava um boné ou algo que escondesse parte do rosto ou deixasse seu rosto sob uma sombra em todas as fotos.

Quais corpos se tornam visíveis dentro da plataforma? Como a visualidade de certos corpos impõe uma normatização de determinadas formas corporais? Como essas diferenças marcadas no corpo instituem hierarquias e relações de hegemonia entre sujeitos gays, relações de preponderância, subordinação e exclusão de outras estéticas corporais?

Como apontam diferentes autores (CONNELL, 2005; LAQUEUR 1990; BUTLER 1993), a partir de várias perspectivas, a divisão binária do gênero tem como ponto de aplicação e partida o corpo. O corpo se insere no jogo das relações de poder que o significam e materializam. Como bem explica Laqueur em *Making sex* (1990) não se entende as relações de poder e hegemonia entre os gêneros se apenas se considera o domínio dos significados sem nos determos nas práticas de apropriação dos corpos pelo discurso e pelas intervenções materializantes que geram a diferença sexual como um fato científico. No domínio da vida cotidiana, essas práticas materializantes do corpo estão espalhadas por todo o corpo social: códigos de condutas para homens e mulheres, divisão de atividades físicas, exercícios físicos, cosméticas, intervenções cirúrgicas etc. No seu estudo acerca das masculinidades, Connell (2005) esclarece que os corpos masculinos não podem ser pensados, tomando uma centralidade definidora, seja na natureza ou na cultura. Apesar de encontrar o conceito de performatividade (BUTLER, 1990, 1993) mais sofisticado na elucidação desse problema de conceber o gênero na materialização performativa dos corpos, o trabalho de Connell acerca das masculinidades é bastante revelador na maneira em que a autora concebe os corpos masculinos como efeitos de práticas corporais pautadas no imperativo da manutenção do binarismo de gênero e de que forma esse binarismo se fundamenta numa exclusão fundante concreta das marcas corporais do gênero oposto. Isso significa afirmar um domínio material, nas palavras da autora, onto-formativo do gênero:

Practices never occurs in a vacuum. It always responds to a situation, and situations are structured in ways that admit certain possibilities and not others. Practice does not proceed into a vacuum either. Practices make a world. In acting, we convert initial situations into new situations. Practice constitutes and re-constitutes structures. Human practice is, in the evocative if awkward term of the Czech philosopher Karel Kosik, onto-formative. It makes the reality we live

in. The practices that construct masculinity are onto-formative in this sense. As bodily-reflexive practices they constitute a world which has a bodily dimension, but it is not biologically determined (CONNELL, 2005, p. 65).

No regime das práticas corporais de usuários de páginas de relacionamento gay, os marcadores de diferença corporal jogam com o binarismo de gênero que trespassa hetero e não hétero sexualidades de maneiras distintas. O uso de categorias nativas serve para explicar esse caso. Bento, citado anteriormente, fala de uma “pessoa sarada”, usando uma expressão local interessante para ser analisada. A palavra sarado é derivada de sarar que significa segundo o Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa: “sara v.t.d. 1. Restituir a saúde (quem está doente); curar”. A palavra “sarado” é usada como gíria: “sarado adj. 1. Que sarou. 2. *Bras Gir.* Diz-se de indivíduo valentão. 3. *Bras. Gír.* Malhado”. Sarado, na linguagem comum, significa ter um corpo em forma, fruto de práticas esportivas, de exercícios físicos. A busca por um corpo sarado movimenta um mercado e um imaginário ao seu redor que combina beleza, saúde e bem-estar. Ter um corpo sarado é curar-se do sedentarismo e do fantasma da obesidade, mas também dos efeitos do tempo sobre o corpo numa cultura de hipervalorização do vigor e da juventude. Apesar de ser um adjetivo empregado para homens e mulheres, o termo sarado tem uma forte conotação masculina, já que a mulher sarada dentro da cultura heterossexista, no Brasil, é “gostosa” e o adjetivo sarada para uma mulher pode trazer uma margem de perigo, já que a mulher muito sarada pode ser aquela que comece a desenvolver uma musculatura muito definida e considerada “excessiva” para o padrão do corpo feminino, ou seja, a mulher tem que ser “sarada, mas gostosa”, não arriscando nos exercícios físicos perder suas curvas e a sinuosidade do corpo feminino³².

Em certas culturas gays urbanas, ter um corpo sarado significa afastar-se de caracterizações estereotipadas do gay visto como “bicha”, “bichinha” ou “pintosa”³³. Nas culturas gays, masculinidades hegemônicas são resignificadas e apropriadas estrategicamente para manter no armário a orientação sexual ou para ser posto

³² Há variações no caso brasileiro, principalmente a partir dos marcadores de raça e de classe que estão presentes no Brasil. Nesta tese, trato dessas diferenciações de maneira sintética a partir do que encontrei nas entrevistas e no material de campo. A respeito da mulher brasileira e da criação de uma marca Brasil pelo discurso publicitário que modula sinteticamente os diversos marcadores sociais em torno da feminilidade ver o trabalho de Lara Beleli: “Os lábios carnudos são agora destacados em imagens de mulheres que podem ser, facilmente, percebidas como “brancas”, evocando a chave erótica das ‘mulatas’. A menos do que mostrar a ‘cara do Brasil’, a hibridização realça, e acentua, a sensualidade da “mulher brasileira” e, ao mesmo tempo, feminiliza o país” (BELELI, 2005, p. 132).

³³ Pintosa/dar pinta: homossexual de comportamento efeminado, afetado e exagerado.

numa posição de objeto do desejo, ser sexualmente atraente. Ter um corpo sarado nas culturas gays observadas no Brasil traz uma ambígua relação entre conotações positivas e pejorativas da orientação sexual. No cotidiano, é comum a autoreferência como “bicha”, “mona”, “mulher”, fazendo o uso de pronomes e adjetivos femininos num jogo jocoso, entre alguns homens gays, que mais do que fazem é reeditar na forma de paródia, em um sentido butleriano do termo, conotações que fazem a intersecção do gênero com a sexualidade nas culturas gays a partir de seus imperativos normativos e excludentes.

It is important to emphasize that although heterosexuality operates in part through the stabilization of gender norms, gender designates a dense site of significations that contain and exceed the heterosexual matrix. Although forms of sexuality do not unilaterally determine gender, a non-casual and non-reductive connection between sexuality and gender is nevertheless crucial to maintain. Precisely because homophobia often operates through the attribution of a damaged, failed, or otherwise abject gender to homosexuals, that is, calling gay men “feminine” or calling lesbians “masculine”, and because the homophobic terror over losing proper gender (“no longer being a real or proper man” or “no longer being a real or proper woman”) it seems crucial to retain a theoretical apparatus that will account for how sexuality is regulated through the policing and the shaming of gender (BUTLER, 1993, p. 238).

A proliferação de categorias nativas *online* também está presente na forma como as culturas gay se propagam pela rede no uso dessas paródias criadas por homens gays acerca de suas identidades. Neste sentido, gostaria de trazer algumas categorias explicativas de termos usados por usuários brasileiros nas entrevistas através das imagens de um grupo de paródia gay brasileiro dentro da rede social Facebook chamado “Bixa Depressão”. Esse grupo posta imagens ou vídeos nos quais algumas dessa gírias que compõem o vocabulário gay nacional são apresentadas. No que se refere a performance de masculinidades *online* e aos marcadores corporais postos em funcionamento, uma imagem postada nessa comunidade me pareceu muito interessante:

Figura 4.1 Imagem “Bixa Depressão”.

Na gíria local, os termos “boy” ou “bofe” denominam o gay dito mais masculino, que não deixa transparecer sua orientação sexual pela sua coreografia corporal. Fala-se do “gay com jeito de homem”. Porém, essa armação performática do boy ou bofe pode ser posta em cheque a partir do momento em que a ligação entre gênero e outras sexualidades não hétero tensionam a armadura da performance dessa masculinidade heterocentrada. Primeiro, porque tal masculinidade exclui o gay efeminado; segundo, tal exclusão afirma como há uma ligação natural heterossexualidade e masculinidade.

O cenário da imagem é composto de vários elementos significativos na marcação desse corpo masculino hegemônico. Primeiro, estamos numa academia de ginástica, onde as pessoas passam boa parte do tempo esculpindo seus músculos a partir de uma disciplina que leva até a exaustão com o objetivo de gerar corpos sarados. Os padrões de beleza, vigor e juventude estão bastante claros no tipo de corpo que é posto como desejado na figura acima: branco, olhos claros, corpo em forma, jovem. O desejo é enunciado na mensagem que se dirige ao leitor do texto, visando uma aproximação identificatória do narrador da foto com seu expectador, despertando um sentimento comum, um compartilhar das mesmas ideias acerca de masculinidades gays. Estou falando de homens gays que frequentam academias de ginástica e de desejos que jogam com expectativas e

realidades. A expectativa de uma aproximação do “boy”, esse príncipe da masculinidade, desperta uma série de sentimentos.

A foto está dividida em duas partes: expectativa à esquerda e realidade à direita. O boy de verdade não fala como a bicha, ele não usa gírias, porque desconhece esse universo da linguagem gay. Pelo contrário, o boy na sua performance de masculinidade, exacerba expressões ligadas a uma performance hipermasculina como “ae cara, tudo bem?”. Na parte direita, a realidade, a coreografia corporal do boy cai por terra quando ele fala e usa o código de linguagem da bicha. Apesar de não termos um áudio, o uso dessas palavras para quem lê e está inserido na cultura gay despertam duas performances de voz distintas. A voz do boy tem uma tonalidade mais grave enquanto a voz da bicha é aguda, efeminada. A bicha chega com uma saudação oriunda da cultura *drag queen* no Brasil, apropriada por vários segmentos gays; “nhay, inhae, inhai” é uma versão *drag* do “ e aeh” dos boys, dos brothers. O acréscimo de “n” e “m” nas palavras tem como efeito nasalizar a fala e deixá-la mais exagerada, num feminino excessivo, *drag*. O boy pergunta há quanto tempo seu interlocutor malha na academia enquanto a bixa fala “muita neca odara, né?”. Neca é a gíria para pênis e odara significa “boa”, “grande”, introduzindo um elemento homoerótico no cenário da academia onde esses corpos se pavoneiam. A bicha se refere ao seu interlocutor usando o gênero feminino “tá boua” e ainda fala do “bafom” que significa babado, fofoca, assunto. A bicha faz apelo a um código comunicativo usado só por quem é “do babado”, entendido e essa linguagem subversiva da bicha que pode parecer completamente incompreensível a um leitor hétero não familiarizado com esse universo é uma forma também de, dentro do domínio heteronormativo, no território de masculinidades heterocentradas, traçar linhas de fuga e compor outros universos simbólicos secretos para falar do que não se pode falar tão abertamente. Uma outra imagem da comunidade aponta para essa mesma subversão das linguagens gays na propagação de coreografias corporais de masculinidades não hegemônicas.

Figura 4.2 Imagem “Bixa Depressão”.

Essas diferentes linguagens demonstram como as culturas gays *online* são construídas na translocalidade dos marcadores de diferença. A apropriação de palavras como “brother” e “boy” que não são oriundas da língua portuguesa e que dentro da cultura gay brasileira ocupam um sentido distinto em vários contextos. Esse breve excuroso a partir dessas duas imagens me serve para explicar um pouco dos significados, dos termos usados por usuários brasileiros. Pedro, usuário brasileiro do GayRomeo, relata como o domínio de linguagem gay no Brasil se assemelha ao aprendizado de uma língua estrangeira e compara a sua entrada na plataforma GayRomeo quando buscava conhecer pessoas de outros países:

“Você consegue ter um contato maior com as gírias utilizadas naqueles países. Se um gay da França for utilizar um live motion para aprender o português, quando ele chegar aqui que for se inserir na cena gay brasileira, ele vai ficar perdido, porque vai ter várias palavras que ele não vai conhecer. Eu tive isso quando eu comecei a entrar no meio gay... eu tinha amigos que eram gays, só que não tinha frequentado ainda um ambiente gay, por assim dizer, e eu fui fazer uma viagem para Cascavel, que é no interior, com um amigo meu e, antes da viagem, ele falou para mim todas as gírias possíveis e imagináveis que eu deveria saber para não ficar voando nas conversas, assim sem saber o que estavam dizendo, se até estavam rindo de mim ou não, porque você sabe muito bem quando alguém quer rir de você, sem saber que estão rindo de você, eles usam códigos, da linguagem e conseguem falar numa

boa e você fica perdido, achando que eles estão rindo de alguma piada, você até ri, sendo que eles estão rindo de você. Então, eu acho bem interessante essa questão, porque você tem um contato maior com outra cultura, você consegue aprender gírias locais, então o GayRomeo é tão válido quanto o live in motion” (Pedro, entrevista).

O aprendizado performativo de Pedro, no que diz respeito ao uso das plataformas de *gay dating*, interagindo com parceiros de todo o planeta, refere-se a algo mais do que meramente colecionar vários vocabulários locais definidores da performatividade gay. A página virtual abre para seus usuários a possibilidade de encontros e o problema da *tradutibilidade* dos marcadores de diferença em sua impossibilidade de universalização, mas também em seu hibridismo onde o local e o global se misturam. Como previne Connell (2005) em seu estudo a acerca das masculinidades, pensar masculinidades em uma escala global implica pensar em relações *globais* nas quais essas masculinidades estão inseridas como migrações, conflitos culturais, relações de mercado, etc.

Páginas como GayRomeo são assim um desses fenômenos globais onde esses elementos entram em choque. Moda, corpo e consumo marcam diferenças nas representações que a sexualidade gay propaga online dentro da cultura *mainstream* que passa a relegar um lugar a certas subjetividades gays privilegiadas na moda, na estética corporal. Assim, aparece também um revalorização do gay em termos do consumo estético, do cuidado com o corpo, na metrosssexualidade das paródias produzidas sobre a sexualidade gay *online*.

O mercado das marcas e da estética constitui um marcador definidor de certas identidades gay, do qual alguns usuários tentam se aproximar ou distanciar no universo *online*. Raul, usuário do GayRomeo em Fortaleza, fala da sua relação com a cena gay local e sua não satisfação com uma cultura gay consumista que, em seguida, torna-se ambígua na maneira como reposiciona o gay de uma forma positiva apelando para estereótipos estéticos e extremamente heteronormativos que depreciam as subjetividades gays na suas formas de relacionamento. O conjunto de significados em seu relato sugerem que estratégias de autodepreciação são impostas aos segmentos gays, nos quais indivíduos tendem a negociar posicionalidades com esses estereótipos da cultura *mainstream*.

“Quando eu comecei a formar essa teia de relações gays, eu via muito como uma tribo mesmo, né, de, que não me agradava muito pela própria cultura de consumo gay, eu não consumo a cultura gay, os ícones que os gays gostam, é, eu não tenho grande, assim não gosto, as boates. Eu via muito que os grupos, eles orbitavam ao redor disso, de ir pra tal boate, de comprar roupa em tal loja, ouvir música de tal cantora, é, enfim, orbitava muito em torno disso, e a primeira impressão que eu tive foi terrível também, do que que era a vida offline, naquele velho clichê: ah, porque os gays são falsos, porque eles são isso, são aquilo, é, são sem escrúpulos, coisa da promiscuidade. A primeira impressão que eu tive foi muito essa também, que os gays são promíscuos, não são muito confiáveis para se ter como amigos, e eu acho que hoje eu ainda tenho resquícios dessa opinião, mas como eu me ausentei mais desse grupo e eu comecei a ver mais gays em outras instâncias, em outras esferas, é, primeiro, eu penso que a cidade está infestada de gays, infestada, palavra horrível (risos), mas assim, mas eu penso que existem os que estão, digamos assim, fora do armário, mas nesse nicho, onde eles estão nesse mercado, né, das boates e da tendência do que se ouve, onde se vai, onde se come, onde se veste, e eu acho que tem também um modelo de comportamento” (Raul, entrevista).

O espaço *online*, ao contrário da cena gay *offline*, pode funcionar como um abrigo às estigmatizações, as quais homens gays estão sujeitos fora da tela. O medo também de ser identificado com essa caricatura gay, presente no relato de Raul, acentua uma aproximação da cultura gay com aspectos negativos do consumo. O armário se afirma, então, como um território seguro, onde se protege dessa cultura gay consumista, contraditoriamente, uma vez que a forte presença de publicidade voltada ao público gay é uma característica marcante dos sites de gay dating. Contudo, nos últimos anos, tem-se observado um discurso sobre a beleza masculina que joga com as imagens da sexualidade e desafiam, até certo ponto, padrões, até então, estabelecidos como masculinos.

Fala-se do homem contemporâneo como metrossexual. Esse homem desenvolvido e inteligente, que se preocupa com a beleza, refinado, afastando-se da figura do machão conservador e desleixado com a aparência física. O metrossexual se importa com as marcas, segue os manuais de moda e estilo, é adepto aos tratamentos de beleza e adentra com uma astúcia estética um universo que, até então, era reduto da cosmética feminina: clínicas de beleza, cirurgias plásticas, etc.

O jogo do metrossexual consiste em buscar por uma beleza, um erotismo quase homo na paixão por si mesmo em sua aparência mas não em sua concretização, afirmando que o homem heterossexual também pode depilar-se, preocupar-se consigo mesmo, com sua estética, sem ter sua orientação sexual posta em cheque. Vigarello (2005), em sua *Historia de la belleza*, argumenta que há ainda um encontro do metrossexual com as estéticas gays, no sentido de que o discurso da moda passa a ocupar-se do corpo masculino não mais de uma maneira tradicional, mas joga com esse corpo, o flexiona sobre outras coreografias corporais no universo das grandes grifes, que põem não mais apenas o corpo super atlético mas também estéticas mais suaves, às vezes até andrógenas do corpo masculino.

Un indicador de estos cambios lo expresa mejor que nadie la revista *Préférences*, lanzada en 2004 para un público de “metrossexuales” y “homosexuales”, la que diversifica sus lectores presentando imágenes tradicionalmente homosexuales como susceptibles de no serlo: depilación, suavidad de la piel, poses lánguidas, cuerpos masculinos “ofrecidos como territorio lo suficiente virgen que sólo comienza a ser explorado”. Al mismo tiempo se añaden, en contrapunto, las imágenes de cuerpos perfilados en volúmenes macizos, esas “formas de los brazos para las que es concebida la ropa de polo Lacoste”. El espectro de la belleza viril se abre desde el body-builder al “ángel rubio”, sugiriendo “la necesidad de trascender los géneros y de rechazar los clisés”, renovando el imaginario de los aspectos y de los rasgos. La cultura gay facilita ese juego con las referencias: latitud otorgada a las formas, variedades gestuales y de perfiles, pese a que la cultura en su totalidad” no consiga, con toda evidencia, ser “homosexualizada” (VIGARELLO, 2005, p. 241-242).

Contudo, essa presença das culturas gays na cultura de massas, nos editoriais de moda, não representa, segundo outros autores, uma mudança nas políticas do gênero pelo fato de ainda não termos uma contestação efetiva do binarismo da diferença sexual. Na verdade, fala-se de uma assimilação de gramáticas das culturas gays por um *mainstream* que ainda é deveras heteronormativo em seus fundamentos. A ordem dos gêneros não está abalada em suas bases quando as culturas gays reproduzem as dicotomias normativas, ainda que possibilite brechas subversivas para outras utopias sexuais e de gênero como gostaria de discutir a seguir com mais um exemplo do campo. De fato, Connell (2005) tem razão em defender que a masculinidade hegemônica ainda se faz pertinente, mesmo com a assimilação da homossexualidade, pois essa assimilação

é renegada pela masculinidade hegemônica e não põe a ordem dos gêneros em cheque, pois tanto pode estar articulada com possibilidades de resistência, mas também limitar prazeres e efetivar barragens homofóbicas da expressão de masculinidades homoeróticas:

There is, then, an unavoidable politics of masculinity in and around contemporary men's homosexuality. The structural base of this politics is the main type of subordinated masculinity in the contemporary gender order. The turbulence of the story just outlined shows that the relationship between this politics and its social base is far from simple. We cannot think of the gay community as a homogenous source of radical gender politics... Yet full assimilation is impossible, given the overall structure of gender relations. Hegemonic masculinity forbids the receptive pleasures of the anus and opposes assimilation. Gay men get murdered in homophobic attacks regardless of their personal styles (CONNELL, 2005, p. 219).

Seguindo as pistas de Connell, e, ao encarar a comunidade gay como não homogênea, tanto na radicalidade das políticas de gênero que pode assumir quanto em roupagens normativas da identidade gay, em outros casos, nas plataformas de gay dating, os sentidos que essas ordens de gênero apelam têm uma forte imbricação coma atuação de reguladores coercitivos da identidade gay numa relação de deslocamentos e fantasias sobre as quais posicionalidades são erigidas. Discutindo com usuários brasileiros de GayRomeo sobre suas experiências com outros sujeitos gays, oriundos de outras comunidades, chamava-me atenção uma certa idealização no momento em que alguns sujeitos se reconheciam no seio de relações de poder em que sua sexualidade era alvo de coerção. Territórios virtuais têm seu lado de paraísos artificiais, onde “outros” são idealizados e fantasias acerca das marcas da diferença se fazem pertinentes. Entre dois dos meus interlocutores brasileiros, essa idealização estava muito relacionada com ter um parceiro estrangeiro ou na autovalorização de si, dentro de plataforma, em contatar estrangeiros. Ainda seguindo essas linhas, uma certa narrativa de menos homofobia ou mais homofobia em outros países, contrastava com as percepções nativa de homofobia no caso de usuários brasileiros que relatavam a diferença entre Brasil e Alemanha com relatos de vivência homofóbica de usuários alemães.

Um aspecto que valeria ainda ser salientado diz respeito ao repertório afetivo de interpretação das vivências dentro de GayRomeo. Esse seria o caso de Lucas, usuário brasileiro de Porto Alegre, que começou a utilizar GayRomeo durante um

intercâmbio na Alemanha e, ao voltar ao Brasil, teve ainda mais dois relacionamentos através de GayRomeo com a visita de ambos os parceiros ao Brasil, um holandês e outro alemão. Na sua percepção, esses outros marcados pela nação e pela utopia de um mundo menos homofóbico, de outros territórios possíveis, Lucas elabora uma narrativa bastante emocional da sua vivência com seus dois parceiros europeus e compara sua experiência nesses dois países: Alemanha e Holanda.

“Assim, se eu for colocar em ordem decrescente de frieza [risos], ou então deixa eu pensar, do mais frio pro menos frio, colocaria os alemães, os holandeses e os brasileiros, né? Alemães ganham, eu acho eles extremamente gélidos, são pessoas que, pela minha experiência, não sabem demonstrar carinho. Também não sei nem se procuram isso, sabe? Pra mim, dá a entender que eles procuram alguém pra sair de vez em quando, me parece que eles são autossuficientes e, enfim, querem uma companhia só pra de vez em quando. Os holandeses me pareceram mais quentes nesse sentido, assim, mais afáveis, menos formais nos relacionamentos também, assim, pareceram mais descolados, livres. Porque a Holanda é um país que a mim me pareceu livre nesse sentido tanto de sexualidade, tanto que eles são um país de vanguarda até no matrimônio gay, né? Estão a anos luz no mundo inteiro quase, praticamente. Então, achei eles mais abertos pra qualquer coisa. Os brasileiros é essa coisa, as pessoas cheias de amor pra dar, essa coisa assim de deixar o coração falar, mas mesmo assim isso não é prenúncio de que vai dar certo, sabe? Tanto que até hoje eu tô sozinho, as pessoas vivem me dizendo que eu devo parar de ir pro estrangeiro, mas é muito difícil encontrar alguém aqui, isso é um fato. Brasileiro, assim, me parece que dá muito valor ao corpo, sabe? Mais do que ter um bom papo tem que ter um corpo esplêndido, tem que ter dinheiro, sabe? Tem que ter aquela coisa da aparência, né? Que parece ser uma coisa que lá não era tão valorizada assim, não sei, me pareceu, então, eu achei assim que a vida gay aqui tem as suas dificuldades, mas a gente é claro que tá avançando pouco a pouco, a gente já vê que existe união estável, já tá legalizado, mas o preconceito é ainda muito grande, na Europa não é tanto, assim quase inexistente, né? Segundo nossos padrões, porque é muito difícil alguém ser morto, apedrejado, por ser gay, homossexual. Então, nesse ponto, tem os seus prós e contras, em todos os países,

né? Mas eu acho que aqui ainda é um pouco problemático nesse sentido, não no sentido de contato, mas no sentido da aceitação” (Lucas, entrevista).

A busca de namorados estrangeiros dentro do GayRomeo feita por Lucas é justificada por a partir da busca de uma relação afetiva para a qual os seus pares locais não estariam preparados: um relacionamento sério. A idealização de outras territorialidades amorosas se articula com estereótipos contrastivos acerca do europeu e do brasileiro. Lucas me relatou ter duas estratégias diferentes para os sites de dating. Nos sites mais usados no Brasil como manhunt, ele não mostrava foto do seu rosto, com receio de ser descoberto *online*, já no GayRomeo, por ser um site não tão popular no Brasil, ele se sentia mais a vontade para por fotos de rosto no seu perfil e entrar em contato com parceiros estrangeiros. No seu relato, vários estereótipos acerca da brasilidade, da “calorosidade” do gay brasileiro estão representados, bem como uma seleção dos parceiros com os quais gostaria de entrar em contato.

Em verdade, não há uma homogeneidade da cultura gay. Na linha de argumentação de Connell, não se pode pensar as posicionalidades gays em termos de parâmetros que as põem numa hierarquia de valorização. Essas hierarquias são efeitos de relação de poder que perigosamente podem levar a uma segregação dentro do campo das sexualidades não-hétero de outras posicionalidades, ocasionalmente em jogo, como a raça ou a nação. Na interferência de posicionalidades, práticas discriminatórias podem emergir. Haritaworn (2010) analisa a relação entre homofobia, discursos antiterror e a produção de figuras como a do “migrante homofóbico”, em alguns bairros de Berlim de maioria migrante de países mulçumanos, como um certo movimento gay de posicionalidade branca, europeia e *mainstream* se alia com discursos antimigração de cunho racista e, por vezes, transfóbico para excluir esses outros postos numa posição de homofobia como “inimigos”. Butler (2011), no texto que fundamenta sua renúncia ao prêmio Courage concedido pela organização da *Christopher Street Day* a pessoas que se destacaram na causa LGBTQI em Berlim 2010, argumenta que estratégias que geram certos corpos e subjetividades como minoritários devem ser encaradas como constelações, onde diferentes formas de discriminação podem se articular com diferentes posicionalidades.

Wir müssen den Prozess der Minorisierung unter neuen globalen Bedingungen neu denken, uns ihm widersetzen und fragen, welche Bündnisse zwischen religiösen, ethnischen und sexuellen Minderheiten möglich sind (wenn diese "Positionen" weniger Identitäten als Lebensformen in Relation zu anderen und zu herrschenden Wertvorstellungen sind). Dann können wir Konstellationen erschaffen, in denen der Widerstand gegen Rassismus, Diskriminierung, gegen Leben im Prekariat, Militarismus und staatliche Gewalt die klaren Ziele einer politischen Mobilisierung bleiben. Das würde bedeuten, dass der Widerstand gegen Krieg und verstärkte Militarisierung eine Möglichkeit ist, Freiheit in Verbindung mit Gleichheit zu leben und, um den Einwirkungen der staatlichen Gewalt Einhalt zu gebieten, das soziale Leben des Körpers wiederzuleben und zu erhalten – sein Begehren, seine Gestalt, seinen Anspruch auf Zukunft und Gerechtigkeit (BUTLER, 2011, p. 32).

O tema da homofobia não pode ser visto em termos de uma análise classificatória aliada a uma perspectiva colonial que organiza mundos distintos em termos de hegemonias de poder. Perguntar pela homofobia no Brasil, na Alemanha ou no México, por exemplo, significa perguntar pelas constelações que as normatividades de gênero assumem nesses países e com que discursos ou outras formas de discriminação a homofobia vai se aliar nesses países. O fato de, em determinados contextos, sujeitos minoritários não terem os mesmos direitos, em realidades sociais distintas, significa ainda pensar, sob que condições globais, normatividades de gênero estão sendo postas em funcionamento e em que medida a manutenção de formas diversas de discriminação são eficazes politicamente na hierarquização de diferenças. O acesso a direitos por pessoas LGBTQI dificulta o exercício da homofobia em sua forma mais concreta e visível, mas na medida em que as normatividades de gênero abaladas pela entrada desses sujeitos como pessoas de direito na esfera pública ainda se fazem pertinentes, outras configurações da homofobia, dificultada explicitamente, ainda podem ser visíveis. No relato de Theo, usuário alemão de GayRomeo em Colônia, a discriminação explícita aparece na figura de um outro racializado (*Südländer*) enquanto a discriminação que veio a sofrer de seus pares na escola é descrita mais velada como relata Theo em comparação com os dilemas que teve que enfrentar na pequena cidade onde vivia antes:

“Also, gerade hier in Köln gibt es nicht mehr so viel Diskriminierung , also, es gibt auf jeden Fall sehr wenig direkte Diskriminierung. Also, mir jetzt in 15 Jahren - glaube ich

- einmal vorgekommen; da ging ich mit meinem Freund über die Hauptbahnhof und kam ein paar Südländer entgegen und hat einer vor uns auf den Boden gespuckt, und das war deutlich gegen uns gerichtet. Und einmal bin ich beleidigt worden; als ich auch mit meinen Freund nachts durch die Straßen ging. Das war die einzigen beiden Erfahrungen mit der direkten Diskriminierung, die ich eigentlich hatte. Aber es gibt natürlich immer noch so ein bisschen versteckte Diskriminierung, es gibt auch einfach dieses Anders sein. Also als ich zum Beispiel in meiner Schulzeit geoutet wurde, da wurde halt hinter meiner Rücken sehr viel darüber geredet, es gab keine direkte Ansprache, also es gab nicht so dass dann die Leute mich beschimpft hätten in der Schule oder so was, sondern eigentlich überhaupt nicht, aber es war halt hintenrum unglaublich viel los, es wurde viel darüber geredet und einige Leute haben wohl auch Probleme damit gehabt...(awn.. ja!)... und ich möchte noch ergänzen und es ist halt auch erstmals was anders ob man in Köln wohnt oder jedendwo auf dem Land, wo möglich auch oft auf einen kleinen Dorf, wo es (erstmal) keiner Angebot gibt, auch gerade auch für jugendlichen zum Beispiel, schulische Jugendliche, wo es keinen Vorbilder auch gibt, wo man sich sehr alleine fühlt, das war dass mich vor meinem "coming-out" am meisten belastet hat, dieses Gefühl; ich bin der einzige Schwuler den es gibt. Und es gibt natürlich da einfach immer noch so dieser unterschwellige Diskriminierung, ob das jetzt darum geht Schwule können kein Fußball spielen oder auch diese positive Diskriminierung; Schwule sind immer so sensible, und so kreativ, und man wird immer sehr schnell mit bestimmten Eigenschaften in Verbindung gebracht die man selber vielleicht gar nicht hat und deswegen mögen es auch - glaube ich - viele Leute eher sich später zu "outen" wenn die anderen Leute sie als Person kennen, wann man einen nur als Schwul kennenlernt, wird alles in dieser Richtung interpretiert" (Theo, entrevista).

Considerando a relação entre os marcadores de diferença encontrados nas entrevistas que me orientaram na definição das performatividades *online*, passo agora a examinar as narrativas sobre as buscas por parceiros dentro do site GayRomeo. Gostaria de salientar como, nas formas de busca, os arquivos compostos pelo registro da sexualidade *online* em suas relações com os repertórios dos marcadores da diferença é posto em movimento quando os usuários passam a buscar por contatos para bate-papo, encontros e sexo *online*. Assim, falarei da busca envolvendo arquivos e repertórios de performatividades *online*.

A busca

“In erster Linie suche ich/wir nichts... aber wenn du cool drauf bist und noch Mann geblieben bist... gerne Mal nen Kaffee mit meinem Freund und mir zu 3 oder geil Fun haben! Aber A&P [aktiv und passiv] wie wir solltest du dann schon sein;o) Achso Leute... HIV-Status sind beide negativ und wollens auch bleiben!!!! Na dann Guys und wer sich angesprochen fühlst haut in die Tasten” (Usuário da Alemanha).

“Sou um cara tranquilo, trabalhador, estudioso, sem vícios, responsável, discreto, sincero, romântico, fiel e mega carinhoso. Busco algo semelhante, um rapaz de boa, simples, tranquilo, que tenha conteúdo e seja muito romântico, carinhoso e fiel, ou seja, um cara especial que consiga me mostrar em uma conversa a essência dele, os objetivos, planos e visão de vida que ele possui. A idade pouco me importa desde que não tenha mais de 43 anos está valendo rs. Outros detalhes acertamos juntos, afinal tudo se resolve com um bom diálogo, entendimento e amizade, não é? Aguardarei contatos de várias partes do estado, país e mundo afinal tudo é possível” (Usuário do Brasil).

“Por favor solamente hombres VARONILES y SENCILLOS, no es mal pedo pero no me interesan la marca con la que te vistes, los fresas, los afeminados, ni los antros, no tenga nada en comun con ello, me aburren, asi que evitame perder tu tempo. Solo si tienes lugar para coger” (Usuário México).

Esses são três exemplos de textos postados por usuários de GayRomeo que exemplificam variados tipos de buscas por contatos presentes na plataforma. São também narrativas de desejo, frustrações, seletividades. Eles expressam a busca por um amor romântico, um encontro casual, uma aventura sexual, desde formas mais tradicionais até relações mais ousadas. Neles, vemos ainda funcionar arquivos e repertórios: a rejeição da cena gay pelo usuário mexicano e a busca de um parceiro “varonil y sencillo”; a busca de um parceiro para uma relação romântica, desde que dentro dos limites etários pré-estabelecidos, pelo usuário brasileiro e até mesmo a busca por mais um parceiro sexual para apimentar a relação a dois no caso do texto alemão.

Quando os indivíduos passam a ocupar essa arquitetura desejante e erótica do espaço virtual, a qual problematizarei no próximo capítulo “Agência e Espaço”, um universo de possibilidades de contato se abre, uma constelação de desejos em rede, conformações de performatividades de sexualidade e de gênero ganham visibilidade na web, relatos íntimos são trocados entre parceiros desconhecidos, figuras do outro são borradas e reconstituídas, exclusões e repulsões ganham forma, atratores estranhos de desejos nômades pedem passagem. Corpos se ligam às máquinas, plugados na tela: ver, teclar, selecionar, excitar, falar, telefonar, encontrar, examinar. Todo um arcabouço de técnicas é posto em funcionamento na busca do parceiro para um date.

O que lia nos perfis muito me instigava em saber como, na verdade, essas buscas eram feitas. Vale salientar que nem todos os usuários postavam textos como esses três que dei como exemplo. Alguns apenas recortavam e colavam seja trecho de uma música, poesia, piadas, etc. Para preencher esse campo onde se poderia escrever algo que despertasse o interesse de alguém que estivesse passando por seu perfil.

Com os meus entrevistados, concretamente, observei várias formas de pré-seleção *online* do tipo buscado. Uma primeira pré-seleção se estabelece através das fotos que compõem, ela pode ser operada combinando dados que a plataforma permite organizar e fazer uma máscara de busca a partir de diferentes variáveis. Outra forma também é esperar que o perfil seja visitado e checar a caixa postal. Se uma mensagem é recebida por um usuário dentro da plataforma, a não resposta pode significar um desinteresse, um imediato “não”. Por isso, o primeiro passo rumo ao date é a troca de mensagens. O conteúdo dessas mensagens podem ser diversos, dependendo do tipo de busca. Como descreve Georg, do perfil ao chat, algumas etapas são importantes na pré-seleção do parceiro buscado:

“Also ganz einfach, es fängt erstmal beim Date an. Ist... strahlt ein Bild in irgendeiner Art und Weise irgendeine Attraktivität aus? Das hat natürlich nichts zu sagen, denn viele Leute setzen sich natürlich auch in Szene oder verändern das Bild. Das ist ja heutzutage alles kein Problem mehr. Das ist aber erstmal nur ein Fakt, der aufs Optische abzielt. Wichtig ist, wie die Leute einem schreiben. Ob sie sich ausdrücken können, ob ich einen gewissen Geist dahinter vermuten kann. Und wenn ich dann merke, wie es kommt wirklich nur Müll zurück, oder es wird in Halbsätzen

geantwortet oder es kommen kaum Aussagen, dann breche ich das auch ganz schnell ab. Weil das ist mir das zu ähm, wie soll ich es beschreiben – zu oberflächlich. Also ich versuch schon so ein bisschen Tiefgrund auch im Text zu erahnen oder rüberzubringen. Und danach entscheide ich dann, könnte sympathisch sein, könnte nicht sympathisch sein. Und manchmal kommt es dann zum Treffen. Manchmal auch nicht. Unterschiedlich” (Georg, entrevista).

O que pode fazer um date ser efetivo entre duas pessoas depende de muitos aspectos e tem a ver mais com um encontro de subjetividades que não pode ser todo racionalizado, seja pela máscara de dados ou explicações que os usuários podem dar. Entretanto, um certo discurso coletivo da atratividade está latente na plataforma, um certo burburinho entre os corpos, um friccionar das identidades virtualizadas, um certo erotismo que não se reduz apenas à satisfação sexual como muitos pensam, mas uma combinação de fatores que tem a ver com a composição do objeto do desejo.

Miro, usuário austríaco residente em Viena, conheceu seu namorado dentro da plataforma e acredita que não teria sido possível de outro modo, devido à distância. O fato também de seu parceiro vir de outro país se resultou do tipo de busca que empreendia e como formava para si uma imagem do parceiro atraente para um bate-papo:

“Ich glaube hier ist für mich am wichtigsten, dass wir auch verbal kommunizieren können. Einfach auch zu wissen, wer dieser Mensch ist, was er macht im Leben. Wobei auch für mich immer interessant war, Männer aus ursprünglich anderen Regionen als Österreich zu treffen. Bis zu einem gewissen Grad auch das Äußere, also sprich auch Fotos. Vom Alter her ungefähr in meinem Alter oder jünger als ich, aber nicht zu jung. Vielleicht bin ich da auch ein wenig kompliziert, aber ich habe mich nicht mit vielen Männern von dort getroffen. Und vom heutigen Standpunkt muss ich auch sagen, dass ich für Dates bis zu einem gewissen Grad auch auf den Bildungsstand achte, und ich dies auch mit einer besseren Kommunikationsbasis verbinde” (Miro, entrevista).

Apesar do forte apelo visual e conteúdo sexual também presente na página, alguns usuários preferem uma seleção de parceiros em que esses conteúdos não

sejam tão explícitos e que venham com mais informações sobre a pessoa que não tenha necessariamente ou exclusivamente acentuando suas preferências sexuais. Lucas define esse tipo de perfil que vai diretamente ao ponto do encontro sexual com imagens explícitas e pouca informação sobre outras áreas de interesse da pessoa como um perfil “bagaceiro”, e, então, perguntei para ele o que significa “bagaceiro”:

“Lucas: Eu acabo sendo muito exigente a ponto de... Eu gosto de ver fotos das pessoas, assim, se é um perfil sem foto eu já descarto de cara. E também se tem, assim, algo muito, digo, bagaceiro, algo muito, sabe? Que denota que a pessoa não tem grande nível, isso já é motivo pra cortar ela.

Kaciano: O que é algo “bagaceiro”?

Lucas: Ah, quando coloca que a pessoa, enfim, só aquelas coisas mais sexuais, né? Assim, por exemplo, ou quando coloca uma foto de peito, de pau, de bundas, sabe? Somente isso, e diz que tá procurando só sexo selvagem, sem camisinha, esse tipo de coisa e que não tem um pouco de... Às vezes, tem campos pra preencher, pra livros, atividades que a pessoa gosta de fazer e não preenche nada disso, só vai direto ao ponto, né? Isso pra mim já é algo, assim, por mais que eu tenha vontade só de sexo, isso não me atrai muito” (Lucas, entrevista).

Lucas, que chegou a ter dois namorados estrangeiros através do website, fala ainda de ter o maior contato possível com o parceiro, sair, por exemplo, do GayRomeo e ir para outras redes sociais como o Facebook ou telefonar, usar Skype etc. Para ele, outros sentidos precisam ser ativados no processo de conhecimento da pessoa. Isso se relaciona contudo com o recrutamento dos parceiros a partir de marcadores considerados importantes para ele, como averiguar se o parceiro apresenta o padrão de masculinidade desejado por ele ou não, a caça do parceiro como se refere, seria um dos elementos para os quais somente fotos e textos do perfil *online* não bastariam:

“Assim, o grande diferencial, claro, eu digo uma opinião minha, eu uso sites de busca, de caça, digamos, como um meio pra que eu possa conhecer uma pessoa pra conversar ao vivo. Então, somente um meio de busca mesmo, sabe? Tem muita gente que continua simplesmente teclando ou escrevendo. Eu hoje

prefiro conversar, ver a pessoa, ouvir a voz, ouvir a entonação da voz, até porque muitas vezes existem muitos mal-entendidos que acontecem assim pelo fato de a gente não estar escutando a pessoa. Então, assim, a melhor coisa que pode acontecer pra mim é encontrar a pessoa, né? Eu faço de tudo, claro, se eu gosto do cara, se eu vejo que tem algum certo futuro, digamos assim, eu já parto direto pro encontro. Pode ser até às vezes no mesmo dia, eu não gosto, assim, de ficar mantendo um contato tanto no meu Face (Facebook), que agora normalmente quando a gente conhece alguém no site (Gayromeo), a gente já bate um papinho, descobre o nome e já adiciona no Face, né? Pra ter um contato, assim, maior. A gente já pode ver os amigos da pessoa, já pode ver o que ela faz, então eu já tento passar pra etapa ao vivo, digamos assim, pra ver como é a pessoa, como ela se porta e tudo mais. Porque a pessoa pode dizer que é super máscula, que ele é macho e não sei o que, e a gente vai ver que é uma bichinha totalmente mulher, mais mulher que a minha mãe, por exemplo [risos]. Tem essas coisas, né? Por isso que eu digo, prefiro muito mais conhecer a pessoa logo, porque daí eu já não tenho mais nenhuma ilusão, porque muitas vezes a gente vai conversando, a gente vai alimentando a esperança e quando chega e vê a pessoa, puft, aí sim que a gente se estrepa [risos]” (Lucas, entrevista).

Outros usuários já parecem menos inseguros em se afirmarem como “caçadores”, sendo mais abertos às possibilidades que o website pode oferecer. Theo, por exemplo, aparenta tranquilidade em afirmar que estar aberto para todas as possibilidades que o web site pode oferecer. Enquanto Sebastian chega a fazer um cálculo do tempo que passa *online* até efetivar um *dating*, mostrando sua insatisfação pelo fato de, ao viver numa pequena cidade no interior da Turíngia, o GayRomeo ser uma das poucas possibilidades que tem para encontrar parceiros:

“Probiert habe ich schon alles, eine Beziehung habe ich aufgehoben... ich hatte schon sexdates, ich hatte einfach nette chats, also einfach online Unterhaltung wo dann auch nicht mehr als nur online Unterhaltung rausgeworden ist. Ich hatte nette Treffen, Leute mit den ich was trinken gegangen bin, wo ich gemerkt habe oder die anderen gemerkt haben das passt nicht so ganz und ich hatte auch schon Freunden über GayRomeo kennengelernt, einige, und auch meinen besten Freund” (Theo, entrevista).

“in thuringen gibt es gar nix an clubs ... nur ab und zu mal ne disco, aber da lernste niemanden kennen... der deutsche mag die anonymitaet im chat und die moeglichkeit einfach das ding auszuschalten...hehhe... die sind hier auch sehr viel zielloser... in der schweiz geht es nur darum schnell ein date auszumachen, das mag ich mehr...hier in deutschland labern die dir ein ohr ab bevor du zum eigentlichen ziel kommst...lach... kannst ha mal in deiner studie ne statistische untersuchung machen wieviele nachrichten hin und her geschickt werden bis ein date vereinbarst... ich wette in deutschland liegt das total an der spitze... in der schweiz brauchste so im schitt 5 unter ner halben stunde...hier dauert das immer stunden lach (Sebastian, chat, escrito em minúscula por se tratar de chat com o usuário conservando a escrita original).

Além de um emprego de tempo, relatado por Sebastian, faz-se importante ainda por em movimento todo um capital de sedução, o que envolve um jogo de ocultação das intenções dos usuários. Esse capital evoca ainda um capital corporal, mostrar-se atraente, fazer-se ver, ouvir, falar. Um conjunto de conhecimentos corporais, uma coreografia da paquera *online* e *offline* para o êxito durante o encontro (*date*). Essas estratégias *online* não se deslocam do *offline*, pois para contextos *offline* específicos, algumas estratégias *online* serão mais interessantes do que outras, no caso de Bento, nas suas primeiras experiências na Alemanha com GayRomeo:

“Tinha época que eu queria encontrar um parceiro pra fazer jogging, eu usava também o perfil como uma ferramenta de encontrar contatos pra aquilo que eu tava precisando no momento. Então, por exemplo, eu queria arrumar um tandem pump pelo GayRomeo, então eu colocava lá ‘sou um brasileiro que tá ensinando português, se você quer aprender português do Brasil, entre em contato’ ou então ‘ah, quem tá a fim de fazer jogging sexta-feira às 5 horas ao longo da margem do Rio Isar... Aí as pessoas escreviam pra mim, né? Com esse propósito. É lógico que desses propósitos você ia pra outros, então assim, era uma forma de eu atrair a atenção das pessoas como se fosse bote [risos]. Então, você atrai uma pessoa por um interesse que não é diretamente sexual... É, aí você cai em cima, né? Dai aconteceram várias vezes, assim. Então, uma vez eu encontrei um carinha... A

gente se encontrou pra ir fazer jogging na margem do rio. A gente se encontrou uma vez, aí sim a gente viu que tinha um interesse mútuo, aí a gente começou no Gay Romeo a mudar o direcionamento da conversa: ‘ah, eu gostei do seu peito, você tem uma perna gostosa’, sabe? Essas coisas assim. Aí você já vai entendendo o que significam esses outros elogios, né?’ (Bento, entrevista).

Vários repertórios são postos em funcionamento no processo de busca, pois a busca é justamente a abertura, a travessia, o ponto de inflexão do *online* para o *offline*. Nas práticas de busca, os gêneros e as masculinidades são interpelados e postos a funcionar. Nesse conjunto de relatos, o que se pode tirar de conclusivo é que *online* diferencia-se uma performatividade a partir do momento em que a ferramenta tecnológica propicia aos usuários jogos com o corpo e com o desejo que não poderiam ser possíveis em outras situações como um encontro num bar ou numa discoteca. Também a ausência desses espaços de sociabilidade gay no entorno geográfico de outros usuários, como Sebastian, é ainda definidor de uma espacialidade virtual onde sujeitos gays entram em relações de translocalidade com outros sujeitos.

Considerações Finais

Nos relatos aqui citados, aclara-se a pertinência de não uniformidade das gramáticas corporais, de gênero e de sexualidade compartilhadas pelos atores *online*. Elas falam de normatividades de gênero que os definem, marcam suas posicionalidades, mas que, para cada um, forma um arquivo e um repertório singular de vivências, experiências, valores e conhecimentos incorporados. Seus corpos são inscritos no entrecruzamento de várias linhas. O estudo das práticas de *online dating* se inscrevem assim no campo da sociologia das práticas, dos conhecimentos incorporados e das formações sociais não determinísticas, em que as representações não estão postas numa supremacia epistêmica. O *encorporamento*, a dimensão de “embodying” das práticas sociais, afirma-se aqui nos significados repetidos, desencaminhados de suas origens, masculinidades citadas, mas desfeitas ao mesmo tempo no jogo do fazer-se o gênero que não é individual:

The practice by which gendering occurs, the embodying of norms, is a compulsory practice, a forcible production, but not for that reason fully determining. To the extent that gender is an assignment, it is an assignment which is never quite carried out according to expectation, whose addressee never quite inhabits the ideal s/he is compelled to approximate. Moreover, this embodying is a repeated process. And one might construe repetition as precisely that which undermines the conceit of voluntarist mastery designated by the subject in language (BUTLER, 1993, p. 231).

Neste capítulo, trabalhei as entrevistas no que elas me trouxeram para pensar as performatividades *online* em seu aspecto mais relativo ao apropriar-se das gramáticas de gênero e sexualidade hegemônica para, a partir delas, confeccionar estratégias de sedução e apresentação de si (repertórios). O que foi apresentado aqui tem a ver com os dilemas das normatividades de gênero e de sexualidade que reiteram as práticas de sujeitos gays *online*. Com os conceitos de arquivo e repertório, explorei como as gramáticas do armário se relacionam com a descoberta de GayRomeo pelos usuários e o que os levaram até o mundo das páginas de relacionamento gay. No domínio dos repertórios, os marcadores da diferença surgem como salientes nas definições dadas pelos usuários as suas práticas e na conjugação de arquivos e repertórios que engendram o processo de busca por parceiros *online*. Entretanto, esses marcadores não podem ser entendidos como segmentações identitárias, mas efeitos parodísticos de práticas performativas que não põem o identitário como uma questão de origem.

No próximo capítulo, explorarei a relação entre agência e espaço com a definição de virtualidade. Com isso, quero abordar como as práticas de encontro *online* servem para problematizar uma concepção de agência para além de uma epistemologia da representação, pondo em outro patamar as discussões sobre sexualidade e ciberespaço em uma perspectiva simétrica entre atores humanos e não humanos, novas tecnologias e configurações do tempo e do espaço. O objetivo será demonstrar que o espaço e o tempo são constituidores do performativo, encarando o virtual não apenas como o domínio onde performatividades de gênero e sexualidade acontecem.

Capítulo 5 Agência e espaço: virtualizações

Após ter explorado o tema das performatividades *online* a partir do material das entrevistas, gostaria de examinar, neste capítulo, como os efeitos de performatividade se conectam com essa outra agência das ferramentas tecnológicas que impulsionam processos de virtualização, quer dizer, como o corpo se torna virtual no espaço *online* de GayRomeo. O tema da agência se relaciona com o espaço na definição das formas de virtualização do corpo. O ponto de partida será a discussão do termo “virtual” em sua relação não somente com o domínio das novas tecnologias, mas com os modos de ser e estar no presente. O conceito de virtual tem uma dimensão espacial e temporal, na medida em que o virtual se relaciona com uma forma do tempo atrelada ao presente que o desdobra em processos de tornar-se outro, devir-outro para usar uma expressão de Deleuze e Guattari³⁴ (2004). Nesse sentido, gostaria de entender o virtual não somente como uma potência que pode estar atrelada ao uso de uma ferramenta tecnológica, mas também a outros materiais performativos como a voz, a fala, os afetos. O virtual diz respeito a um domínio perceptivo outro que não é o mesmo do atual entendido como forma do presente em que as coisas estão materializadas. O conceito de virtual com o qual trabalho se apoia nas perspectivas de Gilles Deleuze (DELEUZE e PARNET, 2007) sobre o “atual” e o “virtual”, Pierre Lévy (1997) e Elizabeth Grosz (2001), que buscam compreender o virtual como uma categoria filosófica e de análise.

Deleuze, Lévy: o virtual na criação de espaços-tempos

O conceito de virtual se refere a uma problematização do tópico da materialidade. Como aponta criticamente Lévy (1997), em uma concepção grosseira, o virtual é oposto à realidade como ilusão ou possibilidade. O virtual se definiria por aquilo que não é real. No senso comum, esse sentido do virtual se evidencia ao referir-se ao universo *online* como uma realidade paralela. Falar de realidade virtual é evocar um mundo perceptível como potência, sem materialização concreta.

³⁴ Sobre o conceito de devir-outro em relação com uma forma do presente: “O novo, o interessante é o atual. O atual não é o que somos, mas antes o que nos tornamos, o que estamos nos tornando, isto é, o Outro, nosso devir-outro. O presente, ao contrário, é o que somos e, por isso mesmo, o que já deixamos de ser” (DELEUZE e GUATTARI, 2004, p. 145).

Vivenciar o virtual é aceder pela materialidade dos meios tecnológicos a um outro domínio que tem sua efetividade.

Na sua definição de virtual, Lévy (1997) faz um apanhado histórico no sentido de, antes de tratar das novas tecnologias, retomar o conceito de virtual. Seu exemplo maior está na argumentação de que, na história das sociedades, a linguagem, a técnica e o contrato social operaram virtualidades. A linguagem virtualiza, pois através dos signos se atravessa o mundo material dos entes que passam a ser nomeados dentro de um sistema linguístico. Os signos estão para além das coisas, e esse universo de coisas *significadas* é uma forma de virtualização. Pensa-se, por exemplo, nos diferentes objetos ou ações que podem ser significados por apenas uma palavra, ou na própria maneira que a linguagem se descola do corpo como virtualidade e passa a ocupar outros registros materiais: livros, vídeos, arquiteturas. Através da linguagem, exterioriza-se a experiência, introduzindo no hoje, no agora, o passado e o futuro. Segundo Lévy (1997), com a linguagem, virtualizamos o tempo através do registro da memória e da imaginação que são feitos linguagem. Nesse sentido, o autor exemplifica as várias formas de linguagem mais além da língua falada ou escrita como a arte, as expressões visuais, etc. Essa potência de ir mais além do que se é em termos de iminência e imanência é o que marca a definição de virtual.

A técnica seria a segunda forma de virtualização, pois ela é o domínio da ação humana para além do corpo humano. Com a técnica, virtualiza-se a ação humana nas máquinas, nas ferramentas que se utiliza para a construção de mundos. As ferramentas tecnológicas são virtualizações do trabalho humano, em que a força física humana é superada pela máquina, o que leva Lévy a contrapor-se à tese de que a máquina seria uma extensão do corpo humano. Lévy se opõe a essa tese, pois ele constata que a virtualização do trabalho humano pela máquina tem a ver com uma mudança da forma e potencialização de capacidades que seriam inatingíveis pela materialidade corporal humana; por exemplo, a incapacidade de voar e a invenção do avião. No seu raciocínio, o virtual ainda é aquilo que bifurca o real, o dobra, transforma o real e abre um campo de devir. No contrato social, a ideia da necessidade de consolidação de um poder soberano que garanta a vida dos seus cidadãos. Por que há a necessidade de implementar o contrato social? A justificativa, dentro dos teóricos do modelo do contrato social mais clássicos, seria de que a instituição do contrato se justifica pela necessidade do monopólio da

violência pelo poder soberano. O contrato social virtualiza, então, segundo Lévy, a violência da ação humana a partir da implementação das leis. Nesse terceiro ponto, Lévy chega a se afastar um pouco da definição de virtual defendida por Deleuze, por exemplo, que não aceitaria uma comparação do virtual com o possível. Contudo, segundo Lévy, a organização da sociedade necessita do contrato, e o contrato é a forma pela qual a possibilidade da violência aparece como virtualidade que engendra o estabelecimento de leis dentro de uma sociedade. Lévy relaciona, assim, a história das sociedades humanas com processos de virtualização nas transformações dos sentidos a partir da técnica.

O telefone para a audição, a televisão para a visão, os sistemas de telecomunicação para o tato e a interação sensório-motora, todos esses dispositivos virtualizam os sentidos. E ao fazê-lo, organizam a colocação em comum dos órgãos virtualizados. As pessoas que vêem o mesmo programa de televisão, por exemplo, compartilham o mesmo grande olho coletivo. Graças às máquinas fotográficas, às câmeras e aos gravadores, podemos perceber as sensações de outra pessoa, em outro momento e em outro lugar. Os sistemas ditos de realidade virtual nos permitem experimentar, além disso, uma integração dinâmica de diferentes modalidades perceptivas. Podemos quase reviver a experiência completa de outra pessoa” (LÉVY, 1997, p. 28).

Embora Lévy se aproprie das definições de Deleuze acerca do atual e do virtual para pensar as novas tecnologias no mundo contemporâneo, algumas bases conceituais mais filosóficas que estão presentes no pensamento deleuziano são deixadas de lado. Tais bases se fazem necessárias para pensar a relação entre virtualização, imagem e espaço. No pequeno texto “O atual e o virtual”, Deleuze (DELEUZE e PARNET, 2007) introduz seu conceito de virtualidade concisamente, mas firmemente pautado em dois princípios: 1. o virtual implica o atual, 2. ambos não se opõem à realidade.

O virtual implica o atual. Deleuze logo no início do seu texto faz a seguinte afirmação “Purely actual objects do not exist” (DELEUZE e PARNET, 2007, p. 148). Para entender essa tese, deve-se interrogar o que é um objeto atual. Um objeto atual não pode ser pensado, segundo Deleuze, sem uma série de imagens virtuais, sem uma nuvem de virtualidade que o envolve. Para entender o que seria essa nuvem de virtualidade, o tema da temporalidade se faz deveras relevante. Objetos atuais são materializações no tempo, e o tempo como forma das coisas não se

atrela somente ao que se passa no já, mas o tempo como *divíduo* interminável pressupõe, ao menos em uma perspectiva cronológica, o passado e o porvir. Os objetos atuais não se prendem somente ao agora, ao concreto, mas emanam temporalidades outras como virtualidades, no modo como se apresentam e nas relações que estabelecem com outros objetos. Esse domínio de virtualizações do tempo e das relações que os objetos atuais portam em sua imanência são compostos de imagens para Deleuze.

Every actual surrounds itself with a cloud of virtual images. This cloud is composed of a series of more or less extensive coexisting circuits, along which the virtual images are distributed, and around which they run. These virtuals vary in kind as well as in their degree of proximity from the actual particles by which they are both emitted and absorbed. They are called virtual in so far as their emission and absorption, creation and destruction, occur in a period of time shorter than the shortest continuous period imaginable; it is this very brevity that keeps them subject to a principle of uncertainty or indetermination (DELEUZE e PARNET, 2007, p. 148).

Embora Lévy consiga explicar as novas tecnologias em suas formas de virtualização, a tese de Deleuze acerca das diferentes proximidades e afastamentos virtuais que um objeto atual carrega não é explorada em sua profundidade. Deleuze fala de circuitos coexistentes. O que seriam esses circuitos? Por exemplo, o avião como invenção tecnológica é uma atualização do desejo de voar que em sua materialização pode ser carregado de outras virtualidades: o avião como máquina de guerra, como arma, como prisão, espaço de clausura, etc. Mas não apenas isso, o avião poder ser uma metáfora, uma prisão, um afeto, uma cartografia de mundos, de outros virtuais que podem atualizá-los. O virtual além do possível seria o efêmero, o passageiro, o que se passa entre tempos marcados. O virtual implica um outro rearranjo espacial, temporal e perceptivo.

Sem a compreensão densa do conceito de virtual, tal como posto por Deleuze, cai-se em uma banalização do virtual com o possível ou o irreal. É preciso entender o virtual para além do possível. O que se inaugura com as novas tecnologias mais do que uma atualização do possível é a realização de outras *virtualidades*, já que ultrapassa a concepção de possível, ou seja, tem-se com as novas tecnologias a composição de outros espaços-tempos. O virtual pode ser

pensado ainda a partir de processos como os da percepção e da memória. O exemplo dado por Deleuze fundamenta-se na teoria da memória de Bergson:

For, as Bergson shows, memory is not an actual image which forms after the object has been perceived, but a virtual image coexisting with the actual perception of the object. Memory is a virtual image contemporary with the actual object, its double, its “mirror image” (DELEUZE e PARNET, 2007, p. 150).

O virtual tem assim uma relação com o mundo das imagens que não é platônica, no sentido de que não seria um banco de imagens que antecederiam o atual e seriam extraídas do pensamento do sujeito ou mediadas pela ferramenta tecnológica. O virtual se forma no domínio do atual. O virtual se desencadeia na percepção atual que temos das coisas em relação com os domínios do experimentado e do imaginado. Isso faz com que todo trabalho de memória seja adicionalmente e, por sua própria natureza, um trabalho de ficção. No trabalho da memória, o presente, o passado e o futuro estão postos como imagens que ganham sua autonomia a partir de um atual, de um presente que sempre escapa. Essa relação do virtual com o tempo só passa a ser aprofundada pelas novas tecnologias visuais, pois é justamente através delas que novos processos de produção das imagens são postos a funcionar ao trabalharem com os registros do tempo e do espaço.

Não à toa, um aprofundamento da compreensão do “virtual” em Deleuze será encontrado no seu segundo livro sobre o cinema: *A Imagem-Tempo* (DELEUZE, 2005b). No seu primeiro livro, *A Imagem-Movimento*, Deleuze (1983) parte da ideia que se tornou lugar comum na história do cinema que diferencia o cinema da fotografia ao conceber o cinema como a arte da imagem em movimento. O cinema, a partir das suas técnicas de decupagem, edição e montagem, introduziria o movimento na imagem³⁵. Deleuze explora todo o cinema que antecede a Segunda Guerra Mundial e trabalha essa dimensão do movimento na imagem até chegar ao seguinte problema: se o cinema se constitui como arte das imagens em movimento,

³⁵ “O cinema vai constituir uma analítica da imagem, implicando uma nova concepção da decupagem, toda uma “pedagogia” que se exercerá de diferentes maneiras, por exemplo, na obra de Ozu, na última fase de Rossellini, na fase média de Godard, nos Straub. Enfim, a fixidez da câmera não representa a única alternativa ao movimento. Mesmo móvel, a câmera já não se contenta ora em seguir o movimento das personagens, ora em fazer movimentos dos quais elas são apenas o objeto, mas, em todos os casos, subordina a descrição de um espaço a funções do pensamento” (DELEUZE, 2005b, p. 34).

não teríamos, com ele, a percepção de uma imagem nova, mas esbarraríamos sempre na apercepção daquilo que já foi dado, agora em forma de movimento, do que nossos esquemas perceptivos podem apreender. O que Deleuze questiona nessa proposição é o fato de que ela se fundamenta em uma percepção do cinema como registro de imagens clichês, a partir do momento em que se desenha um esquema da imagem que põe o espectador na situação apenas de reconhecimento do movimento das imagens. Aqui, a tese de Deleuze sobre o cinema se encontra com a sua conceituação do virtual, pois o cinema passa a operar não mais apenas com essa cognição sensório-motora do movimento, mas engendra um outro regime de imagens que consiste em uma criação de imagens para além dos domínios do “já dado”, do clichê, e, conseqüentemente, operando nos processos de virtualização: o regime da imagem-tempo.

a aberração do movimento que caracteriza a imagem cinematográfica liberta o tempo de qualquer encadeamento, opera uma apresentação direta do tempo, revertendo a relação de subordinação que ele mantém com o movimento normal [...] O que o movimento aberrante revela é o tempo como um todo, como “abertura infinita”, anterioridade a qualquer movimento normal definido pela motricidade (DELEUZE, 2005b, p. 51).

Deleuze elabora, então, para uma das teorias mais brilhantes sobre a imagem e o tempo a partir do cinema. O cinema, para ele, passa a ser uma máquina de imagens-tempo, uma tecnologia visual, a qual funciona como uma cartografia de perceptos e afectos que descentram o sujeito na sua posição de espectador reagente no cinema sensório-motor da imagem-movimento. Um dos pontos principais da tese de Deleuze sobre a imagem-tempo é a de que, com o cinema, chega-se a um domínio do visual que não é mais apenas reflexo, mas intervenção, propagador de temporalidades: “O cinema não apresenta apenas imagens, ele as cerca com um mundo” (DELEUZE, 2005b, p. 87).

Para se falar dos espaços virtuais, não se pode ignorar a dimensão temporal que os envolve, o que leva a uma problematização do virtual a partir do tempo. Essa problematização do virtual a partir do tempo é dada por Deleuze (2005b), quando este trabalha o conceito de imagem-cristal (DELEUZE, 2005b, p. 90). Se atual e virtual são distintos, mas se implicam e se tocam constantemente, haveria como que esse momento mínimo, para Deleuze definido como “menor circuito interior” (2005b,

p. 90) em que o atual toca o virtual. O exemplo mais claro citado por Deleuze (2005b, p. 90) aparece na cena final do filme de Orson Welles *A dama de Shangai*. Nessa cena, há a revelação do verdadeiro assassino da trama, dentro de um labirinto de espelhos, envolvendo uma perseguição de dois personagens. O espelho é concretamente essa ferramenta que, uma vez introduzida, propicia à câmera de Welles a possibilidade de mostrar através das imagens esse ponto de menor circuito do atual com o virtual. O espelho cria um espaço-tempo de indiferenciação entre as pessoas dos personagens e suas imagens no espelho:

Quando as imagens virtuais assim proliferam, o seu conjunto absorve toda a atualidade da personagem, ao mesmo tempo que a personagem já não passa de uma virtualidade entre outras. Essa situação já está prefigurada em *Cidadão Kane* de Welles, quando Kane passa entre dois espelhos face a face; mas surge em estado puro no célebre palácio dos espelhos em *A dama de Shangai*, onde o princípio de indiscernibilidade atinge o ápice: perfeita imagem-cristal em que os espelhos multiplicados tomaram a atualidade dos dois personagens, que só podem reconquistá-la quebrando-os a todos, encontrando-se assim lado a lado e matando-se um ao outro. A imagem atual e a sua imagem virtual constituem, portanto, o menor circuito interior, em última análise, uma ponta ou um ponto, mas um ponto físico que não deixa de ter elementos distintos (um pouco como o átomo epicuriano). Distintos, mas indiscerníveis, assim são o atual e o virtual, que não param de se trocar. Quando a imagem virtual se torna atual, então é visível e límpida, como num espelho ou na solidez do cristal terminado (DELEUZE, 2005b, p. 89-90).

O que Deleuze postula para o cinema se aplicaria também para fazer a crítica das concepções grosseiras sobre o virtual, as quais os ambientes de realidade virtual têm sido submetidos, seja por um senso comum ou a uma análise simplista que trabalham tempo e espaço de maneira rasante a partir do momento que os referencia apenas ao que os atores sociais são capazes de falar sobre o tempo e sobre o espaço. Reencontrar a filosofia do tempo a partir do cinema significa, nesta tese, esboçar uma conceituação do virtual, das imagens virtuais que escapem essa banalização, a qual nos leva ao beco sem saída de afirmar sempre o virtual como um “menos”, um “deficitário” de realidade ou de credibilidade.

Deleuze oferece, na sua teoria do cinema, um aprofundamento da sua tese sobre o virtual e o atual que leva em conta a dimensão *tecnológica*, e não apenas semântica do tempo e do espaço como forma (*Gestalt*). Há uma astúcia, neste momento, para os limites antropocêntricos que põem o virtual como falso ou menos

real. O exemplo do espelho no filme de Welles é deveras elucidativo da complexidade do que se trata nesse momento de repensar agência e espaço quando lidamos com as ferramentas tecnológicas. O espelho, como ferramenta, é o que vai dinamizar no espaço esse jogo de imagens de dois sujeitos, atores humanos, que se buscam em um labirinto de imagens que os confunde entre o que é a figura real de uma pessoa e sua imagem. É precisamente este exemplo de Deleuze a partir do cinema que fornece para esta tese a ideia de que a imagem virtual não se opõe à realidade: ela pode ser tão real quanto um corpo real pode ser uma imagem virtual. Não é na sua forma que isso está posto, mas no conjunto dos agenciamentos entre atores humanos, ferramentas tecnológicas, disposições espaciais e temporais em que se encontra a experiência do virtual como uma experiência nova que se põe mais além do domínio do possível.

No domínio da tela de uma página de *gay dating*, as imagens virtuais ganham um caráter de personalidade, subjetividade quando, para cada perfil, confere-se uma página. Ao contrário do cinema, lida-se com imagens estáticas, fotografias e uma arquitetura visual virtual que faz da página um espaço, do corpo um espaço entre fotografias e códigos digitais. Para se compreender como se virtualiza um corpo *online*, navega-se por ferramentas, edita-se a subjetividade, duplica-a em virtualidade como nesse jogo especular do duplo, do qual fala Deleuze. Essa duplicação do sujeito *offline*, pessoa física em perfil *online* que se especializa em códigos HTML, guarda com o registro do tempo atual, presente, uma ambiguidade fundamental que se presentifica na maneira como o virtual não se opõe à realidade, mas convive com ela e lhe é coextensivo, abrindo o corpo a conexões para além da pele que interferem e incidem nas formas de subjetivação contemporâneas.

Arquiteturas virtuais: do corpo-imagem ao sexo-espaço

O corpo digital é resultado de processos de interação e intra-ação – relação entre os elementos internos pré-ontológicos (BARAD, 2003). O corpo digital é esculpido na aparente transferência de dados e na formação de duplos virtuais quando usuários começam a preencher a máscara de dados que gera seus perfis. Tal máscara já foi apresentada no capítulo metodológico como descrição da maneira que se faz um perfil dentro de GayRomeo. O corpo faz-se texto e imagem. Em uma visão mais superficial, poderia-se dizer um trabalho de tradução, transferência de

informação em um registro dos dados individuais. Mas, ao adentrar de maneira mais intensa e profunda no que essa transferência de dados significa, percebe-se sua relação com o corpo e com o sexo de uma outra maneira. Não se trata apenas de transferir, representar, mas sim de gerar corpos, gerar imagens virtuais que têm uma forma, mas sim de algo mais articulado com processos de dismorfismo, mimesis e mutação do que com processos de identificação, tradução, representação. No primeiro grupo de processos, percebe-se a intrínseca relação do atual com o virtual. No segundo, uma separação identitária de entidades puras que são transpostas com os recursos da linguagem da representação e da técnica. É sobre esse segundo grupo de processos que esta pesquisa lança um olhar crítico na medida em que eles se pautam numa visão sociológica reduzida e identitária da relação entre atores humanos e não humanos nos processos sociais contemporâneos.

Quanto se discutiu as performatividades *online* a partir das entrevistas com os usuários, percebeu-se que a performance é um dispositivo de materialização das formas que o gênero e a sexualidade podem assumir. Ser bicha, ser boy, bofe, ativo, passivo, o delinear de masculinidades e, até mesmo, o afastamento delas se relacionam com processos de interação entre modulações de signos corporais (voz, jeitos do corpo, aparência física) e não corporais (vestimentas, espaços, grafias). Com o conceito butleriano de performatividade, sabe-se que esses atos performativos são descentrados do sujeito como cerne da agência. A pergunta que fica é sobre o que age junto com um sujeito nessa dinâmica da performance. Quando se conecta a uma página de relacionamento gay e se é demandado a indicar sua aparência, seu tipo físico, preferências sexuais, atividades de lazer, entre outras coisas, não se está apenas inserindo dados, mas a coleta de tais dados por um software já evidencia a ação de um sujeito que não age sozinho. Com esse tipo de processos, o conceito de performatividade tem elementos a trabalhar e a sociologia que ainda não absorveu o conceito de performatividade em sua totalidade mais radical teria que no mínimo operar um giro, a partir de algo que observa Latour (2012) em uma entrevista:

Os humanos são envolvidos por muitos outros seres, e a ideia de que uma pessoa age autonomamente, com seus próprios objetivos, não funciona nem na economia, nem na religião, nem na psicologia nem em nenhuma outra situação. Portanto, a pergunta que a teoria ator-rede coloca é: quais são os outros seres ativos no momento em que alguém age? A antropologia e a sociologia que tento

desenvolver se ocupa da pesquisa desses seres. Eu posso colocar a questão de um modo inverso: como, apesar das evidências de todos os numerosos seres que participam de uma ação, continua-se a pensar como se o único ator fosse o humano dotado de uma psicologia, ciente de si mesmo, calculador, autônomo, responsável? (LATOURE, 2012).

O corpo virtual se materializa em design digital no qual usuários se lançam a processos de composição virtual de seus dados, suas características físicas, etc. Os sujeitos agem com as máquinas e a produção de um espaço virtual provoca uma desterritorialização do corpo físico como estrutura. Nesse ponto, essa perspectiva se afasta dos simbolismos de gênero e do espaço, tal como presentes em teorias de uma construção social do espaço e do gênero (LÖW, 2001; 2006), em que o gênero está em relação com o espaço como um significado acoplado ao segundo, onde, por mais que se afirme uma interação mútua entre espaço e gênero como construtos sociais, insiste-se na ideia de um isolamento das categorias espaço e gênero apenas em seus componentes de interação e não nas suas relações internas. O máximo que se atinge com essas teorias é uma proposta de interação ou intersecção das categorias como princípios estruturais que atravessam a estrutura espacial:

Räumliche Strukturen sind wie zeitliche Strukturen, die gemeinsam die gesellschaftliche Struktur bilden. Handeln und Strukturen sind von den Strukturenprinzipien Geschlecht und Klasse durchgezogen (LÖW, 2001, p. 272).

Nesse tipo de pesquisa, o gênero, o sexo e o espaço operam como estruturas que se atravessam. Mas quando se lida com uma perspectiva de simetria entre atores humanos e não humanos, essas formas puras baseadas em uma epistemologia da representação não aparecem mais tão claras. Seria necessário pensar como os processos de virtualização, na verdade, engendram deformações do corpo e do gênero (*Entgestaltungen*), desmontando-os como princípios estruturais, dentro de uma perspectiva de performatividade.

Quando Butler (1990) define o performativo como um efeito de superfície, há uma mudança nítida no paradigma ontológico. É importante salientar ainda que Butler define heteronormatividade não como uma estrutura, mas como modulação de relações de poder que incitam uma heterossexualidade compulsória a partir da bipartição dos sexos em masculino e feminino. O gênero é efeito de uma ação. Qual

seria, então, a relação das formas do gênero com processos tecnológicos e a composição virtual de corpos-imagem? Seriam esses corpos digitais pós-humanos? Em *Gender Trouble*, Butler (1990) lança sua tese fundamental do caráter performativo do gênero como efeito de atos reiterativos que atualizam as normas. Em *Bodies that matter* (BUTLER, 1993), a autora rebate as críticas de uma redução ao construtivismo discursivo de suas formulações. Contudo, nesses dois livros, ainda não haveria um toque em um tema fundamental que está por trás de um antropocentrismo epistemológico nas teorias que fundamentam o gênero apenas como discurso: o tema do humanismo. Em *Undoing Gender* (BUTLER, 2004), Butler recupera um certo purismo de correntes feministas que se opõem à tecnologia a partir da crítica de ativistas intersex, e argumenta por um “desfazer o gênero”:

Whether technology is imposed or elected is salient for intersex activists. If some trans people argue that their very sense of personhood depends upon having access to technology to secure certain bodily changes, some feminists argue that technology threatens to take over the business of making persons, running the risk that the human will become nothing other than a technological effect (BUTLER, 2004, p. 11).

Nessa linha de argumentação, evidencia-se claramente como a tecnologia age com atores humanos na produção de novas imagens corporais e como o performativo se conecta com o tecnológico. O próprio sentido do humano se apresenta como uma tecno-bio-engrenagem performativa (PRECIADO, 2008). O gênero tem assim uma materialidade tecnológica, a qual é reclamada por correntes de ativistas intersex mencionadas por Butler, seja real ou virtual, da qual não se pode separar.

Nos ambientes *offline*, há uma dinâmica das imagens corporais que têm o corpo físico como vetor da performatividade e uma relação de sobrecodificação mimética com os espaços. Por exemplo, não vou a uma aula na universidade com roupa de praia, assim como também, até por questões de sobrevivência, não sairia de calção de banho na rua num inverno abaixo de 0°C. Tais ações poderiam até ser possíveis, mas um entrelaçamento de normas sociais com a própria conformação dos ambientes limitam tal empreitada. Nesse ponto, o espaço é um componente da dinâmica performativa, isso quer dizer que o espaço não é o cenário, o tablado sobre o qual a performance acontece, mas, em uma perspectiva de

performatividade, espaço e tempo estão como componentes materiais do performativo. Tempo e espaço não estão para além do performativo como estrutura, mas são *intraperformativos* (são performativos não pessoais, até certo ponto dessubjetivados).

O corpo digital não é apenas um corpo onde atuam elementos diferenciais interativos ou interseccionais (categoria já introduzida pelo debate feminista). Ao falar de diferenças interativas/interseccionais, refiro-me às categorias marcadoras de diferenças como raça, classe, idade, etnia, etc. Quando um usuário põe no seu perfil que busca por “passivo, idade máxima 40 anos, altura entre 1,70m - 1,95m, peso não mais que 70kg”, nota-se uma combinação de variáveis interseccionais que limitam dentro da plataforma a quantidade de usuários. Esses marcadores delimitam a busca e trazem como resultado uma lista de usuários conectados. Quando marco minha etnia ou idade no meu perfil, também jogo com esses elementos interseccionais do performativo. Porém, esse esquadramento de dados é um efeito de duplicação, já que, no domínio do meu corpo, da minha materialidade, essas categorias não estão separadas, existe uma *Gestalt*, da qual o trabalho de marcação diferencial em gênero, raça, idade, etnia, etc. é um efeito posterior, de produzir diferenças isoladas em um corpo que se afirma como totalidade.

Essa proliferação de diferenciais identitários compõe apenas uma parte dos corpos digitais. Os corpos digitais como efeito de práticas de design trazem ainda outro elemento de produção do performativo relacionados com o espaço, a partir do momento em que o corpo digital se engendra em processos de hibridação do corpo com o espaço, do real com o virtual. O corpo-imagem virtual do perfil molda assim um duplo e há, pelo menos, duas maneiras de abordar esse duplo, as quais eu gostaria de comentar a seguir.

O primeiro modo de apreensão baseia-se em uma epistemologia da representação. Há duas matérias diferentes em sua forma e seus modos de composição: de um lado sujeitos humanos, do outro uma página virtual. Os componentes internos dessas duas matérias são irrelevantes, porque o que os enlaça é a representação: gênero, idade, classe, raça, etc. Entre dois registros materiais diferentes, o que se afirma é o homem como centro, já que, como argumentarão os mais humanistas, a tecnologia é fruto do trabalho humano. As diferenças de registros são assim conciliadas pela linguagem. Células e algoritmos são apenas duas linguagens que fazem a mediação do significado do humano. Essa

lógica da representação, como bem apontou Foucault (2007), só é possível a partir de uma modernidade onde não há mais continuidade entre as palavras e as coisas. O problema da representação é um problema moderno que diz respeito ao conhecimento a partir da figura do homem, sujeito pensante. Quando o homem se vê limitado por sua existência biológica, pelo trabalho e pela linguagem, uma analítica da finitude produz o homem como figura virtual no domínio da experiência. A partir desse ponto, uma forma de conhecimento se faz possível: reencontra-se o homem *virtualizado* onde ele não estava. Foucault anuncia no fim de *As palavras e as coisas* (FOUCAULT, 2007, p.536) que o homem é uma invenção recente no pensamento ocidental. Há nesse trabalho de Foucault um anúncio das epistemologias vindouras, pós-estruturalistas, perspectivistas, simétricas e ainda uma premonição do filósofo francês a processos que fariam da figura do homem um terreno de fragilidade epistemológica e política para um conjunto de práticas que se observa em nossa contemporaneidade como a biotecnologia ou a cibernética, por exemplo. A lógica da representação afirma um modo de conhecimento que se fundamenta na eterna busca do mesmo (entendido aqui como o humano) no campo das diferenças:

O originário no homem é aquilo que, desde o início, o articula com outra coisa que não ele próprio; é aquilo que introduz na sua experiência conteúdos e formas mais antigas do que ele que ele não domina; é aquilo que, ligando-o a cronologias múltiplas, entrecruzadas, frequentemente irreduzíveis umas às outras, o dispersa através do tempo e o expõe em meio à duração das coisas. Paradoxalmente, o originário no homem não anuncia o tempo de seu nascimento, nem o núcleo mais antigo de sua experiência: liga-o ao que não tem o mesmo tempo que ele; e nele libera tudo que não lhe é contemporâneo; indica, sem cessar e numa proliferação sempre renovada, que as coisas começaram bem antes dele e que, por essa mesma razão, ninguém lhe poderia assinalar uma origem, a ela cuja experiência é inteiramente constituída e limitada por essas coisas [...] O que se anuncia no imediato do originário é, pois, que o homem está separado da origem que o tornaria contemporâneo de sua própria existência: em meio a todas as coisas que nascem no tempo e nele sem dúvida morrem, ele, separado de toda origem, já está aí. De sorte que é nele que as coisas (aquelas mesmas que o excedem) encontram seu começo: mais que cicatriz marcada num instante qualquer da duração, ele é a abertura a partir da qual o tempo em geral pode reconstituir-se, a duração escoar, e as coisas, no momento que lhes é próprio, fazer seu aparecimento (FOUCAULT, 2007, p. 457-458).

O conceito de intra-ação (BARAD, 2003) que introduzo para pensar a produção de corpos-imagem baseia-se em uma teoria não-representacional. Foucault (2007) abriu um caminho para um conjunto de empreitadas teóricas críticas da epistemologia da representação a partir de sua arqueologia das ciências humanas que descentra o homem no conjunto de dispositivos de saber e poder históricos que produzem os objetos do conhecimento. Há um problema referente à epistemologia da representação quando se observa corpos-imagem *online*. Ao trabalhar corpos-imagem como um discurso ou prática discursiva pelo fato de que esses corpos-imagens serem configurações da sexualidade e do gênero virtualizados, necessita-se deixar claro que há uma diferença entre prática discursiva e representacionalismo em se tratando de performatividade:

A performative understanding of discursive practices challenges the representationalist belief in the power of words to represent preexisting things. Performativity, properly construed, is not an invitation to turn everything (including material bodies) into words; on the contrary, performativity is precisely a contestation of the excessive power granted to language to determine what is real. Hence, in ironic contrast to the misconception that would equate performativity with a form of linguistic monism that takes language to be the stuff of reality, performativity is actually a contestation of the unexamined habits of mind that grant language and other forms of representation more power in determining our ontologies than they deserve (BARAD, 2003, p. 802).

Assim, na relação entre agência e espaço, a tarefa que se coloca não é aquela de converter corpos e espaços em signos linguísticos, mas pensar sobre que registros materiais discursivos formas do corpo se deformam em espaço e formas do espaço se deformam em sexo³⁶. Esse tipo de relação só pode ser compreendida como um agenciamento singular entre corpo e espaço. Nessa perspectiva, Barad (2003), avançando com o conceito de performatividade, propõe

³⁶ No campo da arte, essas metamorfoses da forma se encontram num estágio mais avançado de trabalho a partir de algumas intervenções contemporâneas. Um desses trabalhos que se pode citar é a obra do artista cubano radicado nos Estados Unidos Félix Gonzalez-Torres que foi objeto de estudo da teórica queer alemã Renate Lorenz (2009) em “Körper ohne Körper. Queeres Begehren als Methode”. Em suas instalações, o artista reconstitui o corpo a partir de elementos não corporais, preenchendo espaços com objetos descartáveis como papéis de bombons. Essa produção de um “corpo sem corpo”, tal argumenta Lorenz, é possibilitada pela composição de uma espacialidade queer da obra: “Was hieße es aber, eine Arbeit – etwa eine Installation von Felix Gonzalez-Torres und die Interaktion, zu der sie einlädt – unter dem Aspekt eines queeren Raumsexes zu betrachten? Es würde bedeuten, dieses visuelle, räumlich organisierte setting zunächst überhaupt als eines zu verstehen, das es ermöglicht, produktiv in das Verhältnis zwischen Sexualität und Geschlechtlichkeit einzugreifen” (LORENZ, 2009, p. 146).

que não está a performatividade erguida sobre relações apriorísticas entre práticas discursivas e fenômenos materiais, assim como tampouco esses dois elementos são indiferenciados como linguagem. Quando se fala em intra-ação (*intra-action*), o que se leva em conta é que “matter and meaning are mutually articulated” (BARAD, 2003, p. 822). O material e o discursivo se relacionam intra-ativamente, o que faz com que, por exemplo, um contato sexual *online* se diferencie de um contato sexual *offline*, como bem aponta Dekker (2012) em sua pesquisa sobre sexo *online* nas relações que corpo, espaço e tempo assumem na forma de um acontecimento singular.

Durante o trabalho de campo, encontrei no contato com meus interlocutores relatos de intensificação da vida sexual que adveio com o uso do website, e essa intensificação da vida sexual, que se refletia na rapidez e na quantidade de contatos que se passa a ter, relaciona-se com uma intensificação visual da disposição dos corpos e das formas de busca. Intensificação também que diz ainda do tempo que se pode despende buscando por um parceiro para um encontro. Uma parte dessa busca depende da interação entre sujeitos dos dois lados da tela. Mas um outra parte depende dos elementos constitutivos e intra-ativos do próprio website nas suas configurações temporais e espaciais.

Ao discutir o sexo *online*, Dekker (2012), na sua pesquisa, evidencia duas relações com espaço que ele passa a definir da seguinte forma: uma utópica e outra heterotópica. No modo utópico, observa-se o universo *online* como um mundo imaginado, o conceito mais apropriado e mais claro de explicar é dado pela expressão *Kopfkino*, que o autor utiliza. A noção de *Kopfkino*, que traduzo como um cine mental, diz respeito ao conjunto de experiências e sensações que se passam na mente do indivíduo ao interagir *online* e a um modo de vivenciar o sexo em sua virtualidade mais além dos constrangimentos que a realidade pode trazer. Há, no modo utópico de funcionar, um desligamento mental do mundo *offline*, o que aparece quando pessoas que experimentam o sexo *online* relatam perder a noção de tempo quando estão interagindo *online*. Já no segundo modo, o heterotópico, o espaço real e o espaço virtual se encadeiam nas formas de interação, e isso é dado pelas próprias ferramentas interativas. No modelo heterotópico, estão, por exemplo, as formas de sexo virtual em que os parceiros se veem através de câmeras. O espaço da tela se estende, dessa forma, sobre o espaço real no qual os sujeitos estão imersos fisicamente e não se passa apenas no domínio virtual como espaço

mental. O que leva a uma reordenação do espaço físico onde a interação sexual ocorrerá e até mesmo o lugar onde a câmera e o computador estarão expostos. Nesse tipo de práticas, principalmente naquelas em que o anonimato está previsto, é comum esconder do campo de visualização das câmeras elementos do ambiente físico que podem levar a uma identificação do usuário, por exemplo, num quarto, fotos, mobília entre outras coisas são signos de identificação *offline*. De acordo com Dekker (2012), define-se os elementos utópicos e heterotópicos do espaço *online* da seguinte maneira:

- Der utopische Raum ist ein Vorstellungsraum, bei dessen Wahrnehmung die Nutzerinnen und Nutzer in der Regel realweltliche Platzierungen vordergründig ausblenden und die Wahrnehmung der fiktionalen Platzierungen an semiotischen Orten privilegieren (DEKKER, 2012, p. 151).
- Der heterotopische Raum stellt das Gegenstück zum utopischen dar. Die User nehmen hier vornehmlich die realweltlichen Platzierungen wahr und blenden die fiktionalen Platzierungen aus. Der heterotopische Chatraum ist damit stark an die realweltliche Umgebungen des Computers angebunden (DEKKER, 2012, p. 152).

Passo a explorar, nas relações entre agência e espaço, a complexidade desses dois modos a partir de dados do campo. Primeiro, considero uma ficção virtual a partir de um elemento material observado na página GayRomeo, em que elementos utópicos e heterotópicos, tal qual apontado por Dekker (2012), se imiscuem complexamente. A plataforma GayRomeo possui uma mamãe, chamada em alemão de *Mutti*. A mamãe é um ícone usado dentro da página para o envio de mensagens de aniversário ou quando a página está em manutenção. A mamãe é uma forma de personificação da página através de uma imagem, uma transfiguração de uma máquina a partir da representação na forma de uma figura humana:

Figura 5.1 Mutti.

A mamãe é um corpo-imagem idealizado pelos programadores da página para conferir um aspecto mais humano à comunidade *online*. Nesse jogo de

performar o humano, o ícone da mamãe evoca a figura feminina de uma senhora bastante respeitosa em seu estilo de se vestir e no seu penteado. A mamãe é uma mulher branca e de meia-idade. Tal imagem lança mão da paródia da figura tradicional da mamãe dentro de uma página de *gay dating* com um imenso arquivo sexual. Essa mamãe se apresenta tolerante e finalmente como imagem virtual de um corpo-máquina, ela personifica o corpo total da plataforma, onde todos os perfis estão arquivados. A mamãe é a anatomia e a fisiologia eletrônica de GayRomeo que optou por essa figura feminina como sua forma. O ícone da mamãe possui uma materialidade *offline* quando, dentro da página, aparece um informativo “Tudo sobre a mamãe”. Nesse informativo, está a descrição material da mamãe como mascote alter-ego do conjunto de mais de 100 servidores que fazem a página GayRomeo funcionar. A mamãe possui assim uma materialidade maquínica que é múltipla. Contudo, sua existência não se pode afirmar a não ser através do discurso daqueles que a operam, evidenciando uma mutação da materialidade maquínica em corpo-imagem humano, o que articula o utópico da imaginação com o heterotópico da relação de representação que se estabelece entre a imagem virtual e a central de servidores. Além de tudo isso, a mamãe é uma ficção corporal em sua performatividade não apenas por ser máquina, mas porque as formas do corpo às quais sua imagem apela estão próximas de um modelo de correlação entre corpos e objetos na produção do virtual, tal como argumenta a feminista e teórica do virtual Elizabeth Grosz (2001):

The thing and the body are correlates: both are artificial or conventional, pragmatic conceptions, cuttings, disconnections, that create a unity, continuity, and cohesion out of the plethora of interconnections that constitute the world. They mirror each other: the stability and ongoing existence or viability of the other, the body. The thing is “made” for the body, made as manipulable for the body’s needs. And the body is conceived on the model of the thing, equally knowable and manipulable by another body. This chain of connections is mutually confirming. The thing is the life of the body, and the body is that which unexpectedly occurs to things. Technology is that which ensures and continually refines the ongoing negotiations between bodies and things, the depending investment of the one, the body, in the other, the thing (GROSZ, 2001, p. 182).

A mamãe como *Datenspeicher* incorpora os espaços virtuais nos quais todos os corpos-imagens virtuais dos usuários estão armazenados: uma híper-technogestão digna das análises de Haraway. Como central de servidores, a mamãe é

um autômato maquínico no qual o espaço virtual ganha sua forma *cyber* e se conecta com a virtualidade de usuários reais que se conectam a GayRomeo. Na sua materialidade, mamãe faz visível o conjunto da engrenagem de computadores que geram o domínio virtual GayRomeo. O virtual tem uma materialidade. As dicotomias do tecnológico como virtual e do humano como real se desfazem. O humano pode ser tanto real como virtual, assim como os objetos técnicos podem ser, ao mesmo tempo, sob diferentes formas, reais e virtuais. O resultado dessas observações leva a questionar por que, em perspectivas da representação do espaço e do corpo, todos os corpos materiais são convertidos em linguagem, quando, por outro lado, com o conceito de performatividade de gênero em sua dimensão tecnológica, há uma crítica do estruturalismo e dos construtivismos discursivos. O agenciamento entre corpo, gênero e espaço não pode ser pensado, dentro de uma perspectiva de performatividade, como reduzidos apenas aos seus elementos simbólicos. Há uma performatividade do corpóreo, do espacial e do sexual em suas formas que se expande ou não se reduzem ao domínio do representacional. Como argumenta ainda Grosz (2001), os dispositivos de virtualização do espaço podem ser ativados por formas simples que observamos na nossa arquitetura:

Virtuality is not limited to the arena of technological innovation. Perhaps the most conventional of architectural forms and presumptions best illustrate what I understand as the impact, resonance, and richness that virtual brings to the real: the wall. The capacity of walls, boxes, windows and corners to function in more than one way, to serve not only present functions but others as well, is already part of the ingenuity and innovation of the virtual in the real. Makeshift, piecemeal transformations, the usage of spaces outside their conventional functions, the possibility of being otherwise – that is, of becoming – must be as readily accorded to the built environment as it is to fall futurity (GROSZ, 2001, p. 94).

A proliferação de elementos humanos, de perfis, de fotos, de filmes eróticos (não mais disponibilizados, mas que estiveram presentes durante o trabalho de campo) conferem à página sua atratividade para o público gay. Tal atratividade se expande à maneira como os perfis são apresentados e como se pode interagir *online*. Nesse segundo aspecto, argumento por uma conexão do corpo-imagem com o sexo-espaço. Com isso, refiro-me ao como o “sexo” está virtualizado não somente na forma de imagens e discursos sobre o corpo, mas também de que maneira uma incitação ao discurso e à conexão sexual se otimiza dentro da plataforma.

Em uma página de encontro gay que objetiva ser atrativo e efetivo para os seus usuários que procuram por parceiros, a dinamização tecnológica da plataforma é a garantia de que mais usuários estarão interessados em ter perfis dentro da página, da mesma forma que, para a plataforma, no seu modo de funcionamento, oferecer a maior possibilidade de conexões possíveis é fundamental. Uma das primeiras coisas que saltam à vista de alguém não familiarizado com o universo das páginas de encontro gay é como num curto espaço de tempo se pode ter a mão uma diversidade de opções de interação, inclusive de caráter sexual. Essa dinamização se articula com a virtualização do corpo quando se encara o espaço virtual com um vetor de intensificação dessas interações e, conseqüentemente, um provocador de estímulos ao contato.

Dentro das funções de interação *online*, uma das mais básicas consiste na troca de mensagens entre usuários dentro da página. Com a troca de mensagens, é possível estar em contato com vários outros usuários, ao mesmo tempo. Esse nível de interação se diferencia bastante das formas de paquera *offline*, na qual não é possível estar em interação com vários parceiros concomitantemente na mesma intensidade de paquera. Em um bar ou em uma boate, por exemplo, pode-se estar conversando com um e olhando outro, mas como se dispõe apenas do corpo para interagir (voz, olhar, gestos), a pessoa apenas domina um repertório bastante restrito em comparação com o que uma página de encontros proporciona. Quando dois usuários trocam mensagens dentro da página, não se sabe ao certo com quantos mais outros usuários se está interagindo e “caçando” o próximo encontro.

A ferramenta projeta os usuários em um outro campo perceptivo e sensorial. Primeiro, posso entrar em interação com vários usuários ao mesmo tempo. Segundo, o perfil me oferece uma gama de informações, para as quais eu não preciso fazer perguntas. Isso facilita bastante a interação sexual, já que o elemento da surpresa pode ser frustrante para algumas pessoas quando assegurado pelos campos de preenchimento do perfil. Claro que pode haver uma não correspondência dos dados, mas ainda assim desfaz-se a necessidade de perguntas sobre corpo, preferência sexual, entre outras coisas, que são satisfeitas pelo perfil. Há uma materialidade de um corpo virtual sensível e diversificado nos cruzamentos online numa rede de usuários: “But rather than the flesh-and-bone materiality of the physical body, online bodies are rather transgressive machine texts with a multitude of corporeal connections and material implication” (SUNDEN, 2003, p. 183).

Embora discordando de Sünden (2003) quanto a uma total transgressividade desse corpo, pelo motivo de esses elementos estarem incorporados ao cotidiano do uso da página, uma proliferação dos modos de excitação visual, textual e interativa torna-se predominante dentro da plataforma. A carne é feita texto, o texto provoca a imaginação e a imaginação fomenta imagens que podem estar dispostas na página ou apenas funcionar como um *Kopfkino*, tal argumenta Dekker (2012). Sebastian, usuário alemão, fez uma interessante comparação entre o tempo que se dispende *online* com a imaginação de que, dentro de uma página onde há a possibilidade de encontrar usuários de todas as partes, uma certa tarefa de recrutamento do parceiro perfeito se articula com uma imaginação erótica. Sebastian compara a busca de um parceiro para um encontro sexual com a tentativa de concretizar uma fantasia idealizada em imagens dentro da cultura gay.

“Ich glaube, die meisten haben eine Idealvorstellung von den Pornos, d.h., ständig geilster Sex mit ständig wechselnden supergeilen Partnern. Und für dieses Ideal wird dann auch ein enormer Zeiteinsatz gebracht, um diese ganzen Dates zu rekrutieren. Rein ökonomisch, macht das keinen Sinn. (Du) kannst ja mal untersuchen, wie viel Zeit pro Date aufgewendet wird um ein Date klarzumachen. Das sind bestimmt fünf sechs im Schnitt. Vielleicht für superattraktive mal eins-zwei Stunden... und dann so 30 min Fun dafür... keine gute Relation” (Sebastian, entrevista).

Essa busca do parceiro ideal e o tempo despendido nela aparece em outras narrativas, de como esse buscar se substancializa em uma certa experiência do enamorar-se ou deixar-se atrair *online* por um tipo de pessoa, ainda que não haja a possibilidade real de um encontro. Das diferentes narrativas que observa no dia a dia dentro da página, algumas me chamavam atenção, como um usuário gay de Berlim de origem turca que estava à procura de um namorado igualmente turco, embora não houvesse encontrado em Berlim o que buscava. No seu uso da página, percebe-se como o tempo e o espaço da sexualidade se organizam em conexão com a presença do sujeito *online*, que exercita sua atração por turcos mesmo com os limites impostos para um encontro.

“Ich suche aber nur einen türkischen Freund... Ich habe 6-7, die ich interessant finde, aber keiner wohnt in Berlin (...) Liebe hat nur dann einen Sinn, wenn beide das

gleiche empfinden... Ich mache monatelang keinen Sex, weil ich unbedingt auf Türken warte... Ich habe halbes Jahr keinen Sex gemacht, und extra in der Türkei geflogen um was zu machen” (Usuário, Berlim, chat).

O espaço interior do desejo e da fantasia se conecta com o espaço virtual exterior da tela. O atual e o virtual se tocam aqui no sentido deleuziano desses dois termos. Formas do tempo que se ligam à história pessoal se conectam com formas do espaço *online*. A página resulta atraente não somente pelo corpos-imagens que estão dentro dela. Um sexo-espaço se instala, um espaço que se faz sexo na medida em que o espaço virtual como essa topologia de outros contatos se liga com uma ideia de sedução, atração. Quando cada usuário se conecta à página, uma galeria de fotos com o título “Novos Romeos em sua localidade” é apresentada em forma horizontal bem abaixo do espaço publicitário, indicando quais são os mais novos usuários do site na sua cidade. O que acontece nesse momento é a confrontação do seu olhar com um outro que lhe demanda atenção. Usando a mesma lógica da publicidade que captura o olhar ao conectar-se a GayRomeo, perfis saltam aos olhos. O sentido do navegar para entender os movimentos *online* em sua relação com as práticas de encontro podem apontar para novas geografias da sexualidade no mundo contemporâneo que introduzo agora.

Navegações, pegações, *cruising*: o boy do lado e as novas geografias eróticas

Durante muito tempo e ainda hoje, numa cultura marcadamente heteronormativa, as sexualidades dissidentes tiveram que engendrar outras formas de apropriação do espaço para poderem atuar e expressarem-se. É dentro dessa configuração que o termo *cruising* ganha significado, principalmente na cultura gay, referindo-se a busca por parceiros para aventuras sexuais (CHAUNCEY, 1994). O *cruising* consiste em uma prática espacial erotizada e erotizante de praças, parques, locais desertos da cidade que se tornam pontos para encontros fortuitos, busca de parceiros e amores entre sujeitos, do sexo masculino (já que falamos de uma época, final do século XIX, na qual às mulheres ainda era um tabu deixar transitar desacompanhada nos espaços públicos). O *cruising* aparece marcadamente masculinizado. As práticas de *cruising* constituíram assim uma tática de movimento

e mapeio da cidade a partir da sexualidade, desenvolvendo formas de comunicação e deslocamento entre sujeitos gays:

Gay men used such subcultural codes to make contact and communicate with one another throughout the city, but they also made tactical decisions about the safest places to meet. Like other marginalized groups seeking a public presence, gay men had to hone their sense of the social dynamics governing various neighborhood and the possibilities each presented. In constructing a gay map of the city, they had to consider the maps devised by other, sometimes hostile, groups, so a tactical logic governed the location of gay cruising areas (CHAUNCEY, 1994, p. 189).

As práticas de *cruising* ganharam ainda outros nomes e outras relações a partir das diferenças culturais em que os encontros furtivos entre homens em busca de aventuras sexuais invocam outras variáveis. No Brasil, uma das categorias nativas mais utilizadas para denominar esse tipo de prática é o termo “pegação”. O pegar, que significa tocar ou agarrar com a mão, guarda uma íntima relação com a performance do *cruising* na qual há pouco uso da comunicação verbal e um maior uso do repertório corporal para demonstrar o interesse, como, por exemplo, nas práticas de *cruising* em banheiros públicos onde a maneira de olhar e o tocar do pênis podem ser interpretados como sinais. Na sua pesquisa sobre a prostituição masculina, em São Paulo, na década de 1980, Perlongher (2008) especifica as práticas de pegação entre homens no espaço urbano de São Paulo com outros elementos que não necessariamente se correlacionavam com a cultura gay.

Partindo da sugestão de Benjamin poder-se-ia, aliás, esboçar alguma analogia entre o *flâneur* da boémia e a *deriva* das homossexualidades. Explorar as possibilidades sensuais do fluxo das massas urbanas não é, por sinal, exclusivo de prostitutas e “entendidos”. Pelo contrário, a “pegação” homossexual (Guimarães, 1984) constitui uma versão particular de uma prática muito mais institucionalizada e conhecida: o *trottoir* da prostituição feminina, cuja difusão em São Paulo, a partir do fechamento dos bordéis e do fim da zona confinada, vimos anteriormente (PERLONGHER, 2008, p. 166).

Seguindo tais perspectivas acerca do *cruising* ou “pegação”, percebe-se o aspecto subversivo de tais práticas que remetem a alianças com subculturas eróticas nos espaços públicos. Tais práticas criam outras cartografias do sexual no seio dos dispositivos de normalização do tempo e do espaço. Os atores se envolvem

dentro dessas práticas em atos performativos que fazem a ponte do corpo ao espaço. Ao investigar uma zona de *cruising* no litoral italiano, Mooshammer (2005, p. 94) acentua seu aspecto performativo:

Der performative Charakter von Cruising zeichnet diese Landschaften als Orte seiner Aufführung, Vorder- und Hintergrund zugleich. Insbesondere in einer schreibenden Annäherung im Spannungsfeld zwischen der Anziehungskraft der sublimen Schönheit unheimlicher Landschaften und der Faszination an der Unmittelbarkeit anonymer sexueller Begegnungen in diesen offenen Räumen. Der mit diesen Bildern verbundenen Widerstreit an Gefühlen und Vorstellungen, ihre Flüchtigkeit und Beständigkeit weisen dieses Schreiben in eine Richtung, die Modelle eines Festmachens von Bedeutung über das Entziffern, Rekonstruieren und Interpretieren der Aktivitäten von Cruising hinter sich lässt und stattdessen dem Impuls von Cruising folgt, sich über unausgesprochene Versprechungen in und durch Räume (ver-)führen zu lassen (MOOSHAMMER, 2005, p.94).

O que passa a mudar, então, quando gays migram dos espaços públicos *offline* para aventuras sexuais *online*? Efetivamente, mudam-se as estratégias e as formas de apresentar-se. Quando se analisou nesta pesquisa de que maneira as masculinidades estavam performadas *online*, percebeu-se o jogo entre os modos *offline* e *online* de performar um “corpo masculino” para ser atraente a um outro. No espaço virtual de GayRomeo, emerge um outro cenário de *cruising*, o *cruising* virtual ou digital para usar a definição de Mowlabocus (2010):

Digital cruising can thus be conceived of as a constellation of communicative acts that take place between men via any one of a number of mobile interfaces, as they move through the physical spaces of their everyday life. In doing so digital cruising echoes the claim made by Bilandzic et al. (2009: 1517), that users of mobile technologies may form ‘their own set of distinct social practices around the ICT of mobile telephony’ and that such practices may have little to do with the intended utility of the technology (MOWLABOCUS, 2010, p. 188).

Prefiro recuperar o termo virtual ao invés de digital, já que, como argumentei com Deleuze e Grosz, os processos de virtualização envolvem um agenciamento entre formas do corpo, do espaço, do tempo e do sexo que atravessam tanto as dimensões do humano como do não humano. O que pretendo realizar com a ênfase no conceito de virtual, desde a filosofia que o elabora a partir de uma problematização do tempo e do espaço e das formas do presente, é reencontrar a

agência dos media na confecção de outras performatividades do gênero e da sexualidade em que se realizam híbridos. O *cruising* virtual é, ao meu ver, um efeito desses processos de hibridização em uma perspectiva simétrica (LATOUR, 1993) de abordagem do papel da Internet nas dinâmicas de performance da sexualidade e do gênero *online*. Tais processos englobam ainda uma dimensão mais ampla da vida social, nas quais o *techno* e o humano, como figuras anteriormente estanques de epistemologias puras, entram em constelações mistas de um porvir pós-identitário/representacional:

This dissolving distinction between organic and technological not only concerns the human at the computer interface having sex with someone half a world away but also addresses all ways technology impacts the body: pacemakers and prosthetic limbs, pharmaceuticals and vaccinations, engineered nutrition and Nautilus machines, cosmetic manipulation and augmentation. All of those demonstrate the blurring of the distinction between the organic and the techno-social (CAMPBELL, 2004, p. 146).

Nos modelos identitários e representacionais de abordagem das relações entre gênero e espaço, a produção de afetos corporais dentro de formas híbridas é ignorada, na medida em que os afetos como formas do não representacional não podem ser reduzidos à linguagem. Algo se passa entre as palavras e as coisas, e a tarefa investigativa de tais processos deve abrir a problematização do empírico para outros modelos epistemológicos. A antropologia simétrica de Latour (1993) intervém, sob este aspecto, como uma alternativa teórico-prática ao construtivismo das teorias sociais do espaço e do gênero. A assimetria defendida entre homens e máquinas só pode ser sustentada dentro de um modelo epistemológico em que a natureza é excluída do domínio da cultura e o mundo da cultura, por contrapartida, é gerado como um artefato, mas um artefato diferenciado do mundo dos objetos. Neste contraponto crítico, Latour explora assim universos híbridos de natureza-cultura:

The solution appears along with the dissolution of the artifact of cultures. All nature-cultures are similar in that they simultaneously construct humans, divinities and nonhumans. None of them inhabits a world of signs or symbols arbitrarily imposed on an external Nature known to us alone. None of them – and especially not our own – lives in a world of things. All of them sort out what will bear signs and what will not. If there is one thing we all do, it is surely that we construct both our human collectives and the nonhumans that surround them. In constituting their collectives, some mobilize ancestors, lions, fixed stars, and the coagulated blood of sacrifice; in constructing ours, we

mobilize genetics, zoology, cosmology and hematology. 'But those are sciences!' the moderns will explain, horrified at this confusion. 'They have to escape the representations of society to the greatest possible extent!' Yet the presence of the sciences does not suffice to break the symmetry; such is the discovery of comparative anthropology. From cultural relativism we move on 'natural' relativism. The first led to absurdities; the second will allow us to fall back on common sense (LATOURE, 1993, p. 106).

O primeiro passo desse tipo de empreitada, tal defendido pela física e teórica feminista Karen Barad (2003), implica abordar a própria dimensão performativa dos instrumentos produtores de objetividade. Dessa maneira, atinge-se o ponto de co-extensão de quasi-objetos (LATOURE, 1993, p. 95-98), ponto a partir do qual tanto natureza como cultura devem ser explicados. O trabalho de purificação que põe de um lado o mundo dos sujeitos da sociedade e do outro a realidade exterior dos objetos só consegue lidar com as práticas espaciais a partir de um conceito de cultura clivado por um trabalho de redução do humano ao domínio do representacional. Todo o enclave do construtivismo que gira em torno do conceito de performatividade se abate nesse ponto, pois não se dissolve a assimetria que separa transcendentalmente o mundo exterior do sujeito.

O que busco afirmar aqui é que há uma continuidade performativa entre corpo e espaço. Tal continuidade só pode ser apreendida a partir do momento que se entende as formas híbridas de atores humanos com não humanos na dinâmica erótica dos espaços de interação sexual. Em que extensão um espaço pode ser atraente ou sedutor para um sujeito gay na busca por parceiros? A resposta a esta pergunta não se resume apenas à dimensão corporal, quer dizer, à ocupação do espaço por corpos que desejam outros corpos, mas a que montagens do corpo com o espaço diferentes corpos entram em conexão. Investigações recentes sobre as práticas de *cruising*, por exemplo, Brown (2008), já operaram esse giro em pensar, a partir de modelos como os da teoria não representacional (*non-representational theory*), as conexões simétricas entre corpo e espaço na montagem de um agenciamento do sexo nas suas diferentes materialidades. Ao pesquisar três espaços de *cruising* na Londres contemporânea, o geógrafo da sexualidade aponta:

By being in this space at this time, each man establishes a diverse set of relationships with the objects that surround him – not just the other men's body, but the stained ceramics of the urinals and the floor tiles, the faded shine of the metal casing of the hand-dryers, the

broken skins, the air (heavy with smells of stale urine, fresh sweat and amyl nitrate). In both stances, the sex-play took place behind the chest-height wall that separates the back row of urinals from the entrance to the toilet. The met at the centre of both events used the fabric of the space, and the bodies of the other men present to protect and shield them, for a few crucial moments at least, from the view of any potential non-participants on their arrival (BROWN, 2008, p. 926).

No universo virtual de GayRomeo, o *cruising* é mais do que um cruzar espaços, habitar edifícios, praças, florestas. A prática espacio-corporal que gera o *cruising* como híbrido de espaço-corpo sexual na sua versão *online* se acopla a modos de catalogar, ver, excitar-se do outro lado da tela sem que o seu parceiro chegue a ter conhecimento disso. Usuários que pagam uma assinatura mensal podem inclusive apagar seu nome quando visitam algum perfil, ou seja, ver mas sem ser visto. Há um suporte material que possibilita o acesso à página, seja por computadores, *tablets* e *smartphones*, o que permite aos usuários moverem-se por outros espaços que não se constituem em espaços *offline* de *cruising*. Posso estar no metrô com meu *smartphone* conectado a GayRomeo, realizando um *cruising* virtual, trocando mensagens, vendo perfis e combinando o próximo encontro, mas o espaço do metrô, supostamente, não mudaria com a minha imersão na tela em um espaço sexualizado. A virtualidade me aprofunda na tela, como uma conexão de imersão do sujeito *offline* no espaço *online*. Nesse momento, o atual toca o virtual e a menor excitação do meu corpo em interação *online* pode transbordar do virtual ao real e pôr em dúvida até que ponto o espaço heterotópico do metrô não estaria mesmo sexualizado.

Em uma área de *cruising offline* comum, como um banheiro público ou uma vegetação, reminiscências do sexual atualizam o espaço como área de “pegação” gay: preservativos usados, cheiro de urina, esperma, pegadas, etc. Há uma materialidade do espaço e do corpo que me remetem ao tempo de que algo passou naquele determinado lugar. O *cruising* virtual não deixa essas reminiscências concretas no espaço *offline* ao qual meu corpo está conectado no momento em que comecei a buscar por um parceiro *online*. Mesmo se o *cruising* começa na busca *online* e termina num café, num bar, na casa de um dos parceiros, se o contato se passa do virtual para o real, ainda assim, há um elemento que escapa à ideia de ir a um lugar determinado e buscar por alguém. O *cruising* virtual introduz o elemento da duração no performativo espaço-corpo. Ao tornar a página mais acessível através da

mobilidade de computadores, *smartphones* e *tablets*, o *cruising* integra uma mobilidade entre-espacos.

Figura 5.2 Aplicativo de *gay dating* Grindr (www.grindr.com).

Com a implementação de aplicativos para *smartphones* das páginas de encontro gay como GayRomeo, inaugura-se uma nova geografia erótica que não tem mais apenas a ver com a localização em saber onde está um usuário. Com a implementação de dispositivos de localização combinados com a mobilidade física dos usuários, é possível saber qual o usuário mais próximo do ponto em que você está. O boy da porta ao lado (versão masculina da “girl next door”) é um sujeito móvel. Ele pode ser desde alguém que esteja, por exemplo, no mesmo metrô até o seu vizinho. A mobilidade rompe as barreiras do público e do privado da sexualidade que é virtualizada em perfil. O boy do lado, mais do que um sujeito fixo, é uma informação em velocidade óptica, um código, uma modulação da subjetividade: corpos-imagem de rostos, peitorais, músculos, genitálias, etc. O virtual envolve, decisivamente, o atual como presente e o real como situação, localidade. Importante frisar que foi necessário para GayRomeo aderir a tendência dos aplicativos para *smartphones* já que estava perdendo espaço para essas novas tecnologias de gay dating como Grindr e Scruff. O Grindr³⁷ foi um desses primeiro aplicativos que

³⁷ “0 feet away: Our mission for you. Grindr’s different because it’s uncomplicated and meant to help you meet guys while you’re on the go. It’s not your average dating site -- you know, the ones that

apontou para uma reorientação das próprias páginas de *gay dating* como GayRomeo e Manhunt que tiveram que introduzir aplicativos (*apps*) para não perder em espaço e mercado para as novas tecnologias de “location-based”. Sebastian, um dos meus interlocutores de pesquisa, já me anunciava, durante um chat, essa mudança no final de 2010 bem antes da implementação do aplicativo do GayRomeo para *smartphones*.

“da siehste die app....das ist sehr viel direkter als gayromeo, weil man die location gleich sieht wo die leute sind...und entsprechend serh viel mehr spontaner sex. das ist die nächste evolution in dem gay chat gedöns. das ganze wird deutlich mehr mobiler und interaktiver durch die verbreitung von smartphones. lad das ding mal runter und geh in eine berliner schwulendisco. zumindest in der schweiz, quatschst du die leute nicht mehr direkt auf dem floor an sondern über checkst die über grindr..und wenn was geht, dann auch real...ist eine veränderung des flirtverhaltens weil die leute online sehr viel extrovertierter sind als offline” (Sebastian, chat com caracteres mantidos tal como foram digitados pelo usuário).

A expertise nativa de Sebastian, usuário do interior da Turíngua com quem me correspondi durante todo o processo de pesquisa, engloba a percepção de uma mudança nos comportamentos e na interação entre gays com o uso de tais tecnologias. Uma intensificação e rapidez dos contatos sexuais se realiza a partir de um reordenamento da cartografia sexual que deixa de depender numa margem bastante relativa, ainda que não totalmente, dos espaços físicos *offline* seja dos clubes, das áreas de *cruising* ou dos recintos domésticos.

make you sit in front of a faraway computer filling out complex, detailed profiles and answering invasive psychological questions. We'd rather you were zero feet away” (<http://grindr.com/learn-more>).

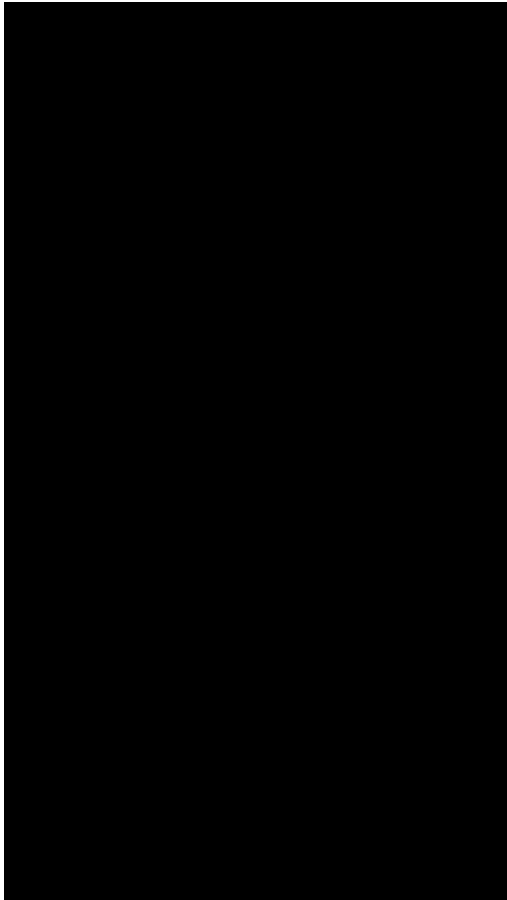


Figura 5.3 Aplicativo de GayRomeo para smartphones, android, iphone.

O design virtual permite alocar vários perfis, lado a lado em ordem crescente, do mais próximo ao mais distante (indicando de metros a quilômetros a distância). O que está em jogo aqui não é a representação virtual de um mapa, mas uma cartografia que se gera a partir de dispositivos de navegação digital. Mais uma vez, uma lógica que não se resume a da representação persiste entre dois usos das formas de localização no espaço. Um primeiro uso toma a localização virtual de forma mimética, ou seja, uma correspondência do espaço físico com o indicado *online* (tal fato não se confirma, já que, nos aplicativos de *gay dating*, o corpo-imagem que gera um espaço virtual não está em uma correspondência totalmente mimética com o corpo físico, por exemplo, o aplicativo sempre indica que estou a cem metros de distância de mim mesmo), um segundo uso que seria navegacional, tal como definido por Latour, Camacho-Hübner, November (2009), gerado no movimento, na imaginação e na produção estética que é a construção do espaço como materialidade e duração (em um mínimo de tempo possível em que as localidades se estabilizam nas formas da distância, que não deixam de ser temporalidades, ainda que assumamos o atual do mapa como estático).

Either you are able to get at all of them on the map depending on the precise navigational usages at hand or none of them. The real difference is not between 'physical' and human geography but between taking a map mimetically (in which case it does create a difference between human and nonhuman) and taking a map navigationally (in which case there is no difference between the two). What is commonly called the 'outside material' world, the one more or less accurately 'represented' by the maps, is entirely a by-product of the imagination, an aesthetic view of technical practices that have been put in the background. There is nothing especially 'material' in this Euclidian space inside which Galilean objects would flow effortlessly without undergoing any transformation (CAMACHO-HÜBNER, LATOUR, NOVEMBER, 2009, p. 595).

Considerações Finais

As práticas de buscar por parceiros *online*, por parte de homens gays, referem-se não apenas de emergentes performatividades do gênero e da sexualidade, já exploradas nos dois capítulos anteriores, mas de novas configurações do espaço social contemporâneo. Para isso, foi necessário pôr em questão perspectivas clássicas acerca do espaço e do gênero que ainda os tornam categorias representativas de um mundo social antropocêntrico. Uma dificuldade em pensar geografias emergentes da sexualidade com os usos das novas tecnologias levou-me a fazer uso de concepções mais sofisticadas do que seria o virtual. No percurso teórico de uma teoria da virtualidade com Lévy, Deleuze, Grosz, percebe-se que as formas do virtual se relacionam com o espaço e o tempo, não mais apenas em seus aspectos representacionais, mais nas suas dinâmicas gerativas.

Os dispositivos de virtualização atravessam diferentes tecnologias sociais como o cinema, a arquitetura, as práticas de memória, entre outros. Para abarcar esses universos, foi necessário uma concepção de agência, na qual atores humanos e não humanos são levados em conta de forma simétrica. Somente na simetria entre atores humanos e artefatos tecnológicos, compreende-se como as práticas de *cruising online* não são um reflexo ou transposição das práticas de "pegação" do *cruising* nos seus modelos fora da tela, como em saunas, parques, banheiros públicos. Aqui, as ferramentas tecnológicas como a Internet, os aplicativos de *smarthphone* como o *Grindr* que fazem de qualquer lugar um ponto de partida para *cruising* têm uma dimensão de agência na confecção dessas novas geografias

eróticas, as quais passariam batidas por perspectivas que centram o espaço e o gênero como marcadores simbólicos e não compreendem os processos pelos quais espaço e gênero como símbolos se deformam em outras materialidades: falou-se, neste capítulo, de corpos-imagens e sexo-espaço, processos de deformação do corpo em espaço, do espaço em sexo (*Entgestaltungen*).

Mais do que colar-se a fixidez das formas do espaço, do tempo, do gênero e da sexualidade, compreendi que dinâmicas de fluidez que hibridizam essas formas são o marco do nossa contemporaneidade. O que se aprende com as novas formas de *cruising online* é uma produção do espaço pelo movimento, em uma fluidez das materialidades reais e virtuais. Os corpos e os espaços se tornam porosos, na velocidade em que informações visuais, textuais, sonoras ativam e desativam corpos e espaços para a interação sexual. Sobre como essas novas formas afetam uma certa questão gay, um certo posicionar dos sujeitos gays no mundo contemporâneo será o objeto do desfecho desta tese, que, mais do que fechar conclusões apressadas ou se perder em previsões arriscadas, algo bastante perigoso e tentador quando se trabalha com tecnologias de mudança, convidará o leitor a mirar, sob um ângulo diferente, as subjetividades gays do nosso tempo, bem como a própria sociologia na sua feitura prática e teórica.

Para outros começos: revisitando a questão gay

La heterosexualidad se presenta como un muro construido por la naturaleza, pero es sólo un lenguaje: un amasijo de signos, sistemas de comunicación, técnicas coercitivas, ortopedias sociales y estilos corporales. Pero ¿alguien sabe como se atraviesa un lenguaje dominante? ¿Con qué cuerpo? ¿Con qué armas? O para formular la cuestión de otro modo: ¿Cómo empezó la revolución anal? (PRECIADO, 2009, p.140)

Inicio minhas considerações finais com a citação acima extraída do epílogo a *El deseo homossexual* (HOCQUENGHEM, 2009). Nesse texto, Preciado inverte a problemática do armário e reinscreve no corpo desejante a problemática gay. No rastro de uma epistemologia anti-homofóbica, na trilha do que propõe Sedgwick (1990), penso ser importante o resgate teórico *queer* num modelo pouco convencional de pensar-se as relações entre corpo, civilização e sexualidade trazidos por Preciado. O título do seu texto, “Terror anal”, permite-me tomar a questão gay como uma questão do corpo, não apenas de um corpo subjetivo, concebido como reduto do individual, mas um corpo desejante que é, ao mesmo tempo, subjetivo e social. A questão gay se postula então como um enigma de um corpo não esgotado discursivamente que está cansado de apelar para uma posição identitária de coerência dentro da compulsoriedade heterossexual (BUTLER, 1990).

Há um terror anal, diagnostica Preciado (2009). Tal terror se inscreve no corpo, e a autora resgata a obra de Guy Hocquenghem, ativista gay francês do anos 1970, que participou do FHAR (*Front Homosexuel d'Action Revolutionnaire*), autor de *El deseo homossexual*. Para Preciado (2009), a radicalidade da escrita e do ativismo de Hocquenghem está em ter posto seu corpo, seu desejo como ponto de partida da reflexão e da resistência a um conjunto de saberes e práticas que ainda punham o homossexual como uma figura da degeneração. Os dispositivos de normalização da sexualidade e do desejo se inscrevem nos corpos. Por isso, o texto de Preciado (2009) reflete acerca do ânus, esse orifício que não encontra lugar na lógica reprodutiva, que é fonte de prazer, mas tabu para homens heterossexuais (vide o caso brasileiro e todo o trabalho de sensibilização que é feito em torno do exame de toque retal para a prevenção do câncer de próstata). Há uma normalização do ânus e abjeção de seu caráter erógeno, o que Preciado (2009) chama de uma castração anal.

Preciado (2009) põe, assim, Hocquenghem numa posição que, para os anos 1970, na França, ainda era muito arriscada: assumir não apenas publicamente a homossexualidade, mas assumir seu desejo como ponto de apoio para a prática teórica e política. Como argumenta a autora, o ativista francês estaria numa posição que não seria nem a de Sartre, “intelectual tres-en-uno listo para defender todas las causas” (PRECIADO, 2009, p. 152) nem a de Foucault, “intelectual específico al mismo tiempo modesto e implicado en las causas que defiende” (PRECIADO, 2009, p. 152), pois este último ainda que lançasse as teses mais radicais sobre os mecanismos de controle e produção da sexualidade nas sociedades ocidentais, nos anos 1970, apenas raramente falou de si, do seu desejo, e nunca se posicionou como uma liderança dentro do movimento sexual dissidente, apesar de, assim como Hocquenghem, ter rompido com o Partido Comunista Francês, por achar que as questões do desejo e da homossexualidade, da dissidência sexual, não encontravam lugar no modelo revolucionário defendido por tal partido. Este saber abre um outro campo epistemológico e político:

Forzosamente colectivo y político, este saber no puede sino articularse en primera persona. Y esto no porque se trate de un registro de testimonio o de autobiografía, sino porque hasta ahora la homosexualidad no ha podido darse como saber sobre sí o síntesis reflexiva. “Habla desde tu ano”, es decir, explícame cuales son los flujos de poder (libidinales, económicos, lingüísticos...) que te constituyen. Habla desde donde nunca creíste una palabra pudiera enunciarse como nombre propio. Es necesario jugar a la parodia de dibujar un yo que se afirma como marica, bollera o travesti para poner de manifiesto los fallos constitutivos del sujeto tradicional de la representación democrática (PRECIADO, 2009, p. 159).

Nessas novas escritas e epistemologias críticas a partir do sexo, do desejo, da raça, da pele, não há fascínio pelas modas nem tentativas de reconciliação, de fazer do homossexual, do negro, do chicano, da travesti, uma figura respeitável dentro dos saberes estabelecidos. O modelo epistemológico crítico em jogo aqui trabalha pela desconstrução do normal, pelo posicionamento que afirma, a partir de uma posição posta como abjeta, o lugar de outros regimes de verdade possíveis. Não há possibilidade de resistência na higienização ou assimilação das subjetividades dissidentes em modelos teóricos que fazem as pazes com os jogos institucionais de saber e poder que definem as posições no campo do saber como branca, masculina, heterossexual e burguesa. A questão gay só se faz relevante

quando não se fecha os olhos aos mecanismos de saber e poder que põem as subjetividades não hétero na tarefa de resistir para existir: resistir à patologização, à assimilação, ao branqueamento ou à mestiçagem “multicultural”, e ao silêncio.

A primeira tarefa consistiu, então, numa desnaturalização e historicização do gênero dentro do regime dos saberes, a qual explorei no primeiro capítulo a partir de autores como Michel Foucault, Beatriz Preciado, Judith Butler, Teresa de Lauretis, Donna Haraway, e outros. Nesses autores, a desnaturalização do gênero e da sexualidade demonstra que há um próprio fazer da ciência que é normativo, regulador das formas dissidentes do gênero e da sexualidade. Butler (1990) o define como heteronormatividade, Foucault com biopoder (1999), Haraway (1991) chama de circuito-integrado e todos eles se posicionam não como os guardiões de uma verdade, neo-iluministas que iriam reclamar, no panteão dos saberes estabelecidos, um lugar para outras subjetividades. Pelo contrário, só é possível uma outra posicionalidade quando as bases de uma epistemologia heterocentrada, classista e branqueada é posta em cheque. Em todos eles, há um giro não apenas conceitual, mas político-pragmático das formas do ver, escrever e fazer ciência.

Iniciei esta tese afirmando o gênero como uma tecnologia. Gênero e sexualidade são tecnologias sociais. Foi preciso fazer uma genealogia de diferentes perspectivas sobre o corpo, o gênero e a sexualidade para entender, ou melhor, para pôr um problema de investigação no fenômeno contemporâneo das plataformas voltadas ao público gay para buscar por parceiros. Plataformas que estão online com versões de navegação em várias línguas e que se propõem como um “fenômeno global”, dirigindo-se a sujeitos gays de várias nacionalidades e países. Assim, atores localizados em pontos, geograficamente, distintos passam a habitar o mesmo espaço *online*, o espaço onde perfilam seus corpos e os transmutam em páginas de perfis.

Essa arte de perfilar a si mesmo *online*, de fazer sua sexualidade um elemento de visibilidade, transformá-la em informação que pode ser intercambiada, forma de interação via mensagens, fotos, ferramentas de busca e navegação me levou ainda a desenhar o terreno da questão como uma produção da sexualidade *online* em termos de espaço e agência dos sujeitos nessa prática. Produzimos nosso gênero e nossa sexualidade ao nosso gosto? Quais são as condições de possibilidade para que nos afirmemos como sujeitos de um gênero e de uma

sexualidade? Fazer esse tipo de questão é reexaminar a investigação social sobre o gênero e a sexualidade.

A problemática do gênero, da inserção do gênero dentro das ciências sociais retomam surgimento da categoria gênero no contexto da política feminista e dos estudos da ciência. Sem essa discussão que já nasce interdisciplinar, intercalando o campo acadêmico e político em torno do gênero e da sexualidade, não se torna possível abordar o gênero e a sexualidade atualmente dentro apenas dos limites de uma disciplina, ignorando como o debate em torno do gênero e da sexualidade foi, desde seu início, um debate dentro de um campo de práticas variáveis de saber e poder. Isto posto, justifico, porque retornei a trabalhos históricos como os de Foucault (1999), Scott (1999) e Laqueur (1992). Em Foucault (1999) encontrei uma história da sexualidade que amarra a produção de um saber sobre si mesmo ao conjunto de práticas que põem a sexualidade como objeto de uma moral, um discurso de verdade e práticas de ortopedia social que terminaram por delinear uma estratégia de regulação da vida de um corpo não mais apenas individual, mas o corpo da população, tal estratégia Foucault denominará biopolítica. A teoria de Foucault me interessou por fundamentar um olhar a sexualidade, não como uma essência a ser desvelada, mas sim como um artefato sócio-histórico que subjetivam os sujeitos a partir do seu sexo. O dispositivo de sexualidade conceituado por Foucault é uma tecnologia social. Em Laqueur, a emergência dos discursos no domínio da biologia e das práticas médicas na modernidade engendraram uma visão do sexo que pôs o monismo sexual, a ideia de que o sexo é derivado de uma forma master, no caso a masculina, e o sexo feminino seria apenas o inverso do masculino. Em Laqueur, os saberes biomédicos geraram uma perspectiva anatomo-patológica da diferença sexual, inscrevendo no domínio sexual uma teleologia da diferença sexual.

O trabalho de investigar interações afectivas e sexuais de sujeitos gays retoma o arcabouço de uma genealogia política do gênero e da sexualidade. Uma linguagem tecnológica que não reside, apenas, nas máquinas, mas que produz corpos como corpos *humanos, sexuados e marcados pelo gênero*. O performativo, o biopolítico, o cibernético se articulam nessa compreensão de que há uma linha de simetria entre as máquinas, enquanto materializações inventadas, e os corpos, artefatos de práticas reiterativas das normas que se manifestam em discursos e

disposições. Essa linha simétrica leva ao estranhamento das fronteiras entre humano e não humano, normal e patológico, natural e artificial.

Quando penso a virtualização do corpo *online* como um problema para a sociologia contemporânea, a partir de uma abordagem interdisciplinar desse problema, quero trazer uma discussão sobre os laços sociais estabelecidos entre sujeitos de uma sexualidade dissidente no mundo contemporâneo. Da genealogia histórica, passei à sociologia da ciência de Bruno Latour e às considerações de Donna Haraway das tecnologias como materializações das relações sociais que não têm mais, apenas, atores humanos individuais como centro da agência. Há uma materialidade discursiva das formas objetivas de contato: um computador, um telefone celular, uma tela, a fotografia e o vídeo são relações sociais, são dispositivos que interferem no mundo concreto. O design do tecnológico é um design do social não por que são os humanos que vão explicar como eles funcionam. Trata-se menos de uma questão hermenêutica e mais de uma questão de interferência, instalação, pensada mesmo no seu sentido estético, quando um artista, por exemplo, toma um objeto e constrói *com* ele um vínculo com o mundo dos objetos que passa a interferir sobre outros sujeitos, ainda que eles não estejam de todo conscientes do tipo de afectos e dos movimentos na subjetividade que tais objetos passam a provocar. Essa outra sociologia que se desenha poderia voltar, por exemplo, a fazer uma ponte com a história material da produção dos objetos, a história cultural, o estudos da antropologia dos artefatos e da história da arte para que pudéssemos perder um pouco do nosso vício interpretativista e da onipotência de quereremos explicar tudo, e, enfim, pôr questões mais precisas e pontuais no nosso presente: com o que vivemos? Com o que estabelecemos conexões? Que outras experiências sócio-afectivas ganham espaço atualmente?

O que define um ator social? No domínio da representação, a questão gay corre o risco da reterritorialização na lógica de uma identidade prêt-à-porter, dada de antemão, passivelmente delimitada por códigos e símbolos de um *mainstream* identificatório que colam o gay ao exótico, ao hiperestético, ao alegre, ao *camp*, neutralizando a eficácia subversiva das paródias de gênero. O tecnológico é purificado em sua divisão sexual como se as ferramentas tecnológicas não tivessem um gênero ou uma normatividade de gênero não as perpassasse. Dessa forma, o estranhamento com esses “gays que passam horas na Internet marcando encontros”, produtos de um olhar e de uma episteme heteronormativa, ganha um

delineamento como grupo social *sui generis*. Um trabalho de desconstrução desse olhar só se tornou possível nesta tese, iniciando com uma arqueologia dos discursos sobre o gênero e a sexualidade como tecnológicos: todo gênero e toda sexualidade é *techno-bio* (PRECIADO, 2008).

Dentro dessa perspectiva de um gênero e de uma sexualidade performativos, *techno-bio*, os corpos em rede são compreendidos em suas dinâmicas performativas imanentes. Não há mais ou menos sexo ou gênero por ser gay ou hétero, porque gay ou hétero são tecnologias sociais, circuitos acoplados aos smartphones, páginas virtuais, bonecas infláveis, brinquedos eróticos, webcams, etc. Há uma forma do sexo, e essa forma do sexo é próstética, efeito de superfície, design científico, moral, comportamental que divide binariamente dois universos: masculino e feminino, gerando seus dissidentes na abjeção de tudo que escapa a tal ordem. Lembro-me de uma vez ter levado uma amiga heterossexual a uma festa *queer* e sexual em Berlim. No dia seguinte, ao comentar sobre a festa, ela veio com uma afirmação de não entender a necessidade do público *queer* em *fantasiar-se*. Eu me senti bastante incomodado com tal afirmação, mirei-a nos olhos e perguntei se o batom que ela usou para ir a festa ou seu vestido não eram também uma *fantasia*. É esse tipo de certeza de que uma mulher com vestido e batom é mais verdadeiramente feminina que um homem, sujeito biologicamente masculino, de vestido e batom que o conceito de performatividade veio abalar. Os vestidos são desenhados para corpos feitos biologicamente femininos (lembre-se de Laqueur no primeiro capítulo desta tese), ou seja, um homem de vestido está fora dos padrões, só encontrando lugar no território da “fantasia”, que produz hegemonias sexuais, práticas de segregação, exclusões morais e epistemológicas de práticas sexuais dissidentes.

Não se faz sociologia do gênero e da sexualidade com ascetismo moral, neutralizando o próprio corpo. O neutralizar e a negação do próprio corpo no processo de aprendizado sociológico pode deixar adormecida certezas corporais que não se materializam em linguagem. Certezas que podem ser bastante normativas e só se tornarem materializáveis a partir do afeto de ver um homem de vestido e batom e o estranhamento, a aversão e o incômodo que não vão encontrar nas formas do enunciável um lugar, já que o discurso objetivo que neutraliza o corpo é o mesmo que produz todos como iguais.

O conceito de performatividade, elaborado na teoria de Butler (1990), demonstrou ser, assim, o operador mais efetivo dentro desta pesquisa para abordar

o fenômeno estudado, com toda a contextualização histórico-epistemológica que está na base em que se ergueu a tese aqui exposta. Com o conceito de performatividade, encontrei os fundamentos para uma perspectiva que abordasse o gênero como materializações discursivas de práticas reiterativas para além de uma lógica da identidade e da representação. Contudo, a teoria butleriana não aborda a dimensão da material do gênero e da sexualidade no campo das novas tecnologias. Sua teoria fornece ferramentas conceituais para a pesquisa social do gênero e da sexualidade. Enfim, tal ferramenta não pode ser apenas transposta da sua teoria para campos distintos de investigação.

É preciso adaptar, lapidar a teoria da performatividade com outros instrumentos de acordo com o campo dado. Nesta tese, meu intento era de argumentar quais performatividades do gênero e da sexualidade podem ser observadas entre usuários gays da página virtual GayRomeo. Tal página impõe um modo de criar um perfil através da exposição de fotos, preenchimento de dados acerca do corpo físico, dos interesses sexuais e da sexualidade. Esse ordenamento dos dados no domínio do território virtual constitui uma forma de por elementos performativos do gênero e da sexualidade no movimento da busca por parceiros. Esses operadores movimentam decerto representações e identidades *offline* construídas: marcadores corporais tornam-se preponderantes nas modulações que o corpo virtual assume. Esse corpo virtual apela para códigos locais e ideias, percepções acerca do ser mais ou menos masculino, ser abertamente gay ou não, ser bonito, aparentar um “bom” corpo, buscar o parceiro mais próximo, excluir outros de sua zona de contato, navegar a página, visualizar outros corpos.

Ao realizar entrevistas com usuários gays de GayRomeo, constatei que as metodologias *queer* não apagam o corpo, mas partem dele: saberes situados só são possíveis a partir de posições que são corporais. Como falar da sexualidade higienizando a própria condição de gay? Como falar da raça branqueando-se numa suposta neutralidade? A inovação teórica como tarefa política deve vir acompanhada da experimentação metodológica. Seguindo uma participação observante, trouxe um conjunto de aspectos relativos ao ver e ao sentir o campo para dentro do processo de criar teoria, de falar sobre como buscar um parceiro *online* está ligado com modos de ver que muitas vezes não se materializam numa linguagem. As nuances do performativo com o perceptivo, o afectivo e o visual deixam-se ler nesta tese na abordagem teórica multifacetada que vai da Psicanálise aos Estudos Culturais, que

questiona os olhares sociológicos quando eles se fecham para o desejo, porque simplesmente o discurso da representação social é surdo ao burburinho dos corpos.

Ver e sentir são processos que atravessam toda produção teórica e prática. O que se materializa em teoria e prática faz parte de um conjunto de afectos e perceptos. Um olhar, um gesto, um imponderável não materializável em discurso pode engendrar mudanças e reorientações no domínio do saber. A experiência dentro e fora da academia, de ser marcado por uma raça, uma sexualidade não hegemônicas me ensinaram a trabalhar essa dimensão de saber encarar um olhar que não se enuncia, mas separa e classifica, que pode incluir e depois excluir dos territórios da consagração e do reconhecimento. Pelo olhar, passa a atração e a repulsão, a aceitação e a discriminação, que se tornam impalpáveis mas nem por isso menos eficazes. A proliferação de determinados corpos em detrimentos de outros nos espaços virtuais, muitas vezes, relaciona-se com uma vontade de reconhecimento pelo olhar de um outro, de afirmar-se no desejo do outro, como nas preocupações em baixar a idade e não mostrar nas fotos dos perfis partes do corpo que não estão em forma. As dinâmicas performativas invocam a alteridade, não somente na dimensão de um discurso sobre o outro, mas um sentir e perceber o outro, ao qual o pesquisador deve ser sensível e tornar esses perceptos concretos teoricamente.

Para chegar a tese que articulasse as estratégias virtuais de *gay dating* com as categorias de gênero e sexualidade, necessitei ampliar o arcabouço do conceito de performatividade, para englobar duas dimensões que estão involucradas nas narrativas dos meus interlocutores. Ao falar sobre GayRomeo, meus interlocutores mostraram-me como o “ser indagado” acerca de estar *online* remetia às suas experiências da sexualidade fora da tela e antes de entrar na página, elas dizem de um estar entre outros espaços nos quais a marcação da sexualidade (na casa, na rua, nos espaços de lazer, na escola) também emerge. O fato de ser usuário de GayRomeo foi narrado também como um acúmulo de experiências da sexualidade. Essas experiências da sexualidade constituem um jeito de ser, um aprendizado com o corpo virtual, um conectar com estéticas corporais, interesses sexuais, e, a partir daí, ser estratégico no uso de GayRomeo quando se busca alguém. Articulei esses dois polos das falas das entrevistas com conceitos que me permitiram entender a dimensão discursiva (que movimenta representações e identidades, mas indo além delas) com o conjunto de saberes e fazeres que passam pelo corpo. O performativo

possui, assim, duas dimensões: as do arquivo e as do repertório, de acordo com a teoria de Taylor (2003). Há domínios da cultura gay, tanto *online* como *offline*, que se relacionam com as formas do arquivos: as narrativas, os documentos, os textos, etc. Ao discutir os elementos de um arquivo *queer*, chamou-me a atenção a maneira como ele está repleto de referências que vêm desde o discurso da moda, das práticas de montagem de imagens nas redes sociais até mesmo o lembrar da figura histórica de Ludwig, príncipe da Bavária, que aparece em uma das entrevistas quando abordo do tema do arquivo. As declarações de descobertas do mundo *online* como território para experiência da sexualidade por parte dos usuários compõem um arquivo de memória para além da lógica do armário, pois se articulam nos entre espaços do virtual, nem totalmente públicos, nem totalmente privados, para se afirmar o armário como o elemento lógico mais pertinente. No domínio do repertório, joga-se com as diferenças que são incorporadas, aprendizados com o corpo nos modelos estéticos e de busca, nas estratégias da procura *online* por contatos. No domínio do repertório, apreende-se as diferenças como repertórios postos em prática em chamadas por contatos e estratégias de sedução pela via de uma performance da masculinidade empreendida por homens gays *online*.

Alguns pontos são conclusivos nesta pesquisa sobre performances de gênero e sexualidade *online* nas páginas de relacionamento gay, e eles conduzem a um refinamento da tese acerca da performatividade *online* em conexão com as categorias de agência e espaço exploradas no último capítulo. O primeiro deles consiste em sublinhar que dentro desse domínio fica clara a sexualidade como montagem, engrenagem. Linhas transversais montam o corpo virtual. Ele não é um duplo do corpo real, *offline*, mas sua transmutação eletrônica. Preenchimento de dados, organização de tais dados, arquivos de fotos, troca de imagens, modos de acesso interferem nas fronteiras do tempo e do espaço e jogam os sujeitos na rede como subjetividades virtuais que fazem a ligação da superfície do corpo digital com a superfície da pele. O virtual está implicado, e não apartado do atual, seguindo o raciocínio deleuziano.

Os corpos virtuais operam transmutações da forma: do corpo à imagem, do sexo ao espaço. Essas transmutações desdobram-se em uma outra perspectiva sobre agência e atores sociais. Os dispositivos tecnológicos que dão forma aos corpos/imagens virtuais são considerados atores não humanos. Eles são vetores pelos quais a sexualidade virtual se gera como paisagem subjetiva dentro de um

coletivo de corpos perfilados e associados a tecnologias de localização. É através desses dispositivos que se rompe uma perspectiva clássica sobre o *cruising* como prática subversiva ligada aos espaços marginalizados da urbe. Os aplicativos, a mobilidade dos aparatos tecnológicos cambiam a geografia das sexualidades contemporâneas, afastam-se de uma localização estática e aproximam-se de uma estética da navegação: os espaços geram-se no movimento. Com isso, qualquer lugar navegável pelas tecnologias móveis se torna um espaço de “cruising” em aplicativos como Grindr que prometem o mais próximo “boy”.

Assim, a cultura *online* de *gay dating* entra no contexto do mundo contemporâneo realocando a questão acerca da sexualidade em um outro patamar. As montagens de territórios virtuais exemplificam o caráter plástico e prostético de visualização e materialização da sexualidade. Em seu último livro, David Halperin (2012) levanta um problema ignorado dentro dos estudos feministas e da teoria *queer*, para o qual esta tese, em seu último capítulo, já pede passagem: “a topic that has been relatively neglected even within feminist studies and queer theory – namely, *the sexual politics of form*” (HALPERIN, 2012, p. 403).

Seguindo os passos de Bruno Latour, Donna Haraway, Judith Butler e Michel Foucault, desconstrói-se perspectivas que recuperam o gênero e a sexualidade nas formas ontológicas da representação. Não há correspondência de representação entre o corpo *offline* e um perfil virtual, mas transmutação da forma: o corpo é digitalizado em informação visual, numérica, textual. O espaço é dinamizado eroticamente nos modos de interação: posso estar em conexão com vários outros usuários, simultaneamente, dispor fotos, trocar mensagens, uma excitação pulverizada. O corpo ganha novas porosidades, superfícies de interface sexual. A questão gay não é mais uma questão de identidade nas novas formas de interação *online*. O “gay” é apenas um signo de codificação para corpos, superfícies, afectos que se conectam e desconectam em dinâmicas de virtualização. A sexopolítica contemporânea está mais próxima de uma estética desconstrutiva da forma (*Gestaltung und Entgestaltung*) do que uma ontologia da representação.

Bibliografia:

AGAMBEN, G. **O que é o contemporâneo? E outros ensaios**. Chapecó, SC: Argos, 2009.

ANZALDUA, G.; MORAGA, C. **The bridge called my back: writings by radical women of color**. Watertown, Mass: Persephone Press, 1981.

BARAD, K. Posthumanist Performativity: toward an understanding of how matter comes to matter. In: **Signs Journal of Women in Culture and Society**, vol. 28, no. 3, 2003, p. 801-831.

BHABHA, H. Translator translated (interview with cultural theorist Homi Bhabha by W. J. T. Mitchell). In: **Artforum** v.33, n. 7 (March), 1995, p. 80-84. Disponível em: <http://prelectur.stanford.edu/lecturers/bhabha/interview.html> Acesso em: 16/12/2013.

BEAUVOIR, S. **The second sex**. London: Jonathan Cape, 1989.

BELELI, I. **Marcas da diferença na propaganda brasileira**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

BELL, D. **Cyberculture theorists: Manuel Castells and Donna Haraway**. New York: Routledge, 2007.

BERGER, J. **Ways of Seeing**. New York: Penguin Books, 1972.

BINNIE, J. **The Globalisation of Sexuality**. London: Sage, 2004.

BLINNE, K. C. Auto(erotic)ethnography. In: **Sexualities** 15:953, p. 953-977, 2012.

BOELLSTORFF, T. **The gay archipelago: sexuality and nation in Indonesia**. Princenton and Oxford: Princenton University Press, 2005.

BORSÓ, V. **Das andere denken, schreiben, sehen**. Schriften zur romanistischen Kulturwissenschaft. Bielefeld: Transcript, 2008.

BOURDIEU, P. **Razões práticas**. Campinas, SP: Papirus, 2005.

_____. **Coisas Ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

_____. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BRAIDOTTI, R. **Nomadic Theory**. New York: Columbia University Press, 2011.

BRICKELL, C. Sexuality, Power and the Sociology of the Internet. In: **Current Sociology** (60)1, p. 28-64, 2012.

BROWN, G. Ceramic, clothing and other bodies: affective geographies of homoerotic cruising encounters. In: **Social & Cultural Geography**, vol. 9, n. 8, December, 2008, p. 915-932.

BUTLER, J. **Queere Bündnisse und Antkriegspolitik**. Hamburg: Männerschwarm, 2011.

_____. Performatividad, precariedad y políticas sexuales. In: **AIBR, Revista de Antropología Iberoamericana**, Volumen 4, Número 3. Madrid: Septiembre-Diciembre 2009, pp. 321-336.

_____. **Undoing Gender**. New York: Routledge, 2004.

_____. **Bodies That Matter: On the Discursive Limits of Sex**. New York: Routledge, 1993.

_____. **Gender Trouble**. New York: Routledge, 1990.

CAMPBELL, J. E. Virtual Citizens or Dream Consumers: looking for Civic Community on Gay.com. In: O'RIORDAN, K.; PHILLIPS, D. J.; (Ed.) **Queer online: media technology and sexuality**. New York: Peter Lang, 2007, p. 197-216.

_____. **Getting it online**. Cyberspace, Gay Male Sexuality and Embodied Identity. New York: Harrington Park Press, 2004.

CHAUNCEY, G. **Gay New York: gender, urban culture, and the making of gay male world**. New York: Basic Books, 1994.

CLIFFORD, J. **A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

CLIFFORD, J. ; MARCUS, G. (ed.) **Writing Culture: The politics and poetics of ethnography**. London: University of California Press, 1986.

CONNELL, R. W. **Masculinities**. Berkeley: University of California Press, 2005.

CORTÁZAR, J. **Histórias de cronópios e de famas**. Rio de Janeiro Civilizacao Brasileira, 2007.

DEKKER, A. *Online Sex Körperliche Subjektivierungsformen in virtuellen Räumen*. Bielefeld: transcript, 2012.

DE LAURETIS, T. The Violence of Rhetoric: on gender and representation. In: DI LEONARDO, M.; LANCASTER, R. N.(Eds.). **The Gender/Sexuality Reader – Culture, History, Political Economy**. New York: Routledge, 1997.

_____. **Technologies of gender**. London: MacMillan Press, 1987.

DELEUZE, G. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 2005a.

____. **A imagem-tempo**. São Paulo: Brasiliense, 2005b.

____. O que é um dispositivo? In: **O mistério de ariana**. Lisboa: Vega – Passagens, 1996.

____; GUATTARI. **O que é a Filosofia?** Rio de Janeiro: Ed. 34, 2004.

____. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia (vol. 3)**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1999.

____. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia (vol. 1)**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

____; PARNET, C. **Dialogues II**. New York: Columbia University Press, 2007.

DOMBROWSKI, J. **Die Suche nach der Liebe im Netz: eine Ethnographie des Online-Datings**. Bielefeld: Transcript, 2011.

ENGEL, A. How to queer things with images? On the Lack of Fantasy in Performativity and the Imaginatives of Desire. In: PAUL, B.; SCHAFFER (Hg.) **Mehr(wert) queer/Queer added (value). Visuelle Kultur, Kunst und Gender-Politiken/Visual Culture, Art and Gender Politics**. Bielefeld: Transcript, 2009.

EWALD, F. **Foucault, a norma e o direito**. Alpiarça: Vega, 2000.

FERREIRA, P. R. **Os afetos mal-ditos: o indizível nas sociedades camponesas**. São Paulo: Hucitec, 2008.

FISHER, M. **Futuros Antropológicos: Redefinindo a cultura na era tecnológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010a.

____. **História da Loucura na Idade Clássica**. São Paulo: Perspectiva, 2010b.

____. **O nascimento da clínica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

____. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

____. **Ditos e Escritos (vol. 5): Ética, Sexualidade e Política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

____. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 2004.

____. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

____. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FRASER, V. Sex, sexuality and cyberspace: intersecting queer spaces on and offline. **4th Global Conference**. Salzburg (Austria), Março 2009. Disponível em: <http://www.inter-disciplinary.net/wp-content/uploads/2009/02/fraser-paper.pdf>. Acesso em 16/12/2013.

FREUD, S. Über die weibliche Sexualität. Disponível em: <http://www.psychanalyse.lu/Freud/FreudWeiblicheSexualitaet.pdf> Acesso em: 16/12/2013.

GADELHA, K. B. Sobre estéticas musicais, culturas juvenis e espaço urbano: notas de uma etnografia no entorno do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura. In: BARREIRA, I.; BARREIRA, C. (org.) **A juventude e suas expressões plurais**. Fortaleza: UFC, 2009.

GAYROMEO. <http://www.gayromeo.com/www.planetromeo.com>

GOLDMAN, M. **Alguma Antropologia**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.

GRINDR. <http://grindr.com/>

GROSS, L. Foreword. In: PHILLIPS, D. J.; O'RIORDAN, K. (Ed.) **Queer online: media, technology and sexuality**. New York: Peter Lang, 2007.

GROSZ, E. **Architecture from the Outside: Essays on Virtual and Real Space**. Massachusetts: MIT, 2001.

_____. **Jacques Lacan: a feminist introduction**. New York: Routledge, 1990.

HALPERIN, D. **How to be gay**. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 2012.

HARAWAY, D. "Gênero" para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra. In: **Cadernos Pagu (22) 2004**, Campinas-SP, p. 201-246.

_____. **Simians, Cyborgs and Women: The reinvention of nature**. New York: Routledge, 1991.

HARITAWORN, J. Wounded Subjects: Sexual Exceptionalism and the Moral Panic on 'Migrant Homophobia' in Germany. In: Boatca, M.; Costa, S.; GUTIÉRREZ RODRÍGUEZ, E. **Decolonizing European Sociology**. Burlington: Ashgate, 2010.

_____. Shifting positionalities: Empirical Reflections on a Queer/Trans of Colour Methodology. In: **Sociological Research Online**, Volume 13, Issue 1, 2008. Disponível em: <http://www.socresonline.org.uk/13/1/13.html>. Acesso em 16/12/2013.

HOCQUENGHEM, G. **El deseo homosexual**. España: Melusina, 2009.

JAMES, N.; BUSHNER, H. **Online Interviewing**. London: Sage, 2009.

LACAN, J. **Écrits**. New York: W.W. Norton & Company, Inc. 2002.

_____. **The Four Fundamental Concepts of Psychoanalysis**. New York: W. W. Norton & Company, 1998.

LAQUEUR, T. **Making sex: Body and Gender from the Greeks to Freud.** Cambridge: Harvard University Press, 1992.

LATOURE, B. Entrevista. **Valor Econômico**, 07/08/2012.

_____. **Reassembling the social.** New York: Oxford University Press, 2005.

_____. Fractures/Fractures: from the concept of network to the concept of attachment. In: **Anthropology and aesthetics**. Res 36, Autumn 1999, p. 20-31.

_____. **We have never been modern.** Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1993.

_____; CAMACHO-HÜBNER, E.; NOVEMBER, V. Entering a risk territory: space in the age of digital navigation. In: **Environment and Planning D: Society and Space**, volume 28, p. 581-599, 2010.

LE BRETON, D. **Adeus ao corpo: antropologia e sociedade.** Campinas, SP: Papirus, 2003.

LÉVY, P. **O que é o virtual?** Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997.

LEWIN, E.; LEAP, W. L. (Ed.). **Out in the Field.** Reflections of Lesbians and Gays Anthropologists. Chicago: University of Illinois Press, 1996.

LORENZ, R. Körper ohne Körper. Queeres Begehren als Methode/Bodies without bodies. Queer desire as method. In: PAUL, B.; SCHAFFER (Hg.) **Mehr(wert) queer/Queer added (value). Visuelle Kultur, Kunst und Gender-Politiken/Visual Culture, Art and Gender Politics.** Bielefeld: Transcript, 2009.

LÖW, M. The social construction of space and gender. In: **European Journal of Women's Studies**, Vol. 13(2): 119-133. London: 2006.

_____. **Raumsoziologie.** Frankfurt: Suhrkamp, 2001.

MCGLOTTEN, S. Virtual Intimacies: Love, Addiction, and Identity @The Matrix. In: O'RIORDAN, K.; PHILLIPS, D. J.; (Ed.) **Queer online: media technology and sexuality.** New York: Peter Lang, 2007, 123-137.

MCLELLAND, M. J. Virtual Ethnography: Using the Internet to Study Gay Culture in Japan. In: **Sexualities** 5:387, p. 387-406, 2002.

MISKOLCI, R. A teoria *queer* e a sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. In: **Sociologias**, Porto Alegre, ano 11, no. 21, jan/jun 2009a, p.150-182.

_____. O armário ampliado – notas sobre sociabilidade homoerótica na era da Internet. In: **Niterói**, v. 9, n. 2, p. 171-190, 1. sem., 2009b.

MOOSHAMER, H. **Cruising**: Architektur, Psychoanalyse und Queer Cultures. Wien: Böhlau, 2005.

MORENO, H.; SLAUGHTER, S. (coord.). **Representación y fronteras: el performance en los límites del género**. México: PUEG-Unam, 2009.

MOWLABOCUS, S. **Gaydar Culture**: gay men, technology and embodiment in the digital age. Burlington: Ashgate, 2010.

MUNOZ, J. E. **Disidentifications**: queers of color and the performances of politics. Minneapolis/London: University of Minnesota Press, 1999.

NIETZSCHE, F. **Genealogia da Moral**. Sao Paulo: Companhia das Letras, 1998.

O'RIORDAN, K. Queer Theories and Cybersubjects: Intersecting Figures. In: O'RIORDAN, K.; PHILLIPS, D. J.; (Ed.) **Queer online**: media technology and sexuality. New York: Peter Lang, 2007, p.13-30.

PAIS, J. M. **Nos rastos da solidão**. Deambulações sociológicas. Porto: Ambar, 2006.

PARISI, L. **Abstract sex**: philosophy, bio-technology and the mutations of desire. London: Continuum, 2004.

PERLONGHER, N. **O negócio do michê**: a prostituição viril em São Paulo. Sao Paulo: Fundacao Perseu Abramo, 2008.

PISCITELLI, A. Ambivalência sobre os conceitos de sexo e gênero na produção de algumas teóricas feministas. In: AGUIAR, N. (org.). **Gênero e ciências humanas**: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres. Rio de Janeiro: Record, Rosa dos Tempos, 1997.

PRECIADO, B. Terror Anal (Epílogo). In: HOCQUENGHEM, G. **El deseo homosexual**. Espanha: Melunsina, 2009, p. 135-172.

_____. **Testo Yonqui**. Madrid: Espasa, 2008.

_____. **Entrevista com Beatriz Preciado** (por Jesús Carrillo), 18 de outubro de 2004. Disponível em: <http://www.inter-disciplinary.net/wp-content/uploads/2009/02/fraser-paper.pdf>.

_____. Multitudes queer: notes por une politique des anormaux. **Multitudes**, v.2, n.12, p.17-25, 2005a (Tradução para o português de Ricardo Rosas, disponível em: http://www.intersexualite.org/MULTID_ES_QUEER.pdf . Acesso em 03/05/2010).

_____. Apuntes para una topografía política del género y la raza. **Artecontexto**, v.8, p.8-21, 2005b.

REBUCINI, G. Lieux de l'homoérotisme et de l'homosexualité masculine à Marrakech. In: **L'Espace Politique** 13, 2011-1.

RECUERO, R. **Redes sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

ROSA, G. **Primeiras Estórias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

RICH, A. **Of Woman Born**. Motherhood as experience and institution. New York: W. W. Norton & Company, 1995.

SABSEY, L. I. **Los dilemas del antiesencialismo en la teoría feminista contemporánea**: una reflexión en torno a Judith Butler. Almería: Instituto de Estudios Almerienses, 2007.

SCOTT, J. **Gender and politics of history**. New York: Columbia University Press, 1999.

SEDGWICK, E. K. **The epistemology of the closet**. Berkeley: University of California Press, 1990.

SIEGESSÄULE Queer Berlin. <http://www.siegessaeule.de>

SILVER, D. Margins in the wires: looking for race, gender and sexuality in the blackburg electronic village. In: NAKAMUR, L.; RODMAN, G. B. (Ed.) **Race in Cyberspace**. New York: Routledge, 2000.

SUNDÉN, J. **Material virtualities**: approaching online textual embodiment. New York: Peter Lang, 2003.

TAYLOR, D. **The archive and the repertoire**: performing cultural memories in the Americas. Durham e London: Duke University Press, 2003.

VEYNE, P. **Foucault**. O pensamento a pessoa. Lisboa: Texto e Grafia, 2009.

VIGARELLO, G. **Historia de la belleza**. El cuerpo y el arte de embellecer desde el Renacimiento hasta nuestros días. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 2005.

VILLAÇA, N. **A edição do corpo**: tecnociência, artes e moda. Barueri: Estação das Letras, 2007.

____; GÓES, F. **Em nome do corpo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

WACQUANT, L. **Corpo e alma**: notas etnográficas de um aprendiz de boxe. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

WILLIAMS, W. Being Gay and Doing Fieldwork. In: LEWIN, E.; LEAP, W. L. (Ed.). **Out in the Field**. Reflections of Lesbians and Gays Anthropologists. Chicago: University of Illinois Press, 1996.

WITTIG, M. El pensamiento heterosexual. In: JIMENÉZ, R. M. M. (Ed.). **Manifiestos gays, lesbianos y queer**. Testemonios de una lucha (1969-1994). Barcelona: Icaria, 2009.

Anexo 1 Lista das entrevistas (Outubro 2010 – Janeiro 2012)

Usuário	Cidade	Período	Nacionalidade
Georg	Berlim	Setembro 2011	alemão
Lucas	Porto Alegre	Novembro 2011	brasileiro
Pedro	Fortaleza	Maio 2011	brasileiro
Miro	Viena	Janeiro 2012	austriaco
Anderson	São Paulo	Maio 2011	brasileiro
Theo	Colônia	Novembro 2010	alemão
Michael	Berlim	Janeiro 2012	alemão
Raul	Fortaleza	Abril 2011	brasileiro
Bento	Berlim	Outubro 2011	brasileiro
Daniel	Fortaleza	Fevereiro 2011	brasileiro
Juan	Cidade do México	Outubro 2011	mexicano
Afonso	Belo Horizonte	Janeiro 2012	brasileiro
Gunter	Berlim	Janeiro 2012	alemão
Sebastian	Jena	Outubro 2010	alemão
Francisco	Fortaleza	Maio 2011	brasileiro
Célio	Fortaleza	Maio 2011	brasileiro
Hannes	Berlim	Agosto 2011	alemão

Anexo 2 Zusammenfassung in deutscher und englischer Sprache

Das Ziel der vorliegenden Forschung bestand darin, den Zusammenhang von virtuellen Räumlichkeiten und Performativität von Geschlecht und Sexualität am Beispiel einer Plattform für Gay Dating zu untersuchen. Virtuelles Gay Dating bezeichnet die Partnersuche unter schwulen Männern, einer zeitgenössischen Praxis in der digitalen Welt, in der Sexualitäten außerhalb der nationalen Grenzen zum Objekt der Sichtbarkeit geworden sind. Durch die weltweite Vernetzung von Gay-Usern gestalten diese Plattformen eine Geographie der Sexualität, die multiple Verführungsstrategien von Partnern widerspiegelt. Hierbei stellten sich nun die Fragen, wie sich Offline-Subjekte in Online-Subjekte verwandeln, und wie sie dabei ihre Markierungen von Sexualität und Gender umgestalten.

Um die Beziehung zwischen Sexualität, Technologie und Raum analytisch zu fassen, begann diese Arbeit mit einer Literaturrecherche. Diese war gezielt von der Prämisse geleitet, dass Gender und Sexualität sozial verfasst sind. Theoretisch wurde die Einsicht verfolgt, dass Wissen über Sexualität und Gender selbst Produkt diskursiver Praxis ist, das heißt, dass es sowohl als Stütze von Machtverhältnissen als auch als auf den Körper sexuell und geschlechtsspezifisch materialisierend wirkt. Gender und Sexualität werden dabei aus einem historischen Rückgriff auf ihre Konstruktionen als soziale und politische Kategorien betrachtet.

Butlers (1990) Theorie der Performativität ist bereits zu einem Meilenstein der internationalen Debatten über Gender und Sexualität geworden. Laut ihres Ansatzes ist Gender als eine performative Abfolge von diskursiven Handlungen zu verstehen, die Körper gemäß einem binären sowie heteronormativen Regelwerk Mann-Frau materialisieren. Sexualität und Gender werden hier als performative Akte betrachtet, gewissermaßen als Auswirkungen der Reiteration und Bekräftigung normativer Prinzipien, die wiederum in Form von Diskursen, Institutionen, körperlichen Dispositionen, moralischen Regeln sowie etabliertem Wissen zustande kommen. Trotz Butlers Akzentsetzung auf der Ausübung von Macht, die den diskursiven Praktiken inhärent ist, kann ihre Theorie der Performativität von Gender als Erbin einer konstruktivistischen Perspektive berücksichtigt werden, solange eine solche für eine Überlegenheit der Diskurse bei der Produktion von Realität plädiert. Die Theorie der Performativität hat nicht nur die über lange Zeit auf Repräsentation

begrenzte Frage von Gender revidiert, sondern auch zu Debatten über Identität ganz allgemein geführt. Mit Butlers Theorie der Performativität von Gender wurde verständlich, dass sexuelle sowie geschlechtliche Identitäten Effekte von Handlungen sind. Ist nun aber jede Materialität notwendigerweise ein Diskurs? Oder gäbe es andere Technologien der Materialisierung von Gender und Sexualität, die jenseits oder diesseits der Diskurse wirksam sind?

Die vorliegende Forschung stützte sich auf eine Fallstudie der Gay Dating Plattform GayRomeo, wo *gay* Sexualitäten in der online Welt dargestellt werden. Dieser empirische Rahmen erlaubte mir, Verbindungen zwischen der Theorie der Performativität und der Nutzung neuer Technologien zu untersuchen und darüber hinaus die folgenden Forschungsfragen zu definieren:

- 1) Welche Performativitäten von Gender und Sexualität sind auf der GayRomeo Plattform zu beobachten? Wie kann man das Performative online untersuchen? Inwiefern ist es möglich, einer konstruktivistischen Reduktion zu entgehen?
- 2) Welche ist die konstitutive Beziehung von diesen neuen Performativitäten mit jenen Virtualisierungsprozessen, die Sexualität durch eine symmetrische (sowohl menschliche als auch nicht-menschliche) Konzeption von „agency“ mit Raum verbinden?

Die Untersuchung wurde in diese zwei Bereiche aufgeteilt. An die erste Stelle trat eine theoretische Diskussion, der Feldforschung noch vorangehend, die einer Genealogie der Kategorien Gender und Sexualität unter Berücksichtigung der Beiträge aus den kultur- und sozialwissenschaftlichen Forschungen über Gender, Sexualität und Technologien entsprechen sollte. Eine Vielzahl der bisherigen Theorien problematisieren eine anthropozentrische Epistemologie, die immer noch auf einem bewussten und autonomen Subjekt beharrt. Das Thema der Performativität von Gender verschob sich anschließend auf den Bereich der Technologien und die Frage, wie Sexualität online bei den Nutzern von GayRomeo Plattform auftauchte.

Die Feldforschung umfasste eine teilnehmende Beobachtung auf der Plattform GayRomeo sowie 17 semi-strukturierten Interviews von Gay Usern aus Brasilien, Deutschland, Mexiko und Österreich. Bezüglich der Interviews bestand die Datenanalyse aus einer Überprüfung der Verwendungsformen der Plattform durch die Nutzer. Besondere Aufmerksamkeit legte ich darauf, wie diese Verwendung

sowohl ihre online als auch offline sexuelle Erfahrungen artikulierten. Dies diente zu einem vertieften Verständnis darüber, auf welcher Grundlage die Trennlinie zwischen online und offline zu ziehen sei, welche Erfahrungen hervortreten sollten und schließlich welche Art von Erfahrung in den Berichten der Gay Daters auftraten.

Diese Forschung legte dar, dass online Gay Dating Plattformen neue Gegenwärtiräume schaffen, in der die Sexualität zugleich in öffentlichen und privaten Bereichen verstrickt sich wiederfindet. Die Trennung dieser beiden Sphären verwischte sichtlich. Immer deutlicher wurde hingegen ein queeres Archiv, das sich genau durch die Mischung von normativen Ordnungen auszeichnete.

Der Fokus auf die individuellen Nutzungsformen der Plattform ergab, dass ganz verschiedene Codes und Beziehungen zu Sexualität im Alltag der User auftreten. Auf der einen Seite halten sich einige User an streng heteronormativ orientierte Muster, wodurch eine Kohärenz zwischen Geschlechtsidentität und Sexualität hergestellt wurde. Diese wurde wiederum in den Berichten in jenem Moment reflektiert, in welchem viele User an eine hegemonische Männlichkeit appellierten. Auf der anderen Seite berichteten viele User über Strategien zur (Des)Identifizierung mit der Gay Mainstream Kultur, da sie sich an der mangelnden Vertrautheit mit einigen Aspekten auf der Plattform (wie zum Beispiel dem Verständnis von Gender) störten. Diese Aspekte widersprachen einer einheitlichen Sicht auf gay Identität. Zusammenfassend bedeutet dies, dass eine globale gay Identität nicht behauptet werden kann, wenn man die tägliche Nutzung der Plattform in Betracht zieht, die auf mehrere Linien der Körperlichkeit und der Sexualität zielen.

Die Innovation dieser Dissertation lag in der Darstellung des virtuellen Raums als intra-relationalen Bestandteil von Sexualität. Anders ausgedrückt bedeutet dies, dass es keine überlappenden Beziehungen zwischen Sexualität und virtuellem Raum gab, sondern dass virtuelle Sexualitäten überhaupt erst als Zusammenhänge beobachtet werden konnten, die gleichzeitig individuell, subjektiviert und durch Bilder räumlich gemacht waren. Das virtuelle Profil war zugleich eine räumliche und sexuelle, erst durch Technologie artikuliert Gestaltung. Die technologischen Instrumente waren hier der performative Auslöser, da sie mit der Nutzung von Plattformen und Apps für Gay Dating Geographien der Sexualität ermöglichten, die die Interaktion von Usern sowohl mit dem Raum als auch mit ihren eigenen Körpern veränderten.

Diese Arbeit ist eine Einladung zu einer symmetrischen Soziologie der Sexualität, zu einer Theorie der Performativität, die den Fallstricken des Konstruktivismus zu entgehen trachtet und zu einer Verfeinerung des Begriffs von Materialität: wenn nämlich das Virtuelle dermaßen materiell zu sein scheint, dann nimmt es auch am meisten Einfluss auf die körperlichen Oberflächen, seien diese aus menschlichen oder nicht-menschlichen Elementen.

The object of investigation in this research was the online performativity of gender and sexuality, and their relation to virtual spaces based on the analysis of a gay dating platform. Virtual gay dating is defined as an activity of gay subjects inserted in the contemporary digital universe, which turn gay sexualities in cyberspace into objects of visibility beyond national borders. Connecting gay users from around the world, these gay dating websites make up a global geography of gay sexuality in terms of strategies of seduction in the search for partners. However, one must understand how offline subjects become online subjects, and from this practice reorganize their influence on gender and sexuality.

To understand the relationship between sexuality, technology and space, this thesis starts with a review of literature that regards gender and sexuality as social constructs. In this theoretical framework, knowledge on gender and sexuality is the product of discursive relations that are at the same time power relations, and that materialize bodies as sexualized and gendered. Gender and sexuality are thereby regarded from a historical review of their constructions as social and political categories.

Butler's theory of performativity (1990) represents a landmark in the historical epistemological history of gender and sexuality by proposing gender as performance; that is, according to Butler, gender is the consequence of discursive practices which reiterate and materialize bodies from a heteronormative male-female binary. Through the performative conception of gender, sexualities and genders are considered performative acts, effects of affirmation and reiteration of the normative grammars that materialize in discourses, institutions, moral standards and knowledge. Nevertheless the Butlerian theory of gender performativity, with its emphasis on the character of the exercise of power that discursive practices carry, can yet be

considered an heiress of constructivist perspectives which claim the primacy of discourses in the production of realities. Gender performativity theory has already produced an enormous breakthrough by going beyond of summarizing gender as a representation, and by restricting this category to discussions on identity. Gender performativity theory establishes that sexual and gender identities are effects from actions. But is all that is material necessarily discourse? Would there be other technologies of materializing gender and sexuality that, even comprehended as discourses, pointed to a beyond or a short of them?

As case study for this research, gay sexualities were observed in their relationship with the online universe within the gay dating webpage GayRomeo. This frame allowed me to analyze the connection between performativity theory and the use of new technologies, thus defining the research questions as following:

- 1) Which performances of gender and sexuality are affirmed in the GayRomeo online dating webpage? How can online performativity be investigated? In which extent is it possible to avoid constructivist reductionism?
- 2) Which is the constitutive relationship of these new performativities with virtualization processes that tie space to sexuality in a conception of symmetrical agency between human and nonhuman actors?

This research was structured in: first, there was a theoretical discussion anticipating the fieldwork that consisted in constructing a genealogy of gender and sexuality categories with current contributions of investigations from the cultural and social sciences on sexuality, gender and technologies. All of these previous theories problematized an anthropocentric epistemology, assuming a type of agency that still focused greatly on a conscious and autonomous subject. The theme of gender performativity then shifted to the field of technologies and of how sexuality emerged online that referred to the usage of GayRomeo webpage by gay men.

The fieldwork consisted in a participant observation of the page together with semi-structured interviews with 17 gay users from Brazil, Germany, Mexico and Austria. Data analysis of the interviews consisted in checking with the actors their appropriations of the platform and how these appropriations articulated the users' online and offline sexual experiences, also aiming to understand the basis of the difference between offline and online dating and the kind of dating experiences users relayed.

This research demonstrated that the online gay dating platforms are conclusively a new space of our contemporaneity in which sexuality entangled the public and private domains, blurring their boundaries. There was a queer archive becoming evident precisely with the mix of normative orders. What the individual use of the page revealed, in this investigation, is that distinct codes and relations with sexuality appeared in users' daily experiences. On the one hand, some users clung to gender performances more guided by a heteronormative pattern, creating coherence between gender identity and sexuality, which is reflected in the reports of many when they appealed to hegemonic figures of masculinity. On the other hand, many users reported strategies of (dis)identification with the mainstream gay culture, facing unfamiliarity with some aspects on the platform, such as having to define a gender. These aspects contradicted a uniform perspective on gay identity. That is, a "global gay identity" cannot be defended, by considering the daily use of the page that indicates multiple lines of corporeality and sexuality.

The point of novelty of this thesis resided in presenting virtual space as an intra-relational component of sexuality. In other words, there was no overlapping relationship between sexuality and virtual space, but virtual sexualities could only be observed of as compounds that were, at the same time, individual, subjectified and spatialized through images. The virtual profile was a spatial and sexual form simultaneously articulated by technology. Technological apparatuses were here a performative operator, since it allowed to engender geographies of sexuality with the use of platforms and applications for gay dating that changed the interaction of subjects with space and their own bodies.

This thesis is an invitation to a symmetric sociology of sexuality, to a theory of performativity that escapes the pitfalls of constructivism and to a refinement of the concept of "materiality" when the virtual seems to be the "material" that most affects the surfaces of human body through non-human elements.

Anexo 3 Eidesstattliche Erklärung

Ich versichere an Eides statt, die vorliegende Dissertation selbständig und ohne fremde Hilfe bzw. Hilfsmittel verfasst zu haben. Die vorliegende Dissertationsschrift ist weder bereits eingereicht worden noch wurde sie in irgendeiner Form veröffentlicht.

Berlin, den 10. 04. 2014

Anexo 4 Lebenslauf

Der Lebenslauf ist in der Online-Version aus Gründen des Datenschutzes nicht enthalten

